

JAMES PATTERSON

E MICHAEL LEDWIDGE

ZOO



ARQUEIRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ZOO



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

JAMES PATTERSON
E MICHAEL LEDWIDGE

ZOO



Título original: *Zoo*
Copyright © 2012 por James Patterson
Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com Little, Brown and Company, Nova York, EUA.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida
sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Claudio Carina
preparo de originais: Gabriel Machado
revisão: Ana Grillo e Flávia Midori
diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial
capa: Rodrigo Rodrigues
imagem de capa: © 2015 CBS Broadcasting Inc.
adaptação para ebook: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P597z

Patterson, James, 1947-

Zoo [recurso eletrônico] / James Patterson, Michael Ledwidge [tradução de
Claudio Carina]; São Paulo: Arqueiro, 2015.

recurso digital

Tradução de: *Zoo*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-443-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Ledwidge, Michael. II. Carina, Claudio.
III. Título.

15-23849

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

PRÓLOGO

TUDO ACONTECE
NO ZOOLOGICO

*Zoológico de Los Angeles
West Hollywood, Califórnia*

Situados no Griffith Park – numa extensão de terra de 1.600 hectares contendo dois campos de golfe de dezoito buracos, o Autry National Center e o famoso letreiro de Hollywood –, o Zoológico e o Jardim Botânico de Los Angeles são mais uma atração turística do que uma instalação para conservar a vida selvagem.

Mantido por instáveis fundos municipais, o zoológico mais parece uma feira estadual dilapidada. Latas de lixo transbordam nos desbotados caminhos de concreto. É comum sentir o fedor de pilhas de excremento emanando de jaulas que abrigam animais esqueléticos e imóveis, de olhar vazio, acossados por moscas sob o inclemente sol da Califórnia.

No lado nordeste do portão de entrada, o cercado dos leões é rodeado por um fosso de concreto coberto de limo. Em outros tempos – se você se esforçasse bastante –, poderia lembrar um pouco a paisagem do Serengeti. Mas, nos dias atuais, com manutenção precária, verbas minguadas e poucos funcionários, parece ser apenas o que é: um cercado de concreto com terra socada, salpicado por grama falsa e árvores de plástico.

Às 8h05, já faz calor nesse espaço aparentemente vazio. O único som é um leve farfalhar de um tufo escuro serpenteando para a frente e para trás na moita artificial. De repente, o som e o movimento cessam. Em seguida, a uns 5 metros ao sul, algo grande sai de trás de uma pedra feita de compensado.

Com a cabeça erguida e os olhos amarelados brilhantes, Mosa, a leoa, atravessa o cercado com uma velocidade espantosa em direção ao movimento no mato. Mas, em vez de saltar na moita, no

último momento ela dá uma cambalhota, levantando poeira por todo lado, e volta a se erguer.

Afundado na relva está Dominick, parceiro de Mosa e macho dominante entre os leões de Transvaal, vindos do sudeste da África. Mais velho que a leoa, ele sacode a juba arruivada e olha para ela com frieza. Como vem acontecendo com frequência nas últimas semanas, Dominick está tenso, ressabiado, sem disposição para brincadeiras. Pisca uma vez e volta a agitar a cauda em meio à grama alta.

Mosa olha para ele, depois para a cerca dos fundos, para a grande bola de borracha que ganhou de um dos tratadores há pouco tempo. Por fim, inclina-se lentamente para roçar o focinho na juba de Dominick, dando-lhe uma lambida de desculpas. Então, passa a lamber a poeira de suas enormes patas enquanto os grandes felinos amontoam-se sob o céu azul berrante da Califórnia.

Há algo estranho acontecendo esta manhã. Para os leões, como para quaisquer mamíferos sociais, a vocalização tem um papel importante na comunicação. Eles emitem sons ao se envolver em disputas sexuais e territoriais ou ao coordenar alguma estratégia de defesa contra predadores. Ao longo das últimas duas semanas, Mosa e Dominick ficaram cada vez mais silenciosos. Agora estão praticamente mudos.

Os dois leões sentem o cheiro do tratador bem antes de ouvirem o tinido da corrente da cerca, a mais ou menos 50 metros de distância, e reagem como nunca antes. Os dois ficam em pé. As caudas se enrijecem. As orelhas se viram para a frente e os pelos se eriçam visivelmente no dorso.

Assim como os lobos, os leões caçam e preparam emboscadas em grupos coordenados. O comportamento apresentado pelos dois revela um estado de prontidão para atacar uma presa.

Dominick sai da grama para a clareira. Mesmo para os padrões de um leão, ele é enorme: 225 quilos, quase 3 metros de comprimento e mais de 1,30 metro das patas às omoplatas. O rei da selva fareja o ar e, captando mais uma vez o cheiro humano, avança em sua direção.

Terrence Larson, ex-técnico de iluminação da Paramount e tratador assistente dos grandes felinos do zoológico, abre o portão de ferro externo do cercado dos leões e enfia o gancho numa fenda para mantê-lo aberto. Musculoso e de meia-idade, o funcionário municipal espanta as moscas enquanto arrasta para dentro um balde de plástico vermelho com o desjejum dos leões, quase 12 quilos de ossos compridos e cubos de carne sangrenta.

Depois de avançar alguns passos, lança a carne por cima da cerca de proteção de arame à altura do peito e recua alguns passos. A comida cai na terra com um baque pegajoso. Ao lado da porta exterior aberta, ele emborca o balde e senta em cima. Sabe que deveria ficar atrás da cerca exterior, bem trancada, enquanto observa os leões comerem, mas é o fim de semana do Quatro de Julho e todos os chefes estão de folga, então qual é o problema?

Ficar sentado com os leões no cercado de manhã, antes de o zoológico abrir, é o melhor momento do dia de Larson. Tommy Rector, o jovem chefe do departamento dos grandes felinos, prefere os felinos menores, mais delicados e afetivos, como os jaguares e os lincos. Mas Larson é apaixonado por leões desde os 7 anos, quando visitou um circo dos Irmãos Ringling. Ele acha que existe uma razão para esse animal ser símbolo de poder, perigo e mistério; um motivo para que homens famosos por sua força – Sansão e Hércules, por exemplo – tenham precisado lutar contra essas feras. A graça física e a extraordinária beleza também o surpreendem, mesmo depois de quinze anos trabalhando no meio deles. Assim como no tempo em que trabalhava no cinema, Larson costuma dizer aos amigos que nem consegue acreditar que seja pago para fazer esse trabalho.

Larson tira um maço do bolso da camisa safári cáqui e coloca um cigarro entre os lábios, mas então o rádio preso à bermuda

militar emite um bipe agudo de alarme. Larson o pega, tentando imaginar qual seria o problema, quando a voz de taquara rachada de Al Ronkowski, do departamento de manutenção, soa fanhosa em meio à estática, vociferando que alguém estacionou o automóvel na vaga dele.

Larson solta uma risada rouca e baixa o volume do rádio. Após acender o cigarro, exala a fumaça pelas narinas em dois filetes idênticos enquanto observa a grama do outro lado do cercado de 3 mil metros quadrados. Fica pensando onde diabos podem estar os leões. Em geral, quando ele abre o portão, Mosa está à sua espera, como um gato que chega correndo ao ouvir o som de um abridor de latas elétrico.

Quando escuta o baque na água, Larson joga o cigarro fora e se levanta. Pânico.

O quê? Ah, não! O fosso?

Há uma passagem elevada e uma plataforma de proteção para evitar que os leões caiam na água, mas certa vez nada disso impediu um deles de cair. Os funcionários levaram duas horas para arrastar uma Mosa assustada e ensopada para terra firme.

Era só o que faltava, com os chefes fora e metade dos funcionários de folga: salvar um leão de 180 quilos molhado e furioso.

Entrar numa jaula sem ninguém de apoio é definitivamente uma prática indesejável, mas algo frequente na realidade de um dia de trabalho. Larson abre depressa o portão dos tratadores e corre até a beira do muro construído acima da linha d'água.

Ele solta um suspiro de alívio ao avistar uma das bolas de exercício suecas flutuando no fosso. Esqueceu-se daquelas bobagens. Então é só isso. Mosa deu um jeito de empurrar a bola da plataforma. Algo assim. Ufa.

Larson estaca de repente ao começar a se afastar. Fica parado na beirada do fosso, piscando. Dominick, o leão, está entre ele e o portão aberto: imóvel, a cauda ondulando com uma regularidade estranha, os olhos cor de âmbar fixos no rosto do tratador. O desjejum jaz intocado ao seu lado. Continua imóvel, grandioso, em silêncio, fitando Larson com aqueles olhos flamejantes.

Larson sente a boca ficar seca quando o imenso felino avança e depois recua, como um pugilista dançando num ringue.

Ele está tomando posição, pensa Larson consigo mesmo o mais calmamente possível, enquanto tenta manter-se imóvel. Claro, o velho gato está apenas surpreso com a presença dele ali, no meio do seu território. Larson sabe que, na floresta, esse leão rabugento de 20 anos há muito já teria sido morto por um jovem desafiante que desejasse suas fêmeas.

Larson percebe que está numa situação difícil. Pensa no rádio, mas prefere não usar o aparelho. Pelo menos por enquanto. Ele já esteve na jaula de Dominick antes. O velho só está botando banca. Logo vai se cansar daquele joguinho de intimidação e começar a comer. Dominick conhece Larson há anos. Conhece o seu cheiro, sabe que não se trata de uma ameaça.

Além do mais, se o pior acontecer, Larson ainda tem o fosso atrás. Com três passos, ele ficará seguro do outro lado. Molhado, constrangido e talvez com um tornozelo quebrado, mas, quando os outros tratadores vierem socorrê-lo, ainda estará vivo e com as vísceras dentro do corpo, bem onde quer que permaneçam.

– Ei, ei, meu amigo – diz Larson, sussurrando, ciciando, como para fazer um bebê dormir. – Eu gosto muito da sua Mosa, mas ela não faz o meu tipo.

Larson mais sente do que vê o movimento à sua esquerda. Vira-se a tempo de avistar alguma coisa surgindo da grama, maciça, amarelada, levantando uma coluna de poeira no ar ao avançar em sua direção, ganhando velocidade.

O tratador não consegue dar sequer um passo antes de Mosa saltar. A cabeça bate em seu peito como uma bola de demolição, arremessando-o longe. Ele cai de costas a 3 metros de distância e todo o ar é expulso dos seus pulmões.

Larson fica deitado, aturdido. Seu coração bate tão rápido e forte que ele imagina se não está tendo um ataque cardíaco. Seus pensamentos se evaporam no momento em que ele ouve o rugido grave de Mosa.

Quando Larson tenta pegar o rádio, Mosa apoia uma pata em seu ombro e abocanha-lhe o rosto. Os grandes caninos furam seus

olhos ao mesmo tempo que os incisivos inferiores penetram-lhe a mandíbula com facilidade.

Larson parece uma boneca de pano indefesa quando Mosa sacode sua cabeça de um lado para outro. Então, o pescoço se quebra com um estalido semelhante ao de um lápis se partindo, o último som que seu cérebro registra antes da morte.

Mosa rosna e solta o tratador morto. Usa a unha do que seria o polegar da pata direita como palito de dentes para retirar uma lasca de carne. O que restou do relógio de Larson cai na terra enquanto ela lambe o sangue da boca.

Agora já alimentado, Dominick começa a correr na direção do portão aberto. No final do corredor cercado, os dois leões passam pela pequena jaula de transição por onde são conduzidos pelos tratadores quando precisam de cuidados médicos. Mas não é disso que estão precisando agora.

Os dois percorrem rapidamente o grande pátio de atendimento aos leões. No lado oposto, perto das mangueiras, encontram um portão baixo que se abre para a passarela de concreto do zoológico. Mosa e Dominick transpõem o portão com facilidade e logo estão correndo pelas alamedas vazias. Saltam as catracas e contornam o estacionamento até o aglomerado mais próximo de carvalhos e noqueiras do Griffith Park.

Sobem uma colina salpicada de arbustos e descem pelo outro lado. Sentem mais uma vez o cheiro humano na brisa cálida. Localizam a fonte um instante depois, no gramado de uma das pistas de golfe. É um jovem negro e bonito, de camiseta vermelha e calça preta, completando um circuito de nove buracos antes de ir trabalhar. Ele fica surpreso ao ver os leões ali.

Dominick arremete, derrubando o homem de lado. A mordida mortal arranca o pescoço quase inteiro do golfista em meio a um grande fluxo de sangue.

O leão larga o homem morto e recua devagar quando um carro de polícia surge ao longe no lado norte. Fareja outros humanos dentro daquela caixa brilhante e barulhenta. Quer atacar, mas sabe que aquilo é feito do mesmo material frio e duro de sua jaula.

Os dois correm para a cobertura das árvores. No alto da colina, Dominick para um momento, observando a cidade. Los Angeles se estende lá embaixo, um campo amarronzado de humanidade; a vista tremula por causa da fumaça e do calor da manhã, as margens dissolvendo-se num borrão.

O cheiro fica mais forte, vindo de toda parte. Dos edifícios e das casas, das avenidas, dos minúsculos automóveis serpeando nas estradas. O ar se enche desse cheiro. Em vez de se afastar, Dominick e Mosa avançam nessa direção, as garras ansiosas pela caça, as bocas sôfregas por sangue.

LIVRO UM
O COMEÇO DO FIM

Capítulo 1

Acordei tremendo.

Primeiro entrei em pânico, achando que estava tendo um derrame ou coisa assim. Depois de abrir os olhos, lembrei, aliviado, que não era eu que estava tremendo: era o meu apartamento.

De além da empoeirada fileira de janelas em estilo industrial ao lado da minha cama, vinha um som que parecia um regimento de gigantes batendo ritmicamente no concreto com a coronha dos fuzis num grande desfile. Mas não eram os heroicos fuzileiros. Eu sabia que era o Número 1 local passando pelo elevador da Broadway, levantando os mortos dos túmulos e estremecendo meu novo loft no quinto andar do Harlem. Eu ainda não tinha me acostumado àquele trem.

Fiz uma careta e cobri a cabeça com o travesseiro. Inútil. Só em Nova York alguém se dispõe a pagar pelo privilégio de dormir ao lado do elevador do metrô.

Mas eu estava com tão pouco dinheiro que não podia me dar ao luxo de reclamar. Sentei na cama. Nem ao menos podia me dar ao luxo de dormir. Tampouco podia me dar ao luxo de pensar em dinheiro. Já tinha gastado tudo e mais alguma coisa; meu crédito estava no buraco. Àquela altura, minha vida inteira se resumia a uma única necessidade: resolver uma situação antes que fosse tarde demais.

Nem sempre as coisas foram tão terríveis. Apenas dois anos atrás, eu morava num apartamento que não estremecia e estava prestes a concluir o doutorado pela Universidade de Colúmbia. Era o menino de ouro do departamento de ecologia, evolução e biologia ambiental, tão próximo dos maiores que já podia sentir o aroma dos contratos para escrever livros, das festas comemorativas e dos cargos universitários bem remunerados.

Mas então ocorreu o evento – equívoco, para os outros – que mudou tudo.

Eu notei uma coisa que não estava certa. Que eu não conseguia ignorar.

Às vezes a vida é assim. Ela vai fluindo como um conto de fadas, aí a gente vê uma coisa que não consegue classificar, que começa a permear todos os seus pensamentos, todos os seus sonhos, todos os momentos de vigília.

Pelo menos foi assim que aconteceu comigo. Num minuto eu estava prestes a alcançar a excelência acadêmica; no seguinte, lutava contra algo em que não conseguia parar de pensar, que não conseguia descartar, nem mesmo enquanto meu mundo desabava.

Eu sei que isso deve parecer loucura. Uma expectativa intelectual que vira obsessão, a ponto de substituir o valor do sucesso convencional. Isso costuma acabar muito mal. Acabou mal para Ted Kaczynski, o gênio da matemática que virou terrorista, e para Christopher McCandless, o garoto de *Na natureza selvagem*, que morreu naquele ônibus no Alasca.

Mas eu não era um contestador nem um místico tentando estabelecer uma conexão profunda e intrínseca com a realidade. Eu estava mais para um Chicken Little biólogo evolucionista, só que, em vez do céu, era a vida na Terra que estava desmoronando. Todo o reino animal. Uma coisa muito, muito esquisita e muito, muito ruim estava acontecendo, e eu era a única voz chamando a atenção para esse fato.

Antes de continuar, preciso me apresentar: eu me chamo Oz. Na verdade, Jackson, mas ninguém usa o prenome com um sobrenome como o meu. Infelizmente, meu pai também é conhecido como Oz, além de minha mãe, minhas três irmãs, meus tios e todos os primos do lado paterno. Logo, há muita confusão em reuniões de família, mas isso não vem ao caso.

O que vem ao caso – com força total – é o problema que eu vinha monitorando, o problema global a que eu mais ou menos dedicava minha vida.

Soa como algo grandioso, eu sei, mas meu medo era que, se eu estivesse certo – e pela primeira vez na vida eu sinceramente

esperava estar errado –, estaria ocorrendo uma alteração do paradigma planetário que ia fazer o aquecimento global parecer um passeio de domingo num jardim orgânico comunitário.

Capítulo 2

Pulei da cama usando uma calça cinza amassada com que a Air France me presenteou na minha última viagem a Paris. Depois de tomar banho, fazer a barba e escovar os dentes, voltei a vestir meu pijama francês bacana. Trabalhar em casa tem suas vantagens. Certo, “trabalhar” implica ganhar dinheiro. Mas esse era outro tipo de trabalho. Enfim, o pijama era realmente confortável.

Ao sair do banheiro, peguei outro objeto valioso pendurado na maçaneta: meu gorro de lã vermelho-sangue, que comprei numa recente viagem ao Alasca. Fiz as cem flexões diárias, um hábito que adquiri em outra excursão, num período de quatro anos servindo o Exército dos Estados Unidos antes da faculdade.

Terminados os exercícios, tomei o rumo do meu escritório. Liguei os estabilizadores de proteção a sobrecargas e dei partida nos aparelhos de TV alinhados sobre uma bancada de metal no centro da sala, que mais parecia uma linha de montagem. Oito televisores ao todo. Alguns eram modernos, de tela plana, mas a maioria tinha sido montada com sucata que recolhi fuçando ferros-velhos depois da revolução digital. Atrás deles, um nó górdio de fios ligados a caixas de cabos e receptores de satélites e uma série de notebooks e servidores de computador que transformei no maior e mais irado DVR do mundo.

Enquanto esperava tudo aquilo reiniciar, tomei meu primeiro Red Bull do dia. A passagem de outro Número 1 acelerou meus batimentos cardíacos e mandou uma nuvem de poeira pela janela. Pode me chamar de louco – vai nessa, você não seria o primeiro –, mas, depois do choque inicial, eu meio que comecei a gostar da trilha sonora propiciada pela companhia do metrô. Não sei por quê, mas, desde a infância até o dia em que ganhei minha bolsa de estudos da Rhodes University, meu cérebro superativo sempre

tendeu a disparar todos os neurônios se fosse cercado por alguma barulheira. Meu negócio era o AC/DC das antigas. Metallica, Motörhead, tudo com o volume no máximo.

Olhei para as telas piscando e me lembrei do meu pai, tenente do Corpo de Bombeiros de Nova York, assistindo ao noticiário noturno. Depois de um alarme tipo 4 no Bronx, ele voltava para casa, desabava na frente da televisão e, no primeiro intervalo, depois de uma ou duas cervejas Miller High Life, costumava dizer: "Oz, meu garoto, às vezes eu acho que esse nosso mundo não passa de um maldito zoológico."

À minha frente, animais começavam a preencher as telas de TV. Um monte deles. Todos se comportando muito mal.

Acho que os pais realmente sabem das coisas, pois era isso que estava acontecendo. O mundo estava se tornando um zoológico, mas sem jaulas.

Capítulo 3

Recostando-me na cadeira de escritório comprada numa venda de garagem, tirei um bloco em branco da pilha no lado direito da minha mesa, peguei uma caneta e escrevi uma data.

Aumentei o volume no aparelho número 4.

– Os corpos de um caçador de 72 anos e de seu filho de 51 anos foram encontrados ontem – disse a correspondente da WPTZ em Plattsburgh, no norte de Nova York, uma morena bonita num casaco vermelho, segurando o microfone como se fosse uma taça de vinho. – Os dois parecem ter sido mortos por ursos-negros durante uma caça ilegal perto de Lake Placid.

A imagem cortou para um jovem patrulheiro numa entrevista coletiva. Cabeça raspada, meio desengonçado. Moço do interior, pouco à vontade na frente das câmeras.

– Não, não foi possível salvar nenhum dos dois – dizia ele; os pês e os dês explodiam no microfone. – Eles já estavam mortos havia muito tempo, parcialmente devorados. O que continua nos intrigando é a forma como aconteceu. As armas deles estavam completamente carregadas.

Encerrou seu relato afirmando que pai e filho eram caçadores conhecidos, adeptos de um método de caça ilegal que usava cães para perseguir e encurralar veados.

– De volta aos estúdios, Brett – disse a morena.

– Má notícia, Brett – falei enquanto emudecia o aparelho 4 e aumentava o volume do 8. *Blip, blip, blip*, as barras verdes iam surgindo na tela.

Um noticiário da NDTV, uma espécie de versão indiana da CNN, estava começando:

– Um treinador de elefantes de Kerala foi morto ontem enquanto adestrava seus animais – informava o âncora de meia-

idade, que tinha um bigode e um penteado à la Bollywood; havia um quê de Clark Gable nele. – Alertamos que as imagens a seguir são fortes.

Ele não estava brincando. Uma elefanta, amarrada numa estaca na praça de uma aldeia, pisoteava um homem na frente dela. Depois envolvia a perna dele com a tromba e o jogava para cima.

O locutor explicou que o ataque havia ocorrido quando a mamãe elefanta foi separada do filhote durante um ritual de treinamento conhecido como *phajaan*.

Eu já tinha ouvido falar. Também conhecido como treinamento por tortura, *phajaan* é a maneira preferida de treinar elefantes em áreas rurais da Índia. Um filhote é separado da mãe e preso, para que os aldeões batam neles com ferros quentes e espetos com pregos nas pontas. O brutal espancamento continua até o filhote se deixar montar ou morrer.

– Acho que mamãe não concordou com o método – falei ao treinador que morria na tela.

Mas a *pièce de résistance* foi a última notícia que vi na Fox News no aparelho 2. A Barbie na tela informou que dois leões do zoológico de Los Angeles não apenas tinham fugido depois de matar o tratador, como também devoraram outro sujeito num campo de golfe lá perto. Na tela, meia dúzia de policiais armados de M16 isolava um quarteirão cercado de palmeiras; ao redor havia um bando de gente da zoonose trajando macacões brancos.

– Os leões foram vistos pela última vez nas proximidades de La Brea, perto de Beverly Hills – dizia Megyn Kelly, os olhos inexpressivos grudados no teleprompter.

Larguei minha caneta. Eu estava puto, puto, puto. A pele comichando, o coração martelando. Será que estava todo mundo dormindo? Hipnotizado? *Será que todo mundo estava chapado?*

Peguei a caneta de novo e rabisquei três letras no bloco com força, quase rasgando o papel: *C A H !!!!!!!*

Joguei o bloco do outro lado da sala.

– Quando é que vocês vão *perceber?* – bradei para meu painel de mídia.

Hora de mais cafeína.

Capítulo 4

Fiquei sentado na beira da cadeira por alguns minutos, numa reflexão terapêutica. Ouvi o estrondo de um trem subindo, depois de outro descendo para o Centro. Em seguida, andei até o outro lado da sala, peguei o bloco de novo e voltei ao trabalho.

CAH: Conflito entre Animais e Humanos. Essa era a teoria em que eu estava trabalhando.

Basicamente, eu acreditava que o comportamento animal estava mudando no mundo todo. Não para melhor. Nem um pouco. Em todos os continentes, cada vez mais espécies começavam a mostrar comportamentos hiperagressivos em relação a um animal específico.

O inimigo éramos nós. Eu e você. Gente. O *homem*, cara.

Os fatos eram inegáveis. Da Romênia à Colômbia, dos Pirineus às Rochosas, de St. Louis ao Sri Lanka, estava acontecendo uma escalada exponencial de ataques animais a humanos – leopardos, ursos, lobos, javalis, todas as diferentes espécies de animais, sem exceção. Na verdade, a taxa mundial de ataques animais nos últimos quatro anos era o dobro da média dos últimos cinquenta anos. Repetindo: o *dobro*.

Só que não eram apenas animais selvagens. Na Austrália, ferimentos provocados por cães e gatos tinham aumentado em 20 por cento. Em Pequim, 34 por cento. Na Inglaterra, só no ano anterior, cerca de quatro mil pessoas precisaram de tratamento hospitalar por causa de mordidas de cachorros.

Por alguma razão que eu ainda não havia identificado, estava ocorrendo uma espécie de reação evolucionária interespecie orquestrada contra o *Homo sapiens*. Em outras palavras, alguma coisa fazia os animais enlouquecerem, e o momento de reagir se esgotava mais depressa do que o suprimento de varinhas de plástico numa convenção de leitores de Harry Potter.

Eu sei que parece uma loucura total. Diferentes espécies de animais envolvidas num tipo de conspiração contra os humanos... É um absurdo. Insano, impossível. No começo, também achei uma grande e estranha coincidência. Só um monte de incidentes isolados, sem relação. No começo, o assunto era só uma piada entre meus colegas, quando comecei a acompanhar o fenômeno no meu irônico blog, O Homem contra a Natureza.

Parei de achar engraçado depois que estudei as evidências com mais atenção. Na verdade, a natureza estava em guerra contra os homens. E nosso lado nem percebeu nada.

Existe uma expressão náutica que diz "entre o diabo e o mar azul". O diabo é o que os velhos marinheiros costumavam chamar uma junção difícil de alcançar entre duas tábuas de um navio. Para calafetar a brecha, alguém precisava ficar pendurado em uma prancha sobre a água. Quem caísse no oceano teria morte certa. Se não fosse possível vedar, o navio podia afundar. As duas coisas eram perigosas. De qualquer jeito, você estaria ferrado.

Era exatamente onde eu estava agora, sobre a corda bamba, suspenso entre o ruim e o pior ainda. Eu me sentia encarando o diabo, pendurado sobre o mar azul e profundo.

Se eu tivesse me enganado, estaria louco. Se estivesse certo, o mundo estava perdido.

Eu fazia o possível para dizer isso ao mundo, mas em vão. Estourei todos os cartões de crédito, meus e de diversos parentes solidários, para falar sobre isso a qualquer um que quisesse me ouvir. Viajei a Paris para participar de uma conferência sobre os direitos animais em que consegui um tempo para palestrar. Na metade da exposição, tive que sair do palco sob risos.

Não, as pessoas não estavam entrando na minha onda nem um pouco. É surpreendente e desanimadora a intolerância intelectual que as pessoas têm com quem usa gorros de lenhador e pijama amassado.

Essa notícia do zoológico de Los Angeles que eu tinha acabado de ver era, digamos, perfeita. Os relatos diziam que os felinos haviam nascido em cativeiro. Por que dois leões de zoológico decidem um dia começar a matar gente e tumultuar uma cidade?

Por que ninguém diz nada nos duzentos canais da TV? Não fazia sentido. Leões de zoológico não ficam histéricos de repente. Simplesmente não existe motivo para fazerem isso. Até agora.

Fiz uma discagem rápida para minha assessora de imprensa a fim de tentar falar com a Fox. Como de hábito, caiu direto na caixa postal. Até ela achava que eu era louco, e eu *pagava* por seu trabalho. Não era um bom sinal.

Depois de deixar mais uma mensagem gravada, resolvi fazer a única coisa que me passou pela cabeça: coloquei Motörhead a todo volume no iPod para provocar alguns fluidos mentais muito necessários. Me dê uma força, Lemmy. Tomei mais um pouco de Red Bull e tentei pensar enquanto assistia a alguns dos vídeos mais idiotas do mundo.

De repente, Attila arrancou meus fones de ouvido.

– Ei, Attila – falei. Meu parceiro de apartamento esticou o braço para um cumprimento e batemos as palmas das mãos. – Olhe só que loucura. Toda vez que acho que as coisas vão se acalmar, a atividade dobra. Sarah não retorna minhas ligações. Chicken Little, eu sei o que você sentia, sabe?

– *Heeaagh! Heeaagh! Heeaagh!* – respondeu Attila.

Ele ofegou um pouco, se enrodilhou no meu colo e me deu um beijo molhado antes de me enlaçar com os braços peludos.

A propósito, Attila é um chimpanzé.

Capítulo 5

Eu sabia que as televisões o incomodavam, por isso peguei Attila pela mão – a textura lembrava um couro surpreendentemente macio, como uma luva – e o levei para a cozinha. Attila: 5 anos, 1,20 metro e 45 quilos.

Para o desjejum, servi manga, alguns biscoitos recheados de figo (ele ficou doidinho) e um resto de sanduíche de alface, tomate e peru. A sobremesa de hoje foi suco de maçã misturado com suplementos vitamínicos esmagados e um Zoloft.

Isso mesmo, Zoloft.

Até macacos precisam de pílulas de felicidade nesse nosso mundo maluco. Ou talvez só os que moram na cidade de Nova York.

Escovei os dentes de Attila e levei-o para o quarto dele. As coisas do chimpanzé estavam espalhadas pelos jornais que forravam o chão: uma caixa de areia, um baú de brinquedos cheio de bolas e bonecos, uma mesa de hóquei de ar e uma velha máquina para encestar bolas de basquete. Na verdade, esses dois últimos eram mais meus do que dele. Mas o Wii definitivamente pertencia a Attila. Ele me ganhava fácil no boliche.

Fiquei parado um pouco à porta vendo-o brincar. Eu tinha instalado uma grade forte de trama de aço na entrada do quarto, mas ele estava ficando mais velho e eu sabia que não demoraria muito para encontrar um jeito de sair. Teria que pensar logo em outra solução. O brinquedo favorito de Attila naqueles dias era uma boneca que eu tinha comprado recentemente. De tranças e vestido de algodão listrado. O chimpanzé balançava a grande boneca de cabelo louro para cima e para baixo, às vezes a beijava. Depois a trazia para mim e segurava para que eu também a beijasse. Attila ofegava, contente, levava-a para o pufe no canto da sala e fingia que lhe dava de comer.

Pessoas que dizem que seus cães parecem crianças nunca viveram com um chimpanzé, pode acreditar. Balancei a cabeça e sorri para o meu amiguinho. Era bom vê-lo tranquilo, calmo e se divertindo. Ele não estava exatamente assim quando nos conhecemos.

Encontrara Attila dois anos antes no Instituto Willis, no sul de Nova Jersey, enquanto trabalhava como auxiliar temporário de laboratório. No meu segundo dia de serviço, estava fazendo uma limpeza tarde da noite quando abri uma porta e lá estava ele. O macaquinho mais lindo que podia existir, deitado com a carinha rosa encostada nas barras frias da gaiola.

Ele me olhou com uma expressão infeliz, os olhos vermelhos, o nariz escorrendo muito. Quase toda pesquisa biomédica feita com chimpanzés funciona da seguinte maneira: os cientistas inoculam alguma doença neles antes de ministrar uma nova cura que desejam experimentar. Se não funcionar, dane-se: os chimpanzés morrem. Ou as pessoas pesquisam efeitos colaterais e coisas do tipo neles. Folheando a papelada presa na gaiola, vi que algum intrépido humano vinha fazendo uma espécie de pesquisa olfativa com ele. Experimentando perfumes ou coisa assim.

Aquele macaquinho – ele ainda não era o Attila; na época, apenas um número, 579 – olhou para mim com tanta expectativa, com tanta tristeza em seus grandes olhos castanhos, que meu coração mole logo bolou um plano. Uma semana depois de o meu trabalho terminar, rumei para o sul pela I-95 mais uma vez, com a chave do laboratório que eu distraidamente tinha me esquecido de devolver. Quando saí do estacionamento do laboratório após a meia-noite, Attila estava deitado no banco traseiro do meu velho Hyundai Sonata, coberto por embalagens de pizza.

Nas primeiras semanas no meu apartamento, ele se mostrou ressabiado, sempre muito atento, mal conseguindo dormir com medo do que eu pudesse fazer. Um veterinário amigo meu diagnosticou uma tensão por distúrbio pós-traumático e me passou a receita do Zoloft, que funcionou como uma poção mágica.

Eu sei o que você está pensando. Que sou um desses malucos esquerdistas militantes dos direitos animais ou que vi muito *O*

hóspede quer bananas. Ou que sou louco. Ou idiota. Não costumo contar a outros cientistas que tenho um chimpanzé em casa. Nunca desejei ser o Homem do Chapéu Amarelo do século XXI, com seu próprio George, o Curioso. Só meio que aconteceu. Meu plano original era deixar Attila num santuário animal no interior da Louisiana que aceita macacos cobaias aposentados. E ainda é o meu plano final. Mas, por enquanto, ele continua morando comigo.

Attila largou a boneca e saiu para a varanda gradeada do quarto dele, onde eu tinha colocado um balanço de pneu.

– Pense rápido, Attila! Ataque traiçoeiro! – exclamei, começando a fazer cócegas nele.

– Oo-oo-oo-oo ah-ah-ah *heeaagh heeaagh hyeeeeaaaaghhhh!*

Fiquei observando-o correr de quatro até o balanço, gritando de alegria, antes de fechar o portão e voltar ao trabalho.

Capítulo 6

Deitado de bruços no balanço de pneu, Attila agita os braços longos e fortes a fim de oscilar para a frente e para trás. As pontas dos dedos compridos e nodosos roçam o piso. Seus braços são feitos para subir em árvores. Como a maioria dos chimpanzés, Attila gosta de brincar. De lutar, rir, sentir cócegas.

Ele é muito consciente da própria condição e sabe como enganar os outros.

Parece mais com um humano do que qualquer outra criatura viva.

Quando avista o homem no fim do corredor, Attila solta um grito alto e curto, indicando sua agitação, sua ansiedade. Como não obtém resposta, ele se joga de volta no balanço e continua se movendo rapidamente para a frente e para trás, a corrente rangendo mais alto sob seu peso.

Tudo é tão estranho... Aquelas figuras em forma de caixas se movendo lá embaixo. Às vezes um pequeno trovejar acima. Às vezes, de repente tudo fica com aquele cheiro. O Cheiro. O cheiro assustador, o Cheiro Ruim, o mesmo que permeava sua gaiola naquele quarto grande e iluminado, o cheiro que faz o estômago de Attila doer e o pelo das costas se eriçar. O cheiro está ficando mais forte. Cada vez mais forte. Até mesmo lá fora. Cada dia mais forte.

Entediado, bravo, assustado, Attila sai da janela e procura no seu espaço até encontrar o espelho. Segura-o em frente ao rosto e olha para si mesmo. Como todos os chimpanzés, ele se reconhece. Tem 5 anos agora, a cara está perdendo a tonalidade rósea e ficando mais escura. O tufo de pelos eriçados no queixo quase deixou de existir.

Cansando-se, Attila larga o espelho e corre de um lado para outro, sacudindo a grade, gritando para as estranhas paredes e

mexendo nas coisas. Depois de um tempo, começa a se divertir jogando os objetos para longe. A cadeira de plástico. A roda grande de um tanque de brinquedo. Então, seus olhos se detêm num coelho de pelúcia. Ele o pega e o leva até o canto.

Fica afagando o bicho, alisando a pelúcia macia com os dedos, até uma brisa soprar pela varanda e o Cheiro Ruim invadir suas narinas com violência.

Attila rasga o coelho em dois; como qualquer chimpanzé, ele tem mãos tão fortes quanto a mandíbula de um pitbull. Emite um uivo grave ao reduzir o bicho a tiras e enchimento. Depois, enfia os pedaços nos furos da cerca, grunhindo, vendo-os flutuar como neve, como cinzas, na direção do beco atrás do edifício.

Isso faz Attila se sentir melhor.

Um minuto depois, Attila se joga de novo no pneu e começa a balançar em círculos com seus braços compridos.

Capítulo 7

Durante a hora seguinte, enviei mensagens sobre o ataque dos leões em Los Angeles a todos os meus contatos, para saber suas reações. Tento falar com um homem chamado Abraham Bindix, um guia de safári que conheci em Paris e mora em Botsuana. O cara sabia tudo sobre leões; aliás, foi uma das poucas pessoas que não considerou minha teoria do CAH uma loucura total.

Ainda estava esperando as respostas das pessoas e tentando ligar pela segunda vez para minha assessora de imprensa quando recebi uma mensagem: CAH 911! ONDE VC TÁ?

– Droga – praguejei. Sabia que tinha esquecido alguma coisa.

Estou a caminho, menti ao responder a mensagem. Em seguida, liguei para o apartamento da zeladora. Após cinco dolorosos minutos, apareceu uma mulher mais velha, com um vestido floral desbotado sobre os ossos miúdos, as mãos cheias de bordados e revistas de palavras cruzadas em espanhol. Era a mãe da zeladora, que às vezes fazia o papel de babá de Attila. Ela não tinha nada a fazer a não ser me ligar no caso de alguma emergência.

Quando cheguei à porta da varanda, Attila se olhava no espelho que eu havia comprado para ele.

– Ei, bonitão. A Sra. Abreu está aqui para cuidar de você, amigão. Comporte-se, ok? Preciso sair para fazer umas coisas, mas, depois que eu voltar, a gente joga um pouco de futebol. Prometo.

Attila deixou pender a cabeça, fazendo um beicinho. Até eu abrir os braços. Quase caí para trás quando ele se jogou em cima de mim. Ele emitiu uma série de uivos alegres; era seu som de reconhecimento, que os chimpanzés usam para se identificar.

Attila ficava visivelmente alegre quando eu repetia seus ruídos, uivo por uivo.

Encerradas as despedidas, joguei minha bicicleta de estrada no ombro, desci os cinco lances de escada e parti pedalando para o norte pelo tráfego congestionado da Broadway. De cabeça baixa, engatei a quinta marcha, passando por táxis à procura de passageiros, supermercados e floriculturas. Minhas coxas começaram a latejar na altura da Rua 140, quando a Broadway iniciava sua longa ascensão para Washington Heights.

Contornando uma lata de lixo na Rua 159, virei à esquerda na Fort Washington Avenue e segui sua curva para o norte. Poucos minutos depois, entrei à direita na estreita 181 e freei numa loja de esportes em frente a um prédio que fora grandioso antes da guerra. Havia uma loja de quinquilharias ao lado da entrada do edifício, onde entrei e fiz uma compra que provocou um sorriso disfarçado na carrancuda senhora chinesa atrás do balcão.

Pingando de suor no sombrio saguão de entrada, apertei o botão do interfone do apartamento de "N. Shaw" e logo recebi um zumbido de admissão. N. Shaw me recebeu no corredor do sexto andar já na porta do elevador, de jaleco esverdeado, batendo o pé, nervosa, no chão desbotado. Ao que parecia, era realmente uma emergência CAH.

– Não acredito. Você sabe que tenho pouco tempo entre a aula e o meu turno – disse Natalie, me empurrando pelo corredor até a porta do apartamento.

Natalie era majestosa. Olhos verde-garrafa, cabelo vermelho – vermelho mesmo, ruivo, o vermelho das garotas irlandesas –, pele branca como leite, tantas sardas que parecia ter sido salpicada de canela por um confeitoiro.

– Você prometeu que já estaria me esperando. "De prontidão", acho que foi essa a expressão – continuou, os olhos verdes cintilando como kryptonita enquanto me puxava pela camisa para o vestíbulo. Então, pôs as mãos no meu cinto. – Vamos ver essa prontidão, Ozzy.

Natalie era uma explosão sexual, uma rainha da libido num avental hospitalar. Era também uma estudante de medicina brilhante da Colúmbia prestes a se tornar neurologista. Era uma bela combinação, embora às vezes eu achasse que ela me desejava mais

pelo meu corpo do que pela minha cabeça. Acho que eu teria que me resignar.

– Desculpe o atraso, mas trouxe uma coisinha para você – falei, ao tirar minha compra do bolso de trás.

Pendurada no meu dedo estava a calcinha de tiras mais exígua e ousada que a Tailândia já tinha produzido: vermelha como uma maçã do amor, transparente como celofane.

– Quem disse que eu não dou valor ao dinheiro?

Natalie fincou as mãos na cintura.

– Deixe-me ver se entendi. Primeiro você chega atrasado na única oportunidade que temos de fazer sexo em três dias – disse Natalie, inclinando a cabeça e estreitando os olhos. – Depois quer que eu vista um negócio que qualquer puta de rua teria vergonha de usar?

– Mais ou menos isso.

– Você não beijou aquele macaco antes de vir aqui, beijou? Se beijou, pode voltar.

– Não – menti, com perfeita convicção.

– Nesse caso – falou, agarrando a calcinha, que se esticou como um elástico no meu dedo antes de se soltar. – Eu te odeio, Ozzy! – gritou por cima do ombro a caminho do banheiro.

– Eu também te odeio, querida.

– Vá para o sofá – ordenou por trás da porta do banheiro aberta.

Consegui ver pelo espelho do quarto quando ela subiu a calcinha pelas pernas.

– Tire só a camisa, não a calça. Quero abrir o cinto com os dentes.

Capítulo 8

— Essa foi... foi... – começou a dizer Natalie.

Estava sem fôlego, mordendo o nó do dedo, o corpo largado como uma marionete quebrada no chão do quarto, onde terminamos meia hora depois.

– Amor na selva? – perguntei, desatando a calcinha, que de alguma forma havia se enroscado no meu ombro esquerdo.

Afastei uns cacos de vidro da moldura de uma foto que caíra da parede. Era um retrato do pai dela, operador da bolsa de Connecticut. A garota tinha um pouco de sangue azul. Virei o corpo e puxei a foto de sob a cama.

– Amor de floresta tropical – corrigiu Natalie, rolando por cima de mim, e lambeu o lóbulo da minha orelha. – Quero dizer, foi de pé em cima do sofá.

– Bom, caso você não tenha prestado atenção, só eu estava de pé.

Pelo canto do olho, vi a luz vermelha do meu iPhone piscar, informando que eu tinha uma mensagem.

– Como eu poderia não ter notado? – disse ela, enxugando o suor dos olhos com os polegares. – Isso não foi biologia. Foi geologia. Sabe como é, sismologia, placas tectônicas.

– É como Arquimedes e eu sempre dissemos: me dê um ponto de apoio e eu moverei o mundo.

Esperei Nat entrar no chuveiro antes de pegar meu telefone. A mensagem era um texto de Abraham Bindix, meu homem dos leões: Oz, inacreditável. Não é só em LA. Tá acontecendo aqui tb!

Liguei para ele imediatamente.

– Oz, você não estava louco, afinal – falou Abe com seu sotaque africâner de erres enrolados e consoantes ríspidas. – Você tinha razão. O comportamento dos leões está errado, totalmente errado.

Errado, errado, errado. Acabei de chegar de uma caçada particular lá no norte, perto do Zimbábue. Encontramos uma aldeia... uma aldeia inteira... vazia. Com sangue e rastros de leão de uma ponta a outra. Nunca vi ou ouvi falar de uma coisa assim.

Notei um tom de pânico na voz de Abe, o que era estranho, já que se tratava de um africâner brutamontes que mais parecia um daqueles homenzarrões de circo aposentado.

– Na verdade, estou aqui falando com uns soldados, por isso não posso conversar muito. Mas, quando vi a notícia dos ataques dos leões no zoológico de Los Angeles, eu sabia que precisava ligar. Você precisa vir aqui, cara. E trazer uma câmera. Você e o resto do mundo precisam ver isso para acreditar.

– Não precisa dizer mais nada. – Segurei o celular entre o rosto e o ombro, peguei uma caneta e procurei alguma coisa onde escrever no quarto de Natalie. – Vou fazer as malas e embarcar no próximo voo. Onde você pode me encontrar? No aeroporto de Maun, é isso?

– Certo, cara. Maun. Me passe o número do seu voo assim que possível. Isso é incrível, terrível, incrível.

– Ligo para você na primeira escala – falei quando Nat entrou, enrolada numa toalha.

– Tudo bem, cara – respondeu Abe, desligando.

– Ahn, escala? Você vai viajar?

– Vou fazer... ahn... uma viagensinha – respondi, fazendo anotações na nota fiscal da calcinha dela.

– Isso eu já tinha entendido. Para onde?

– Botsuana – respondi, meio tossindo.

– O quê?

– Botsuana.

– Botsuana? Na África?! Você ficou louco? – Jogou o cabelo molhado por cima dos ombros. – Sim, é claro que ficou. Pergunta idiota. Você não pode fazer isso. Ninguém pode receber um telefonema e sair desse jeito, chamar um táxi e pegar um avião para Botsuana no JFK! Principalmente alguém desempregado!

– Você tem razão. O que eu vou fazer com o Attila? Você pode cuidar dele para mim?

Capítulo 9

— Então agora eu virei babá de macaco? – Nat estava começando a ficar irritada comigo de verdade. – A resposta é “não”, Oz. Você sabe como eu fico arrepiada. Além do mais, tenho que ir à aula.

– Relaxe. A mãe da minha zeladora cuida de quase tudo. Você só precisa ir lá uma vez por dia para dar os remédios dele. Por favor. Você pode praticar suas técnicas de tratamento.

– Num macaco? – esganiçou-se ela.

– Olhe só, esse é o acontecimento que estive esperando. Se eu conseguir um vídeo de comportamento anormal de leões na África e comparar com a fuga do zoológico de Los Angeles, talvez as pessoas acreditem e, quem sabe, comecem a entender essa coisa de verdade. A humanidade está em perigo. Nós podemos...

– Por favor – interrompeu ela. – Não me venha de novo com esse papo de CAH. Pode parar. Não consigo acreditar nisso, Oz. Primeiro você desiste do doutorado quando já estava praticamente concluindo...

– Era uma grande chatice.

– Depois, durante mais de um ano... sei lá, por diversão?... você resolve bagunçar as aulas da melhor instituição de ensino superior de Nova York. Você teve sorte de a universidade não processá-lo por aquele negócio na química.

– Eu estava tentando fazer as pessoas usarem a cabeça.

– Eu gosto de você, Oz. Sei que você é brilhante, mas esse negócio de CAH está atrapalhando a nossa relação. Eu tenho muitas aulas e quase não dá tempo de a gente se ver. Quer dizer, nem consigo lembrar a última vez que você me levou a um restaurante de verdade. E agora você está indo para a África.

Olhei para minha namorada, empoleirada na beira da cama. Ela era linda. Gostava de cerveja e dos filmes do Chris Farley. Jogava

Modern Warfare 2 comigo – e muito bem. Assistíamos a jogos de basquete juntos. Seu único defeito era torcer pelo Celtics.

Foi então que eu a deixei chocada – e me choquei.

– Vamos fazer o seguinte? Eu vou para a África. Se for outro alarme falso, eu abandono meu cartaz de “O fim está próximo”, deixo de viajar pelo mundo e arranjo um emprego em que vou precisar usar calça. Tudo bem?

– Se você voltar.

– Deixe de ser boba. Tudo bem?

Ela revirou os olhos.

– Tudo bem, Tarzan. Vou ficar vendo *King Kong* enquanto você adentra a selva, mesmo que seja pela última vez. Mas, quanto ao Attila, não pense nisso como um treinamento para ser mãe. Eu já disse que não quero ter filhos. Nem com você nem com o Leonardo DiCaprio. Nem com ninguém.

– Eu sei, eu sei. Relaxe. Já tenho um chimpanzé para alimentar. Viu minha cueca por aí?

Finalmente ela abriu um sorriso.

– Procure nas almofadas do sofá da sala.

Capítulo 10

Saí do apartamento da Natalie meio inseguro, sem saber bem onde estava me metendo. E se Botsuana fosse uma furada? Às vezes tenho vontade de enjaular minha língua. Sempre acabo encurralado por minhas palavras. Preferia me imaginar num caixão a me ver num cubículo.

Enquanto abria o cadeado da minha bicicleta, decidi que precisava mesmo desse ultimato. Tinha chegado a hora de conseguir alguma coisa ou esquecer de vez esse negócio de CAH. Se um bando de leões maníacos não conseguisse abrir os olhos do mundo para o que vinha por aí, nada mais funcionaria.

De volta ao apartamento, depois de pagar e liberar a Sra. Abreu, tirei a gaiola dobrável de Attila do armário. Ele choramingou ao me ver armá-la, sabendo o que aconteceria em seguida. Eu detestava a ideia de deixar o coitado numa solitária de 1,80 por 1,20 metro enquanto estivesse fora, porém não havia muito mais a fazer. Escrevi um bilhete para Nat, orientando-a a dobrar a dose de Zoloft e aumentar os suplementos de vitamina D, já que ele não ia poder fazer exercícios na varanda.

Após montar a gaiola, tirei Attila da varanda e o coloquei no pufe para um tratamento especial. Servi o almoço enquanto ele assistia a um DVD com uma história de Beatrix Potter.

Deixei-o vendo o vídeo todo contente e desci para buscar minhas malas no depósito. Quando voltei, menos de cinco minutos depois, não acreditei no que estava acontecendo.

Attila não estava mais na frente da televisão, mas no meu escritório. Já tinha jogado duas TVs na parede e estava em cima da mesa, batendo com um notebook na quina.

– *Attila!* – gritei. – Pare com isso! Desça já daí! Que diabo você está fazendo?

Ele olhou para mim, guinchando.

Por um momento – por um brevíssimo momento –, vi alguma coisa no olhar dele, uma frieza, uma maldade que nunca tinha visto antes. Cheguei a pensar que ia jogar o notebook em mim.

Mas o momento passou. Attila largou o computador, pulou da mesa e foi para um canto, de cabeça baixa.

– Vamos andando, senhor – falei, tomando a mão dele e levando-o para a gaiola.

Ele tentou pegar a boneca quando passamos pelo quarto.

– Não – retruquei, afastando a boneca. – Attila mau. Garoto levado – disse, fechando a porta e trancando a gaiola.

Depois de varrer os cacos de vidro e limpar cocô de chimpanzé do DVD player, entrei na internet para comprar uma passagem até Botsuana. O melhor que consegui foi um voo com escala em Johannesburgo por 3 mil dólares. Meus pais não iam ficar nada contentes, mas eu teria que usar parte da pequena herança que vovô Oz me deixara.

Fiz a mala. Passaporte, roupas, equipamento. Eu tinha uma Nikon de 35 milímetros com lentes de superzoom, mas meu orgulho e alegria era a *camcorder* Sony DSR-400L profissional. Tirei a câmera da bolsa almofadada, testei o flash e carreguei as baterias de lítio antes de guardar tudo.

Eu já estava saindo, levando minhas coisas para o corredor, quando ouvi o choramingo.

Era Attila, chorando por causa da bronca que tinha levado.

Entre no quarto dele e abri a gaiola.

– Está arrependido, Attila? Está mesmo arrependido?

Um gritinho alto me garantiu que sim, e ficamos abraçados por um tempo.

Deixei-o saltitando pelo quarto enquanto acabava de arrumar minhas coisas. Já estava quase pronto quando Attila me puxou pela camisa e começou a bater os dentes. Eu sabia o que ele queria. Finalmente nos beijamos e fizemos as pazes. Natalie teria vomitado.

– Eu vou ter que viajar por alguns dias – falei, depois de colocá-lo de volta na gaiola. – Não vai ser fácil, mas você vai ficar bem. A Sra. Abreu vai cuidar de você logo cedo amanhã, e Natalie também.

Você se lembra dela, não é? Seja bonzinho, está me ouvindo? Eu sei que você me entende.

Attila soltou alguns uivos de reclamação.

– Eu sei, eu sei. Mas não tem outro jeito. Também vou sentir sua falta.

Capítulo 11

Era o início do verão. A luz da manhã iluminava as caixas de Marlboro amassadas e embalagens de McLanche Feliz no canteiro da calçada.

Maravilha. Eu mal tinha começado minha aventura e já estava perdido na floresta. Do Queens.

Olhando pelo vidro traseiro do táxi abafado que me levava para o aeroporto JFK, praguejei quando a velocidade reduziu até parar. Mais uma vez.

Avançamos um pouco, paramos de novo. O taxista espancava a buzina e cuspiam uma série de impropérios, depois voltava a falar com alguém pelo dispositivo de Bluetooth. Parecia tratar de negócios. Ele era bem negro, magro como um palito de fósforo, os olhos muito vermelhos.

Por cima do painel, eu podia ver que a avenida estava parada, com todas aquelas luzes de freio vermelhas. A situação era tão ruim que até os imbecis que tentavam ultrapassar pelo acostamento se viam obrigados a parar.

Quase soterrado pela grande sacola da câmera, pelo notebook e a mala, verifiquei pela milésima vez a hora no meu celular. Eu precisaria de uma intervenção divina para pegar o meu voo das 9h05 para Botsuana. Percebi que tinha recebido um e-mail da Natalie e cometi o erro de abri-lo: Vc não precisa fazer isso.

Soltei um suspiro. Talvez minha namorada tivesse razão. Talvez aquilo fosse uma loucura. Não seria melhor viajar para os Hamptons com ela? Encher o sapato de areia. Comer umas ostras. Eu ia adorar uns copos de chá gelado de Long Island, sem falar do bronzado. Será que aquela viagem não podia esperar?

Não. Eu sabia muito bem que não. Estava comprometido com tudo aquilo e não podia voltar atrás. O CAH estava acontecendo.

Aqui mesmo. Agora. Em toda parte. Eu pressentia.

Remexi no meu kit de viagem mais uma vez. Verifiquei o passaporte, o seguro de viagem, a *nécessaire* permitido pela legislação federal, roupas de baixo, bermudas e camisetas, meu gorro de lã vermelho. Juntei minhas pastilhas de doxiciclina contra malária que tinham se espalhado pelo meu poncho.

Os cétricos que fossem para o inferno. Eu estava pronto. Ou vai ou racha. Só faltava imprimir meu *e-ticket* quando chegasse ao aeroporto, se é que eu conseguiria chegar.

Enfim começamos a nos mexer e abri o meu mapa da África. Eu estava quarenta por cento nervoso e sessenta por cento animado. Olha só o tamanho da África. Três vezes maior que a Europa. Eu tinha aprendido um pouco sobre o continente durante minha primeira viagem, quando ainda estava no colégio, mas essa ia ser bem diferente. Não era uma viagem de turismo.

O taxista parou de falar no dispositivo e virou-se para mim.

– Qual terminal, senhor?

O aeroporto finalmente começou a surgir no horizonte.

– Não sei ao certo. Vou voar pela South African.

– O senhor está indo para a África? África do Sul?

Eu estava distraído, mas agora percebia que o cara se parecia e falava como um africano, com aquela cadência melódica do inglês da África. Da Nigéria, talvez.

– Botsuana – respondi.

– Está indo de Nova York para *Botsuana*? Não! É mesmo? – perguntou o taxista, os olhos arregalados no retrovisor.

Parecia mais surpreso do que minha namorada. Eu só recebia apoio irrestrito e bons presságios.

– Essa é a ideia – confirmei quando ele estacionou em frente ao movimentado terminal.

– Bem, espero que seja uma viagem de negócios – comentou, imprimindo meu recibo pelo taxímetro. – Tomara que seja uma boa viagem de negócios, cara, está me entendendo?

Eu entendia muito bem, infelizmente. Ele estava se referindo à epidemia de aids em Botsuana, a segunda pior do mundo. Um em cada quatro adultos no país podia ser portador da maldita doença.

Mas eu não me sentia muito preocupado. Com uma longa viagem pela frente e a perspectiva de encarar uma assustadora epidemia global, não havia nada mais remoto para mim do que fazer sexo sem camisinha no calor do Terceiro Mundo. Além do mais, eu tinha uma namorada.

– Não se preocupe – falei para o taxista ao abrir a porta para sair. – Não estou viajando por diversão.

Capítulo 12

Um as quatro horas depois, acordei 30 mil pés acima do Atlântico.

Piscando em meio ao ronronar da cabine do 747, ergui o encosto do meu assento e olhei pela janela. Por entre as brechas da leitosa camada de nuvens turvas, eu podia ver os rabiscos prateados nas ondas do oceano lá embaixo. Definitivamente eu não estava mais no Kansas – nem no Queens, graças a Deus.

Bocejei, destravei e abaixei a bandeja do encosto da frente e tirei o notebook da bolsa. Ia escrever alguns e-mails, mas, de repente, me vi clicando no arquivo com slides da apresentação sobre o CAH que tinha feito em Paris.

Começava com a foto de uma pintura primitiva das famosas cavernas de Lascaux na França, que mostravam nitidamente um sujeito sendo morto por um bisão. Em seguida, surgiu o *Prometeu acorrentado* de Rubens; a expressão atormentada do rosto do titã de cabeça para baixo era visceral enquanto a águia arrancava suas... bem, suas vísceras. Depois da pintura, apareceu o impressionante quadro renascentista *A peste em Ashdod*, de Nicolas Poussin, mostrando a cena em que Deus mandava uma praga de doença e ratos sobre os filisteus por o terem desobedecido.

Então, surgiram imagens mais estranhas, mais sombrias e menos conhecidas.

Senti meu pulso acelerar quando apareceu uma antiga escultura de um jaguar reclinado, encontrada num templo asteca ao lado de uma profecia apocalíptica em que animais devoravam a humanidade.

Em seguida, havia uma ilustração sinistra da Bíblia de Toggenburg, mostrando um homem e uma mulher morrendo de peste bubônica. Alguma coisa em seu plano estático e chapado – uma característica da arte medieval – a tornava especialmente perturbadora. As figuras nuas estão rígidas na cama, como bonecos

de papel, os corpos pálidos salpicados de protuberâncias inchadas. A Peste Negra, que matou quarenta por cento da população do mundo conhecido à época, tinha começado com marmotas e se difundira pela Europa por meio de ratos.

Olhei pela janela mais uma vez. Enquanto observava as nuvens milhares de metros abaixo, e o oceano ainda mais embaixo, tive uma estranha sensação, pesada e arrepiante. Por um momento, viajando a mil quilômetros por hora em direção à África, me senti muito pequeno e muito sozinho. Eu não era religioso, mas, naquele instante, comecei a refletir sobre a natureza inexplicável daquelas coisas.

Era como se eu conseguisse perceber a guinada apocalíptica do que estava acontecendo. Pensei em cavalos, pássaros, serpentes. Pensei na maldição a que Deus condenara as serpentes no Gênesis: os homens esmagariam sua cabeça, e elas picariam o calcanhar deles...

A ira de Deus?

Ou talvez fosse apenas o efeito do jet lag, pensei, tirando a remela dos olhos. Sem dúvida eu estava obcecado pelo CAH. Me lembrei de todas as noites insones, da faculdade abandonada. E agora eu estava num avião com destino à África. Talvez finalmente encontrasse as respostas que procurava. Ou, quem sabe, tudo fosse um delírio. Estava começando a duvidar da minha própria sanidade.

Baixei os olhos para o notebook e vi que havia recebido outro e-mail de Natalie. Esse era de um tremendo baixo-astrol e começava assim: "Oz, sei que não é um bom momento para dizer isto..."

Ah, não. Eu já sabia o que vinha a seguir. Quase parei de ler na mesma hora. Era como ler meus extratos bancários naqueles dias. Passava os olhos, relutante em ver aqueles números. Enfim, segui em frente:

Andei pensando sobre todas essas coisas e – vou ser direta – acho que não posso mais continuar desse jeito. Pelo menos não no momento. Acabei de sair da minha prova de imunologia. Fui muito mal. Vai ser muita sorte se eu tirar um C. Não é só isso.

Ando distraída e preciso me concentrar na faculdade e na minha carreira. Sei que não deveria estar falando isso por e-mail. Vamos conversar quando você voltar. E você precisa arranjar outra pessoa para cuidar do Attila. Eu estou atolada demais.

Tudo bem, pensei. Uhum. Estava de novo na pista.

Considerarei responder ao e-mail, mas logo achei melhor ignorar, deixar as coisas como estavam. Eu não podia mais voltar. Natalie sabia disso, e eu sabia que a prioridade dela era se formar em medicina. Ela sempre deixara isso bem claro. Talvez fosse melhor mesmo a gente dar um tempo.

Agora eu precisava ligar para a outra mulher da minha vida. Deixei uma mensagem para a Sra. Abreu na secretária eletrônica, implorando que alimentasse Attila para mim enquanto eu não voltasse. Ela não ia me deixar na mão.

Fechei o notebook e me espreguicei. Eu ainda ia levar doze horas até Johannesburg. Peguei meu iPod na bolsa do notebook, pus os fones de ouvido, coloquei para tocar um Black Sabbath e saí pelo corredor do avião em busca de uma comissária e de um Red Bull.

LIVRO DOIS

ÁFRICA

Capítulo 13

Meu primeiro vislumbre da África, doze horas depois, foi meio decepcionante. Por trás das enormes janelas do aeroporto, Johannesburgo era apenas um amontoado de prédios comuns; poderia até ser Cleveland.

Após uma hora, quando o avião decolou em direção a Botsuana, meu estado de espírito melhorou bastante. Aquele enorme território verde e marrom, aparentemente interminável, era o que o garoto dentro de mim desejava que fosse a África. Quente, selvagem, isolada.

Enquanto o avião se aproximava de Maun, percebi que havia alguns edifícios modernos, mas a maioria das construções era feita de zinco e blocos cinzentos. Descendo os degraus para chegar à pista, vi que, além do frágil alambrado ao redor do aeroporto, havia jumentos por toda parte. Avistei também as tradicionais casas redondas africanas com teto cônico de folhagens, feitas de pedra e esterco de vaca. As sensações do lugar – o calor, o aroma de fezes e diesel, até a luz amarelada aguda e ofuscante – foram estranhamente agradáveis.

Depois que passei pela alfândega, Abraham Bindix tirou o chapéu surrado e me recebeu com um abraço de urso na rampa do terminal. Parrudo e de ombros largos, o cinquentão mais parecia um técnico sulista de futebol americano. O rosto era áspero e enrugado como uma velha luva de trabalhador, com um bigode que entrava pela bochecha, ficando mais ralo. Uma profusão de pelos sobressaía do peito da camisa de linho desabotoada e encharcada de suor. Algumas tatuagens desbotadas nos seus braços peludos eram lembranças de seus dias na Marinha. Gostava de ver aquele sorriso arqueado de dentes separados. Eu o vira pela última vez em Paris.

Sentamos no bar do hotel e bebemos como dois gambás depois que fui vaiado no palco da convenção.

Bindix me pareceu mais pesado do que eu lembrava. E também perceptivelmente mais velho e um pouco lento no andar. Fiquei imaginando se não estava doente.

– Obrigado por ter vindo, meu amigo, porém tenho más notícias – falou enquanto eu pegava minhas malas na pilha de bagagem ao lado do avião.

Eu gostava de Abraham, mas tinha certas restrições à sua pessoa. Como muitos africanos, era um sujeito bruto e levemente racista, de um jeito que pode deixar um americano branco como eu um pouco desconfortável. Ainda assim, ele tinha um quê de avô.

– Infelizmente, surgiu um problema – continuou. – Coisa de família. Será que você pode esperar um dia antes de eu levá-lo até a aldeia perto do Zimbábue?

– É claro. O que aconteceu, Abe? Posso ajudar em alguma coisa?

– Não, não. É um problema de família. – Abe tinha uma voz calorosa e metálica, como um trompete em surdina. – Meu irmão mais novo, Phillip, o pacifista, é gerente de uma estância florestal perto da fronteira com a Namíbia. Eu levo turistas americanos ricos para matar animais, mas o pessoal dele vai lá só para olhar, tirar fotos. Leões, na verdade... dois bandos enormes que se alimentam dos búfalos que vivem no delta do Okavango.

– E qual é o problema?

– Não sei, cara. A estância dele está sem contato por rádio há mais de 24 horas, e minha mãe está preocupada. Provavelmente não é nada, mas, com toda essa loucura acontecendo, preciso saber se o idiota está bem.

– Então vamos até lá. Você disse que a estância tem leões, certo? Viajei quase 13 mil quilômetros exatamente para ver leões.

Meu entusiasmo pareceu deixar Abe mais animado.

– Tudo bem, cara – concordou, batendo no meu ombro. Doeu um pouco. – Eu sabia que você era um amigo, Oz. Tentei trazer meus rastreadores comigo, mas os paspalhos supersticiosos ficaram assustados com a aldeia arrasada que encontramos. Os pagãos

babacas disseram que não querem se envolver com leões até, abre aspas, os espíritos estarem mais calmos, fecha aspas.

Espíritos intranquilos, leões... Me lembrei da sensação soturna que tive no avião, da ira de Deus no ar. Mas logo descartei o pensamento. Me liberei do desconforto e joguei a sacola no ombro.

– Para que lado fica Okavango? – perguntei, pegando o estojo da minha câmera.

Capítulo 14

Em vez de sairmos do aeroporto, eu e Abe rumamos para o sul, dentro do terminal, e viramos à direita por um corredor estreito e escuro.

– Achei que iríamos para a estância do seu irmão.

– Isso mesmo, cara. No delta do Okavango não existem estradas, só pistas de pouso. – Enquanto caminhava, Abe tirou uma lata de fumo de mascar do bolso do colete cáqui, escolheu um pedaço e o colocou na boca. – Nós precisamos alugar um avião.

– Alugar um avião? Espero que você saiba pilotar, porque a única coisa que eu sei é pular de aviões.

– Essa habilidade pode vir a calhar – comentou Abe, umedecendo o tabaco. Deu uma piscadela. – Eu tenho brevê, mas já faz um bom tempo que não piloto.

Passamos por um portão e saímos direto na pista ao lado do avião de que eu tinha acabado de desembarcar. Percebi que a segurança era um pouco mais relaxada ali no Continente Negro: não haviam feito nem uma mísera revista.

Viramos uma esquina e chegamos a um hangar. Um homem meio negro, meio asiático, usando um chapéu sebo, comia uma espécie de espetinho atrás de um balcão. Ao seu lado estava outro africano, que parecia soldado ou policial, a julgar pelo uniforme cinza manchado e a boina da mesma cor, com uma AK-47 preta no ombro. Os dois descansavam os pés no balcão enquanto assistiam a um filme num DVD portátil. Olhei por cima do ombro do policial: era *Um maluco no golfe*, com Adam Sandler. Nenhum deles ria. Tudo bem que não era mesmo muito engraçado, mas eles pareciam não entender que se tratava de uma comédia.

Abe passou uns dez minutos gritando com os dois, numa língua que logo aprendi que era *tswana*. Por fim, resfolegando de calor,

com o rosto suado e vermelho, ele remexeu nos bolsos do colete e deu um maço de notas ao homem do balcão, que contou o dinheiro com os dedos ainda engordurados da carne que estava comendo. Parecendo satisfeito, nos apontou uma saída com um gesto rude com o queixo, que devia ter aprendido em filmes de mafiosos.

Saímos num caminho entre duas fileiras de pequenos aviões de aluguel. Abe abriu a porta de um Piper Super Cub meio enferrujado, com pneus especiais que pareciam de desenho animado de tão grandes, e enfiou minhas malas atrás dos bancos.

– Espere um pouco aqui, cara – recomendou. – Já volto.

Abe voltou ao hangar. Pouco depois, surgiu do outro lado do aeroporto, dirigindo um Range Rover bem batido. Dois cães meio avermelhados, de uma raça natural da Rodésia, saltaram do veículo quando ele abriu a porta e subiram no avião como se já tivessem feito isso muitas vezes. Em seguida, Abe tirou dois grandes estojos de espingarda do carro e também os alojou ali.

Ao perceber que eu estava olhando para as armas, comentou, apertando minha bochecha:

– É melhor ter e não precisar do que precisar e não ter, certo?

Logo minhas orelhas estavam aninhadas em fones de ouvido suarentos enquanto taxiávamos na pista. Do outro lado da estrada poeirenta do aeroporto, avistei um terreno cercado cheio de pedras e estranhas barracas listradas.

– O que é aquilo, Abe? – gritei acima do ronco da hélice, apontando.

– É um cemitério – respondeu Abe, também aos berros. Ele acelerou o avião e começamos a quicar pela pista. – Morrem tantas pessoas com aids que eles não conseguem enterrar no mesmo ritmo. Por isso empilham os caixões dentro de tendas. Como é mesmo aquela piada americana sobre cemitérios?

– Que as pessoas morrem de vontade de entrar? – sugeri.

– Certo, cara. Essa mesma. – Abe me lançou um sorriso irônico. Seus dentes eram acavalados e manchados de tabaco. Puxou mais o manche e nosso aviãozinho saiu da terra firme. – Bem-vindo à África, cara.

Capítulo 15

Apesar do jet lag, do confinamento claustrofóbico do avião e dos cachorros ofegando nos meus ouvidos, aquele voo de trinta minutos foi o mais fantástico da minha vida.

Sobrevoar o delta do Okavango era como voltar no tempo. Não me surpreenderia se visse dinossauros perambulando lá embaixo. Não havia uma única construção, nenhuma casinha na infindável planície amarronzada ondulando abaixo de nós. Via a sombra do avião pairar sobre ilhas brancas salpicadas nos cursos azulados do rio. Elas eram cobertas de palmeiras e gigantescos montes de terra que Abe me informou serem cupinzeiros.

Como estávamos em julho, um dos meses de inverno, o delta estava mais seco, com um terço do tamanho normal, atraindo uma das maiores concentrações de vida selvagem do planeta. Sobrevoamos hipopótamos, hienas e uma grande manada de búfalos-africanos, pretos e de chifres longos – Abe disse que alguns caçadores profissionais os consideravam mais perigosos que leões. Havia pássaros, aparentemente milhões, que se espalhavam pelos charcos ao som do nosso avião. Os primeiros humanos que avistamos foram dois pescadores a bordo de uma canoa escavada. Quem precisa do Discovery Channel?, pensei.

– Chegamos – anunciou Abe alguns minutos depois, a voz crepitando no meu fone de ouvido.

Reduzimos a velocidade e a altitude enquanto rumávamos para alguns tetos de folhagem ao lado da cicatriz pálida de uma pista de pouso. Estava esperando uma aterrissagem tão sacolejante quanto a decolagem, mas fiquei surpreso quando Abe pousou o Piper na maior suavidade. Tirei o fone; após todo aquele barulho, o silêncio era quase fantasmagórico. Meus ouvidos zumbiam um pouco.

– Que coisa engraçada – falou Abe ao descer do avião. – Não engraçado de dar risada.

– O quê?

– Os funcionários... quando veem um avião pousando, geralmente esperam aqui, batem palmas, cantam canções folclóricas bobas, oferecendo um trago e uma toalha para enxugar o suor. Não estou vendo nem ouvindo nada. Você está? Nem mesmo qualquer animal.

Ele tinha razão. O zumbido monótono dos insetos era o único som sob o céu claro. No fim de um caminho de terra ladeado por papiros e arbustos quebradiços, as casas cobertas de folhagem pareciam todas desertas. Um fecho de luz prateada cintilava no horizonte, tremeluzindo no calor.

Abe deu um assobio e os cães trotaram à frente, olhando para os lados, com o faro no nível máximo. Seguimos os dois até um acampamento, que estava animado como um cemitério. Entramos em todas as tendas, bem como no refeitório. Encontramos roupas, bagagens, equipamentos de safári, objetos de turistas – capacetes de caçador e coletes cáqui cheios de bolsos – e malas abertas com meias e roupas de baixo espalhadas sobre camas desfeitas. Mas nenhum turista e nenhum funcionário.

Atrás da cozinha, havia o que parecia ser um contêiner de carga – um gigantesco caixote de metal corrugado. Ao lado, vimos um Land Rover com duas fileiras extras de bancos, adaptadas para acomodar apreciadores da vida selvagem.

Abe deu uma tossida, praguejando num idioma que não reconheci. Cuspiu a saliva carregada de tabaco na grama e limpou a boca na camisa.

– Estão faltando dois veículos. Além dos guias, o lugar ainda tem meia dúzia de empregadas e cozinheiras. Isso é muito estranho, Oz. Onde diabos está todo mundo? Onde está meu irmãozinho? Estou com um mau pressentimento.

Abe levou dois dedos à boca, dando um assobio estridente, e os cães vieram correndo. Subiu no Rover e deu partida no motor. Retornamos ao avião, pegamos as espingardas e nos dirigimos para o norte por um caminho bem esburacado. Pedregulhos

ricocheteavam debaixo dos pneus enquanto o veículo estremecia e sacolejava na estrada, que parecia uma tábua de lavar roupa. Ao fim do caminho de terra, entramos num terreno ainda mais acidentado, coberto de mato alto e seco. Atrás de um aglomerado de árvores cor de ébano, alguns filhotes de hiena vadeavam nas águas rasas do rio, as patas cobertas de crostas de lama, e cerca de 30 metros abaixo, uma família de girafas bebia água no charco. Não consegui deixar de olhar para aquilo como se estivesse num safári, mas, se Abe viu os animais, não fez nenhum comentário.

Estávamos contornando um amontoado de figueiras quando afinal vimos algumas pessoas. Um grupo de africanos se reunia num cais na margem do rio: dois homens e um garoto atarracado, todos com trajes de cozinheiro, preparando-se para embarcar numa canoa. Abe virou o volante com violência, dirigiu o Rover na direção dos homens e freou bruscamente. Gritou alguma coisa para eles num atropelado *tswana*. Os homens responderam também berrando. Parecia uma discussão. A conversa levou alguns minutos. No fim, os três cozinheiros saíram relutantes da canoa e subiram na traseira do carro. Me virei para olhá-los. Tinham expressões apáticas e impenetráveis, difíceis de interpretar. Ninguém me cumprimentou.

– O que houve? – perguntei a Abe enquanto nos afastávamos. Ele enfiou outro pedaço de tabaco na boca.

– Pior do que eu imaginava, cara. Dois grupos partiram anteontem: vinte pessoas, inclusive meu irmão. Desde então, ninguém soube mais deles. Além disso, ontem à noite alguns leões se aproximaram do acampamento. Rondando como gatinhos perdidos, catando restos. Esses palhaços aí atrás se esconderam no contêiner. Quando acordaram, o radiotransmissor estava quebrado, esmagado de alguma forma. Agora tentavam seguir rio abaixo em busca de ajuda.

– Por que vocês estavam discutindo?

Abe tirou o chapéu de palha e enxugou o suor da testa. Ele transpirava como uma torneira vazando.

– Eu pedi que viessem conosco para ajudar a encontrar os guias e os turistas, mas eles estão apavorados. Disseram que há algo

errado com os leões. A mesma lenga-lenga supersticiosa. Os deuses estão zangados. Tem magia negra por aí. Uga buga buga!

Atrás de nós, os cozinheiros começaram a entoar uma espécie de canção.

– Ah, aí vão eles – comentou Abe, apontando com o polegar por cima do ombro. – Ooh, iii, ooh ah ah, ting, tang, walla walla bing-bang!

Abe pisou no freio e o Rover parou de repente. Desceu e pegou uma das espingardas de caça na traseira. Era uma Winchester Model 70, adaptada para grandes cartuchos .458. Carregou um pente cheio de enormes balas de estanho, encaixando-o com um clique. Subiu na traseira, passou pelo meio de homens, cães e bagagens e fixou a arma no suporte do jipe.

– Vocês querem magia negra, seus palhaços? Eu vou mostrar o que é magia negra – disse, ligando o motor e engatando a marcha do carro.

Capítulo 16

Pouco menos de 2 quilômetros a nordeste do cais do rio que passa pelo acampamento, dois grandes leões machos descansam nas rochas mais altas de seu território deitados sobre o ventre, imóveis como tapetes dourados, arfantes, sentindo a brisa. Os impassíveis olhos cor de âmbar perscrutam o horizonte ociosamente.

Como os cães, os leões não suam através da pele. Sua única forma eficaz de regulação térmica é arfar. Mas a respiração pesada de agora não é por causa do calor nem do cansaço.

É porque comeram demais.

Abaixo deles, espalhadas pelos espinhosos arbustos do vale estreito da floresta, enxames de moscas gordas e luzidias pairam sobre a carne que apodrece sob os raios do sol escaldante. Esvoaçando pelos ossos, emitem um zumbido ondulante como um violoncelo mantendo uma nota num vibrato. Partes de corpos humanos recobrem a grama ensanguentada, ossos de caixas torácicas e quadris esbranquiçados como aspirinas.

O restante do grupo se dispõe num círculo amplo e desalinhado ao redor dos ossos. Abutres esvoaçam, batendo asas como se estivessem dando de ombros, os pescoços estendidos como vermes, puxando tiras de carne dos esqueletos com os bicos. A leoa e os filhotes comeram sua parte e agora estão felizes e ativos, rolando pela vegetação.

Os dois machos, gêmeos, são maciços como montanhas douradas. A única diferença é que um deles não tem um olho, perdido enquanto assumia a liderança do bando. Depois de terem matado os dois machos alfa anteriores e afugentado um terceiro, os irmãos asseguraram ainda mais seu domínio devorando todos os filhotes dos rivais, quatro jovens fêmeas.

Mas a onda de poder e dominação que sentiram ao tomarem a frente do bando foi uma débil sensação se comparada ao massacre dos dois grupos de humanos.

Os leões foram envolvidos por uma nova percepção. Um sentimento que mudou sua visão dos humanos como colegas predadores – animais irritantes e inconsequentes a serem basicamente ignorados –, transformando-os em presas.

Eles viram os grupos se aproximarem. Duas leas menores e mais ágeis subiram num sabugueiro acima da trilha de pneus e ficaram à espreita. Quando os carros passaram, elas se jogaram em cima das duas caixas de metal abertas cheias de mamíferos frágeis e patéticos. Assim que aqueles grandes macacos nus passaram a depender apenas de seus pés bobos e lentos, todos foram abatidos depressa.

Os leões não fizeram isso porque estivessem especialmente famintos. Os humanos não eram nada em comparação aos búfalos de 360 quilos que costumavam alimentar o bando. Os carros serviram como caixas cheias de petiscos.

Os machos deslizam das rochas e contornam o agrupamento de cabeça erguida, olhos atentos, bocas fechadas, as caudas se movendo de um lado a outro. Instantes depois, as fêmeas começam a segui-los de cabeça baixa.

Com a aproximação dos leões, um abutre pousado no rosto de uma mulher encolhe as asas e alça voo como um grande pombo, desengonçado e desequilibrado. O leão de um olho só dá uma mordida, estalando a mandíbula enquanto os dentes afiados arrancam a carne do osso com facilidade.

Depois de mastigar um pouco, ele ergue a cabeça e vira seu único olho para o leste. As orelhas se agitam, as narinas se dilatam. Sua audição é apenas um pouco acima da média, mas os bigodes e as glândulas sebáceas ao redor da mandíbula, dos lábios e das bochechas lhe conferem um poderoso faro.

Sente o cheiro de alguma coisa. Olha para o irmão, que agora está voltado para a mesma direção.

Os dois se comunicam com um olhar e um rugido: mais humanos.

Os machos se viram para o bando, mudando a postura e a expressão. Emitem um repertório de vocalizações, variando de intensidade e registro, dizendo a todos o que devem fazer.

Capítulo 17

Uma barulhenta revoada de cegonhas partiu da copa de uma árvore enquanto dirigíamos a uns 5 quilômetros do acampamento. Eram marabus, conhecidos pela penugem branca eriçada, os pescoços róseos depenados e a plumagem de gala – comedores de carniça, em geral encontrados junto com abutres perto de carcaças. Abe fez uma careta. Tentava manter uma fachada tranquila, mas eu sabia que estava preocupado, e isso me deixava inquieto.

Na verdade, eu já estava inquieto havia algum tempo.

Desde que aterrissamos no acampamento deserto, comecei a pensar na minha primeira viagem à África. Foi uma excursão da universidade para conhecer os famosos leitos rochosos da região do deserto de Karoo na África do Sul, uma das imagens geológicas mais imaculadas da história do mundo.

Eu não parava de pensar numa camada de sedimento de 250 milhões de anos. A falta de fósseis em suas rochas era um indício do evento de extinção do Permiano-Triássico, ou P-Tr. Também conhecido como A Grande Morte, foi o maior e mais devastador acontecimento do tipo. Noventa por cento de todas as espécies do planeta pereceram em pouco tempo. A biodiversidade da Terra levou muitos milhões de anos para se recuperar. Já houve cinco grandes eventos de extinção no planeta; estatisticamente, estamos mais ou menos diante do próximo.

É quase certo que o Evento Cretáceo-Paleógeno, que matou os dinossauros, tenha sido causado pelo impacto de um asteroide. Mas não sabemos muito sobre o P-Tr. Alguns teorizam que essa extinção tenha sido causada por atividade vulcânica. Ou por um asteroide ou radiação cósmica. Mas ninguém sabe exatamente por que quase todos os animais, a vegetação e os insetos do mundo morreram de repente.

Foi a natureza misteriosa desse antigo colapso total do ecossistema que tornou a atividade CAH atual tão inquietante. O comportamento de um animal é o resultado de milhões de anos de evolução. O ambiente muda, e alguns se adaptam e outros, não. O surgimento repentino desse comportamento anômalo em espécies tão diferentes no mundo todo não era apenas alarmante, como também não tinha precedentes.

Abri o estojo da minha câmera e comecei a preparar o equipamento de vídeo. Encaixei a bateria, limpei as lentes, coloquei o apoio de ombro.

Enquanto penetrávamos cada vez mais no delta do Okavango em busca de turistas desaparecidos, aumentava minha suspeita de que alguma perturbação ambiental em nível macro estava ocorrendo.

Já tinha encaixado uma minifita DV nova e estava ligando meu caríssimo estabilizador de imagem Sony quando percebi uma comoção atrás de mim. Os dois cães de Abe começaram a latir como loucos. No instante seguinte, minha câmera não estava mais na minha mão e algo duro e frio me pressionava o pescoço e o ombro. Parecia ser uma machete, igual à que outro africano encostava no pescoço de Abe.

Abe estacionou o veículo com cuidado e começou a falar em *tswana* com o homem que o ameaçava. A capacidade de negociação de Abe parecia ser a única coisa entre mim e uma jugular seccionada. Meu coração batia como uma britadeira. Senti todos os pelos dos meus braços eriçados. O homem que encostava a machete no pescoço de Abe não parava de balançar a cabeça e apontar para o caminho de onde viemos. Abe continuou a falar. O homem continuou a recusar.

– Não-não-não-não-não-não-não. Não, não.

O homem baixou a machete para descer do carro. Continuou apontando-a para Abe, mas se distraiu um pouco na hora em que foi soltar a Winchester do suporte. Abe enfiou a mão no forro do colete, tirou um perigoso revólver especial de cano curto e encostou-o entre os olhos do homem, que ficou vesgo como Curly quando Moe lhe

cutucava o nariz em *Os Três Patetas*. O homem tirou a mão da espingarda e baixou a machete.

Logo depois, o africano que estava atrás de mim afastou a machete do meu pescoço. Os homens e o adolescente trocaram olhares e deram de ombros, como se tivessem perdido uma aposta, e desceram do veículo. Sem mais uma palavra, os três começaram a se afastar, tomando a direção de onde havíamos vindo. Os cães latiram e rosnaram para eles, mas Abe assobiou para que se calassem. Abe estava trêmulo e afogueado. De início, pensei que fosse de medo, então percebi que era principalmente de raiva.

– Covardes! – gritou Abe na direção deles com as mãos em concha. – Seus cagões! Amarelões!

Deu uma cuspidada de tabaco pela janela, limpou o rosto na manga da camisa e praguejou em voz baixa antes de soltar a embreagem.

– Idiotas supersticiosos traidores filhos da puta – murmurou de uma vez só, meio para mim, meio para si mesmo, talvez um pouco para os cachorros. – Agora somos só nós, senhores.

Me recostei no banco e enxuguei o suor do rosto, fechando os olhos. Meu pulso ainda estava acelerado quando virei para pegar minha câmera no banco de trás.

Talvez Natalie tivesse razão a respeito da minha viagem à África, pensei. No momento, um cubículo num escritório com ar-condicionado não me parecia tão terrível.

Capítulo 18

Mais alguns quilômetros ao norte, encontramos planícies de sal, que se intercalavam com trechos de relva, formando uma colcha de retalhos que se estendia até onde a vista alcançava. A paisagem era deslumbrante. Dava para entender por que turistas ricos americanos e europeus vinham fazer safáris no delta do Okavango.

A trilha que vínhamos seguindo passava por um vau.

– Ei, você tem certeza... – foi só o que consegui dizer antes de Abe pisar no acelerador com a maior segurança, embicando o veículo nas águas agitadas cor de achocolatado.

A água subiu até as maçanetas das portas. Eu esperava que o motor falhasse a qualquer momento. Preparei-me mentalmente para sair nadando. Mas só ficamos molhados.

– Nova-iorquinos... – falou Abe, atravessando a correnteza com a mão na alavanca de câmbio e o pé no acelerador, nos conduzindo com uma mistura de poder do motor e força de vontade. Tirou o chapéu e tapou o respirador lateral com a aba. – Está tudo bem, cara. Vamos nessa.

Sáímos do outro lado e subimos o barranco enlameado até chegar a uma planície de vegetação alta e esverdeada com uma área de até 2 hectares. Uma trilha de sulcos de pneus atravessava o terreno em direção a uma lagoa que cintilava como prata, onde uma manada de uns setenta búfalos-africanos se alinhavam nas águas rasas.

– Fique atento – falou Abe, apontando a manada. – Estamos nos aproximando. São esses os búfalos que os leões caçam.

Quase derrubei a câmera de vídeo quando Abe pisou no freio e o veículo estancou a meio caminho da lagoa. Do outro lado da grama alta e esverdeada, um Land Rover aberto igual ao nosso, com

o nome da companhia de safári escrito na lateral, estava parado perto de um sabugueiro.

Abe pegou o binóculo de uma das sacolas e ficou em pé no banco. Fez uma lenta varredura pela planície gramada. Depois baixou-o, passou a tira de couro pelo pescoço, voltou a sentar e dirigiu com todo o cuidado pela clareira na direção do veículo abandonado.

Paramos ao lado do outro carro e descemos. Alguma coisa brilhante chamou a atenção de Abe. Ele se abaixou e pegou algo na relva. Dei um zoom com a câmera.

Era um relógio Cartier feminino de ouro. Parecia deslocado ali na savana africana, como uma cabeça encolhida numa bandeja do Four Seasons. A pulseira de couro de crocodilo estava encrostada de sangue.

Voltamos para o Rover e continuamos esquadrihando a grama em silêncio. Havia roupas no chão ao redor do veículo e do sabugueiro, espalhadas pela relva e entre os arbustos da savana rasteira. Retalhos ensanguentados de camisas, calças, um tênis feminino, uma pochete. Pedacos de tecido voavam pelo terreno, levados pelo vento. Havia um pedaço do que parecia uma camisa havaiana pendurada na árvore, esvoaçando num galho como uma bandeira.

Abe observou as copas das árvores e depois voltou a examinar o Land Rover.

– Olhe só, cara – falou, apontando. – Está vendo a espingarda? Nem saiu do estojo. Os guias de safári que levam esses turistas não são babacas supersticiosos como nossos amigos idiotas lá atrás. São profissionais. Tudo isso deve ter acontecido em segundos. Tão rápido que nem conseguiram pegar nas armas.

– Os leões costumam proteger suas tribos dos humanos, mas isso me parece uma espécie de emboscada – sugeri, tentando ser útil.

– E o que eles fizeram com os corpos? Normalmente os leões comem onde matam. Nunca vi nada igual.

Capítulo 19

Estendido na grama alta, o leão caolho dominante se posiciona, esperando. Desde que ouviu o rugido distante do motor, ele está à espreita na orla da clareira, 25 metros a leste, na distância certa para atacar.

O peito robusto sobe e desce sob a juba loira quase ruiva. Seus olhos turvos cor de âmbar se estreitam, focados num ponto ao longe. Abre ligeiramente a boca, tremulando os bigodes, enquanto fareja o vento seco.

Como caça no território de seu bando quase desde que nasceu, o macho de 10 anos conhece cada centímetro do terreno. De início, ficou à espreita no lado oeste, mas mudou de lugar quando o vento se alterou. Predador arguto, fica contra o vento, para que seu cheiro não seja detectado pela presa.

Espera pacientemente até que a vítima baixe a cabeça ou olhe para o outro lado: é a melhor posição para o ataque. Um instante de distração lhe dará tempo suficiente. O ato será encerrado como sempre, arremessando rapidamente a presa ao chão e abocanhando seu pescoço.

O leão já poderia ter atacado, mas prefere ser mais cauteloso, pois não está acostumado com pessoas. Muitos caçadores e guardas-florestais já atiraram nele na época em que era um leão errante, antes de pertencer a um bando.

Sem tirar os olhos da presa, o leão solta um grunhido grave, logo respondido por um rugido suave, quase um ronronar na relva à sua direita, e depois por outra série de grunhidos na relva à esquerda.

Depois do chamado para o ataque em conjunto, os mais de vinte leões atrás dele se dividem em dois grupos: um para flanquear e conduzir, o outro para aguardar numa emboscada.

Os leões dos flancos começam a rastejar rapidamente pela grama, em silêncio, escondendo-se de todas as formas possíveis. A pelagem marrom-amarelada os torna quase invisíveis, massas fulvas camufladas. Eles se distribuem como uma rede larga ao redor do sabugueiro e das vítimas, eliminando qualquer chance de fuga.

Capítulo 20

Abe entortou a cabeça e assobiou, fazendo os cães saltarem do carro para a grama alta.

– Escute aqui, cara – falou Abe, olhando pela mira telescópica da espingarda. – Se aparecer algum leão, a melhor maneira de matá-lo é com um tiro na cabeça, bem entre os olhos.

– Obrigado pela dica – respondi, ainda filmando.

Baixei a câmera pouco depois, quando dois ganidos agudos soaram vindos da orla da clareira. Um logo após o outro.

Abe assobiou chamando os cachorros. Nada aconteceu.

Levou os dedos aos lábios, assobiou mais alto. Silêncio.

– Isso não é nada bom.

Abe levou a Remington ao ombro e encostou o olho na mira. Virei minha câmera para a mesma direção e preendi a respiração.

Um leão surgiu na relva, 20 metros à nossa esquerda.

Eu nunca tinha visto um leão na selva. É uma visão ao mesmo tempo linda e aterradora. Realmente mexe com a alma da gente, bem abaixo das costelas.

Eu ainda me achava num estado de espanto amador quando Abe puxou o gatilho. A espingarda disparou tão perto de mim que pareceu um chute na cabeça. Deixou um zumbido de mosquito no meu ouvido esquerdo. Não havia mais nada no lugar onde estava o leão um momento antes. Como se tivesse desaparecido.

Abe voltou para o Land Rover.

– Venha logo para cá se quiser continuar vivo, cara.

Aquilo me pareceu uma boa ideia. Quando fechei a porta, percebi um movimento no outro lado da clareira. Um segundo leão surgiu da grama alta, imóvel, agitando o rabo. Observando. Havia algo de sobrenatural e funesto no seu olhar implacável.

O leão soltou um rugido e começou a se aproximar. A princípio devagar. Depois alguma coisa disparou nele, fazendo com que arremettesse contra nós a toda velocidade. Abe puxou o gatilho no momento em que ele pulou para dar o bote. Outra explosão de pólvora no ar. Vi uma maçaroca de miolos expelida da parte de trás da cabeça do animal. O leão foi atingido no ar e caiu no chão com um baque, rolando para o lado do motorista, balançando o veículo como se fosse um berço.

Continuei filmando enquanto Abe engatilhava novamente. A cápsula resvalou pelo para-brisa com o som de um sino de vento. Notei que o leão ainda respirava no chão.

Mas não por muito tempo. Ouvi outro baque surdo quando Abe atirou na sua coluna, pouco acima do quadril.

Abe substituiu os cartuchos disparados no carregador. Então, levantou o chapéu e enxugou a testa, observando a clareira. Silêncio. Nenhum inseto, nenhum pássaro. A sombra de uma nuvem alta e branca passou sobre nós. Tirei meu olho do visor por um instante e fitei Abe ao meu lado. Ele parecia estar passando mal.

Fiz uma panorâmica com a câmera, seguindo seu olhar.

A uns 10 metros de distância, rodeando o Land Rover, havia um círculo de cabeças fulvas.

Todos tinham juba. Eram todos machos. Uns vinte leões.

Abe piscava com um dedo na boca aberta. Estava tão intrigado que a confusão superou seu terror.

– Não é possível – sussurrou. – São todos machos?

Não fazia sentido. Leões machos não faziam aquilo. Um bando consiste de uma dúzia de leas aparentadas e só um, às vezes dois, no máximo três ou quatro machos, se for um grupo extraordinariamente grande. Leões machos adultos que não pertencem a um bando caçam sozinhos. Nunca, mas nunca mesmo, leões machos se congregam na selva em grandes números. Isso simplesmente não acontece.

Só que estava acontecendo.

Continuei filmando quando os leões começaram a se mover. Avançavam alguns passos, depois paravam para que os leões de trás

os acompanhassem. Pareciam soldados disciplinados, coordenados, coreografados, sincronizados.

Imaginei que Abe fosse pisar no acelerador para sairmos logo dali, mas ele só fez um esgar rígido com a boca. Num movimento rápido e fluido, ergueu a arma ao ombro, mirou e disparou. À nossa esquerda, a cabeça do leão mais perto do carro estourou e o animal caiu na grama.

No momento em que Abe movia a arma para outro leão, a grama alta na frente do carro se abriu e um borrão amarelado surgiu na frente da câmera.

A pata atingiu o rosto de Abe e ouvi um estalido alto quando ele foi jogado pela porta do motorista.

Capítulo 21

Por um longo tempo – longo demais –, só consegui ficar sentado no banco do carona do jipe, como se minha bunda estivesse pregada no assento.

Fui acometido pela mesma aguilhada de medo que sentira ao sair pela primeira vez de um Black Hawk como paramédico das forças especiais do Exército na Batalha de Fallujah. Eu ficara parado na porta como um imbecil, incapaz de me mexer. “Certo, vamos lá. Vamos lá. Pronto, agora.” Paralisia. “Vamos lá”, continuei me instigando enquanto as balas cantavam ao redor da minha cabeça inerte e confusa.

Aja, seu asno, faça alguma coisa!, gritei mentalmente para mim mesmo.

A arma de Abe estava engatilhada no assento ao meu lado. Peguei-a e a apoiei na porta do motorista. O leão estava com Abe na boca, arrastando-o pelo colarinho da camisa.

A espingarda deu um coice forte no meu ombro quando atirei na cabeça do animal. Pulei do carro e corri os 5 metros até onde se esparramava o leão morto e Abe erguia-se trêmulo, com a cabeça sangrando. Meu único objetivo naquele momento era darmos o fora dali, para levar Abe a um médico.

Passei o braço dele pelos meus ombros e começamos a voltar para o jipe. Abe era maior e muito mais pesado que eu. Seguíamos em marcha lenta.

A cabeça dele sangrava tanto que eu nem conseguia saber onde eram os ferimentos. Coloquei-o no banco traseiro e estava tentando fazer uma atadura no estilo MacGyver com a camisa dele quando o jipe começou a balançar como um barco e quase capotou. Um leão tinha subido no capô e agia como um gato arranhando uma

poltrona. Espiou com curiosidade pelo para-brisa. Os olhos brilhavam de calor e de sangue.

Resolvi – se é que se pode falar assim – que o melhor lugar para ficar era debaixo do volante. Passei para o banco da frente, para mais perto do leão, mais ou menos como um pugilista se oferecendo para um golpe. Enfiei-me ali embaixo e me encolhi até ficar espremido entre o painel e o piso, agarrando a arma. Enquanto esperava minha vida terminar, me ocorreu que o Rover ainda estava funcionando. Empurrei o pedal do acelerador com a mão.

O motor rosnou, mas o carro não se moveu.

A marcha não estava engatada.

Empurrei a embreagem com o cotovelo e fiquei mexendo na alavanca de câmbio até ouvir um estalido. Soltei a embreagem e empurrei o acelerador com a outra mão.

O jipe deu um salto para trás. Eu tinha conseguido engatar a marcha a ré, mas por mim tudo bem: estávamos nos movendo. Pressionei o acelerador enlameado com a palma da mão e fiquei segurando, sentindo o jipe sacolejar e derrapar aleatoriamente, sem direção. Minha cabeça batia no volante e no batente de metal da porta. No capô, podia ouvir o leão rosnando, as garras batendo e arranhando o para-brisa.

Com o veículo ainda em movimento, saí um pouco da posição fetal para ver sua cabeça grande e pesada – parecia a antiga vinheta dos filmes da MGM – e virei o volante bruscamente para a esquerda. O leão rugiu ao escorregar, tentando se segurar, e caiu ao lado do carro, soltando um gemido quando o Rover o atingiu.

Logo depois o Rover decolou, voando de ré pelo barranco da margem do rio. Enquanto me preparava para o impacto, tive dois longos segundos de silêncio para refletir sobre a situação em que minha vida se encontrava, e naquele momento decidi que realmente não poderia culpar Natalie por ter me dado o fora. Aí nós batemos no chão.

Capítulo 22

Eu e Abe saímos voando quando o Rover se chocou de ré na margem do rio, a 3 metros abaixo da faixa de areia. Meu corpo desabou no leito lamacento e o jipe tombou ao meu lado, rangendo com um estertor de metal esmagado, plástico e vidro.

Levantei cambaleante, tirei a lama do rosto e me apalpei em busca de ferimentos. Senti escoriações pelo corpo todo, porém nada mais grave. O jipe ainda funcionava, o motor resfolegando, a traseira submersa na água barrenta. Uma das rodas traseiras girava inutilmente no lodo.

Abe não estava nada bem – talvez até morto. Uma de suas pernas estava presa embaixo do Rover, a cabeça toda torta, quase perpendicular ao corpo. Parecia que o pescoço tinha quebrado na queda. Ele não respirava.

Verifiquei a pulsação e não fiquei surpreso ao constatar que ela inexistia. Olhei para cima, para a margem do rio de onde tínhamos despencado. Os leões me fitavam, apenas suas cabeças visíveis. Um instante depois, eles começaram a descer.

Recuei para o rio. Havia um leão em particular – enorme, maior do que os outros, com uma juba avermelhada e um olho só. Era o que estava a fim de mim. Veio bem na minha direção.

Dei meia-volta e entrei ainda mais no rio. Usando toda a minha energia, nadei para o mais longe possível da margem, pela correnteza lenta e barrenta. Em época de estiagem, a água não estava fria nem era profunda, mas morna, rasa e suja. Fiquei na ponta dos pés só no meio do curso, a água logo abaixo da minha cabeça. Sacudi o cabelo, pisquei para tirá-la dos olhos, cuspi, fiquei olhando para a margem. O corpo de Abe estava rodeado por seis ou sete leões, as jubas roçando umas nas outras. Arranhando e cutucando como faziam animais menos majestosos. Mas o leão

maior passou ao lado do Rover e mergulhou na água atrás de mim, resfolegando loucamente enquanto nadava na minha direção.

Eu achava que estava a salvo. Mas não.

Leões odeiam água. Não são bons nadadores – seus corpos densos e musculosos não são feitos para isso. Podem nadar se for necessário, para vadear um rio durante a estação das chuvas, por exemplo, mas nunca ninguém ouviu falar de leões entrando na água atrás de uma presa.

Virei-me novamente e nadei até um banco de areia no meio do rio.

A dez passos da beirada da ilhota, vi uma caixa preta comprida flutuando na água, deslizando como um pedaço de madeira na correnteza preguiçosa. Nadei na direção dela, achando que pudesse usá-la como uma boia salva-vidas.

Era de fato salva-vidas: um dos estojos de armas que Abe havia trazido. Tirei-o da água e o pus debaixo do braço, me arrastando para a margem.

Cambaleante, ferido, cansado, consegui chegar à ilhota de junco e senti o aterro ceder sob meus pés pesados. Eu não tinha plano nenhum. Não conseguia nem pensar. Caí de joelhos na lama pantanosa como um pecador numa igreja, abri os fechos e retirei uma Mauser 98 de coronha achatada e ferrolho, uma máquina realmente cruel, com um cano do calibre de um tubo de esgoto.

O que Abe tinha dito mesmo?, pensei enquanto colocava a bandoleira no ombro e enchia o carregador até o limite. “Melhor ter e não precisar.”

Recuando lentamente na ilhota, apontei a arma para o gigantesco felino que nadava como um cachorro em minha direção. O leão saiu do rio muito perto de mim, se sacudindo, espirrando mil gotículas cintilantes de água da juba. Apontei a espingarda, mirei entre os olhos e apertei o gatilho. A coronha da arma atingiu meu ombro e o leão caiu como um saco de batatas, desabando na lama do rio. Perdoe-me, Sociedade Protetora dos Animais. Era uma linda criatura, mas também uma criatura muito grande que estava tentando me matar.

Olhei mais uma vez para a margem do rio. Vi, com assombro, os leões retirarem o corpo de Abe de debaixo do jipe e o puxarem ribanceira acima pela superfície arenosa.

Capítulo 23

Fiquei um longo tempo na beira da ilha, observando o local na margem oposta de onde os leões haviam carregado o corpo de Abe. Não achei que eles voltariam para me pegar, mas mantive a arma destravada no colo enquanto refletia sobre o que tinha acabado de acontecer, recuperando o fôlego e reunindo coragem.

Ao meu lado, o leão que eu acabara de abater estava de lado, afundando na lama mole, as patas traseiras no rio, o rabo flutuando, o sangue escurecendo o junco e escorrendo para as águas barrentas.

Estava na hora de avaliar a situação. Bem, Oz, aqui está o relatório: você está perdido, sozinho e sem suprimentos na savana africana. É uma situação que precisa ser abordada rapidamente. Mas, toda vez que tentava imaginar o que fazer a seguir, eu começava a divagar. Não conseguia deixar de pensar no que tinha acabado de acontecer.

Quanto mais pensava, menos sentido tinha aquilo tudo.

Leões são um exemplo categórico de mamífero social. A estrutura dos bandos, principalmente em caçadas em grupo, é uma das organizações mais bem-documentadas na zoologia. Quem caça são as leas. Leões machos solitários caçam, mas, em grupo, nunca.

Só que agora nada daquilo valia de alguma coisa. Eu nunca tinha ouvido falar de um grande grupo de leões caçando juntos, e muito menos presenciado nada parecido. Outra coisa: por que aqueles leões estavam transportando sua presa? E por que não havia fêmeas? Afinal, leas têm mais habilidade nesse quesito: seus corpos leves e ágeis são mais aptos para isso. Onde estavam as garotas? Eu não tinha visto uma leoa o dia inteiro.

Esse comportamento bizarro não era apenas curioso, mas estarrecedor. Aquelles animais estavam fazendo coisas que os leões

simplesmente não fazem. O que eu acabara de presenciar contradizia tudo que eu sabia sobre o comportamento desses grandes predadores. Por quê?

Isso sem falar que os leões quase nunca são perigosos para os humanos. Qual é o sentido de caçar um humano? Quase não temos carne no corpo. Parecia uma questão pessoal.

Fiquei de joelhos e joguei um pouco da água do rio no rosto. Eu teria que deixar minha confusão de lado, até me encontrar numa posição mais segura. No momento, precisava esquecer essa história. Ponderar sobre aquilo mais tarde. Tinha que fazer alguma coisa para resolver minha situação atual, e ponto final.

Ao ajeitar a espingarda no colo, senti um volume retangular no bolso da minha calça molhada. Era meu celular, que eu havia desbloqueado um dia antes para funcionar na África. Rá, rá. Sacudi o aparelho: bolhas flutuavam na tela e escorria água do compartimento da bateria. Não conseguiria pedir ajuda. De todo modo, eu não teria cobertura naquela remota savana. Com certeza, não.

Ao jogar o inútil dispositivo por cima do ombro, vi duas enormes corcovas cinzentas do tamanho de tambores de óleo diesel. Fiquei imóvel enquanto dois hipopótamos passavam nadando.

Hipopótamos são herbívoros, é claro, mas são enormes e se tornam muito agressivos quando sentem que seu território está sendo invadido, matando sem hesitar. Na verdade, estão entre os animais mais perigosos da África. Prendi a respiração até os dois malévolos rebocadores desaparecerem numa curva do canal.

Capítulo 24

Segurei a arma e os cartuchos acima da cabeça numa das mãos para manter tudo seco e voltei para o rio.

Saí perto do Land Rover capotado, com os olhos fixos no ponto da margem onde tinha visto os leões pela última vez. Meu único plano era voltar ao acampamento de safári onde eu e Abe tínhamos aterrissado e tentar bolar alguma coisa lá. Brilhante, não?

Remexi o veículo em busca das minhas coisas: eu tinha deixado a mala maior no acampamento e trazido uma pequena sacola de lona. Lá estava ela, enroscada na alavanca de câmbio quebrada. Soltei-a e joguei-a no ombro. Dando mais uma olhada no jipe, avistei algo estranho: uma luzinha vermelha brilhante na parte traseira, no chão. Abaixei-me para pegar minha *camcorder*. Eu havia me esquecido dela. Quer dizer, eu estivera muito ocupado na última hora. O aparelho estava sujo de lama, as lentes bem arranhadas, mas não só funcionava como continuava gravando.

Parei a gravação, rebobinei a fita e assisti à filmagem pelo visor. Depois do acidente, a câmera tinha ficado de lado na lama e, por acaso, gravara o resto do ataque. Os leões enchiam a tela, jubas revoltas e olhos candentes enquanto rodeavam o Rover. Era uma confusão de focinhos, narizes e garras.

Apesar das adversidades e da morte de Abe, eu me saíra vitorioso. Havia obtido o que viera procurar na África.

Lá estava a prova, em vídeo, de um comportamento animal inexplicável, hiperagressivo e aberrante.

As cenas eram incendiárias e tinham o poder de mudar o pensamento dominante. Era um coquetel molotov para jogar numa reunião festiva. A comunidade científica não poderia ignorar aquelas imagens. Nem seria capaz de explicá-las.

E nem seriam apenas os cientistas. Minhas maquinações estavam agora em ritmo acelerado. O mundo teria que acreditar – todos teriam que admitir que algum tipo de desastre ambiental de grandes proporções já estava ocorrendo.

Mas vamos à tarefa imediata, Oz: sobreviver por tempo suficiente para voltar com esta coisa para a civilização. Isso significa não ser devorado. Significa sair daqui mais ou menos agora.

Desliguei a bateria da câmera e guardei-a no estojo. Verifiquei o pente da Mauser: quatro balas. Má notícia.

Não tinha importância. Eu deveria dar um jeito. Aquilo era maior do que eu. Tinha que sair dali com aquela fita para que o mundo soubesse o que estava acontecendo. Fique firme, Oz. Vamos nessa.

Olhei para o céu: abutres aproximavam-se do solo em círculos. Na ilhota onde se encontrava o leão morto, um enxame de moscas já sobrevoava a carcaça, o som das asas reverberando no ar. Um casal de marabus avizinhou-se corajosamente do leão e disputava território com abutres africanos de costas brancas. Gotículas de sangue respingavam quando suas cabeças róseas e enrugadas subiam e desciam, os bicos arrancando delicados fiapos de tecido do corpo.

Ah, o ciclo da vida... Os rios fluem para o mar, mas o mar nunca enche, e assim por diante. A morte se torna um vale-refeição. A morte era o *modus operandi* ali na selva africana.

Agora eu precisava fazer alguma coisa para não me tornar parte desse ciclo regular e sincronizado: tinha que voltar para a humanidade com uma importante mensagem.

Capítulo 25

Voltando para a clareira de grama alta onde havíamos sido atacados, me abaixei e fiquei observando por algum tempo o outro Land Rover, estacionado embaixo do sabugueiro.

Fiquei ouvindo atentamente. Nada. O vento balançava a grama em movimentos ondulantes. Pássaros sobrevoavam em círculos num céu inclemente sem nuvens. Imaginei que fosse final da tarde. Fiquei pensando em voltar para ver se o jipe ainda funcionava. Será que as chaves ainda estavam na ignição? Não conseguia lembrar. Com todos aqueles leões saltando no meu pescoço, é claro que me esquecera de verificar. Apesar de estar um lindo dia, eu preferia dirigir a caminhar. Uma ampla faixa de terreno plano se estendia entre mim e o veículo, que parecia abandonado.

Mas talvez tudo estivesse calmo demais.

Por fim, decidi não arriscar. Era muito perigoso. Seria burrice ir na direção dos leões. Eles não estavam visíveis, mas isso não queria dizer nada. Poderiam estar voltando naquele momento. Eu precisava seguir em outra direção, a pé, rumo ao acampamento.

Tentei me manter o mais abaixado possível enquanto contornava a clareira. Encontrei as marcas de pneu do caminho por onde tínhamos vindo e comecei a andar até o acampamento do safári. Olhei, preocupado, para o sol, que começava a descer até as planícies de sal no horizonte. Em algumas horas estaria escuro. Isso não era nada bom.

O acampamento estava a apenas 8 quilômetros, mas eu me encontrava num zoológico sem jaulas, onde alguns animais pareciam ter enlouquecido.

O sol secou minha roupa e a deixou encrostada, mas voltei a me encharcar ao atravessar um vau. Eu estava exausto e com calor,

começando a sentir sede, mas preferi não tomar água, com medo de parasitas.

Andei mais ou menos uma hora antes de avistar o cais onde havíamos encontrado os botsuanos do outro lado de um campo gramado. Eles já tinham ido embora de canoa. Depois de quase ter sido comido, não os culpei por terem dado o fora. Eles sabiam quanto as coisas andavam erradas por ali. Como era importante sair dali enquanto ainda havia uma chance.

Tomei a direção do cais para ver se havia outra canoa. Foi quando percebi um movimento súbito nas árvores à direita. Apesar de não estar ventando, a impressão era que elas oscilavam, *ondulavam* levemente. Também pareciam meio brilhantes, como que oleosas.

Senti alguma coisa subir por meu tornozelo.

Era uma formiga. Não uma formiga qualquer. Era uma *Dorylus*: uma formiga nômade africana. Pelas mandíbulas maldosas, eu sabia que era um soldado. Algumas tribos até usam esses insetos para suturas improvisadas: se colocarmos uma em cada lado de um talho, o corte se fecha com suas mordidas potentes.

Eram elas que cobriam tudo – as árvores, a grama, a terra. Milhões e milhões de formigas africanas marchando pelo terreno em formação de colunas irregulares. Deviam chegar a pelo menos 1,5 quilômetro de comprimento por 1,80 metro de largura. Tinham o tamanho de dedinhos de bebê e cor de vinho tinto.

Tirei o bicho da perna e o esmaguei com a bota.

Olha, eu adoro animais, como qualquer biólogo. Mas não gosto de insetos. Não fazem o meu gênero. Meu subcórtex diz: *Eca, tire isso de mim*. Sempre soube que entomologia não era minha praia. E a *Dorylus* é um indivíduo especialmente desagradável.

A frenética coluna recobria duas massas escuras no terreno. Percebi que eram novilhos de búfalos-africanos. Meu palpite era que tinham atravessado o caminho das formigas e perecido. Já mortos, com a maior parte da pele esfolada, agora eram consumidos por um mar vivo de insetos.

A *Dorylus*, ou *siafu*, como é chamada pelos bantos, às vezes formam colônias de cinquenta ou sessenta milhões. Como um

exército forrageiro, elas vivem em marcha, atacando qualquer coisa com que entrem em contato, inclusive animais, até mesmo crianças. Em geral, a morte é por asfixia – o fluxo de insetos entra pela garganta da vítima. Estremeci ao observar o carpete preto brilhante e sinuoso se estendendo a distância; era realmente incrível.

Logo depois, dei meia-volta e fui para o rio.

Capítulo 26

Eu tinha acabado de voltar para a trilha quando ouvi um grito. Era difícil distinguir, em meio ao som do vento e da correnteza, mas definitivamente se tratava de um grito humano, vindo da direção do cais.

Parecia que eu não estava sozinho.

Ouvi o grito outra vez, e mais uma vez enquanto atravessava o terreno, longe das formigas. Achava que era uma mulher. Me lembrei das roupas ensanguentadas do massacre no acampamento e acelerei o passo.

Cheguei ao fim do cais e parei na margem do rio. Uma mulher morena agarrava-se a uma grande rocha no meio da água, equilibrando-se sobre os pés e as mãos. Que diabo ela fazia lá era um mistério. Usava uma calça cáqui, mas estava descalça, e sua roupa molhada grudava na pele.

Coloquei as mãos em concha ao redor da boca e gritei:

– Você consegue se mexer?

Pensando bem, foi uma pergunta estranha.

Ela olhou para mim, me vendo pela primeira vez. Por sua expressão, até parecia que nunca tinha visto um ser humano antes. Eu não sabia se a mulher falava inglês. Em seguida, ela deu outro grito, apontando rio acima, à minha direita.

Segui a direção indicada e vi o que pareceu uma lombada de lama acinzentada de 5 metros de comprimento sobre a superfície.

Mas não era lama. Aquela coisa tinha muitos dentes.

Era um crocodilo-do-nilo: a maior e mais agressiva espécie de crocodilo da África. Enquanto eu olhava, ele fez um movimento serpenteante com a potente cauda escamada e rugosa e começou a flutuar no meio da correnteza em direção ao rochedo. Não consegui

entender como a mulher tinha conseguido se meter naquela situação, mas me senti na obrigação de ajudá-la a sair dali.

Eu só tinha quatro balas. Faça bom uso delas, Oz.

Apoiei-me num joelho e alinhei a mira da Mauser com a cabeça do crocodilo. Equilibrei o cano no braço, preendi a respiração e puxei o gatilho.

A arma disparou com um coice forte no meu ombro e vi a água espirrar na frente do crocodilo. Eu tinha errado.

Apontei mais uma vez e dei mais dois tiros. Não ouve esguichos. Eu tinha acertado duas vezes o filho da mãe. Não consegui ver onde, mas ouvi as balas penetrando a carne.

Mas ele não morreu. Teria sido fácil demais. Tudo que fez foi se virar para mim com uma guinada rápida da cabeça do tamanho de uma prancha de surfe, como se alguém tivesse dado um tapinha no ombro dele.

Disparei mais um tiro e acertei o panaca bem no meio da cabeça. Aquilo resolveu a questão. Deu um olhar rápido por cima da superfície amarronzada antes de afundar de lado, de barriga para cima.

Olhei outra vez à direita: um segundo crocodilo vinha descendo a correnteza na nossa direção.

Só então vi os outros. Numa lagoa a certa distância rio acima, havia um grupo de pelo menos quatro, e outros três tomando banho de sol na margem. Não era de admirar que estivessem tão zangados: parecia que a mulher tinha invadido uma área de procriação.

Apontei para o crocodilo que se aproximava. Vinha na nossa direção como um tronco de árvore animado. Puxei o gatilho.

Para nada. Eu havia disparado a última bala, e a arma fez um clique na câmara vazia.

Capítulo 27

Os crocodilos singravam as águas em direção à mulher e eu estava na margem com uma espingarda descarregada. De repente, apareceu uma lampadinha em cima da minha cabeça e deixei a arma de lado.

Coloquei as mãos em concha na boca e gritei:

– Já volto!

Dei meia-volta e comecei a correr pelo campo de onde tinha vindo.

Tirei minha camisa molhada quando atravessei a grama marrom. Só para esclarecer: eu estava prestes a mergulhar sem camisa numa horda de formigas famintas. Passei por cima do tapete preto e cintilante, sentindo os insetos sendo esmagados sob minhas botas, e cheguei até o corpo de um dos novilhos mortos. Usei a camisa molhada para afastar as formigas dos cascos rígidos e mastigados, agarrei o cadáver pela pata e comecei a arrastá-lo em direção ao rio o mais rápido que podia.

As formigas enlouqueceram. Um enxame rubi começou a me seguir, clicando as mandíbulas. Pude ver a coluna mudar de rumo e escurecer quando milhões de insetos receberam novas ordens de marcha para lidar com o invasor. Vi a mensagem sendo divulgada pela colônia, passada de antena em antena pelo feromônio. A única vantagem que eu tinha eram minhas pernas compridas.

O novilho estava mais leve do que eu esperava, pois suas entranhas já tinham sido parcialmente devoradas pelas formigas, que agora subiam pelos meus braços. Eu tentava ao máximo me livrar delas. Já estava com dez ou quinze picadas latejando nos braços e no peito quando consegui voltar ao cais. Era como se eu tivesse sido grampeado várias vezes seguidas.

No momento em que cheguei à margem do rio, a longa e sinuosa coluna preta tinha ficado bem atrás de mim.

Dois crocodilos nadavam ao redor da mulher na pedra. Subi no cais de madeira, que rangeu com o peso do novilho.

– *Ei!* – gritei. – Hora da janta! Aqui!

Arremessei o novilho no rio, que espalhou a água barrenta como um garoto gordinho dando um mergulho na piscina.

Um dos crocodilos se virou ao ver a posta de carne flutuante. É melhor um pássaro na mão do que um em cima de uma rocha, ele deve ter pensado. Mas o outro continuou, fazendo um círculo lânguido ao redor da mulher.

Peguei a espingarda pelo cano e joguei no crocodilo. A coronha da arma caiu na água perto da sua cauda. Então, ele se virou também e seguiu na direção do novilho como seu colega, que agora atacava a presa. Formigas aturdidas pontilhavam a água ao redor, numa agitação frenética na superfície, enquanto os crocodilos dilaceravam a carcaça.

Corri pela margem até ficar mais perto da morena.

– Nade até mim! Agora você precisa nadar até aqui!

Ela balançou a cabeça e fechou os olhos, abraçando a pedra com mais força.

– Tudo bem. Você precisa fazer isso. Não tem muito tempo. É sua última chance!

A mulher ficou me encarando por um momento. Depois, olhou para os crocodilos, não muito distantes rio acima. Desceu até a água e começou a se afastar da rocha.

Ela não nadava muito bem. Tudo bem que as condições não eram ideais. Os braços açoitavam a água e os pés afundavam. Parecia que ia levar um dia inteiro para atravessar os 6 metros de águas plácidas até a margem.

– Vamos lá! Vamos lá! – instiguei, olhando dela para os crocodilos repetidamente.

Quase tive que conter o impulso de aplaudir quando a mulher enfim chegou à margem. Ela tropeçou ao tentar subir a ribanceira íngreme até a orla da clareira, caindo de joelhos na lama.

– Não, não! Você conseguiu. Vamos, segure a minha mão.

Eu estava deitado de bruços, com o braço esticado para ela. Foi quando senti a comichão de insetos subindo por minha perna descoberta.

– Depressa! *Depressa!*

As laterais do meu corpo já queimavam de dor.

A mulher agarrou minha mão e eu quase arranquei seu braço para erguê-la até a margem e levá-la para a clareira.

– Depressa! – gritei, puxando-a, enquanto corria e me estapeava com a mão livre.

As formigas estavam por toda parte. No pescoço, no cabelo, nas orelhas. Cuspi uma que tinha entrado na boca. O som que emiti sem querer foi o que eu poderia chamar de afeminado, como o grito de uma mulher em cima de uma cadeira apavorada com um camundongo.

Só parei de correr ao tropeçar nas marcas de pneu e me estatelar no chão. Livre da pulsante coluna de formigas, tirei a mochila das costas e rolei na terra como se estivesse pegando fogo, cuspendo e me estapeando. Havia formigas até dentro da cueca. Em pânico e com os dedos trêmulos, puxei os dois cadarços ao mesmo tempo e joguei minhas botas longe. Tirei a calça, choramingando, enquanto saltitava, agitando a calça como uma bandeira, as formigas voando das pernas como pedregulhos.

Depois, olhei dentro da cueca: era a verificação mais importante de todas. Barra limpa.

– Graças a Deus!

Já livre das formigas, enfiei os pés nas botas sem cadarço enquanto tentava pisar nas filhas da mãe que tentavam se dispersar.

– Sem as amigas vocês perdem a coragem, não é? – gritei, fazendo um espetáculo de matança. – Morram! Morram! Morram!

Quando as últimas formigas se afastaram, recuperei o fôlego e examinei os braços, as pernas, o peito e as costas. Minha pele estava coberta de bolhas, bolhas em cima de bolhas, todas vermelhas e suculentas como cerejas ao marasquino.

De repente, como que acordando de um sonho, me lembrei da mulher. Me virei e olhei para ela de perto pela primeira vez. Era um tipo mignon – pequena como uma criança, os ossos finos como os

de um passarinho. Mesmo coberta com a lama do rio, era inegavelmente atraente: pele cor de oliva, cabelo preto como piche salpicado de um grisalho prematuro, olhos castanhos expressivos e maçãs do rosto proeminentes.

– Você salvou a minha vida – disse ela em voz baixa.

Continuava olhando para alguma coisa a distância. Seu inglês tinha uma elegante cadência europeia, que imaginei ser um sotaque francês. Estava sentada, abraçada aos joelhos, oscilando o corpo para a frente e para trás. Com certeza ainda estava meio atônita, mas a mente começava a clarear.

Então, percebi que eu ainda estava sem calça. Bati com ela no chão para me livrar de alguma formiga perdida e a vesti por cima das botas. Verifiquei a câmera na mochila e sentei numa pedra para amarrar os sapatos.

– Você salvou a minha vida – repetiu ela, já mais lúcida.

– Na verdade – falei, pegando-a pela mão para erguê-la do chão –, eu ainda não acabei.

Capítulo 28

Percorremos quase correndo o resto do trajeto até o acampamento. Levamos pouco mais de uma hora. A mulher me seguiu em silêncio, ainda meio aérea. Já era fim de tarde e o crepúsculo vinha avançando; era o que os fotógrafos chamavam de “hora de ouro”. O sol poente africano agigantava-se acima do horizonte, parecendo uma bola de sangue em chamas. Os morcegos já tinham aparecido, revoando, voltejando e mergulhando para pegar insetos. O mundo começava a matraquear com os ruídos do crepúsculo.

– Encontre alguma roupa seca e se troque – falei, levando-a até a primeira tenda do acampamento. – Ainda não estamos fora de perigo. Vou precisar da sua ajuda para fazer uma barricada antes de escurecer.

Assim que a deixei, saí para procurar uma arma. Não encontrei nenhuma, nem nas tendas nem no depósito do contêiner. Em lugar algum.

Então, parti para o item seguinte na minha lista de prioridades. Fui até o bar e refeitório no meio do acampamento e rompi o lacre de uma garrafa de Glenlivet 12 anos – por razões medicinais. Despejei um pouco nos inchaços dos meus braços e pernas e tomei um gole.

Estava gotejando uísque pelas costas quando ouvi o inconfundível ronco murmurante de um avião. Graças a Deus. Corri até a estradinha que dava na pista de pouso e agitei os braços enquanto um monomotor zumbia baixo.

Em resposta, o avião fez um grande arco ao redor do acampamento e voltou na minha direção. Ao sobrevoar a área outra vez, algo caiu da janela e aterrou nos juncos ao lado da pista de pouso. Procurei no meio da vegetação e encontrei uma nota

enrolada numa pedra: “Fomos informados sobre a situação. Preciso verificar o acampamento mais acima no rio. Volto em vinte minutos.”

Voltei correndo para o bar. Talvez não estivéssemos mortos ainda, afinal.

Quando a mulher entrou trazendo uma sacola, eu já substituíra o Glenlivet por uma garrafa de Veuve Clicquot. Ela estava usando uma calça cáqui limpa e uma camisa polo desbotada, mas continuava toda arranhada, o cabelo desgrenhado, enlameada, molhada.

– Aquilo era um avião? – perguntou.

– Era – respondi de trás do balcão, tirando o arame ao redor da rolha da garrafa. – Eles nos viram e soltaram uma nota dizendo que vão voltar logo.

Com os polegares, empurrei a rolha, que espocou e bateu na parede de lona da tenda. A garrafa fumegou e uma espuma branca cascadeou pelos meus dedos como um vulcão de feira de ciências. Lambi o champanhe do pulso e tomei um gole.

– *Vive la* partida daqui a vinte minutos! – falei, passando-lhe a garrafa.

– Vinte minutos?! – perguntou ela, os olhos luzindo de pânico. – Mas precisamos sair daqui agora!

Olhei para as mãos dela: tremiam como vara verde. Pousei a garrafa no balcão e me aproximei.

– Está tudo bem. Nós vamos ser resgatados, Srta...

– Meu nome é Chloe. Chloe Tousignant.

Ela tombou para a frente, apoiando-se no balcão com uma das mãos. Parecia enjoada, o rosto pálido.

– Escute, Chloe – falei, levando-a até uma banqueteta.

Seus ombros tremiam. Tentei esfregá-los, mas os músculos estavam tão contraídos, tensos, que era como massagear um pedaço de madeira.

– Você passou por momentos infernais, mas agora está tudo bem. Eu garanto. Nada mais vai acontecer.

Ela não respondeu. E seu rosto não recuperou a cor natural.

– Vamos, Chloe. Preste atenção. Você quer conversar comigo? Quem é você? Estava com o safári que foi atacado? Você está de

férias?

– Não, eu não sou turista. Sou cientista. Ecologia populacional.
– Suas palavras saíram atropeladas com um toque de ressentimento. Mas falar pareceu ajudar um pouco. – Nosso grupo veio da École Polytechnique, de Paris.

Era uma grande instituição, uma espécie de MIT da França. As biólogas que eu havia conhecido não se assemelhavam a bailarinas; pareciam mais que usavam camisetas largas e botas de combate.

– Você viu alguém mais? – perguntou Chloe. – Eu estava com dois colegas, Jean Angone e Arthur Maxwell.

– Não, sinto muito. Você foi a única pessoa que encontrei, além de alguns cozinheiros botsuanos que me ameaçaram e ameaçaram o cara que me trouxe aqui. Ele morreu.

Ela balançou a cabeça, mordeu o lábio e encarou o chão com olhos vidrados.

– Por que você está aqui? – perguntei. – Algum estudo de campo?

– Sim. Estávamos colhendo dados sobre pássaros migratórios na reserva de caça de Moremi. Viemos aqui para o delta dois dias atrás. Os leões nos atacaram anteontem ao anoitecer. Pularam de uma árvore. O guia foi o primeiro a morrer, depois todo mundo fugiu. Não sei como consegui escapar. Atravessei um riacho e dormi em cima de uma árvore. Então, ouvi o seu jipe, desci e segui o som. No momento em que atravessava o rio, vi os crocodilos e subi naquela pedra, e fiquei lá esperando eles irem embora...

Fechou os olhos e soltou um suspiro trêmulo. Quando os abriu percebi que eu tinha me enganado. Chloe não era apenas bonita. Havia algo mais em sua expressão, austero e aristocrata. Ela era linda.

– E você, quem é? Um repórter americano? Um documentarista?

– Meu nome é Jackson Oz. Vim aqui tentar descobrir mais sobre o comportamento aberrante em leões. Soube que os leões de Botsuana estavam se comportando de forma estranha por um cara que eu conheço... bem, conhecia... Abe Bindix, que trabalha como guia de safáris aqui. Ou melhor, trabalhava. O irmão dele dirigia este

acampamento, mas não entrava em contato havia dias, então viemos ver o que estava acontecendo. Estávamos procurando as pessoas quando os leões atacaram. Consegui escapar, mas Abe morreu. Eu não pude fazer nada.

Antes que eu percebesse, Chloe tomou minha mão. Inclinou-se para a frente e me deu um beijo de leve nas duas bochechas.

– Muito obrigada pelo que você fez – falou, começando a chorar, ainda segurando minha mão. – Eu estava tão cansada. Desesperada. Se você não tivesse aparecido naquela hora, não sei se... não sei se teria sobrevivido.

– Bom, agora você está aqui.

Então, me peguei querendo sentir os lábios dela roçarem meu rosto mais uma vez. Apertei a mão dela, peguei a garrafa de champanhe do balcão e lhe ofereci.

– Você conseguiu. Nós dois sobrevivemos.

– Então você não é um documentarista. Quem... Quer dizer, o que você faz?

– Na verdade, eu também sou um cientista. Biólogo.

– Da Universidade de Colúmbia?

– Sim. Como você sabe?

Ela tomou um gole do champanhe.

– Estava escrito na sua cueca.

Capítulo 29

– Jackson Oz, Universidade de Colúmbia – disse Chloe. Para minha grande irritação, senti o rosto ficar vermelho. – Achei que soubesse o nome de todo mundo da Colúmbia. Você conhece... ahn... – Pôs um dedo nos lábios finos e olhou para cima, tentando lembrar o nome. – Michael Shrift?

– Mike foi meu orientador.

– Ah, então você é... estudante?

Eu gostava do sotaque dela. De alguma forma, essa mulher era sensual até confusa.

– Bom, na verdade eu desisti.

Ela me deu um olhar de soslaio, com o desconfiômetro ligado.

– Desistiu? Ahn... deixe-me adivinhar. Você tem um blog?

– Tenho! – respondi, todo contente. – Você lê o meu blog?

– Não – negou, tomando mais um gole. – Foi só um palpite.

Mas vou começar a ler. Já que você salvou a minha vida.

Não gostei do leve tom de sarcasmo. Quando as coisas não estão boas para o seu lado, é melhor ir para outro assunto.

– Sobre o que era o seu estudo populacional?

– Houve uma grande mudança em algumas populações de pássaros migratórios nos últimos anos – explicou Chloe, trocando a garrafa de mão e examinando o rótulo. – Uma mudança muito rápida. Não sabemos por quê.

– E o que isso significa? Que os pássaros estão morrendo?

– Não – respondeu Chloe, descascando o rótulo com a unha do polegar. – Exatamente o contrário. As populações estão aumentando em taxas incríveis. Exponencialmente. É muito, muito estranho.

Pensei um pouco sobre aquilo. Assim como os sapos, os pássaros costumam ser bons indicadores de espécies: animais cuja estabilidade populacional é diretamente proporcional à estabilidade

de um ecossistema. Mudanças no ambiente afetam esse equilíbrio rapidamente. Teria a ver com o CAH?

– Os pássaros que fazem ninhos em árvores? – perguntei, erguendo uma sobrancelha.

– Sim, e os que fazem ninhos no chão e em arbustos também. É um fenômeno tão sem precedentes que muita gente na faculdade de Paris se recusa a acreditar. Foi por isso que eu e meus colegas viemos aqui. Para coletar dados. Acho que está acontecendo algo muito errado com o meio ambiente.

– Eu também acho – concordei, agora falando mais depressa, me entusiasmando. – Não só com os pássaros. Houve um grande aumento de ataques de animais a seres humanos nos últimos três anos. O incidente dos leões que mataram os seus amigos e o meu não foi isolado. Os leões desta região, por exemplo, piraram. E outras espécies também. Acho que algo terrivelmente errado no ambiente está mudando o comportamento deles.

Eu me virei para pegar a câmera na mochila e a coloquei no balcão.

– Olhe. Isso aconteceu hoje à tarde.

Ao ver as cenas, ela não conseguiu esconder o choque.

– Oh, meu Deus! Isso não pode estar certo. Eu estava tão preocupada em correr para me salvar que nem percebi. Os leões eram todos machos? Como é possível? Isso nunca aconteceu antes.

Chloe balançou a cabeça e me encarou com olhos arregalados.

– Você precisa mostrar esse vídeo, Jackson. As pessoas precisam ver isso.

– Elas vão ver, Chloe. – Começamos a ouvir o ronco baixo do motor de um avião a distância. – E me chame de Oz, por favor.

Capítulo 30

Seis horas depois, usando meus melhores sapatos e coçando uma picada vermelho-vivo atrás da orelha, subi as escadas traseiras do Riley's – o maior hotel de Maun e, até onde sei, o único.

Deixei minha bagagem ao lado do desgastado parapeito de estanho do bar externo do hotel e olhei ao redor à procura de Chloe. Eu ficara de encontrá-la para um drinque rápido antes de partir de Botsuana num voo à meia-noite.

Demorei a reconhecê-la falando ao celular, sentada ao balcão, a bagagem amontoada perto dos pés. Quando saímos da selva algumas horas antes, estávamos tão mordidos, ensanguentados e sujos que parecíamos estátuas de barro. Mas agora, num vestido amarelo-claro e os cabelos ainda úmidos do banho, Chloe estava deslumbrante.

Fiquei chocado ao perceber quanto me animei por vê-la. Além de seus dotes óbvios, eu não conseguia deixar de admirar a resistência, a determinação firme de viver que essa mulher tão delicada tinha demonstrado ao sobreviver às agruras por que passara nos últimos dias. Conhecer Chloe foi uma das poucas coisas boas daquela situação toda. Além das cenas que eu gravara.

Já era tarde, e não havia quase ninguém no bar: um grupo de turistas em silêncio num canto, dois bêbados mal-humorados a uma mesa e um pianista num meia cauda tirando notas que ressoavam em um chafariz no meio do salão. Sua cuia de mármore era iluminada por baixo e a água irradiava veios de uma luz azul-esverdeada.

Desviei o olhar de Chloe quando um homem ruivo, alto e magro entrou no bar. Era Robinson van der Hulst, sócio de Abraham, o piloto que nos encontrara e nos resgatara da selva.

– Quais são as novidades, Robinson? – perguntei, apertando-lhe a mão. – As autoridades estão recolhendo os leões para autópsias?

Robinson balançou a cabeça, contrariado, olhando por cima do ombro.

– Os guardas-florestais do governo estão tão ocupados que nem vão me ajudar a recuperar os corpos. Tem muita coisa acontecendo, Oz, e nada de bom. Por exemplo, o ataque a vocês não foi o único de hoje.

Robinson espiou por cima do ombro de novo.

– O delta todo está um caos, cara. Outros dois acampamentos foram atacados por leões e mais dois já estão há doze horas sem contato por rádio.

Pisquei os olhos ante as notícias. A crise animal de que eu vinha tentando convencer as pessoas havia anos parecia ter chegado com força total no mesmo dia.

– Ouvi dizer até que o maior acampamento do delta, o Éden, foi atacado por chacais, imagine só.

– Chacais?

Os fatos implausíveis continuavam se acumulando. Chacais são basicamente coiotes e ocupam o mesmo nicho no ecossistema. Mas é muito raro que ataquem um bebê, por exemplo; quando isso acontece, o fato logo vira notícia. E eles *nunca* se voltam contra adultos humanos. Ataques de chacais são tão incomuns que nem existem dados a respeito. Cães silvestres, lobos, dingos e outros animais do gênero até investem contra pessoas de vez em quando, mas, ainda assim, isso em geral só ocorre porque o animal está com hidrofobia.

Esse pensamento me deu outro estalo.

– Escute... Você acha que esses ataques podem estar relacionados com algum vírus? Como um surto maciço de raiva? Robinson, você vai ter que falar com as autoridades de novo. Que droga, você precisa *contar* para eles. Os corpos dos leões, dos chacais, todos esses animais precisam ser recolhidos e estudados. Precisamos fazer autópsias, testes antirrábicos... para ontem.

– Você não entendeu, Oz – disse Robinson, balançando a cabeça. – As autoridades daqui não são cientistas. São políticos.

Aqui na África, isso significa que são bandidos. Pode acreditar: neste momento, eles não querem ouvir nada. Deve haver umas cem pessoas desaparecidas e eles entraram em pânico. Já ouvi dizer que vão emitir uma ordem de evacuação para todo o delta e que o Exército já está a caminho.

No mesmo instante, vimos uma picape passar roncando ao lado do hotel e parar com uma freada brusca e guinchante. O fumegante motor a diesel martelava e soltava estampidos. Um africano de meia-idade, com uma impecável camisa de linho branco bem passada, saltou do lado do carona e andou até o bar. A cabeça dele tinha mais ou menos o tamanho e o formato de uma bola de basquete. Dois jovens soldados portando AK-47 saltaram da traseira e se enfileiraram atrás. Imediatamente uma tensão palpável caiu sobre o bar. Os dois bêbados na mesa ao lado pararam de conversar.

– Esse é o superintendente assistente Mokgwathi – cochichou Robinson para mim. – O policial mais graduado de Maun. O que aconteceu agora?

O pianista parou de tocar, o vácuo do silêncio mais pronunciado que a música. O chafariz chiava, os copos retiniam atrás do balcão.

– Preciso falar com um tal de Sr. Oz – disse Mokgwathi no meio do salão com um sotaque africano grave e musical. – Sr. Jackson Oz.

Minhas pernas bambearam. Eu já ia me adiantar quando Robinson apertou meu ombro e me manteve no lugar. Os olhos de Chloe se dirigiram para mim e logo se desviaram. Robinson me segurou firme até o policial girar nos calcanhares e sair do bar, sem obter qualquer resposta a não ser olhares vagos.

– O que houve? – indaguei. – Por que eles estão me procurando?

– Você já está com a sua passagem? – perguntou Robinson.

Fiz que sim com a cabeça.

– Ótimo – comentou ele, pegando minhas malas e apontando com a cabeça em direção à rua. – Meu carro está na esquina. Chegou a hora de levar você até o aeroporto.

– Não estou entendendo.

– Alguém no hotel deve ter visto sua câmera e alertado a polícia. O turismo é um grande negócio, cara. Um dos únicos

negócios aqui. Se ficarem sabendo que os animais estão pirando e matando turistas, vai ser ruim para o PIB, certo? E é perigoso para você.

– O que é perigoso? – perguntou Chloe.

Ela tinha assistido ao episódio bebendo um drinque ao balcão e agora estava ao nosso lado com a própria bagagem.

– Eu conto no caminho para o aeroporto – respondi, ajudando com as malas, enquanto a conduzia na direção da porta.

Capítulo 31

Na sala de espera da Air Botswana, todos os lugares estavam ocupados. O terminal estava abarrotado, cheio de turistas partindo dos acampamentos de safári evacuados.

O ar fremia de medo e nervosismo. Os turistas pareciam confusos e assustados, mas fiquei contente ao ver que muitos enviavam mensagens de texto ou falavam aos celulares. Como o governo ameaçava acobertar tudo, eu esperava que as notícias sobre essa loucura vazassem para a imprensa.

Precisei insistir um tanto, bem como passar uma nota dobrada de 100 dólares, e depois mais uma, a fim de arranjar um lugar para Chloe no voo da meia-noite a Johannesburgo. De lá, tomaríamos caminhos separados. Eu iria para os Estados Unidos – de preferência, para uma entrevista coletiva em que mostraria o vídeo com os leões. Chloe precisava voltar a Paris.

Fiquei contente por ter deixado a *camcorder* com Robinson quando os funcionários do aeroporto me tiraram da fila de segurança para uma revista mais acurada. Respirei aliviado no momento em que os inspetores me devolveram as malas e me dispensaram. Não perceberam a fita DVR que eu tinha escondido na cueca, presa com fita crepe entre as coxas. Não houve revistas corporais, graças a Deus.

Já perto da vidraça do setor de embarque, observando a pista de decolagem, senti o estômago pesar ao ver pousar ruidosamente o que pareceu um avião de carga militar. Era grande e marrom, com uma hélice no nariz. Será que as Forças Armadas de Botsuana eram mesmo loucas o bastante para tentar colocar tudo em quarentena? Eu não queria estar ali para descobrir.

A situação mudava diante dos meus olhos, percebi. Fosse o que fosse aquele fenômeno, estava se alastrando, se intensificando, se

impondo. A sensação nervosa da iminência de uma crise pairava no ar, como o clima antes de um furacão.

Mas eu estava convencido de que o CAH não era um problema local. Era global. Os governos e as Forças Armadas já tinham bastante dificuldade para lidar com um problema de larga escala de cada vez. Como conseguiriam ajudar todo mundo em todos os lugares simultaneamente? A crise ia exigir um esforço de cooperação sem precedentes. E eu ainda não via nenhum empenho nesse sentido.

– Então você acha que tudo isso é verdade, Oz? – perguntou Chloe, os olhos fixos na vidraça. Na pista de pouso, soldados jorravam do avião, lembrando a chegada do cavalo de Troia. – No mundo inteiro, os animais de repente estão atacando os humanos sem nenhuma razão? Mas não atacam os outros animais? Quer dizer... como é possível? Por quê? Por que agora? Parece... uma maluquice completa.

– Não sei como nem por quê, Chloe. Só sei que a população de pássaros não costuma dobrar em poucos anos e que leões não mudam seus comportamentos de caça de repente, de forma radical e inexplicável. Alguma coisa muito estranha está acontecendo.

O celular descartável que eu tinha comprado em Maun naquele dia tocou enquanto estávamos na fila de embarque. Era uma mensagem de voz de Gail Quinn, uma ex-professora minha na Colúmbia. Ela havia mexido os pauzinhos e me arranjara um encontro para falar sobre o CAH com Nate Gardner, um importante senador de Nova York.

– Quem era? – perguntou Chloe quando desliguei, sorrindo. Estávamos no pequeno avião de passageiros, encurvados sob o teto baixo.

– Boas notícias. Tenho uma reunião marcada com um dos mais destacados líderes do Congresso sobre esse assunto. Com o vídeo, talvez eu tenha uma boa chance de fazer o governo dos Estados Unidos ajudar.

Ao organizar minhas sacolas no bagageiro, fui acometido por um pensamento desolador: e se o senador Gardner reagisse como Chloe no início? Eu tinha saído da Colúmbia antes de concluir o

doutorado e ele poderia pensar que eu era apenas um blogueiro alopado disseminando conspirações pela internet entre as sonecas no sofá da casa da minha mãe. Às vezes eu me esqueço de me distanciar e ver quanto posso parecer excêntrico.

– Ei, eu acabei de ter uma ideia maluca – falei, sentando ao lado de Chloe. – Porque eu sou maluco. Eu sei que você tem muito a fazer depois de tudo isso, mas você viria comigo para os Estados Unidos?

– O quê?! Ir com você para os Estados Unidos?

– Tem razão – concordei, olhando para a frente. – Como eu disse, é muito louco. Esqueça.

– Não, espere. Mas por quê? Por que você quer que eu vá?

– Bem, uma das razões são suas credenciais. Sua graduação. A École Polytechnique. Você tem credibilidade. Melhor ainda, é uma especialista europeia com credibilidade, que viu e vivenciou as mesmas coisas que eu. Minha preocupação é o senador reagir da mesma forma que você. Achando que sou um pirado. Provavelmente vai olhar para mim como se eu estivesse usando um chapéu de papel-alumínio. Mas, se você estivesse comigo...

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Por favor, não se preocupe – continuei –, eu vou dar um jeito.

Peguei o celular e fingi mexer nele. Com minha visão periférica, percebi que ela me observava, franzindo o nariz aquilino.

Chloe se recostou no assento e soltou um longo suspiro.

– Eu não tenho escolha – falou quando o avião começou a taxiar. – Está acontecendo algum tipo de desastre ambiental. Que espécie de bióloga eu seria se não fizesse mesmo o possível para resolver isso? Além do mais, você salvou a minha vida. Eu lhe devo um favor. Então eu vou. Mas com uma condição.

– Qualquer coisa.

– Eu odeio voar. Posso... ahn... segurar sua mão enquanto decolamos?

Abri um sorriso e peguei a mão dela.

– Fique à vontade.

Capítulo 32

O metrô da Broadway passa matraqueando pelos trilhos elevados quando Natalie Shaw se aproxima da porta do prédio de Oz.

Passa um pouco das cinco da madrugada e ainda está escuro, embora já comece a amanhecer. As ruas do Harlem ainda estão vazias, com as portas de aço baixadas. Quem disse que Nova York é a cidade que nunca dorme?, pensa Natalie, suada, em meio ao ar já quente do verão. Ela boceja enquanto entra no decrépito saguão do edifício. Morta de sono, parou ali a caminho de casa, vinda do hospital, após um plantão de trinta horas.

Cambaleando pela escadaria estreita, ainda não sabe bem por que está fazendo aquilo. Já rompeu com Oz por e-mail e o instruiu a encontrar outra pessoa para cuidar de Attila. Talvez esteja ali porque ele não lhe respondeu. Por mais que isso a incomode, não para de pensar que Oz pode não ter recebido a mensagem, logo Attila estaria passando fome ou coisa parecida.

Ao se aproximar do apartamento, não demora muito para descobrir que esse não é o caso. Começa a ouvir Attila ainda no terceiro andar. Meu Deus, só de chegar ao patamar do quinto, já sente o cheiro do pestinha. Fica surpresa com o fato de os vizinhos não terem exigido a expulsão do macaco.

Mas ela o aguentou muito tempo, não foi? Eu faria tudo por amor, pensa, mas não isso. Desviar-se do caminho de casa depois de um plantão de trinta horas para limpar cocô de chimpanzé? Bem, parece que é o que vai acontecer. Só que não é por amor; eu já desmanchei com o panaca. Tudo por causa de um maldito chimpanzé – você é uma trouxa.

Só entrar e sair, pensa, pegando a chave de Oz no bolso do jaleco turquesa do hospital. Cinco minutos. Alimentar o macaco, limpar o macaco – talvez – e se mandar logo dali.

Attila fica doido quando ela entra. Natalie faz uma careta ao se aproximar e o macaco começa a gritar. É um guincho estridente, como de unha raspando na lousa, *CRRIIIIII*, perfurando seus tímpanos.

– O prazer é meu, babaca – diz Natalie, destravando a porta da gaiola. – Você é tão feio que é capaz de assustar o maquinista de um trem de carga e descarrilá-lo, sabia? Enfim, sorte a sua eu estar aqui para limpar o cocô.

Ensaca as luvas de borracha com os dejetos antes de voltar com a comida. Tangerinas, uma pilha de biscoitos recheados de figo e meio quilo de rosbife do mercadinho. Sem falar no maldito suco de maçã com as vitaminas e o Zoloft esmagados. Tudo numa bandeja. É uma surpresa não ser de prata. Oz dá mais atenção àquele chimpanzé do que a ela.

– *Bon appétit, monsieur.* – Natalie posiciona a bandeja e trava a porta de novo. – O desjejum está na mesa. Cuidado para não se engasgar.

Já está com a mão na maçaneta quando ouve um baque alto vindo de onde Attila está.

– Ai, o que foi agora?

Volta correndo para o quarto de Attila. Estanca na soleira da porta.

Attila está deitado na gaiola, a comida espalhada ao redor. De bruços, as mãos embaixo do peito. Não se mexe.

Mas que diabo? Será que teve um ataque cardíaco ou coisa do tipo? Era só o que faltava, pensa, destravando a porta. Só falta essa coisa morrer antes de Oz voltar.

Estende as mãos, mexe com ele, tenta desvirá-lo. Attila rola e esfrega merda no jaleco de Natalie. Depois, grita e espalha o excremento por seu peito e sua calça e pula para o canto do quarto, ofegante, uivando *CRRIIIIIIAAAAH!*

Natalie se recupera, examinando-se, enojada.

– Seu canalha filho da mãe!

Attila para de gritar. Fecha a boca e, com seus olhos castanhos expressivos, encara-a com uma expressão fria e enigmática que a faz recuar lentamente.

Capítulo 33

Uma luz quente e ofuscante passa pelas grades da gaiola de Attila, que está deitado, imóvel, no atulhado chão do seu quarto, sozinho outra vez.

Lentamente, ele se levanta e anda pelo corredor na direção do quarto de Oz. Abre as gavetas da cômoda. Depois de jogar tudo no chão, ataca o armário, guinchando e grunhindo, enquanto espalha jeans e camisas pelo lugar.

Em seguida, mija em cima de tudo. Ensopa as roupas e segue para a cama, mirando o jato amarelado no travesseiro.

Então, pega o gorro vermelho do cabide e anda de quatro pelo corredor que dá no banheiro. Os parafusos que fixam a pia na parede rangem quando Attila sobe nela.

Fita seu reflexo no espelho e põe o chapéu na cabeça num ângulo engraçado. Agacha-se na beira da pia, os dedos opostos segurando na borda, olhando para si mesmo.

Attila mantém a expressão vazia, tenso e imóvel, encarando os próprios olhos castanhos vidrados; a cara parece uma máscara de borracha. Ele está confuso, ficando cada vez mais agitado. Algo estranho e terrível mexe com seu espírito. Sente-se alienado do próprio reflexo.

No momento em que Natalie chegou, Attila detectou um aroma estranho, perturbador: uma mistura do damasco do xampu com o mentolado do desodorante, e até o odor levemente acre do esmalte dos dedos do pé. Havia algo de nauseante, ruim e doentio nessa combinação. Todos aqueles cheiros imundos misturados com o pior de todos – o dela, da ojeriza que sentia por ele, do seu nojo. Tinha sentido isso. O cheiro de seu desprezo.

Por isso a enganou.

Attila volta para a gaiola. Em um canto, pega o que parece um tablet de brinquedo. É um Sistema de Comunicação por Troca de Figuras, um aparelho falante com touch screen, projetado para ajudar no ensino de crianças autistas, que Oz utilizou em seus experimentos com Attila.

A tela mostra fileiras de imagens, coisas que Attila podia desejar, como bananas, amendoins, bolas e bonecos. Também distribuídas pelas colunas há imagens de rostos mostrando diversas expressões.

Por diversas vezes, Attila toca na imagem que o representa e, em seguida, no rosto no canto inferior direito.

“Attila *bravo!*”, diz a voz chilreada e computadorizada de mulher para o apartamento vazio. “Attila *bravo!*”

LIVRO TRÊS

LAR, DOCE LAR

Capítulo 34

De Maun a Johannesburgo, de Johannesburgo a Nova York, de Nova York a Washington. O zumbido do trem de pouso e o solavanco das rodas na pista me acordaram no momento em que aterrissamos no Reagan National Airport.

Enquanto percorríamos a pista, olhei pela janela e vi o majestoso cartaz de boas-vindas do obelisco cor de marfim do Monumento a Washington do outro lado do rio Potomac. Lembrei que, quando era garoto, viera com meu pai de trem de Nova York a Washington para conhecer a cidade. Visitamos o Memorial de Lincoln, jogamos moedas no cintilante espelho d'água. Tudo parecia muito sólido na época. Muito seguro e racional.

Peguei a fita DVR que mostrava o ataque dos leões na bolsa do encosto dianteiro e guardei-a no bolso da camisa.

Liguei o iPhone que tinha comprado no aeroporto: minha caixa de entrada estava abarrotada de e-mails e havia dezenove mensagens de voz. Durante a escala em Johannesburgo, eu entrara em contato com todos os cientistas que conseguira lembrar que pudessem ter algum interesse no CAH.

Lancei um bat-sinal pelo mundo todo, conseguindo marcar uma reunião de última hora com diversos aliados antes do meu encontro com o senador Gardner. Era nossa primeira oportunidade de fazer com que o CAH fosse levado a sério e eu queria dar uma repassada geral em tudo uma última vez para ter certeza de que meu relato seria coerente.

Olhei para Chloe ao meu lado, dormindo tranquilamente com a cabeça encostada em meu braço.

Dava para entender muito bem por que estava exausta. Quase não paramos de falar em nossa viagem transcontinental para os Estados Unidos, explorando todas as possibilidades do CAH. Fiquei

um pouco espantado por termos entrado tão rápido em assuntos mais pessoais. Nossas infâncias, famílias, o tipo de coisa que realmente importa.

Chloe perdera a mãe aos 5 anos. O pai era um militar de carreira, oficial da Legião Estrangeira da França, que costumava deixar a filha na isolada fazenda de gado dos avós em Auvergne. O avô, um engenheiro civil aposentado que virara fazendeiro, abria os olhos dela para as maravilhas do mundo natural: agricultura, jardinagem e, principalmente, zoologia.

Enquanto o avião se aproximava do terminal, Chloe acordou e, ao me ver olhando para ela, endireitou-se e esfregou os olhos.

– Desculpe – falou.

– Não tem por que se desculpar – respondi, desafivelando o cinto de segurança.

Quando saímos do avião, parei em frente a uma televisão.

– O que é isso? – perguntou Chloe.

– Não sei. Esperava que a CNN desse alguma coisa sobre os ataques de animais em Botsuana.

A notícia era sobre uma loucura, de fato. Mas não a nossa. Uma garota com a cabeça raspada, alguma cantora pop, atacava um carro com um guarda-chuva quebrado enquanto uma dúzia de paparazzi registrava cada movimento.

KITTY KATRINA RASPA A CABEÇA E AGRIDE PAPARAZZI. SERÁ QUE KIT KAT CHEGOU AO FUNDO DO POÇO?, estampava o letreiro na parte inferior da tela.

– Quem é Kitty Katrina? – indagou Chloe, olhando para a tela, confusa.

Dei de ombros.

– Bem-vinda à América.

Capítulo 35

O Hotel Rockford, onde seria nossa reunião, ficava numa região decadente e meio perigosa do sudeste de Washington, do outro lado do Buzzard Point.

Alugamos quartos separados e deixamos nossas coisas. Tomei um banho e usei o breve momento de paz e solidão antes da reunião para entrar em contato com Natalie. Era o começo da tarde de uma quarta-feira, logo eu tinha quase certeza de que ela não estava no trabalho. Depois de vários toques, a ligação caiu na caixa postal.

“Você ligou para a caixa postal de...”, disse a gravação. Após uma pausa, soou uma voz melodiosa e metálica: “Natalie Shaw”. Então, a voz continuou: “Por favor, deixe o seu recado após o sinal.”

– Oi, Natalie – falei para o vazio, olhando para o Potomac pela janela do hotel. – Já voltei. Li o seu e-mail. Só queria conversar sobre umas coisas. No momento estou em Washington, mas espero voltar a Nova York amanhã. Me informe sobre o que está acontecendo.

Na verdade, eu estava preocupado com Attila. Já fazia quase uma semana desde que havíamos nos separado. Também não tivera notícias da Sra. Abreu. Esperava que estivesse tudo bem.

Eu tinha um trabalho a fazer.

– Tem certeza de que estamos no lugar certo? – perguntou Chloe quando entramos no surrado saguão do hotel. O carpete era um crime de tão feio: manchado e desgastado nos trechos onde as pessoas mais andavam.

Uma multidão vagava ao redor de uma mesa cheia de salgadinhos baratos, jarras de água e bules de café. Era um mar de flanela, óculos e barba atacando uma boca-livre com o mesmo entusiasmo dos abutres que eu tinha visto no delta do Okavango.

– Pode acreditar – respondi. – Nós estamos no lugar certo.

Passamos por um sujeito jovem e branco, magricela, com intensos olhos azuis e sobrancelhas louras quase invisíveis. Usava um moletom vermelho e um gorro branco, concentradíssimo no oráculo bruxuleante que era seu iPad. Ao nos avistar, pulou da cadeira e me deu um soquinho desajeitado.

– Chegou a sua hora, Ozzle.

– Dr. Strauss, obrigado por ter vindo. – Apresentei-lhe Chloe e acrescentei: – Eberhard Strauss acaba de ser indicado para a cadeira de microbiologia da Universidade de Bonn.

Eu e Chloe continuamos andando.

– Está vendo por que eu preciso de você? – falei, indicando com um gesto para os viciados em *World of Warcraft* desfilando por lá. – Esses caras são todos geniais, mas, como pode ver, RP não é o ponto forte deles. Por isso é tão importante que você esteja comigo.

– E eu que achava que você me queria pela minha inteligência – comentou Chloe, sorrindo.

– Me dê essa fita, Oz – disse um homem com cara de criança, vestido como se estivesse indo a um rodeio. – Está tudo pronto para o audiovisual.

Os ombros dele estavam erguidos, quase tocando as orelhas, e os braços compridos pendiam rígidos ao lado do corpo. Chegou mais perto e fungou ruidosamente o cabelo de Chloe.

– Seu cabelo tem um cheiro bom – falou um pouco alto demais; sua voz parecia computadorizada e carregava um sotaque de Oklahoma, como se o robô de *O planeta proibido* tivesse sido criado num romance de Steinbeck.

– Jonathan, obrigado, cara. A fita é esta aqui.

Entreguei-a e segui adiante com Chloe.

– Não ligue para ele. Esse é Jonathan Moore, um gênio autista, um dos melhores engenheiros agrícolas do mundo. Muito famoso em comunicação com animais. Foi um dos meus primeiros contatos quando comecei a pesquisa do CAH. Ele me ajudou a trabalhar com o Attila.

Eu tinha corrido o risco, falando com Chloe a respeito de Attila durante o voo. Cheguei até a mostrar fotos dele que estavam na

minha minha carteira. Ela elogiou minha coragem de resgatá-lo.
Pareceu levar aquilo numa boa. Vai entender.

Capítulo 36

Alguns minutos depois, eu estava no palco, dando batidinhas no microfone do púlpito. O retorno guinchou e se estabilizou. Os murmúrios do salão silenciaram e todos os rostos se viraram na minha direção.

– Sem muitas delongas, pessoal – comecei, meneando a cabeça para Jonathan, que fez o sinal de positivo junto ao projetor. – É isso que está acontecendo na África. O vídeo fala por si mesmo. Fiz essa gravação dois dias atrás no delta do Okavango, em Botsuana.

Recuei para a escuridão a fim de observar a plateia. Fiquei contente ao ver que estavam espantados. Quando as cabeças dos leões machos apareceram em cena, as pessoas começaram a sussurrar. Eram todos sujeitos muito inteligentes e eu definitivamente havia chamado a atenção deles.

Jonathan acendeu de novo as luzes e o burburinho se transformou numa cacofonia a todo volume: eram quarenta pessoas, cada uma tentando falar mais alto que as outras.

– Calma, pessoal! – gritei em meio à confusão, acenando com meu tablet na mão e me aproximando do microfone. – Minha reunião com o senador é daqui a poucas horas. A primeira pergunta dele vai ser: por que isso está acontecendo? Nós não só temos provas desse inexplicável comportamento hiperagressivo em leões como também de uma alteração sem precedentes dos hábitos sociais deles. Precisamos estabelecer algumas teorias de trabalho.

– O que pode ser isso, Oz? – perguntou Gail Quinn, minha ex-professora de biologia evolutiva. – Como isso pode ter acontecido de um dia para outro?

– Não sei, Gail. Foi por isso que chamei vocês todos aqui, para tentar me ajudar a descobrir. Meu melhor palpite até agora é que pode ser algum tipo de nova zona adaptativa radical. Talvez uma

alteração dramática no ambiente, que por alguma razão não conseguimos ainda compreender.

– Mas qual aspecto do ambiente estaria mudando? – indagou alguém.

– Aposto em algum agente viral, Oz – sugeriu Eberhard Strauss.
– Como já disse outras vezes, esses comportamentos, em especial a hiperagressividade, são sintomas de hidrofobia, mas pode ser um vírus que ataque o sistema nervoso.

– Já tinha pensado nisso – falei. – Só que a hidrofobia é transmitida de animal para animal por meio de fluidos corpóreos. Isso poderia explicar o que está acontecendo na floresta, mas, nessas recentes fugas e ataques de leões em Los Angeles, os animais estavam totalmente isolados.

– Supondo que o incidente esteja relacionado com isso – sugeriu alguém.

– Certo. Supondo que esteja, como animais isolados num zoológico podem ter sido afetados?

– Podem ter pegado pelo ar – arriscou Strauss. – Ou por parasitas. Mosquitos, pulgas... – Ele fez gestos no ar como se ticasse as possibilidades. – A carne que alimentava os leões do zoológico talvez tenha sido contaminada. Podemos pensar em muitas opções.

– Vou levantar outro argumento contra a teoria do vírus – falei.
– Um animal com hidrofobia, ou qualquer outra doença similar que ataque o sistema nervoso, costuma ter mais sintomas do que apenas um comportamento hiperagressivo. Movimentos musculares erráticos, lesões na derme, medo de água... Os leões que mataram o meu amigo me pareceram bastante saudáveis. Pelo menos fisicamente. E os do zoológico da Califórnia também não exibiam nenhum sintoma físico. A esta altura, eu não eliminaria a hipótese de um vírus, mas teria que ser um vírus que nunca vimos antes.

– Alguns desses animais passaram por autópsia? – perguntou a Dra. Quinn.

– Não. As autoridades africanas não vão permitir. É uma das primeiras coisas que vou levar para o senador.

– E que tal uma autópsia nos leões do zoológico de Los Angeles? – gritou alguém.

– Boa sugestão.

– Se não for um vírus, podemos estar diante de uma mudança em cascata no meio ambiente – interveio Alice Boyd, uma septuagenária aristocrática de cabelos prateados da Universidade de Washington. – Já pensou em erupções solares? Uma reversão geomagnética? Só estou considerando a maneira como o comportamento animal às vezes muda rapidamente antes de grandes eventos geológicos como terremotos, tsunamis. Talvez algo esteja para acontecer. Um evento cósmico que esses animais estejam sentindo de alguma forma.

– Bem pensado – concordei, anotando a hipótese no meu tablet.

Eu gostara da ideia da reversão geomagnética. Na verdade, eu a odiara, pois era algo tremendamente assustador, mas não deixava de ser uma boa sugestão. Os dados geológicos nos mostram que, de tempos em tempos, o campo magnético da Terra se inverte: basicamente, a agulha da bússola passa a apontar para o sul em vez de para o norte. Até onde sabemos, essas mudanças são aleatórias. Existe um bocado de discussão a respeito da duração dessas alterações. Recentes pesquisas do Serviço Geológico dos Estados Unidos indicaram que uma dessas modificações durara só quatro anos. Mas desconhecemos o efeito potencial de uma alteração geomagnética na biosfera – pela simples razão de nunca ter acontecido na história da humanidade.

– Será que vocês são mesmo tão burros? – berrou alguém na plateia murmurante. Vi que se tratava de um jovem esguio e bonito que eu não conhecia. Era a única pessoa de terno e gravata no recinto. – Esses leões podem ter sido amestrados pela dupla Siegfried e Roy. Esse vídeo não prova nada.

Houve um burburinho na plateia, seguido pelo zumbido de uma cadeira de rodas elétrica.

Cumprimentei Charles Groh com um aceno de cabeça enquanto o cientista pilotava sua cadeira iBOT até o corredor no centro do salão. Ele era um dos maiores especialistas em gorilas do mundo, mas infelizmente já tinha se aposentado. Três anos atrás, ele fora atacado de surpresa por um gorila de 180 quilos que conhecia e com

quem trabalhava havia dez anos. O símio quebrou todos os ossos do seu rosto e arrancou-lhe o nariz, os lábios, a orelha esquerda, o olho direito e a mão esquerda, além da canela e do pé do lado direito.

O primatologista parou diante do bonitão cético.

– Esse vídeo é tão real quanto a minha cara.

Sorri aliviado quando o grupo continuou a debater. Estava se formando uma ótima dinâmica agora. Antes, meus amigos e colegas apenas toleravam minha obsessão pelo CAH; agora, já me respeitavam. A discussão estava mudando de questão: não se tratava mais de *se* estava acontecendo, mas *por que* estava acontecendo e *como* resolveríamos o problema.

Continuei pensando no que Alice Boyd tinha falado sobre alterações geomagnéticas. A ideia se assentou numa região da minha cabeça e se recusava a ir embora. Tive a sensação de que ela havia tocado a nota certa. Não tanto a parte de uma alteração geomagnética afetando a biosfera inesperadamente, mas o sentido geral do pensamento dela: uma mudança maciça, porém invisível, que os animais poderiam sentir, mas nós não.

Vocês se lembram do tsunami no oceano Índico? Sim, nós vivemos numa época interessante, em que guerras e desastres naturais se sucedem como uma chuva forte, mas logo ficam soterrados em camadas sobrepostas de lama nas nossas pobres memórias. Que catástrofe foi essa? Dia 26 de dezembro de 2004. Um tsunami varreu o oceano, provocado por um terremoto de magnitude 9,0 na Escala Richter perto da costa da Sumatra, afogando mais de duzentos mil na Indonésia, no Sri Lanka, na Índia e na Tailândia. Eu estava no Iraque na época. Lembro que me juntei a outras pessoas em frente a uma TV pequena e barata na nossa base, para assistir às notícias. Fiquei chocado ao saber que, no Sri Lanka, um dia antes do impacto da primeira onda, os animais começaram a fugir para o interior. Pássaros, lagartos, cobras, gansos... todos. Elefantes procuraram terrenos mais altos. Cachorros se recusavam a sair de casa. Flamingos abandonaram suas regiões de procriação em terras baixas. Apesar de o tsunami ter matado centenas de milhares de pessoas, relativamente poucos animais morreram, segundo os registros. A audição e outros sentidos mais

apurados deles talvez lhes tenham possibilitado ouvir ou sentir a vibração da terra, revelando o desastre iminente bem antes de os humanos perceberem o que ia acontecer. Os animais souberam que algo ruim ia ocorrer. Conseguiram *sentir* nos ossos. E as pessoas? Alienadas. Mesmo quando o mar misteriosamente se afastou quase 2,5 quilômetros, preparando-se para a onda de 25 metros que se seguiu, o que elas fizeram? As crianças entraram no leito exposto do mar para catar conchinhas.

Capítulo 37

Luzes azuis e vermelhas piscam nas paredes do apartamento escuro enquanto um carro de bombeiros segue pela Broadway lá embaixo. O som da sirene some, então passa um caminhão de sorvete, emitindo um tilintar rangente que lembra uma caixinha de música.

Sentado na beira da pia do abafado banheiro amarelo, Attila dá uma rápida olhada pela janela, como que tentando recordar alguma coisa. Então, volta a se observar no espelho.

Está olhando seu reflexo há horas. Com um meticuloso fascínio, examina seus olhos dourados, fundos e brilhantes, delineados em preto, as conchas das orelhas despontando abaixo da coroa de cabelos avermelhados. De vez em quando, abre a boca larga e protuberante e toca nos longos caninos. Examina os braços, os pelos castanhos hirsutos, a pele coriácea das mãos, as unhas escuras, os dedos longos nodosos, os polegares atarracados.

Fecha os olhos e respira fundo, como se estivesse meditando. Inclina-se para a frente até a ponta dos dedos e a testa encostarem na superfície fria de vidro do espelho, tentando organizar a cabeça e deixar de perambular loucamente pelo turbilhão da nauseante paisagem de sons e odores estranhos.

Sente o cheiro da gordura frita da lanchonete do outro lado da Rua 125. O aroma úmido e calcário da massa corrida da reforma da igreja perto da esquina. O fedor rançoso de uma estação de tratamento de água. O cheiro de óleo e peixe no lixo do rio Hudson.

Se houvesse um aparelho de eletrocardiograma monitorando suas ondas cerebrais, estaria mostrando um pico de atividade na amígdala, a região do cérebro dos primatas responsável pelo olfato, pela memória e pelo aprendizado.

Em seguida surge o Cheiro Ruim de novo. Vindo do prédio e dos cômodos e canos, das ruas e becos, do esgoto, dos automóveis e

ônibus. De toda parte, todos de uma vez.

O Cheiro Ruim é de gente. Em um dos locais mais densamente populosos da Terra, aquele fedor sufocante, abafado e assustador o envolve como uma teia, como um saco cobrindo sua cabeça.

Attila está tremendo. As mãos tremem. O vento muda e ele sente os odores do centro psiquiátrico um quarteirão ao norte. Ouve gritos e sente o cheiro do horror, de uma dor insuportável.

Toda aquela terrível imundície se concentra em sua mente como fumaça saindo de um filtro de ar. Attila tapa o nariz com os dedos. Para de tremer e abre os olhos castanhos e vidrados. Estremece.

Uma caneca trincada repousa perto da saboneteira. Attila pega-a, joga fora as escovas de dente que estão dentro e a manipula, sem saber o que fazer com ela. Olha mais uma vez para o reflexo, com o gorro vermelho na cabeça. Balança o corpo para trás e arremete a caneca com força no espelho, estilhaçando o vidro e transformando-o em uma explosão estelar. A sensação é agradável. Alivia uma coceira em seu âmago.

Mas a coceira começa de novo.

Arquejando e uivando, ele pula da pia para o corredor, derrubando e quebrando tudo que encontra pelo caminho. Entra no cômodo com os computadores e destrói todos os equipamentos. Arranca os cabos das tomadas da parede e joga os aparelhos no chão. Faíscas crepitam, pedaços de maquinaria voam pela sala como punhados de areia.

Em seguida, ele ouve um ruído: batidas repetidas na parede perto da porta.

– VAMOS PARAR COM ESSE BARULHO AÍ, PORRA! – diz a voz abafada do vizinho ao lado. – Se você não parar já com essa merda, vou chamar a polícia!

Attila também grita, corre até a parede e começa a socar o mais forte que consegue. Partículas de reboco se soltam e caem no chão perto dos seus pés. Vidro se espalha pelo corredor.

Quando volta a inalar, sente um novo cheiro emanando do apartamento adjacente.

Attila guincha e uiva enquanto vagueia pela sala destruída.

Agora sente um odor de que gosta.

O cheiro do medo humano.

Capítulo 38

A discussão sobre o CAH ainda estava a toda quando recebi um e-mail de Elena Wernert, a principal assessora de Gardner.

O senador não ia poder se encontrar comigo naquele dia, informava ela, e meu coração afundou como uma pedra, mas li o resto da mensagem:

Se o senhor estiver interessado, podemos “encaixá-lo” por cinco minutos numa audiência sobre preservação ambiental no Comitê de Meio Ambiente e Obras Públicas do Senado marcada para amanhã às dez horas.

Uau! Melhor do que o encontro com o senador. Se eu tivesse pedido ao gênio da lâmpada mágica um jeito de ser ouvido pelo mundo, essa seria a melhor solução.

Totalmente interessado, respondi, digitando no teclado iluminado do celular embaixo da mesa.

Enquanto a reunião se estendia pela tarde, aconteceu algo estranho. Continuaram chegando pessoas, proeminentes geneticistas, biólogos que eu conhecia de nome havia anos, mas nunca tinha encontrado. Vibrei quando Jonathan Eley entrou – um astrônomo famoso que apresentava uma série new age da PBS sobre as origens do Universo.

Todos queriam ver o vídeo do ataque dos leões, que agora era exibido sem parar numa seção fora da sala de reuniões.

A anomalia zoológica de Botsuana – como o episódio começava a ser chamado – estava atraindo cientistas como mariposas a uma vela.

Aquilo tinha alcançado outro nível, percebi. Estava causando uma grande comoção. E, de alguma maneira, eu também ganhara um respeito que nunca tivera: depois que a reunião passou para o bar do hotel, cientistas conhecidos de instituições de peso – Harvard, MIT, Johns Hopkins –, que normalmente nem me receberiam, abriam caminho para apertar minha mão ou me oferecer uma cerveja.

Quando os figurões começaram a se acumular, dei um tempo na minha preocupação pelo mundo e me permiti um momento dourado de orgulho. Mesmo quando as pessoas me chamavam de louco, eu me mantive fiel à ideia do CAH, e agora me sentia recompensado.

– Puxa, não é que você se tornou uma celebridade? – comentou Chloe, com a mão no meu ombro, depois que me despedi de um microbiologista de Princeton de cabelo grisalho. Minha mão já estava quente e vermelha de tanto cumprimentar pessoas.

– É. Senhoras e senhores, Jackson Oz, o biólogo pop. Sem autógrafos, e calma com os flashes.

No começo da noite, quando a reunião acabou, eu e Chloe subimos para a suíte dela no hotel a fim de nos prepararmos para a audiência no Senado. Enquanto tomávamos um bule de café, bolamos uma declaração de cinco minutos para o comitê, enfatizando a natureza ameaçadora do problema. Relacionei diversas políticas específicas, como a divulgação de alertas a todos os departamentos locais de tratamento e controle de animais a respeito de um aumento de agressividade. Porém, a exigência mais importante era por recursos financeiros para pesquisar a questão. Precisávamos recrutar as melhores mentes que conseguíssemos, e o mais depressa possível.

Depois de ler o texto pela última vez, Chloe desabou na cadeira e meneou a cabeça.

– Está muito bom, Oz. Junto com o vídeo, isso deve provocar um burburinho. Já chamamos a atenção de cientistas. Agora precisamos divulgar para o mundo.

Ligamos para o serviço de quarto e trocamos o café por um jantar tardio. Raia grelhada com alcaparras, couve-flor gratinada e,

de acordo com uma sugestão de Chloe, uma garrafa de Vouvray. Delicioso.

Chloe ficou em silêncio enquanto comíamos. Girava o vinho na taça e olhava distraída pela janela. Lá fora, na escuridão iluminada de azul, a Frederick Douglass Bridge atravessava o rio Anacostia, acesa como um bolo de aniversário.

Quando Chloe me encarou, seus olhos castanhos estavam marejados, cintilantes.

– Lá na África – começou a falar em voz baixa –, ao anoitecer do primeiro dia, eu já tinha me conformado com a morte. Comecei a rezar para o meu avô, pedindo a ele para me ajudar de alguma forma se eu morresse. Para que tudo fosse rápido. No dia seguinte, eu já estava abandonando qualquer esperança. Aí levantei a cabeça e lá estava você.

– E agora estamos aqui – falei, erguendo a taça.

– Exatamente. Nunca acreditei em destino, mas agora não sei mais. Em um momento, eu estava prestes a morrer na África; no momento seguinte, estou nos Estados Unidos. E no meio de uma tormenta. Algo que pode se tornar um dos maiores eventos da história. Não é sempre que uma coisa dessas acontece com uma garota de Auvergne. Nem parece real.

– É real. Quer que eu te dê um beliscão para provar?

Foi então que ela se debruçou na mesinha e tocou no meu rosto.

– Não. Quero que você me dê um beijo.

Inclinei-me na direção dela e tocamos nossos lábios. Foi um beijo suave e recatado. Em seguida, a imagem de Natalie passou pela minha mente e eu me afastei, embora fosse a última coisa que desejasse fazer na vida.

– Não? – comentou Chloe, surpresa. – Eu achei...

– Eu devia ter contado. Estou meio... ahn...

– Você é casado.

– Não, nada disso.

– *Petite-amie? Une amante?*

– Não, não. Quer dizer, sim... ahn... é difícil explicar. Acho que acabei de sair de um relacionamento – falei, evitando seu olhar.

Chloe pigarreou.

– Você *acha*?

– É.

Chloe ergueu a taça, tomou um gole de vinho.

– Bom, eu aprecio sua honestidade, Sr. Verdade e Justiça.

– Acho que é melhor eu voltar para o meu quarto. – Deixei o guardanapo no prato e me levantei. – Amanhã vai ser um longo dia.

– Você está louco? Você já está aqui. – Ela tomou mais um pouco de vinho antes de continuar: – Além do mais, eu já vi você de cueca. – Eu a encarei. – Estou falando sério, Oz. Não quero ficar sozinha esta noite. Por favor, fique?

– Eu posso dormir na poltrona.

Chloe revirou os olhos.

– Pode dormir na cama comigo – replicou ela, me olhando por cima da taça. – Não se preocupe, só dormir mesmo.

Ela não estava brincando com a parte de só dormir. Quando eu saí do banho, ela já roncava.

Eu a contemplei sob a luz difusa da janela: os cílios escuros, o rosto pálido, os braços finos e delicados. Parecia adorável ali deitada, uma garotinha miúda como um passarinho. Comecei a me repreender. Onde você está com a cabeça? Natalie rompeu com você. Acabou. Você está livre. Siga em frente.

Chloe tinha ido até ali por minha causa, percebi. Ela confiava e acreditava em mim, algo que Natalie nunca fizera.

Entrei debaixo das cobertas e fiquei deitado ao lado dela, olhando para o teto.

– Boa noite, seu trouxa – disse para mim mesmo, fechando os olhos.

Capítulo 39

Meus olhos se abriram não sei quantas horas depois. O quarto estava tão escuro que eles ainda pareciam fechados. Nem mesmo o brilho alaranjado da cidade lá fora era visível. Era como se as janelas estivessem cobertas por cortinas pretas, o que não era o caso.

Senti tremores. Um chocalhar metálico e trepidante. Meus olhos percorreram o quarto escuro. Levei um tempo para perceber que era a maçaneta da porta.

A trepidação ficou mais alta – e mais violenta –, como se alguém tentasse arrancá-la. Tudo isso acompanhado por um ruído rilhado e estridente. Depois veio o baque.

A princípio, pensei que fosse algum cientista de brincadeira, pois a cerveja tinha rolado feito água após a reunião.

Houve um segundo baque. Agora mais forte. Alguma coisa grande e pesada lá fora.

Sentei na cama. Não achei que era uma boa piada. Não era nada engraçada.

O baque seguinte fez a porta rachar. Ouvi a madeira lascando.

Mas que diabo?

Saí de baixo do lençol e já estava de pé quando as dobradiças cederam com um rangido. A porta abriu com violência, caindo no chão.

Uma figura enorme preencheu a moldura. Depois não estava mais lá. Houve movimentos no quarto. Em seguida, outro vulto gigantesco escureceu o vão da porta por um instante e desapareceu no quarto.

– Oz? Você está aí?

Chloe sentou na cama ao meu lado, acendeu a luz do abajur e gritou.

Dois ursos-pardos enormes haviam invadido o quarto e estavam a pouco mais de um metro da cama. Eles tinham pernas fortes e atarracadas, a pelagem ondulando. A baba escorria das bocas abertas e os olhos miúdos fitavam à frente, tão vagos e indiferentes quanto a morte.

Eu não conseguia me mexer. Era como se meus pés estivessem pregados no chão. Nada passava pela minha cabeça. Incapaz de lutar ou fugir. Até meu cérebro reptiliano tinha desertado.

O Urso Um ergueu-se nas patas traseiras e me golpeou com a dianteira. Cambaleei para trás e senti o calor úmido do que sabia ser sangue do meu rosto e pescoço. Levei a mão à face: sangue escorrendo entre meus dedos, cobrindo meu rosto, ardendo nos olhos.

Logo depois, acordei na cama outra vez, gritando. Minhas mãos se agitavam no ar. Apalpei o pescoço. Sem sangue. Sem dor.

Levei um instante para perceber que Chloe também gritava ao meu lado:

– *Éloignez-les de moi!*

Segurei-a pelos ombros.

– Afastem eles de mim! Não! – berrou Chloe, me afastando com um empurrão. Os olhos dela estavam abertos, mas continuavam visualizando o pesadelo.

– Está tudo bem, Chloe! É só um sonho! Só um sonho!

Ela aspirou o ar, sôfrega. Abracei-a e senti seu corpo relaxar aos poucos.

– Mas era tão real... Nós estávamos dormindo, aí derrubaram a porta e entraram dois ursos. Eu vi um deles matando você.

– O quê?! – Acendi a luz do quarto. – Você estava sonhando com ursos?

– Estava. Eles eram enormes. Dois ursos-pardos arrombaram a porta e entraram no quarto.

– Você está de brincadeira!

Saí da cama e comecei a andar de um lado para outro.

– O que foi?

– Eu tive esse mesmo sonho. Dois ursos-pardos arrombando a porta e entrando, e um deles destruiu o meu rosto!

– Como é possível? Como pudemos ter o mesmo pesadelo?

Eu já tinha ouvido falar de sonhos simultâneos, mas nunca acreditara muito, nunca havia passado por aquela experiência. As pessoas só relatavam ter o mesmo sonho em casos muito extremos. O motivo seria nossa exposição aos mesmos estímulos? Ou alguma outra razão? Teria a ver com o CAH? Claro que não...

– *Mon Dieu!* – exclamou Chloe. – O que está acontecendo? Eu estou com medo, Oz. O que está havendo? O que está acontecendo com o mundo?

Senti um arrepio gélido percorrendo meu corpo, dos dedos dos pés ao alto da cabeça.

– Não sei – respondi, segurando a cabeça entre as mãos.

Capítulo 40

Quando abri os olhos na manhã seguinte, Chloe estava abraçada comigo, a cabeça aninhada na minha axila, minha mão no cabelo dela. Fiquei observando-a, pensando na noite anterior. O pesadelo compartilhado, o mesmo sonho.

Não sabia o que pensar. Era a primeira vez que isso acontecia comigo. Aparentemente, Chloe não queria falar a respeito. Não mencionou nada enquanto nos arrumávamos e descíamos para pegar o táxi.

Era um dia seco de verão. Sol forte, um céu azul sem nuvens. Táxis e entregadores de bicicleta, pessoas indo para o trabalho, bebericando café, consultando o relógio, com o Kindle na mão e fones de ouvido para se isolar durante o trajeto. Ver aquela gente me fez pensar nos animais do Sri Lanka subindo as montanhas dias antes do tsunami enquanto os humanos ficavam para trás, catando conchas na praia recém-estendida e imaginando para onde os elefantes teriam ido. Já no táxi, eu e Chloe trocamos um olhar sombrio. Não era preciso dizer nada. Dava para sentir o gosto no ar. Alguma coisa ruim estava para acontecer. Alguma coisa que o mundo jamais tinha visto.

O prédio do Senado se situava na parte noroeste do complexo do Capitólio, na Rua 1. Fiquei mais animado ao avistar alguns furgões da imprensa estacionados do lado de fora do majestoso edifício de mármore. Ao menos agora teríamos uma oportunidade de fazer um alerta público.

Notei também alguns rostos conhecidos esperando na calçada perto da escadaria do prédio. Cumprimentei minhas ex-professoras Gail Quinn e Claire Dugard. O Dr. Charles Groh estava lá em sua cadeira de rodas. Pus a mão em seu ombro e o apertei.

– Pegue eles de jeito, Oz – disse Groh, me abraçando. – Você vai conseguir.

Eu e Chloe seguimos para o prédio, onde guardas de camisas brancas empunhavam detectores de metal. No movimentado saguão de mármore atrás deles, elegantes assessores e lobistas e o pessoal da imprensa se aglomeravam como abelhas numa colmeia, fazendo mel e geleia real. Um grupo não tão bem-vestido esperava numa fila, com um ar de tédio, atrás de cordões de veludo.

Enquanto nos dirigíamos para o balcão da segurança, tivemos de atravessar uma imensa instalação de arte, uma escultura de 10 metros de altura que parecia um carvalho de aço inoxidável.

– Bom dia, vim para a audiência das dez horas do Comitê de Meio Ambiente e Obras Públicas – falei para o guarda atrás do balcão. Era um homem negro bonito e forte, de cabeça raspada e uma expressão tão fechada quanto um cofre de banco.

Soltou um suspiro e ergueu uma prancheta.

– Nome?

– Jackson Oz. O de Oscar, Z de Zulu.

Ele estalou a língua e balançou a cabeça.

– Humm... Nenhum Oz – falou, voltando a olhar para mim.

– Deve ter havido algum equívoco – insisti. – Fui convidado pelo senador Gardner ontem de última hora. Seria possível verificar com o gabinete dele?

O guarda olhou para mim como se eu tivesse pedido sua arma emprestada.

– Por favor? – intercedeu Chloe suavemente.

– Tudo bem – concordou ele, reclinando-se na cadeira de couro barulhenta e apertando um botão no telefone da mesa. – Parece que agora eu virei recepcionista.

Digitou alguns números. Depois, girou com a cadeira e murmurou ao telefone. Quando desligou, estampava um leve sorriso irônico.

– Era o que eu pensava. Disseram para ficar de olho em malucos ativistas como você. Sinto muito, companheiro, você não está na lista. Agora é melhor ir embora.

Senti o estômago despencar como se estivesse num elevador com o cabo partido. Troquei um olhar de surpresa com Chloe.

– Eles disseram por quê? – perguntei.

– Não force a barra, cara. A saída é ali. Pode ir saindo.

Tive que pensar depressa.

– O site dizia que há alguns lugares abertos ao público. Não podemos assistir como espectadores, então?

Ele fez um barulho exasperado pelo nariz, que lembrava o grunhido de uma foca.

– Há quanto tempo você está em Washington? – questionou, apontando para a fila de pessoas atrás do cordão de veludo. – Está vendo aquelas pessoas? Lobistas estão pagando 20 dólares por hora a essas tristes figuras pelos últimos dois dias só para guardar um lugar na plateia. A entrada é por ordem de chegada, camarada, e eles já chegaram há muito tempo.

Virando-se para Chloe com uma expressão de pesar, falou:

– Desculpe, queridinha. Nesta cidade, seu rostinho bonito não a leva muito longe. Tchau, tchau.

Capítulo 41

Não eram só os espectadores que estavam sendo enganados, pensei, furioso, enquanto nos afastávamos do balcão.

Não conseguia acreditar no que tinha ouvido. Será que eu estava sendo vítima de uma piada doentia?

Já na escada, fora do prédio, peguei o celular e liguei para o gabinete do senador Gardner.

– Sim? – atendeu uma voz feminina, rápida e impaciente.

Elena Wernert, a assessora que havia me contatado no dia anterior.

– Aqui quem fala é Jackson Oz. Houve algum problema. O segurança não quer me deixar entrar na audiência.

– Ah, sim. Tentamos entrar em contato, Sr. Oz. Não conseguimos arranjar lugares para o senhor. A audiência está lotada.

– Mentira. Men-ti-ra!

– Engraçado o senhor usar essa palavra, Sr. Oz. Porque foi só isso o que nos disse. O senhor nos fez acreditar que era um acadêmico da Colúmbia, mas demos uma olhada no seu currículo. O senhor não nos informou sobre algumas afirmações radicais do seu blog. Precisamos de propostas sobre os problemas de preservação de animais, não de um lunático com uma teoria da conspiração sobre animais tomando conta do planeta. Sinto muito, mas o senador Gardner não deseja ser associado a blogueiros malucos.

Eu sabia. Mais políticos, mais gente que preferia se proteger a tentar entender o que estava acontecendo. Era a nata de Washington.

Respirei fundo.

– Existe uma ameaça iminente, senhorita. Se tivesse arranjado um tempo no seu atarefado dia para comparecer ao encontro de ontem, teria visto por si mesma. O comportamento animal está

mudando de forma radical e alarmante, e pessoas estão morrendo. Posso provar.

– Isso não faz o menor sentido. Por que isso está acontecendo?

– Não sei ao certo. Ainda. É uma das coisas que precisamos entender. Mas o motivo não é o que está em jogo no momento, Srta. Wernert. Ninguém precisa saber por que a casa está pegando fogo para sair correndo. Deve-se começar a alertar as pessoas imediatamente em relação a essa agressividade animal.

– Sei. Imagino que isso vá ser uma sensação na CNN. O senador Gardner dizendo para o público: “Prendam os seus cachorrinhos assassinos.”

– Por favor. Pelo menos me deixe mostrar ao senador Gardner o vídeo que tenho. – Fiquei irritado ao notar o tom suplicante da minha voz.

– O senador tem coisas mais importantes a fazer do que se envolver com sua teoria louca. Ele está com a agenda lotada para o próximo mês. Tenha um bom dia.

Wernert desligou. Fiquei encarando o telefone. Era inaceitável ter chegado até ali só para ser traído. Nem estava ligando para o tempo e esforço empregados para elaborar aquela apresentação. O problema era que a população precisava ser alertada e os fatos estavam sendo escondidos pelas próprias pessoas que deveriam protegê-la.

Com as graças do senador ou não, era necessário emitir um alarme. Ninguém mais iria fazer isso. Estava por minha conta.

Olhei para o pessoal da imprensa perto da porta, reunida para a audiência sobre meio ambiente que estava começando, e me veio um plano à cabeça.

Andei em direção ao detector de metais, mas, no meio do caminho, me virei e parei. Subi na base da gigantesca estátua do saguão, dei um salto e agarrei o primeiro galho da árvore de aço.

Advogados, políticos e outras pessoas pararam e começaram a apontar enquanto eu subia até o alto.

– *Com licença!* – gritei com as mãos em concha em torno da boca. – Com licença, mas tenho algo importante a dizer.

– Oz? – disse Chloe, olhando para mim lá embaixo no saguão. –
O que você está fazendo?
– A única coisa que resta. As pessoas precisam saber.

Capítulo 42

— Com licença! – repeti. – Eu sou um cientista. Meu nome é Jackson Oz, fui convidado a falar numa audiência sobre meio ambiente no Senado dos Estados Unidos e depois fui misteriosamente desconvidado.

Olhei para baixo e vi o guarda que nos dispensara de pé ao lado da árvore, a arma numa das mãos e o rádio na outra.

Engoli em seco e continuei.

— Está ocorrendo uma perturbação ambiental de proporções globais. Três dias atrás, em Botsuana, mais de cem pessoas foram mortas por animais selvagens. Acredito que essa epidemia esteja se espalhando pelo mundo. Todos podem estar em perigo. Fiquem atentos a súbitos comportamentos agressivos dos animais...

Um alarme soou. Uma luz branca ofuscante começou a piscar, o saguão reverberou com o som de campainhas. Ouvi passos avançando numa marcha ruidosa vindos de dentro do prédio.

Mordi meu lábio. Achei que conseguiria chamar a atenção de um ou dois repórteres antes de ser preso, mas agora eu estava preocupado. Depois do 11 de Setembro, aquele talvez fosse o local mais bem-vigiado do mundo. Talvez meu plano não fosse tão brilhante como parecia um instante atrás.

Um grupo de homens de uniforme preto surgiu do interior do prédio, portando M16 e escudos de tropa de choque. Quando a equipe da SWAT passou pelo barulhento detector de metais, vi as letras escritas numa faixa prateada nas costas dos coletes à prova de balas: era a Unidade Contraterrorismo.

— Desça já daí! Agora! – berrou um bigodudo de capacete tático no bocal de um megafone roufenho, apontando o cano de sua M16 para meu peito.

Era o que eu estava tentando fazer, ajoelhando para segurar uma barra de metal, quando ouvi um estrondo e senti uma pancada, como se uma bola de beisebol tivesse me atingido na mão direita. Perdi as forças e caí no piso de mármore feito um saco de carne.

Olhei para minha mão. Parecia fraturada. Parecia que eu tinha sido picado por um marimbondo do tamanho de um gato. Alguma arma não letal me acertara. Uma bala de borracha, deduzi.

Mas esse era o menor dos problemas. Duas piscadas depois, senti um violento choque nas panturrilhas, meus dentes travaram sem querer e eu comecei a tremer.

– Isso é um *taser*. Não se mexa, seu arruaceiro demente – disse alguém tão perto da minha orelha que pude sentir o cheiro de cebola em seu hálito.

Essa era fácil: eu não conseguia mesmo me mover, pois meus músculos estavam paralisados. Depois que os ganchos da arma de choque foram removidos, ainda tinha a sensação de que alguém perfurava meu crânio com uma furadeira elétrica. Meu cérebro ficou entorpecido.

Agora havia quatro policiais em cima de mim, torcendo meus braços atrás das costas para me algemar.

– Isso é que dá se meter a besta – disse o policial no meu ouvido. – Você está encarcerado. Uma encrenca no estilo da Lei de Segurança Nacional.

Fui levantado e arrastado na direção de uma porta dupla aberta na parede de mármore. Tentei me sustentar em pé, mas os músculos das pernas ainda estavam dormentes. Cambaleei, eles me arrastaram, senti minhas pernas voltarem para depois desabarem outra vez sob meu peso. Olhei para aquelas pernas inúteis, gelatinosas. Era como se fossem de outra pessoa.

– Ah, então agora você está resistindo à prisão – zombou o guarda, e uma bota acertou minha coluna.

– Parem com isso! Parem de bater nele! – berrou uma mulher. Parecia que eu estava debaixo d'água, registrando o som como em coma.

Vi Chloe pelo canto dos olhos, correndo na minha direção, empurrando os guardas e gritando.

Também avistei Gail Quinn, Claire Dugard e Charles Groh ao lado dela, berrando com a polícia do Capitólio. O saguão reverberava com os ecos cacofônicos de gritos, pés se arrastando e botas pisando forte.

Dois oníricos instantes depois, todos estavam algemados e amontoados ao meu lado. Chegaram a algemar Charles Groh na cadeira de rodas; nitidamente, um homem muito perigoso.

Fomos erguidos e arrastados em direção a uma porta lateral que dava para um corredor escuro no fundo.

– Ei, olhe só, Larry – disse o guarda a um de seus companheiros. – É o ataque dos retardados. Onde está a mulher barbada? Lá fora, vigiando o ônibus da fuga?

Foi naquele momento que perdi mesmo o controle. Me virei e tentei dar um chute no saco dele. Errei o alvo, mas consegui desfechar um belo pontapé na canela do homem.

Em seguida, minha visão foi bloqueada por um punho. Apreciei aquela paisagem por uma fração de segundo antes de sentir o nariz quebrar com um barulho alto, que ecoou fracamente nos meus ouvidos antes de as luzes se apagarem ao meu redor.

Capítulo 43

Depois do pandemônio, os guardas do Capitólio nos levaram a uma área de contenção da polícia. Fomos identificados e levados a uma cela nos fundos do prédio. As paredes eram forradas de sinais de paz e de anarquia e folhas de maconha que ocupantes anteriores tinham desenhado nas lajotas. O recinto já havia recebido um bocado de arruaceiros.

Passamos a noite ali: Gail Quinn, Claire Dugard, Charles Groh, Chloe e eu, além de algumas baratas gigantes. Me recostei na parede com dois pedaços de papel-toalha enfiados nas narinas, os seios da face entupidos de sangue.

Usamos o tempo com sabedoria. Depois de eu pedir mil desculpas por colocar todos na cadeia, ficamos boa parte da noite acordados na cela de concreto sem janelas tentando deduzir as causas potenciais do CAH.

Continuamos dando de cara com os mesmos problemas discutidos na reunião. Decidimos que a hipótese do vírus era improvável: o fato de afetar diferentes espécies em regiões tão diversas eliminava essa possibilidade. Todos concordamos que aquela súbita e aberrante alteração de comportamento talvez fosse uma resposta a alguma alteração no ambiente. Obviamente, a melhor coisa a fazer agora era realizar autópsias nos animais afetados em busca de peculiaridades anatômicas que pudessem nos apontar a direção certa.

A Dra. Quinn ofereceu a ajuda do departamento de biologia da Universidade de Colúmbia, se e quando conseguíssemos um espécime.

– Afinal, quem precisa do governo, Oz? – indagou, sentada perto da porta da cela, como se estivesse acampada em torno de uma fogueira. – Mesmo se tivessem ouvido você hoje, eles teriam

formado um comitê e contratado uma equipe de pesquisa para realizar um estudo sobre o perfil psicológico das pessoas mais adequadas para elaborar um plano de ação.

Fomos libertados na manhã seguinte, depois de sermos formalmente fichados. Os outros precisaram pagar uma multa de 500 dólares pelo delito de perturbação pública. Eu fui acusado de invasão criminosa e tive que entrar com recurso e pagar uma fiança de 3 mil dólares.

Mesmo fichado pelo governo federal e com uma audiência marcada num tribunal, não estava muito preocupado enquanto empurrava a cadeira de rodas do Dr. Groh sob os primeiros raios de sol da manhã. Eu tinha coisas mais importantes a fazer – todos nós, na verdade, mesmo que não soubéssemos muito bem o quê. O governo estava prestes a ser sobrecarregado por assuntos muito mais importantes que eu.

Ajudamos a acomodar o Dr. Groh no banco traseiro de um táxi adaptado junto com Claire e Gail e nos despedimos.

– E agora? Vamos ter que sair caçando? – perguntou Chloe.

– Primeiro, vamos à próxima atração do nosso pacote de viagem – falei, apontando um estabelecimento na rua. – Vou apresentar uma preciosidade americana a você: o restaurante 24 horas.

– Tenho outra sugestão – replicou Chloe, indicando o meu nariz.

– Seu nariz está torto. Muito torto. É melhor você ir a um médico.

Então acabamos tomando café da manhã na emergência do hospital da Universidade George Washington. Depois de devorar um Egg McMuffin enquanto assinava dezenas de documentos, subi numa cadeira e comecei a mudar de canal na TV afixada na parede, tentando ver se havia alguma notícia sobre o nosso protesto. Passei por todos e, por fim, deixei na ESPN, que mostrava o jogo do dia anterior, em que o Celtics tinha perdido para o Knicks: um fiapo de boa notícia.

– Ridículo – disse para Chloe. – Nenhuma notícia. Nenhuma palavra sobre Botsuana ou o protesto. Fomos presos por nada.

Após uma hora de espera, tirei uma radiografia. Quando voltei com Chloe para o ambulatório, vimos um preso de macacão laranja

cercado por guardas armados numa sala em frente.

– Olhe só, mais um arruaceiro – cochichou Chloe, com um sorriso doce e matreiro.

Retribuí o sorriso. Era inacreditável que ela mantivesse o bom humor em meio a toda aquela confusão.

– Pois é, esta deve ser a ala dos feios, sujos e malvados.

Pouco depois, surgiu um médico bonitão com minha radiografia, o filme preto lustroso ondulando na mão pequena e delicada. Era jovem; devia ser estudante de medicina na Universidade George Washington. Deu uma olhada para Chloe, demorando-se um pouco demais para o meu gosto, e sorriu animado ao dizer que meu nariz estava mesmo quebrado.

– Eu não gostava mesmo do seu nariz como era antes – disse Chloe quando o Dr. Felicidade calçou um par de luvas de látex nas mãos de porcelana para botar meu nariz no lugar certo. – Estou brincando – completou, sorrindo por trás da mão.

Em um instante, estava deitado sem camisa sobre o papel amarrotado que recobria uma maca.

– Vou precisar quebrar seu nariz de novo para consertá-lo – avisou o médico, segurando meu rosto com firmeza. – Já faz algumas horas desde a fratura.

Não gostei nada daquilo. Minha expressão me traiu.

– Só vai levar um segundo – falou ele, como se eu fosse uma criança com medo de injeção. – Pronto? – Estalou a luva. O panaca estava assobiando.

Tentei me levantar, mas de repente senti uma mão macia na minha.

– Vai dar tudo certo, Oz – garantiu Chloe, apertando minha mão. – Eu estou aqui com você.

Então, aconteceu uma coisa engraçada: eu me acalmei mesmo. Aquilo estava se tornando um hábito entre nós, nos ajudar mutuamente, antecipar as necessidades um do outro. Quando olhei para Chloe e senti sua mãozinha reconfortante, percebi que estava me apaixonando muito, e rapidamente, por aquela mulher. E desconfiava que o mesmo acontecia com ela.

Nesse momento, o médico quebrou meu nariz e eu gritei como um bebê.

Capítulo 44

Com ataduras em X no rosto e bolas de algodão ensanguentadas despontando das narinas, saí do hospital com Chloe e peguei um táxi de volta ao hotel. Tomamos banho, fizemos as malas, fechamos a conta e fomos até a Union Station para tomar o próximo trem-bala com destino a Nova York.

Mesmo fichado como criminoso, eu precisava voltar à Big Apple para me reorganizar e tentar transmitir o vídeo dos leões para o mundo. Colocar na internet, ver se conseguia aparecer no noticiário.

Quando nos acomodamos, tentei telefonar mais uma vez para Natalie. Caiu direto na caixa postal, então desliguei. Eu tinha deixado uma mensagem dois dias antes. Será que ela estava me dando um gelo?

Meia hora depois, ao voltar do refeitório do trem com uma cerveja e meia garrafa de vinho, vi que Chloe brincava com um baralho na bandeja dobrável.

– Vamos jogar um pouco – falei.

– Na verdade, são cartas de tarô.

– Tarô? – repeti, lançando-lhe um olhar intrigado. – Agora cientistas andam com cartas de tarô?

Chloe deu de ombros.

– Acho que são muito bonitas. Eram da minha mãe. Encontrei-as numa caixa depois que ela morreu. Isso é o meu... Como se diz? Meu amuleto da sorte. É uma superstição, eu sei.

Guardou as cartas na caixa e procurou a bolsa embaixo do banco.

– Deixe-me ver isso – falei, segurando a mão dela. – Você sabe... fazer o que se costuma fazer com cartas de tarô?

– Podemos fazer uma leitura – disse ela, retirando de novo as cartas da caixa. – Você embaralha e distribui dez cartas numa

formação chamada de cruz celta. A melhor leitura é feita em resposta a uma pergunta. Primeiro você escreve a pergunta, depois distribui as cartas. A décima carta na sequência fornece a resposta.

Peguei uma caneta e escrevi num guardanapo da companhia ferroviária: *O CAH vai destruir o mundo?*

Entreguei-lhe o guardanapo, mas ela o afastou.

– Não é para mostrar ainda. Coloque-o virado para baixo e embaralhe as cartas.

Foi o que fiz. Depois, distribuí as cartas com todo o cuidado na bandeja, nos lugares indicados por ela.

Com a formação completa, Chloe começou a virar as cartas. A primeira mostrou um velho com uma capa, segurando um bastão e uma lanterna.

– Este é o Eremita. Representa... ahn... como se diz? Introspecção, busca.

A voz de Chloe tinha um leve tom de seriedade. Como uma cientista pode ser uma mística disfarçada? Fiquei intrigado. Pensei em Isaac Newton fazendo experimentos de alquimia nas horas livres, tentando transformar chumbo em ouro quando não estava ocupado estabelecendo os pilares da física clássica.

– Agora, esta é a carta que vai responder a sua pergunta – afirmou Chloe ao chegar à décima carta e virá-la.

Lá fora, a Costa Leste passava com estrépito em lampejos marrons e cinzentos; vislumbres do mar cintilavam esmaecidos na fraca luz da tarde.

Olhei para a carta. Parecia a imagem de um anjo com asas de pássaro. Penas e labaredas vermelhas e amarelas saíam da nuvem em que estava, e ele tocava algum instrumento de sopro.

– O que é isso? O anjo?

Chloe mordeu o lábio e continuou fitando a carta.

– Esta carta se chama *Le Jugement*. Este é o anjo Gabriel.

Eu não precisava de uma bola de cristal para entender o que significava aquilo. Mostrei a ela minha pergunta.

– Dum-dum-dum-*duum*... – Chloe cantarolou de brincadeira uma música de filme de terror.

Abriu um sorriso, deu risada e recolheu as cartas. Mas percebi que as mãos dela tremiam.

Ficamos em silêncio enquanto o trem atravessava rapidamente a infeliz paisagem de Delaware. Vendo pela janela as fileiras de casas e lojas passarem como um borrão, por alguma razão comecei a pensar em um livro que minha mãe costumava ler para mim quando eu era garoto.

Pensei em como as ilustrações faziam o mundo parecer maravilhoso. Na história, o trem cruzava a cidade e surgiam automóveis cintilantes e policiais amistosos. Fazendeiros de bochechas rosadas dirigiam picapes carregadas de milho pelo campo, índios a cavalo observavam o trem resfolegar pela montanha. Lembrei que ficara olhando aquelas imagens durante horas, vendo um mundo feliz, colorido e seguro à minha espera.

Quando entramos num túnel, fechei os olhos e visualizei a carta mais uma vez: o Julgamento.

Fiquei imaginando que espécie de livros eu iria ler para os meus filhos.

Capítulo 45

Eram umas nove da noite quando descemos na Penn Station, no trecho agitado da Oitava Avenida no centro de Manhattan. A sensação sombria que me acometera depois da leitura do tarô não havia passado. As nuvens tinham se dissolvido em chuva durante nossa viagem, e agora o clima se alternava entre uma garoa fina e pancadas mais grossas. Paramos na calçada, cercados pela bagagem, sem guarda-chuvas, molhados. O vapor subia das ruas, os faróis dos automóveis se refletiam no asfalto úmido.

Acenamos para um táxi. Abri a porta para Chloe e joguei a bagagem no porta-malas. Entrei e dei meu endereço ao motorista. Chloe admirava o imponente Empire State iluminado em faixas azuis e brancas.

– Faz muito tempo que não venho a Nova York – comentou.

A chuva aumentou, tamborilando na capota do carro como punhados de cascalho. Chloe estava quieta. Ela se aconchegou no meu peito enquanto eu ouvia os guinchos ritmados do limpador de para-brisa. As luzes da cidade passavam por nós, cintilando como joias fulgurantes submersas na água escura.

– Está acabando, não é? – perguntou ela em voz baixa.

– O que está acabando? Do que você está falando?

Ela se aprumou um pouco, com os olhos úmidos.

– Estou com medo de que Claire Dugard esteja certa. O mundo está acabando. Tudo que todos trabalharam tanto para construir, nossos pais e avós... Está tudo acabando, e ninguém vai fazer nada a respeito... e tudo isso é tão... triste.

– Você não pode pensar assim – repliquei, apertando de leve o ombro dela. – É uma loucura, eu sei, mas a gente pode resolver. Vamos encontrar uma solução.

– Não sei mais o que pensar. Nós tivemos o mesmo sonho. Isso é impossível. E depois vimos aquela carta de tarô no trem. É bobagem, eu sei. Mas fiquei muito assustada. Estou com uma sensação estranha. Muito estranha.

Eu não soube o que dizer, por isso só a abracei enquanto ela se desfez em soluços convulsivos. Tínhamos passado por situações difíceis nos últimos dias. Eu ainda nutria a esperança de que fosse uma questão de fuso horário.

Pensei no que Alice Boyd dissera sobre os comportamentos estranhos e aparentemente precognitivos dos animais pouco antes de desastres naturais. Pensei nos elefantes e nos pássaros rumando para as montanhas e para o interior nos dias anteriores ao tsunami.

Qual o termo que Alice tinha usado? Um “evento cósmico”?

Depois de algum tempo, olhei para Chloe. Ela tomou meu rosto entre as mãos e me beijou com intensidade. Seu rosto se fundiu ao meu.

Eu retribuí o beijo. Com vontade.

Capítulo 46

Amarelo. Um automóvel amarelo estaciona lá embaixo, diante do prédio. Attila corre atabalhado até a janela frontal do apartamento e olha para a rua. Solta um grito selvagem, de perfurar os tímpanos, quando a porta do carro se abre e ele vê Oz. Pula e uiva de excitação.

Depois para, fica em silêncio. Os olhos escuros e brilhantes esgueiram-se para baixo e ele vê algo mais.

Oz está debruçado para dentro do carro. Agora, outra pessoa sai daquela coisa amarela. Mesmo do quinto andar, Attila pode ver que é uma fêmea. Uma mulher.

Attila fica desanimado. Começa a choramingar. As pontas dos longos dedos pretos e coriáceos pressionam o vidro. Suas narinas se dilatam em fremitos tristes enquanto olha para o amigo e a recém-chegada.

A tristeza se transforma em um sentimento de traição. Ciúme. O grande vazio em seu peito se enche de uma nova sensação. Transborda como água de uma enchente.

Uma raiva terrível e candente.

Ela irrompe em seu peito como uma ânsia de vômito.

Attila começa a pular, batendo no peito. Grunhindo, emitindo ruídos gorgolejantes ao trombar pelas ruínas do apartamento, rasgando e destruindo tudo no caminho. Destruindo e rasgando coisas que ainda não foram rasgadas e destruídas, e até mesmo as que já tinham sido destroçadas.

Hoje é dia de morder e esmagar.

Começa a esmurrar as paredes de novo, derrubando os quadros que ainda restam. As molduras desabam e quebram. Mais vidro se espalha pelo chão. Agarra-se ao radiador no corredor, começa a balançá-lo. Estremece enquanto puxa as peças. O cano que o liga à

parede dá um chiado. Ouve-se um apito e um rangido quando se solta do suporte. Attila atira o radiador no banheiro, cuja porta arrancou das dobradiças alguns dias antes. O aparelho se choca contra a pia e a estilhaça.

Attila anda de quatro até a porta da frente. Fareja. Ouve Oz subindo as escadas, e outros dois pés andando ao lado ou atrás dele. E tem uma ideia. Corre pelos cômodos, apagando todas as luzes.

O apartamento fica no escuro a não ser pelas tiras mortijas alaranjadas das luzes de fora que atravessam as persianas destroçadas. O metrô passa, estremecendo o aposento. Attila continua ouvindo a aproximação pela escada. Boceja com sua mandíbula enorme. Fica à espera.

Capítulo 47

Chloe continuava sorrindo, o corpo relaxado e leve em meus braços, quando o táxi estacionou na porta do meu prédio na Rua 125. Levei algum tempo para absorver a paisagem esquálida. Perto de nós, dois sem-teto num abrigo de ônibus gritavam e se empurravam por alguma razão, e uma ratazana do tamanho de um chihuahua observava a cena.

– Lar, doce lar – falei, enquanto o metrô da Broadway trovejava nos trilhos elevados. – Não é tão ruim quanto parece. Garanto.

– É muito... ahn... – Girou um dedo, em busca de uma palavra.

– Urbano? – sugeri.

– *Non, non.* Mais... ahn... Qual é a palavra? *Misérable?*

Bufando e ofegante depois de subir os cinco lances de escada com as malas dela, eu estava girando a chave na fechadura quando ouvi um som incomum. Vindo de trás da porta. Parou por um momento, depois continuou – alto e rascante, uma espécie de chiado. Abri a porta. Tentei enxergar na escuridão do apartamento. Fiquei impressionado com o cheiro. Nada bom. Cheiro de merda.

Agora podia ouvir o som com mais clareza. Entrei na frente de Chloe, e a escuridão pareceu formar uma grande sombra.

– Attila?

Ele deveria estar na gaiola, o que fazia ali?!

– *Oo-oo-oo-oo ah-ah-ah heeaagh heeaagh heeeaaaaghhhh!*

A sombra se avolumou, antes de me atingir o peito como um trem. O tranco me jogou de costas no chão.

– Attila!

Chloe estava em algum lugar atrás de mim, gritando. Fiquei sem fôlego, com o cóccix dolorido, tentando entender o que acontecia. Attila tinha me derrubado, e agora corria pelo apartamento como um louco.

– Qual é o seu problema, porra? – perguntei.

Consegui me levantar e busquei o interruptor, procurando Chloe atrás de mim.

Como ele tinha saído da gaiola?

Achei que só estava assustado, frenético, tentando avaliar a situação. Devia ter pensado que eu era um invasor ou algo assim. Eu precisava acalmá-lo.

Apertei o interruptor.

– Escute, Attila. Sou eu. Oz. Está tudo bem, garoto.

A fria luz fluorescente piscou devagar, iluminando o apartamento.

Era um circo de horrores. Parecia exatamente que um chimpanzé selvagem tinha ficado solto no apartamento por uma semana. O lugar estava caindo aos pedaços. A porta da geladeira aberta, zumbindo e projetando uma luz azulada no recinto, alimentos podres espalhados pelo chão. As portas dos armários haviam sido arrancadas, todos os pratos quebrados no chão, a torneira aberta na pia por Deus sabe quanto tempo, poças pegajosas de mijo no linóleo, cocô nas paredes. E aquela imagem era só uma prévia de como estaria o resto do apartamento.

De repente, Attila estava vindo em minha direção no apartamento escuro e destruído. Parecia saber exatamente quem eu era. E usava o meu gorro vermelho.

– ATTILA! – gritei, e ele abocanhou meu joelho.

Reagi. Comecei a chutar. Dei um murro na nuca dele. Attila nem pareceu notar. Meus punhos resvalavam no seu crânio como bolas de borracha. Não era o mesmo chimpanzé. Alguma coisa dentro dele havia entrado em colapso.

Chloe gritava – eu a ouvia a distância, como se estivesse debaixo d'água.

Havia uma panela emborcada na beira da bancada da cozinha, bem ao alcance. Era de ferro fundido e tinha pertencido à minha avó polonesa. Eu fritara nela alguns *pierogi*, e isso poderia salvar minha vida.

Peguei-a pelo cabo e bati no alto da cabeça de Attila, primeiro com um pouco de força – não deu em nada –, depois como se fosse

Roger Federer dando um saque mortal. O som hediondo da caçarola acertando o crânio de Attila me fez estremecer. Senti sua mordida relaxar. Bati mais uma vez, então ele me soltou.

Attila estava zozinho do golpe. Recuou cambaleando para o canto perto da geladeira, o rosto escorrendo sangue. Encolheu-se na parede, gritando.

– *Heeaagh! Heeaagh! Heeaagh!*

– Oz! Você está bem?

Attila virou-se para ela, os olhos vidrados e perigosos. Começou a avançar em nossa direção.

– Não chegue perto dela!

Me preparei para acertar Attila de novo, mas ele ergueu um braço e jogou longe a caçarola, que atravessou facilmente a janela da cozinha, como se nem houvesse vidro ali. Os cacos caíram no chão.

Por um instante, achei que ele tinha saído do surto. Caí de joelhos, fazendo uma careta de dor; Attila me dera uma bela mastigada.

– Attila – chamei, usando uma voz de ninar. Minhas mãos estavam abertas, com as palmas para cima. – Attila, o que deu em você? Relaxe. Sou eu.

Chloe ficou imóvel no umbral da porta, como se pronta para fugir.

Attila olhou para mim, de pé sobre uma pilha de pratos quebrados no chão da cozinha. Inclinou a cabeça coberta com meu gorro de tricô vermelho e me fitou.

Foi então que a expressão dele mudou. Por um segundo, pareceu voltar a si. Me olhou com uma enervante e insuportável expressão de tristeza – como se se sentisse traído.

Em seguida, pulou sobre a bancada e saiu pela janela para a escada de incêndio. Foi embora.

Capítulo 48

Um hispânico de idade, com um amassado macacão de zelador, está esperando um ônibus. Dá um gole numa lata de cerveja embrulhada num saco de papel pardo e cantarola. Está voltando do trabalho para casa. Levanta a aba de um boné do Yankees endurecido de suor. De repente, um chimpanzé se lança de uma escada de incêndio do prédio atrás dele, usando um gorro vermelho. A lata de cerveja cai na calçada.

– *Heeaagh!* – guincha o animal. – *Heeaagh-heeaagh!*

O chimpanzé passa na frente dele, uma explosão de membros, pés e dedos. Fareja o ar, olha ao redor, percorre a calçada com um passo saltitante e alongado, impulsionado por braços longos e fortes.

De repente, o mundo é um turbilhão de luzes e sons estranhos – e com uma nova amplitude. Andando cegamente pela calçada, Attila não para nem quando passa pela comoção da Rua 125. É um circo de buzinas. Entra na frente de uma minivan, o motorista freia e toca a buzina um instante antes de um ônibus que vinha atrás bater na sua traseira. Há um estrondo de plástico, vidro e metal. Mais buzinas.

Agora do outro lado da rua, Attila vê uma grande vitrine iluminada de uma drogaria antes de virar a esquina e passar por uma lanchonete de frango frito.

Resfolega quando o metrô passa pelos trilhos elevados. Corre pela calçada, passando por bancos e hidrantes, desesperado por um lugar para se esconder.

Um grupo de adolescentes brinca sem muito entusiasmo com uma velha bola de futebol na calçada em frente a uma loja de

conveniência. Um homenzinho hispânico e grisalho descansa numa cadeira de plástico dobrável perto da porta do estabelecimento, fumando e observando os garotos. Um lustroso automóvel preto com vidros fumê se encontra estacionado na esquina, um rap ribombando no rádio num ritmo difuso que oscila nos amortecedores.

Um chimpanzé de gorro vermelho passa correndo pelo jogo de futebol. As garotas apontam e gritam. A bola quica em direção à rua.

Uma viatura do 26^o Distrito está saindo da frente de um mercadinho na Lenox Avenue quando recebe o chamado.

– Pode repetir, central? Quem está no teto de uma confeitaria?
– pergunta o sargento Timothy Perez, um veterano alto e forte com cinco anos de experiência que foi promovido ao cargo na semana anterior.

O rádio emite sons roufenhos, cheios de estática.

– Um chimpanzé.

– Como é que é? – indaga o oficial Jack Murphy, ao volante.

A crescente multidão na esquina da Broadway com a 123 se esparrama pela rua quando a polícia chega ao local. As luzes pintam a cena de vermelho e azul. Murphy dispara brevemente a sirene para que a multidão se abra e sobe com duas rodas na calçada.

O sargento Perez aponta a lanterna para o toldo de plástico vermelho da loja. Olhos brilhantes o fitam no pálido círculo de luz.

– *Heeaagh heeaagh heeeaaaaghhhh!*

– Ora, macacos me mordam – diz Murphy.

Certo, então a central não está louca, pensa Perez. De fato, uma coisa que parece um chimpanzé está em cima do toldo. Usando um gorro vermelho.

Perez e Murphy descem da viatura.

– Olhe só, chegaram os representantes da lei – diz alguém. – O que o macaco fez, seu guarda? Roubou um banco?

Um dos garotos cutuca o toldo da lojinha com um cabo de vassoura.

– Vamos lá, Bubbles – fala o garoto com uma voz aguda. – Pare com isso. Sou eu, Michael. – Ele deixa de imitar o cantor pop. – Pare de zoar antes que eu fique zangado.

Os garotos dão risada. O clima é de circo.

– Me dê isso aqui – ordena Perez, tirando a vassoura do garoto.

Perez olha para o chimpanzé. Percebendo que a cara do animal parece suja de sangue, leva a mão ao cabo da sua Glock.

Ele sabe que a situação não tem graça nenhuma. Seu cunhado, um patrulheiro de Nova Jersey, uma vez contou sobre um chimpanzé doméstico que fugira em West Orange depois de transformar o rosto de um sujeito numa tela de Picasso. Esses carinhas podem ser bem perigosos. Não dá para brincar com eles.

Perez pega o rádio.

– Estamos com o macaco aqui na Rua 123 com a Broadway. Empoleirado no toldo de uma loja. Precisamos de alguém da zoonose. Alguém com uma arma tranquilizante ou coisa parecida. Podemos ficar vigiando enquanto isso.

– Dez-quatro – responde a voz no rádio, e Perez pendura o aparelho no cinto.

– Qual é o problema, Donkey Kong? – pergunta Murphy. – Está querendo uma banana?

Perez não consegue acreditar. Aparentemente, seu primeiro teste de comando é tentar convencer um chimpanzé a descer de um toldo.

Acima da multidão, Attila se espreme contra os tijolos, paralisado de medo e confusão. Tenta subir pela parede para fugir, mas agora não consegue nem avançar mais nem descer. A adrenalina pulsa em suas veias quando aumentam os gritos lá embaixo e chegam mais carros com luzes coloridas e ofuscantes.

Logo uma grande picape se junta às três viaturas estacionadas na rua. Dois homens de imaculados uniformes beges descem do veículo.

Attila espia da beirada do toldo antes de voltar correndo para o canto da parede. Encolhe-se o máximo possível, tentando enroscar o

corpo. Gostaria de desaparecer.

Esmagado contra os tijolos, encontra um emaranhado de cabos coaxiais correndo pela aresta do prédio de seis andares. Enlaça os dedos nos cabos, depois os pés.

Os funcionários da zoonose não são empregados da prefeitura, mas de uma empresa privada contratada. Um deles – um ex-treinador de cavalos – carrega a sua pistola de dardos tranquilizantes enquanto o parceiro tira a escada do teto da picape. Tarde demais: o chimpanzé começou a subir.

– Ei, ei, olhe! – Um dos garotos da rua aponta. – Ele está dando uma de King Kong.

O sargento Perez e o sujeito da zoonose trocam um olhar e um gemido quando o chimpanzé escala o feixe de cabos que corre pela quina do prédio. A velocidade com que sobe é espantosa. O macaco está escapulindo.

– Vai nessa, macaco, vai! – começam a entoar os garotos.

Ele chega ao teto do prédio de seis andares e desaparece.

Depois de esperar um momento, respeitoso, Murphy dá de ombros, olha para seu superior e se junta ao coro.

Capítulo 49

Chloe queria que eu voltasse ao hospital imediatamente. Descartei a ideia. Já tinha passado tempo demais em salas de espera nos últimos dias. Ainda num frisson de adrenalina, despejei meia garrafa de água oxigenada no joelho e limpei com papel-toalha. Segurando a perna, saí mancando pelo apartamento, avaliando o caos ao redor.

Era como se todas as minhas posses tivessem passado por um triturador de madeira. Attila dera um jeito de destruir quase todos os objetos do apartamento. Isso sem mencionar o sufocante e nauseabundo cheiro de comida podre combinado com mijo e merda espalhados por toda parte. Imaginei que não iria recuperar meu depósito-caução.

Eu já sabia que Attila iria acabar se tornando impossível de administrar e que, eventualmente, eu precisaria encontrar um abrigo adequado, mas ele só tinha 5 anos.

Em geral, chimpanzés só ficam muito rebeldes um pouco mais velhos. Talvez tivesse sido uma demonstração de raiva, um ressentimento pessoal. O que havia provocado essa reação em Attila? Ansiedade pela separação? E como ele tinha fugido da gaiola?

Deixando nossa bagagem ainda empilhada no corredor fora do apartamento, Chloe passou com cuidado em meio aos destroços, com medo de encostar em qualquer coisa.

– Oz, sinto muito.

Quem sabe a presença de Chloe o provocara. Chimpanzés são muito territoriais; há vários relatos de disputas mortais a respeito de limites. Será que Attila tinha visto Chloe como uma espécie da ameaça?

Por outro lado, ele havia passado um bom tempo causando aquela destruição.

Eu estava passando pela porta do banheiro de serviço quando senti um cheiro especialmente desagradável. Pior ainda que a mistura de comida podre e matéria fecal a que recendia o resto do apartamento.

Na porta do quarto, senti um cheiro tão denso e concentrado, tão horrendo, que tive medo de acender a luz. Mas fiz isso assim mesmo.

Fiquei parado um momento, imobilizado, respirando com dificuldade.

– O que foi, Oz? – perguntou Chloe atrás de mim, no corredor.

O quarto estava em ruínas. O colchão tinha sido rasgado em tiras e o enchimento, encharcado de urina. Mas a questão não era essa.

Senti meu coração batendo nos ouvidos enquanto meus olhos percorriam o cômodo. Havia sangue nas paredes. Em faixas estreitas e em salpicos. Em manchas densas e grandes. Marcas de mão.

Marcas de mão longas – mãos de chimpanzé. Havia uma também ao lado do interruptor. Quatro dedos largos e compridos e um polegar curto e grosso.

Olhei para cima. Sangue seco se misturava com a pintura do teto, conferindo ao quarto um tom levemente róseo. Todo esse sangue estava lá havia dias. Seco e escurecido, da cor de ferrugem.

Segui as manchas com o olhar até o canto mais distante do quarto.

– O que foi? – repetiu Chloe do corredor.

Havia algo no chão no canto do quarto do outro lado, entre a cama e a parede. As manchas levavam até lá, assim como todos os caminhos levam a Roma.

Senti Chloe atrás de mim.

– Fique aí – falei. – Não entre aqui.

Cobri o rosto com o colarinho da camisa e avancei uns passos pelo quarto. Senti um gosto amargo no fundo da boca: a bile subindo pela minha garganta.

Era um corpo humano. Um cadáver em decomposição – e parecia parcialmente comido. Não consegui identificá-lo pelo rosto, pois havia sido arrancado. Assim como os pés e as mãos. Mas o

cabelo era longo e ruivo. Ruivo mesmo, bem vermelho, cabelo de garota irlandesa. E o corpo estava vestido com um jaleco hospitalar, um crachá de plástico preso no bolso superior duro de sangue.

Tirei-o da lapela e o examinei. Sob as manchas escuras e amarronzadas, distingui a foto de Natalie.

NATALIE MARIE SHAW, estava escrito embaixo.

Quase não notei Chloe ao passar por ela no corredor. Eu já tinha chegado à porta da entrada quando ela me agarrou pelo braço.

– O que foi? Me diga, Oz. Por favor. O que você viu lá dentro?

– Minha... ahn... minha namorada – balbuciei.

Ela recuou, olhando para cima. Sua expressão era de confusão, com alguma margem para raiva.

– Achei que era sua ex-namorada.

– Agora é.

Ligamos para a polícia do apartamento da Sra. Mullen, minha vizinha de porta – uma simpática senhora irlandesa, tão velha que provavelmente havia sobrevivido à peste das batatas do século XIX. Não fiquei muito chocado quando a Sra. Mullen disse não ter ouvido nada na última semana. Ela era surda como uma porta. Nem sabia que eu tinha um chimpanzé em casa.

Os primeiros policiais a chegar já sabiam de Attila. Disseram que ele fora visto na rua e que ainda estava solto. Parecia que tinha se escondido no telhado de uma confeitaria.

E agora? O que eu ia fazer?

Minha casa estava destruída. Se eu não tivesse ido para a África e pedido para Natalie tomar conta de Attila, ela ainda estaria viva. Culpa minha. Se eu não tivesse a porra de um chimpanzé no apartamento, ela ainda estaria viva. Também culpa minha. Ela era uma santa – mesmo depois de terminar comigo, ainda viera cuidar de Attila. E ele a matara. Fui recuando cada vez mais nas minhas decisões em cadeia, pensando no que poderia ter feito diferente. Muita coisa. O arrependimento drenava meu coração como uma sanguessuga.

Fiquei sentado na escada com Chloe ao meu lado, segurando minha mão. Os rádios da polícia soavam roufenhos e estalavam no meu apartamento, e todos os vizinhos de baixo vinham olhar a cena.

E agora? E agora?

E o pesadelo não tinha terminado. Longe disso.

LIVRO QUATRO
OS NATIVOS ESTÃO INQUIETOS

Capítulo 50

CINCO ANOS DEPOIS

Quando senti o trem desacelerar, abri os olhos e despertei de meu cochilo involuntário.

Olhando pela janela, pude ver que ainda não havíamos chegado a Washington. Estávamos passando por uma cidade industrial do sul de Nova Jersey que parecia abandonada, ou talvez fosse no norte de Maryland. Esses lugares decadentes pareciam todos iguais e deprimentes: fábricas de tijolos, pontes desertas e enferrujadas, uma avenida principal ladeada de janelas tapadas com compensado; capim crescendo na rua. Voltando à natureza, lentamente.

Acabou que o apocalipse ia chegando bem devagar. Sem incêndios e enxofre, mas com ferrugem e dentes-de-leão. Não numa explosão, mas num suspiro.

A causa talvez fosse a contínua decadência econômica, mas abundavam rumores na internet. As pessoas estavam morrendo nessas regiões intermediárias. Ninguém sabia por quê.

Eu tinha as minhas teorias.

Observando aquela cidade abandonada, pensei nos versos de Yeats:

*As coisas se despedaçam; o centro se desloca;
A anarquia está à solta no mundo*

Por um momento, fitei meu reflexo na tela escura do notebook aberto na mesinha à minha frente. As bolsas sob meus olhos

comportariam uma bagagem suficiente para um fim de semana prolongado.

Tanto a fazer e tão pouco tempo.

Durante os últimos cinco anos, estivera trabalhando sem parar com meus amigos da Colúmbia tentando lidar com o CAH. Boa parte do trabalho consistia em recolher corpos de animais afetados para realizar autópsias.

Já tínhamos analisado um monte de espécimes. Até demais. Tigres da Índia. Ursos da Rússia. Castores, texugos, até esquilos. O comportamento agressivo anormal tinha se disseminado para tantas espécies mamíferas que já começávamos a perder a conta.

Não era hidrofobia. Até onde sabíamos, a partir das análises, não parecia ser um vírus. Mas tínhamos observado algo interessante: o cérebro dos animais afetados era um pouco mais pesado do que o normal. E sempre na mesma proporção: 1,3 por cento. O aumento da massa encefálica parecia se concentrar principalmente na amígdala, a que se costuma atribuir a memória e o aprendizado.

A descoberta foi suficientemente inusitada para afinal envolver o governo. Durante o último ano, tínhamos conseguido bons financiamentos e estávamos trabalhando em conjunto com o Departamento de Saúde e Serviços Humanos.

Então, a boa notícia agora era que havíamos fornecido provas ao mundo de que algo estava provocando mutações anormais nas amígdalas dos mamíferos, que resultavam naquele comportamento agressivo aberrante. A má notícia era que não fazíamos ideia do que pudesse ser.

Havia também outras questões. Por que alguns animais eram afetados, mas outros não? E por que os humanos também não eram atingidos? Haveria outros sintomas associados a essas mutações? Sim, e eles variavam de uma espécie para outra. Em algumas – leões, por exemplo –, pareciam afetar apenas os machos. Já fora observado um desagradável episódio de comportamento bizarro e psicótico entre um grupo de elefantas na Tailândia. Cada indicação que obtínhamos a respeito de uma questão abria uma nova série de indagações. Perguntas já respondidas se ramificavam em mais

perguntas, como as cabeças da Hidra: quando uma delas era cortada, duas outras cresciam no lugar.

Fiquei observando a devastação em que os Estados Unidos estavam mergulhando, enferrujando sob um céu de verão árido e inclemente.

Capítulo 51

E ainda houve mais notícias ruins naquela manhã – apenas para mim. Tive que interromper minha pesquisa para ir a Washington fazer o papel de Chicken Little, em mais uma desgastante audiência no Congresso. Apesar de todas as evidências científicas que vínhamos reunindo – e a despeito do aumento exponencial de ataques de animais, que era irrefutável –, muita gente, tanto políticos como cidadãos, ainda se recusava a aceitar que estivesse acontecendo algo anormal.

Eu não era mais a única voz bradando no deserto. Ainda assim, nem todo mundo tinha ouvido o chamado. Nos primeiros anos, precisamos nadar muito contra a corrente para fazer as pessoas reconhecerem o que estava acontecendo. Eu já havia entrado numa série de embates públicos contra Harvey Saltonstall – sim, o biólogo evolucionista, conhecido escritor de divulgação científica, detentor da cátedra de Henry Wentworth Wallace em Harvard. Já tínhamos dividido muitas telas de TV em noticiários. Ele era o meu crítico mais proeminente e sua oposição ao CAH deve ter atrasado o reconhecimento por parte do público por anos. Os debates com ele me deixavam louco – ele tinha credibilidade no meio acadêmico, nome famoso, um grande CV, e afinal quem era eu? Ficava parecendo um técnico de informática perto daquele homem imponente e bonito, alinhado em seu paletó de tweed, com uma voz de barítono típica de fumante de cachimbo, o sotaque da elite de Boston e seu odioso tique de jogar os cabelos prateados para trás. Idiota.

Esfreguei as têmporas latejantes com os polegares; uma dor de cabeça ganhava força em ondas de dor. Fiquei mais surpreso do que alarmado quando um desconhecido sentou à minha frente. Parecia um ex-marido de Britney Spears: braços finos e azulados de tantas

tatuagens de mau gosto, chapéu de feltro xadrez e um cavanhaque que parecia desenhado no queixo.

Uma pequena parte de mim se perguntou se eu ainda não estava dormindo.

– Posso ajudar? – perguntei.

– Você é Jackson Oz?

Quase revirei os olhos. Lá vamos nós.

Eu tinha escrito um livro sobre o CAH, que se tornara um controverso best-seller. Por um lado, tinha sido a melhor forma de difundir o conceito: fiz aparições nos principais canais de mídia, nos quais tentei alertar as pessoas sobre o crescente perigo e a premente necessidade de alguma ação imediata e coordenada. Por outro lado, fiquei meio famoso – ou melhor, mal-afamado. Donos de bichos de estimação não gostavam muito de mim. Os que tinham cachorros, em especial, detestavam minhas mensagens, agora ainda mais, desde que conseguimos que o Congresso e a presidente considerassem o estabelecimento de uma quarentena nacional.

– Não, não sou eu. Todo mundo me confunde com ele.

O homem continuou imperturbável.

– Por que você odeia tanto os cachorros, cara? Por que está deixando todo mundo louco desse jeito? Para vender seu livro de merda? Minha *rottweiler* não é maligna. É um doce.

– Está tudo bem aqui? – perguntou um negro gigantesco num terno risca de giz que se materializou na porta do vagão.

– Só estamos conversando – replicou o sujeito com uma indignação resoluta. – Uma conversa particular.

– Não estão mais – atalhou meu guarda-costas ocasional, o agente Nimo Kade, do FBI, abrindo um sorriso vitorioso e mostrando o distintivo. – O senhor prefere encontrar o seu assento ou precisa de alguma ajuda?

Nimo conduziu o merdinha para fora do vagão e eu soltei um longo suspiro de alívio.

Trabalhar para o governo tem suas vantagens.

Esse tipo de coisa acontecia muito. Minha caixa de entrada vivia cheia de ameaças de morte, que eu deletava sem a menor curiosidade de abrir.

– Você sempre atrai os melhores e os mais inteligentes, não é, Oz? – falou Nimo quando o cara já tinha ido embora.

– Tudo por causa da minha personalidade efusiva – brinquei. – Onde está todo mundo?

Chloe apareceu na porta do vagão. A melhor coisa dos últimos cinco anos – cinco difíceis anos de trabalho duro em laboratório, viagens e frustrações constantes – era ter Chloe ao meu lado. Ela trabalhava tão arduamente quanto eu. Até mais, aliás. E de alguma forma, em vez de assumir minha aparência de fusível queimado, ela continuava a mesma, com a pele sedosa e os olhos de coruja, o corpo esguio e elegante como uma escrita de caligrafia.

Ouvimos um guincho ruidoso, parecendo de porco, e alguma coisa risonha e pegajosa entrou correndo pela porta, subiu pelo banco e aterrissou no meu colo.

– Eca! Um monstro! – falei com minha voz de radionovela dos anos 1930 quando nosso filho de 3 anos, Eli, subiu em mim como se fosse Sir Edmund Hillary escalando o Everest.

Apliquei-lhe um falso mata-leão e dei um beijo em seu cabelo louro desgrenhado.

Eli não apenas era um garoto impetuoso que adorava lutar e montar armas de Lego, como também era muito inteligente. Não parava quieto. Com 18 meses, conseguia escrever palavras com letras magnéticas na geladeira. E era bilíngue: inglês e francês.

Eu e Chloe nos casamos numa rápida cerimônia no gabinete de um juiz de comarca no dia em que ela descobriu que estava grávida. Alguns meses depois, organizamos uma celebração para amigos e parentes. Eli nasceu dois meses antes do tempo e precisou ser posto numa unidade de terapia neonatal. Ficamos com medo de que não sobrevivesse. Mas ele se recuperou em uma semana. E começou a ficar cada vez maior e mais saudável.

Quando o vi pular ao lado de Chloe no banco da frente e abrir seu livro favorito, *O livro da selva*, minha depressão foi substituída por um renovado sentido de determinação.

Para o inferno com Yeats, pensei. O centro não ia se deslocar. Teria que se manter. Por minha mulher e meu filho, eu ia manter o centro firme ou morreria tentando.

Capítulo 52

Estava tudo engarrafado no trecho entre a Union Station e o Capitólio. No banco traseiro do cintilante sedã governamental, Eli brincava no meu colo, mastigando uma fruta seca como se fosse um *gremlin*. Mas já começava a se entediar. E Chloe já estava aborrecida por não terem mandado o banco especial prometido a Eli. O sol vespertino brilhava num mar de cromo e vidro, furioso como um valentão gordo e amarelo lá em cima, um problema que o anêmico ar-condicionado não amenizava em nada.

Eu mesmo também estava ficando aborrecido. Mais uma audiência inútil? Nunca acontecia nada nesses tribunais informais a não ser um aglomerado de histriônicos coreografados. O pior de tudo é que o senador Charlie Chargaff, meu arqui-inimigo jurado, estaria no painel de inquérito naquele dia. Mal podia esperar para ser interrogado pelo velho de cabelo implantado e bronzeado de spray que tentava me demonizar para abrir seu caminho até a Casa Branca.

Quando finalmente viramos uma esquina, descobri a razão do trânsito. A um quarteirão do complexo do Capitólio, uma multidão de jovens de máscara e capuz pretos enfrentava um batalhão de choque. Vários manifestantes acenavam bandeiras negras com o símbolo do anarquismo. Nuvens de fumaça pairavam ao redor. Buzinas soavam à nossa volta como balidos de ovelhas entediadas.

– Por que esses malucos estão protestando desta vez? – perguntou Chloe, observando, de rabo de olho, Eli bater com um boneco do Batman no assento e fazer ruídos de explosões. – Eles já conseguiram o que querem: a anarquia chegou.

O motorista entrou num retorno e nos levou até os fundos do prédio do Capitólio. Senti o celular vibrando no bolso de dentro do paletó.

No visor, se lia GOVERNO DOS EUA.

– Quem é? – indagou Chloe.

– Tio Sam – respondi, e atendi.

– Sr. Oz? – falou uma voz vibrante.

– Eu mesmo.

– Já chegou à audiência?

– O trânsito está ruim, mas estou a caminho.

– Aqui quem fala é Stanley Marshall, chefe de gabinete da presidente. Aconteceu uma coisa, questão de segurança nacional. Precisamos da sua ajuda. Faça a volta e venha nos encontrar.

– Agora? Mas minha audiência é daqui a meia hora.

– Eu sei, Sr. Oz. Mas a presidente quer falar com o senhor. Este assunto é mais urgente. Chame um dos agentes ao telefone; vou passar as instruções a ele.

– O que foi? – perguntou Chloe quando fizemos outro contorno e Eli derrubou o boneco no chão do carro.

– Mamãe! Pega o Batman!

– Não sei – sussurrei. – Acho que vamos nos encontrar com a presidente.

Dez minutos depois, o carro parou num estacionamento municipal em Dupont Circle. Estava tudo muito suspeito. Me debrucei até o banco da frente.

– Será que vamos nos encontrar com o Garganta Profunda? Achei que estávamos indo para a Casa Branca.

Nimo olhou para mim e deu de ombros.

– Eles disseram para virmos até aqui – explicou enquanto subíamos para o estacionamento.

Fomos até o telhado, percorrendo lentamente a rampa circular. Eu me sentia confuso. Estava tudo deserto.

– O que é isso? – perguntou Chloe. – Não tem ninguém aqui.

– Que droga.

– Mamãe! – berrou Eli. – Pega o Batman!

– O quê? – indagou Chloe, ignorando o filho.

– Deve ser algum stratagema do senador Chargaff. Deve ter conseguido meu número e ligado, fingindo ser o chefe de gabinete

para eu não comparecer à audiência. Para me fazer parecer uma pessoa instável. Canalha.

Tentei telefonar para o número que acabara de me ligar. Estava ouvindo os toques sem resposta quando notamos um ruído de motor baixo e intermitente – como um ventilador industrial debaixo de um travesseiro.

Uma sacola de plástico pairando perto da parede de concreto na frente do carro estremeceu e alçou voo, com a mesma graça de um pássaro sobrevoando a paisagem de Washington. Logo depois, ouvimos o ronco ensurdecedor e resfolegante de um helicóptero, preenchendo o ar como uma enxaqueca na cabeça de um deus.

O aparelho que pousou cinco vagas à esquerda do sedã era um enorme Black Hawk com insígnias militares. Um coronel do Exército desceu e correu até o nosso carro. Tinha um capacete de aviador e uma jaqueta com tantas medalhas que parecia uma árvore de Natal.

– Papai! – gritou Eli no meu ouvido.

– Que foi? – berrei para ser ouvido em meio ao barulhão.

– Pega... o Batman!

Capítulo 53

E nós preocupados com um banco especial para Eli no *automóvel*.

Minutos depois, preso aos cintos de segurança do helicóptero militar que zunia e estremeceu, decolamos e sobrevoamos, numa curva baixa, o centro de Washington como uma suave carruagem. Ganhamos altitude e, em pouco tempo, já não víamos mais concreto e grandes avenidas, mas a grama esmeraldina dos pântanos da Virgínia. Olhei para Eli, afivelado no colo de Chloe, agarrado ao seu Batman, com os olhos arregalados do tamanho de um *frisbee*, maravilhado.

Fizemos uma curva fechada e prosseguimos para o norte por uns vinte minutos antes de começarmos a descer. Um conjunto de prédios de puro vidro surgiu na floresta. Vistos de cima, pareciam blocos de gelo derretendo na grama. Mergulhamos em direção ao edifício central. Achei que iríamos pousar no H vermelho do heliporto no terreno ao lado, mas o piloto nos conduziu ao teto plano do prédio.

– Obrigado, coronel! – gritou um homem de cabelos prateados usando um impermeável da Marinha que nos esperava no teto quando desembarcamos. – Agora pode deixar comigo.

O coronel bateu uma rápida continência antes de o helicóptero alçar voo atrás de nós.

Percebi as letras “NSA” na insígnia eletrônica presa ao bolso da camisa imaculadamente branca do militar. Ele me conduziu, junto com Chloe, Eli e Nimo, pelo asfalto banhado de sol do telhado em direção a uma porta.

Agência de Segurança Nacional: o departamento que faz vigilância eletrônica mundial para todos os serviços de inteligência – tão secreta que algumas pessoas diziam que a sigla, na verdade, queria dizer Ninguém Sabe dessa Agência.

– Chefe de seção Mike Leahy – apresentou-se o homem, apertando minha mão quando entramos no edifício. – Obrigado por ter vindo.

Ele nos conduziu por uma escadaria até um corredor comprido de um branco ofuscante.

– Desculpe todo esse teatro, mas – deu uma olhada para Eli – quando “você sabe o quê” cai no ventilador, as coisas tendem a se acelerar por aqui.

Viramos uma esquina e entramos numa sala semicircular com fileiras de cadeiras que me lembrou uma sala de conferências da faculdade. Atrás do púlpito na parte frontal, havia uma tela de televisão fina e brilhante do tamanho de um outdoor.

Uma porta lateral se abriu e um homem negro de meia-idade entrou no salão. Leahy estava de terno e gravata, mas esse sujeito usava uma camisa polo preta, calça jeans e sapatos caríssimos que rangiam no piso branco encerado. O Rolex de ouro em seu pulso acrescentava um toque de ostentação ao conjunto.

– Você é o presidente? – perguntou Eli, olhando para cima.

– Não, não sou o presidente – respondeu o homem.

– Na verdade – disse Leahy, com um sorriso tenso –, a presidente teve um imprevisto. Este é Conrad Marlowe, do Departamento de Defesa.

– Não precisa enganá-los, Mike – retrucou Marlowe. Seus dentes pareciam peças de majongue e a voz soava como um violoncelo de veludo. – O Sr. Oz aqui é muito inteligente para cair nessa. Ele percebeu o que estava acontecendo em 2012. Aliás, em 2011, 2010. A presidente não vem. Só disseram isso para você entrar no helicóptero. E, tecnicamente, eu não sou do Departamento de Defesa. Trabalho para um centro de excelência. Simulações de guerra. Esse tipo de coisa. Eles acham que eu posso resolver esse cubo mágico, mas tenho minhas dúvidas.

– Mas realmente precisamos da sua ajuda – completou Leahy.

Em frente à porta se postava uma mulher de expressão severa que parecia um pardal, com sobrancelhas traçadas e o cabelo bem puxado para trás, como o de uma patinadora artística. Bateu com os nós dos dedos duas vezes na porta aberta. Leahy pigarreou.

– Esta é Jen, minha assistente. Tudo bem se ela levar Eli para tomar sorvete e jogar no computador enquanto nós falamos de negócios?

– Ora, ora, se ele não quiser, eu vou no lugar dele – disse Marlowe, lançando a Jen um olhar que soltava faíscas.

– Posso ir, mamãe?

– Mas sorvete só com a palavra mágica, tá?

– *Por favooooor!*

Eli abriu um sorriso radiante quando Jen o conduziu porta afora.

– É difícil encontrar uma babá com essa rapidez – falei para Leahy.

– Muito bem – disse Chloe quando eles se retiraram. – Vamos direto ao assunto, certo? O que está havendo? Por que estamos aqui? O que aconteceu?

– Já está entre nós, Sra. Oz.

– O quê? – perguntei.

– O CAH chegou aos Estados Unidos com força total – respondeu Marlowe. – Os animais estão em pé de guerra. E está se espalhando. Uma pandemia.

– Estamos chamando esse novo e adverso meio ambiente de Z-O-O – explicou Leahy. – As letras significam alguma coisa, mas não consigo mais lembrar o quê.

Marlowe fez uma careta.

– E nós somos apenas uns dos animais.

Capítulo 54

Annapolis, Maryland

O Dr. Charles Groh deixa os chiados e estalidos chegarem a um frenesi e só então, ao sentir que estão começando a queimar, vira as fatias de bacon com um garfo. Elas estremecem e se curvam, soltando uma névoa de partículas de gordura e fumaça.

Atrás dele, esparramado no piso quadriculado de lajotas de figuras coloridas, Charlie II, seu labrador chocolate, solta ganidos lancinantes e abana o rabo, que bate contra a bancada. Os ganidos se transformam em latidos.

– Paciência, Charlie. Paciência – diz Groh, brandindo o garfo no ar como um maestro. – Como todas as coisas importantes da vida, tudo é uma questão de tempo. E bacon é uma coisa muito importante.

Depois de colocar o bacon numa toalha de papel, Groh coxeia com sua bengala até a pia e lava a mão. O ataque do gorila no laboratório de primatologia no Johns Hopkins, oito anos atrás, o obrigou a usar próteses de mão e perna.

O incidente na verdade foi de uma ironia perversa, num sentido cósmico. Naquela época, tudo era secundário para ele, a não ser sua carreira. Tinha uma boa posição, um currículo do tamanho de uma lista telefônica. Escrevera livros acadêmicos e diversos títulos de divulgação sobre gorilas, já havia recebido um aval de “gênio” da Fundação MacArthur. Era uma alegria nos círculos intelectuais. Porém, enquanto sua carreira alçava voo, até a estratosfera, ele passava cada vez menos tempo com a esposa, Adrianna, e o filho, Christopher Robin. Costuma ficar distante da família e Chris estava

crescendo sem ele. Chegara até a negligenciar suas aulas, delegando muitas turmas para assistentes.

Apesar do horror e de toda a dor, de certa forma a mutilação e a difícil recuperação o salvaram – e o trouxeram de volta à Terra. Sim, agora ele usa óculos escuros em público e sua carreira como modelo de calçados foi detonada. Mas continua dando aulas. Embora certas posições tenham que ser evitadas, ele ainda consegue fazer amor com a mulher. Ainda consegue fritar bacon.

Num balanço geral, pensa Groh, levando uma caneca de café aos lábios cirurgicamente reconstruídos, até que ele é um homem de sorte.

Groh enfia um pedaço de bacon dobrado na boca e liga o rádio ao lado da pia. Ele gira o *dial*, passa por um programa de bate-papo matinal, até que para numa estação com música clássica. Verdi. Bem melhor. Ouve um barulho de louça na bancada de mármore da copa e vira a cabeça. O filho de 12 anos resmunga um bom-dia enquanto despeja uma caixa de cereal numa tigela. É um menino bonito, moreno como uma noz por conta do tempo ao ar livre na colônia de férias.

– Olá, garoto. Pode desistir desse treco. Eu fritei um bacon.

– Bacon com quê? – pergunta Chris, ligando na MLB Network na TV da cozinha.

Tira o volume, deixando o Verdi do pai suplantar a derrota do Braves para o Orioles da noite anterior.

– Por enquanto bacon com bacon – responde Groh, abrindo a geladeira. – Que tal um ovo?

– Posso comer bacon com cereal? – indaga o filho, olhando para a tela.

– Sei lá. Será que sua mãe ia concordar com isso?

Adrianna ficaria em Baltimore por alguns dias com a mãe já idosa, que fora operada para a remoção da vesícula.

– Você está louco? Claro que não – diz Chris.

Groh sorri e leva os pedaços suínos fumegantes para a mesa.

– Então vamos lá, garoto. Ela vai voltar logo para casa.

Groh sai da cozinha e vai até a porta da frente, quando ouve um veículo estacionar lá fora. Olha pela janela e vê que é uma

picape da Lawn Doctor em frente à casa do vizinho do outro lado da rua. Um casal de lobistas chiques que deve ganhar muita grana, a julgar pelos Mercedes do mesmo nível. Com certeza não entendem de paisagismo. Ervas daninhas pululam como uma praga no gramado feioso. Por isso a empresa de jardinagem.

Quando se afasta da janela, Charlie II está espiando pela porta, bisbilhotando os vizinhos pela vidraça. Groh volta para a cozinha apoiado na bengala, dando tapinhas na cabeça marrom do cachorro, que está com uma expressão abobalhada, como os apaixonados de desenho animado, irradiando coraçõezinhos vermelhos.

– Ok – fala Groh, tilintando as chaves que pegou da bancada da cozinha. – Estou saindo para o trabalho. Você vai ficar sozinho por mais uma hora, Chris. Sua mãe já deixou Nana e vai levá-lo ao acampamento. Te amo.

– Espere, pai. Estava quase esquecendo.

Groh observa o filho remexer na mochila pendurada num cabide na parede perto da porta de saída. Tira alguma coisa da sacola e a dá para Groh – parece um colar vermelho e branco.

– Fiz no acampamento ontem. Você poderia deixar os óculos pendurados no pescoço enquanto estivesse trabalhando ou fazendo qualquer coisa, sabe? Escolhi vermelho e branco em homenagem ao Nats.

Groh olha para o presente, depois para o filho, o olho bom ameaçando marejar.

– Ei, obrigado, garoto. Que incrível. O Nats joga hoje?

– Em casa. Contra o Diamondbacks. Às sete. Com a estreia do Strasburg.

– Você quer ir?

– O quê? No estádio? Claro que quero! – exclama Chris, dando um tapa na mão espalmada do pai.

Sou um homem de sorte, pensa Groh mais uma vez, batendo no ombro do filho e descendo para a garagem.

Capítulo 55

— **Ei**, Charlie, quer um pouco de bacon? – pergunta Chris a Charlie II depois que o pai sai. – Você ouviu isso, garoto? O jogo do Nats. Stephen Strasburg com lançamentos de 160 quilômetros por hora.

Ele volta para a cozinha. As garras do cão arranham as lajotas atrás dele.

Ninguém na família gosta mais de Charlie II do que Chris. Eles praticamente cresceram juntos, foram “filhotes” na mesma época. A família se mudou três vezes, devido às trocas de emprego de Charles, e todas as vezes Charlie II foi o melhor amigo de Chris até ele arranjar amigos humanos. Chris lembra como é difícil fazer o cachorro ficar em casa quando sai para brincar. Ele gane de tristeza, os olhos tristes observando o dono pela janela ao vê-lo partir. Se Chris olhasse para trás, talvez não conseguisse sair. *Não* estar com Chris parece a coisa mais difícil para o cão. Os dois são próximos como irmãos.

Chris silencia o Verdi, aumenta o volume da TV e, enquanto zapeia em busca da ESPN, pega um pedaço de bacon de uma toalha de papel encharcada e o oferece a Charlie II por baixo da bancada.

Sente uma dor aguda na mão. Chris deixa cair o controle remoto.

— *Ei!*

Recolhe a mão e olha para ela. Charlie a mordera. Há marcas de perfuração na pele.

— *Ai!* Que *merda* é essa? Por que você fez *isso*?

Fica olhando boquiaberto para Charlie II, de pé ao seu lado na cozinha. O pedaço de bacon descansa intocado no chão. Alguma coisa não está certa. Há algo de estranho no olhar do cão – um brilho consciente, quase feroz, que Chris nunca viu antes. Charlie começa a rosnar. As bochechas tremem, a saliva gorgolejando na

garganta. O labrador de 35 quilos se abaixa, refuga, o pelo eriçado como uma escova de aço no pescoço. Ruge como um cão de guarda, arreganhando os dentes, e uma baba branca escorre do lábio inferior como um ioiô numa poça de saliva.

– O que está acontecendo? Qual é o problema, garoto? Pare com isso. Sou eu. O que há de errado com você?

A impressão é que um dos olhos do cão está contundido. A cabeça de Charlie fica repuxando para um lado, como um pugilista se desviando de um golpe. Alguma coisa está *errada*.

Charlie se apoia nas patas traseiras e emite uma série de latidos altos e ameaçadores, algo que Chris nunca o viu fazer. Parece um cachorro de terreno baldio alertando contra invasores, não o cão de família que ele conhece a vida toda. Charlie está furioso, a respiração ofegante, dando latidos guturais.

Chris fica assustado. Entra em pânico. Cambaleia da cadeira e começa a correr. Sente o bafo quente de Charlie na panturrilha, ouve o clique das mandíbulas se fechando.

A porta mais próxima é a da despensa do corredor. Chris entra e fecha-a, escutando Charlie se chocar contra o painel e arranhá-lo. Apoia as costas na porta, mantendo-a fechada. O cão continua a arremeter, fazendo-a estremecer nas dobradiças. Ele gane e late, se jogando contra o obstáculo como um maníaco, parecendo querer reduzi-lo a tiras. Em todos os anos que o cachorro viveu com eles, nunca agiu dessa forma – como um *animal selvagem*.

Ele enlouqueceu, pensa Chris. Viu isso nos olhos dele. O cachorro está fora de si. Não parece mais o Charlie II. Virou outra coisa. Outro cão, totalmente diferente. Um animal ruim.

Chris sente que vai começar a chorar. Pode ouvir o cachorro andando em círculos no corredor, ainda rosnando, às vezes espirrando, antes de entrar numa nova onda de furiosos latidos.

O garoto olha para a própria mão. Apesar de não serem muito grandes, as perfurações na palma são profundas e sangram, sujando toda a sua bermuda.

Chris balança a cabeça, esfregando os olhos. Precisa se acalmar e pensar. Precisa cuidar dos ferimentos.

Abaixa-se para pegar um pacote de toalhas de papel na prateleira inferior. Na embalagem, um montanhês bonitão sorridente veste uma camisa de flanela. Abre o pacote com os dentes, enrola um monte na mão e firma a atadura improvisada com um pedaço de plástico.

Fica sentado na escuridão quente e apertada, ouve o cão andar e rosar no corredor. Pensa em usar a vassoura para afastar o cachorro por tempo suficiente para pedir ajuda. Neste momento, toca o telefone da cozinha.

A secretária eletrônica apita e alguém começa a deixar uma mensagem. Ouve Charlie II voltando para a cozinha.

Chris sai depressa da despensa e sobe a escada correndo. Está quase chegando ao quarto quando Charlie aparece nos degraus à sua frente.

Chris mergulha no quarto dos pais. O cachorro entra atrás dele logo depois, obrigando o garoto a entrar no banheiro. Ele bate a porta uma fração de segundo antes de o cão se chocar contra ela. Charlie se põe a latir e rosna como um louco.

Que droga. Seu plano era ligar para a mãe e o pai do celular no quarto. Agora está encurralado outra vez.

– Charlie! Tem alguma coisa errada com você! Sou eu, é o Chris.

Sua voz tem um tom suplicante, e isso parece aumentar o desprezo do cão.

Ou Charlie não o ouve ou não se importa. Continua latindo, arranhando, rosnando.

Neste momento, Chris lembra que a mãe está voltando para casa. E não sabe que Charlie II enlouqueceu. Se ela entrar pela porta da frente, Charlie vai mordê-la também.

Precisa ligar para ela. Mas o celular está no quarto. Chris começa a andar de um lado para outro pelo piso claro do banheiro, ainda enevoado do banho recente. De repente, recorda-se da caixa no closet dos pais. Seu pai gosta de engenhocas; para ele, é difícil descartar peças usadas, cabos de computador e coisas do gênero. Chris lembra que a caixa tem alguns celulares velhos. Dá para discar

911 dos celulares velhos, certo? Ouviu isso em algum lugar. Espera que seja verdade.

O closet dos pais fica grudado no banheiro. E as paredes são feitas de gesso e papelão, não são? Uma vez ele atravessou o material com o pé, fuçando no sótão logo quando se mudaram, e ficou sabendo como o material é surpreendentemente frágil e quebradiço.

Plano: fazer um buraco na parede, entrar no closet, pegar um celular velho da caixa, discar 911.

Retira a barra de metal da cortina do chuveiro e começa a bater na parede com a ponta. Continua a perfuração por algum tempo. O buraco já está do diâmetro de uma bola de basquete quando ele ouve o zumbido elétrico da porta da garagem se abrindo no andar de baixo.

Charlie II para de latir e sai correndo do quarto.

Chris entra em pânico. Tarde demais. A mãe seria atacada. Lembra-se da arma. Já caçou patos com o pai algumas vezes; até com o tio, quando ele vem visitar. Sabe que há uma escopeta no armário. Só não sabe ao certo onde estão os cartuchos.

Chris larga a barra de metal no chão, abre a porta e vai até o armário. A escopeta está na prateleira de cima, apoiada em dois coletes de caça cor de laranja dobrados. Não consegue alcançá-la. Arrasta uma cadeira até o armário e sobe nela. Remexe os bolsos dos coletes e encontra uma caixa de munição. Tira um punhado de cartuchos, os põe no bolso, corre para a escada com a escopeta.

Como é que se carrega aquela merda mesmo?

Calma, diz a si mesmo. *Pense*.

Já disparou esta coisa umas três vezes na vida, sempre com o pai, e é sempre ele que a carrega. *Pense*. Gira a arma nas mãos e vê uma pequena fenda, que consegue abrir empurrando para a frente. Em seguida, encaixa o cartucho e engatilha a arma, que faz um *tique-claque*.

Ouve a mãe entrando enquanto contorna a curva do corredor, escorregando no assoalho liso de madeira, a escopeta engatilhada e desajeitada nas mãos.

– Olá! – ouve a mãe falar. – Chris?

– Mãe! – grita o garoto. – Cuidado! Tem alguma coisa errada com o Charlie!

O cachorro aparece. Faz a curva na outra extremidade do corredor. As unhas arranham o piso de madeira. A baba cai espumante da boca. Faz de novo aquele movimento esquisito com a cabeça, espirra.

Charlie avança devagar, rosnando, arreganhando os dentes.

Chris fica olhando o cachorro se aproximar. Não quer atirar. Charlie não é apenas um animal de estimação. É um irmão.

O cão prorrompe em latidos e sai correndo para saltar.

Chris ergue o cano da arma e puxa o gatilho. O coice do disparo o derruba de costas. O cachorro tomba. O sangue salpica a parede.

O tiro dilacerou o focinho do labrador. O pelo foi arrancado; o sangue jorra do lugar onde antes ficava o olho.

Chris se ajoelha e logo desaba no chão, chorando. Larga a arma. Ouve a mãe entrar correndo.

– Mas o que está acontecendo aqui? – grita ela.

O cão estrebucha enquanto o sangue escorre pelo chão, encharcando as meias de Chris. O animal agoniza a alguns centímetros de distância.

– Perdão – sussurra Chris. – Ah, perdão, perdão.

Capítulo 56

As horas seguintes não pareceram reais. Ficamos sentados em cadeiras fixadas ao chão, barulhentas e desconfortáveis, diante da imensa tela de TV. Leahy diminuiu as luzes para nos mostrar trechos de ataques registrados pela NSA em todo o país. O mais arrepiante era o da Califórnia.

A filmagem começava com uma tomada aérea de um acidente feita por um helicóptero de trânsito. Um caminhão da FedEx tombado numa estrada ensolarada. O tráfego estava quase parando quando os condutores saíram em meio aos montes de caixas e pacotes espalhados pelo acostamento.

– Essa reportagem foi feita hoje de manhã perto de Petaluma – explicou Leahy. – Essa é a US 101 ao norte de São Francisco.

– Reportagem? – perguntei. – Vocês estão me mostrando algo que o público já viu?

– Vê se cresce, Jimmy Olsen. Não estamos no *Planeta Diário* – retrucou Marlowe. – É uma gravação. A Polícia Federal apreendeu a fita antes de ir ao ar.

A câmera fez um corte e voltou com uma imagem numa pequena elevação. Ao longo da mesma estrada, via-se o que parecia uma água barrenta descendo por uma valeta de escoamento.

Quando o helicóptero se aproximou, pude ver que não era água corrente – eram coisas em movimento.

– Que droga é essa? – murmurei, mais para mim mesmo.

Estreitei os olhos e me inclinei para a frente, tentando entender a cena embaçada.

Era uma correnteza de pelos.

– *Mon Dieu!* – exclamou Chloe. – São... *cachorros?*

Leahy aquiesceu.

Continuei assistindo. A câmera deu um zoom.

– Mas que merda está acontecendo aqui? – disse o cinegrafista, a voz estalando de estática, aparentemente falando com outra pessoa no helicóptero.

Era difícil dizer – alguns cães pareciam silvestres, mas a maioria era de estimação: gordos, desajeitados, usando coleiras. Estavam imundos, enlouquecidos, subindo uns nos outros como lêmures migrantes. A câmera recuou. Aquilo era inédito. A coluna de animais parecia se estender por quilômetros.

– Devem ser uns... – começou a dizer Chloe.

– Nossa estimativa é que haja entre quinhentos e mil cães ali – disse Leahy.

– Esperem. Shh! – chiou Marlowe. – Agora vem a melhor parte.

O helicóptero desceu um pouco mais e sobrevoou a valeta até chegar à vanguarda da coluna de animais.

– Achamos que os cães da frente dessa horda são dogos argentinos – comentou Marlowe. – São cachorros muito grandes e agressivos, criados para rinhas na América do Sul. São proibidos em alguns países.

De repente, os dogos fizeram uma curva fechada, saíram da canaleta de drenagem e entraram num aterro à direita. A coluna os seguiu, mudando de direção em massa, como pássaros em revoada.

O cinegrafista fechou o plano, tentando uma cena em close. O quadro estremeceu. Um latido soou mais alto, seguido de uma gritaria do pessoal no helicóptero, que subiu com brusquidão. Ouviu-se um rosnado e a câmera desceu: um pitbull agarrava-se absurdamente ao helicóptero, a mandíbula fechada na pá de pouso, balançando a cabeça como se quisesse quebrar um pescoço. O animal ficou pendurado, agitando-se loucamente da aeronave até se soltar, caindo na direção do rio de pelos e dentes.

Leahy acendeu as luzes.

Me virei para Chloe, que me fitava com olhos brilhantes como lanternas. Aquilo era pior do que poderíamos ter imaginado.

Ela fechou os olhos.

– Vou pegar Eli, quero ir embora daqui – murmurou.

Esfreguei a mão dela, sem saber o que fazer ou dizer.

Capítulo 57

Naquela tarde, Marlowe e Leahy nos envolveram em muitas outras reuniões. Funcionários do governo não paravam de chegar. Havia uma agente da CIA, Alicia Swirsky, miúda e de meia-idade, cujas feições de duende disfarçavam sua atitude mortalmente séria, e dois agentes do FBI de terno azul-marinho: Rumsy, um jovem ainda cheio de entusiasmo, e Roberts, um sujeito com as faces marcadas e jeito de velha guarda, alguém que parecia conhecer o barbeiro e o alfaiate pelo nome. O último a chegar foi um general do Exército de quatro estrelas chamado Albert Garcia, que entrou no recinto com a postura indiferente de quem já se acostumara a ver todo mundo se levantar e bater continência na sua presença, o uniforme carregado de insígnias brilhantes. Seu corpo lembrava um forno de argila antigo e a cabeça parecia ter sido esculpida com uma serra elétrica num tronco de árvore. A seu lado, caminhavam dois ajudantes de ordens.

Quando o vídeo da gigantesca matilha – ou talvez horda? – foi mostrado pela quinquagésima vez, o tal Garcia pigarreou.

– Bem, de acordo com relatos de terra, todos os animais desse ataque são machos. Por que isso acontece mesmo?

– Grandes grupamentos de machos são um dos aspectos fundamentais desse fenômeno. Não sabemos exatamente por quê – respondi. – Mamíferos machos... bem, na verdade qualquer espécie animal em que os machos competem pelas fêmeas... costumam mostrar um comportamento mais agressivo.

– O relatório diz que milhares de cães domésticos fugiram de casa – disse o agente Rumsy, folheando a pasta aberta à sua frente.

– Só os machos foram dados como desaparecidos?

– Esse é outro mistério – interrompeu Leahy. – As cadelas também estão fugindo, mas não causam problemas. Aliás, ninguém

sabe onde elas estão.

– O que você descobriu em suas pesquisas, Sr. Oz? – perguntou Alicia Swirsky, a mulher da CIA.

Fiz um resumo do que tínhamos descoberto na Colúmbia: a discrepância entre os pesos dos cérebros, a estranha mutação nas amígdalas dos animais afetados.

– Indo direto ao ponto – falou o agente Roberts com um sotaque do interior, esfregando o nariz bulboso com o polegar –, temos alguma teoria a respeito da causa?

– Ainda estamos tentando decifrar – admiti.

O general Garcia fechou a pasta que tinha nas mãos e a jogou na mesa. Recostou-se na cadeira e cruzou as mãos. Os dedos eram grossos e da cor de salsichas.

– Está tudo muito bem, tudo muito bom. Mas creio que chegou o momento dos detalhes, senhoras e senhores.

Fez um meneio de cabeça ao ajudante de ordens sentado ao lado, que remexeu numa valise e tirou uma pasta do tamanho de uma enciclopédia. Ele a bateu em cima da mesa, que teria soltado uma nuvem de pó se o recinto não estivesse imaculado.

– Precisamos discutir planos de contingência. A presidente já assinou a Diretiva 51 e decretou uma ordem executiva para dar início ao Plano Garden – afirmou Garcia.

– Plano o quê? – perguntei.

– Um plano de contingência de segurança interna – explicou Roberts com seu sotaque arrastado de xerife do Velho Oeste. – Esses procedimentos foram usados durante os tumultos em Los Angeles no início dos anos 1990 e depois do 11 de Setembro.

– Afirmativo – confirmou o general. – É normal em situações como essa. Tropas militares assessorando os agentes da lei locais em tempos de emergência. Confere autoridade ao secretário de Defesa e ao procurador-geral para convocar quaisquer missões requeridas a fim de restabelecer a ordem.

– E quanto ao Decreto Posse Comitatus, que restringe os militares de aplicar leis internamente? – indagou Swirsky.

– Acredito que não se aplique a esta situação, senhora – respondeu Garcia com um curto aceno de cabeça. – Como elemento

de ligação com o Departamento de Defesa, vou seguir em frente e dar as ordens para iniciar a mobilização das reservas de prontidão da Guarda Nacional.

Eu estava prestes a arrancar os cabelos. O CAH não era um tumulto ou um ataque terrorista. Estava mais para um desastre ambiental. Quanta bobagem burocrática! Agora eles queriam declarar guerra aos animais? Por que se concentravam num *ataque*? Nós precisávamos pensar numa *defesa*. Aquilo era loucura.

– Precisamos nos focar em descobrir a raiz do problema, e não em matar animais – sugeri, tentando manter a calma. – Sinto muito... mas acho que não entendi muito bem o seu plano. Trata-se de bombardear os bichos ou algo assim? Por que não emitimos um alarme nacional para manter todos em estado de alerta com relação aos animais, principalmente domésticos, e limitar o perigo enquanto determinamos a natureza do problema?

– Porque isso provocaria um pânico nacional ainda mais destrutivo do que essa epidemia – replicou Garcia. – E porque vocês tiveram tempo de sobra para “determinar a natureza do problema” e acabaram de dizer que não sabem de nada. Os cães selvagens eram um problema no Iraque até começarmos a exterminá-los. Você se lembra disso, não é, sargento Oz?

Vacilei. Ele tinha pesquisado a meu respeito.

– Se pusermos as tropas na rua – continuou ele –, podemos cortar esse mal pela raiz em poucas semanas. No máximo um mês.

Fiquei sem ação, fumegando de raiva. Queria explicar como era irracional a ideia de simplesmente exterminar os cachorros, mas me contive. Era hora de ir embora. Precisava voltar a Nova York e redobrar meu trabalho de pesquisa, fazer todo o possível para entender tudo aquilo antes que o Exército começasse a bombardear animais com napalm.

Olhei para Leahy no meio do salão enquanto me levantava.

– Se isso é tudo, creio que já fiz o possível para ajudar. Meu filho deve estar ficando impaciente. Se precisarem de mais alguma coisa, sabem onde me encontrar.

Leahy nos conduziu até a saída. Pegamos Eli e descemos as escadas. Um Lincoln de luxo nos esperava, já com o motor ligado no

estacionamento circular. Nimo já estava no lugar do carona.

– Tudo que ouviu aqui hoje é segredo de Estado, Sr. Oz – explicou Leahy quando saímos para a ofuscante luz do dia. – Por isso, no interesse da segurança nacional, confiamos na sua discrição.

– É claro – respondi ao me acomodar no banco traseiro do automóvel preto.

Meia hora depois, enquanto os bosques começavam a dar lugar à área metropolitana de Washington, senti outra vez o telefone vibrar no bolso interno do paletó.

Era uma mensagem de voz de Charles Groh. Ele parecia... bem, perturbado.

– Oz, escute. O CAH já chegou aqui. Hoje meu cachorro enlouqueceu. Meu filho de 12 anos teve que matar o animal.

– O que foi? – perguntou Chloe quando me viu balançando a cabeça.

Eu queria mentir para ela, mas não consegui.

Capítulo 58

2 milhas náuticas ao sul de Galveston, Texas

Na popa do *Leda Lady Queen*, um enferrujado barco de pesca de 22 pés, Ronnie Pederson acende o quarto cigarro da manhã e estreita os olhos ao observar a superfície plácida das águas do golfo do México.

A costa do Texas – a ilha de Galveston e, mais além, os subúrbios do sul de Houston – agora é apenas uma linha fina marrom no horizonte ao norte. Ao sul, a umidade do ar embaça a divisa entre o céu e o mar. Ainda que o raio de visibilidade no oceano num dia perfeitamente claro seja de menos de 20 quilômetros, por alguma razão se percebe melhor a grandeza do planeta em mar aberto, mais do que em terra firme.

O céu está bem claro, a água é plana como um couro de tambor, mas ainda assim Ronnie se mantém atento. Aqui no golfo é preciso prestar muita atenção ao clima. Nesta época de agosto, a qualquer momento pode surgir uma tempestade.

O barco está em silêncio. Do jeito que Ronnie gosta. Nada além do resfolegar do velho motor a diesel e do chiado da espuma na proa. Duane e Troll, seus velhos companheiros de futebol americano do colégio que viraram sócios e pescadores profissionais, estão em posição na popa e a estibordo, perdidos em seus pensamentos matinais.

Uma hora depois, o sol finalmente desponta no horizonte e eles recolhem as primeiras redes. Parece uma boa pescaria, pela força que Troll faz para retirar os peixes da água. Logo os depósitos do convés estão cheios de camarão, agitando-se como insetos rosados e viscosos quando Duane joga o gelo por cima.

Algumas semanas antes, eles trouxeram outro ajudante na viagem, mas não deu certo. O estudante chegou todo cheio de pompa, verde como uma muda. O balanço do barco o enjoou. No segundo dia, ainda estava vomitando – alimentando as gaivotas, como se dizia – e teve que ser dispensado. Agora são só os três outra vez.

À medida que o sol se eleva, decidem tentar a sorte mais longe. Por um momento, uma lufada fria corta o ar, prometendo mais, e Ronnie tem um bom pressentimento. É a mesma sensação que vivenciava no campo de futebol. O mesmo sentimento de paz e isolamento pouco antes de derrubar um adversário na lateral.

– Ei – chama Duane do outro lado do barco. – Olhe só aquilo ali!

Ronnie atravessa o barulhento convés de chapas de metal, desviando-se de guinchos e maquinarias.

– O quê?

Olha para onde Duane está apontando.

Bem à frente deles, diversos golfinhos nadam rapidamente, sem parecer estar se movendo de verdade, devido à imensidão do mar. Parecem golfinhos-comuns-de-bico-curto, mas ele não tem certeza. Mergulham e emergem em arcos graciosos. São uns três ou quatro. Os corpos luzidios e prateados se locomovem numa sequência perfeita, avançando ao mesmo tempo. Como diabos conseguem fazer isso? Onde aprenderam? Ronnie sabe que os animais fazem todo o possível para maximizar resultados e minimizar energia. Deve haver uma razão para esses movimentos sincronizados; eles nunca fazem nada sem motivo. Mas é uma linda visão.

Ronnie é retirado de seus pensamentos quando ouve um baque alto e pesado no barco.

– Mas que porra... – diz Troll atrás dele.

Os três amigos veem o que está agora no barco, depois se entreolham. É um golfinho. Ele saltou da água para o convés, caindo na concavidade aberta para acondicionar as redes, se agitando e se debatendo como um maníaco. Tem mais ou menos 1,80 metro de comprimento e guincha como um porco.

Os três amigos só teriam ficado um pouco mais surpresos se uma sereia tivesse pulado ali. Aquilo é ridículo, absurdo.

– Ora, olhe só isso – comenta Duane.

Ronnie desliga o motor e vai até a traseira do barco.

– Eu nunca vi nada igual – observa Troll.

– Bem – diz Duane. – Acho que vamos ter que devolvê-lo para a água.

Ele avança e começa a empurrar o golfinho, que se contorce e dá uma espécie de risadinha.

– Essa é uma história para contar aos nossos netos, hein?

Dão risada enquanto tentam rolar o agitado animal para fora do convés.

Mas levam um susto e recuam quando outro golfinho emerge, traça um arco no ar, deixando um rastro de gotículas, e cai com um baque alto no convés ao lado deles, escorregando até o meio do barco.

Os amigos se entreolham antes de começarem a gargalhar.

– O que é isso, uma piada de golfinho? – brinca Duane.

E é aí que começa a dar merda. Mais golfinhos. Um em seguida do outro, os grandes e luzidios animais saltam da água e aterrissam no barco.

Ronnie fica parado no convés, observando agora os sete ou oito golfinhos se debatendo como doidos. Ele nunca viu um comportamento daquele tipo. Bizarro. Completamente bizarro.

Logo a situação muda de engraçada para preocupante.

Agora são dezenas de golfinhos. Ronnie passa da surpresa para o medo. Os animais se espalham cada vez mais pelo convés, amontoando-se uns em cima dos outros. Uma avalanche de corpos escorregadios e prateados, um coro de guinchos e risadinhas.

É como se o mar os estivesse expulsando, expelindo-os das profundezas do golfo.

Depois de algum tempo, não só as concavidades do convés estão cheias; o deque inteiro está atulhado de golfinhos. Em desespero, os homens empurram e chutam os animais para fora do barco, mas eles não param de chegar.

Agora devem ser mais de cem. Ronnie contorna os agitados golfinhos e chega ao timão para aumentar a velocidade da embarcação.

Em resposta, a traineira de trinta anos de uso, mais pesada que nunca, se inclina como um bêbado depois de uma farra de três dias e emborca.

Lutando contra a água, Ronnie está chocado.

Troll é o primeiro a entrar em pânico. Nadando ao lado da traineira virada, agitando-se loucamente, emitindo sons ofegantes.

– Calma, mantenha a calma! – grita Ronnie para ele. – Tire essas botas. Conserve a energia.

Os golfinhos se amontoam junto deles como gado, espirrando água, gorgolejando, se contorcendo, sufocando-os.

Troll continua agitado, agarrado à borda do barco que naufraga, lutando contra a horda de golfinhos. Em um minuto, ele afunda, volta à tona e afunda de novo. Desta vez para não mais voltar.

Duane repete os mesmos movimentos poucos minutos depois.

Em pouco tempo, a *Leda Lady Queen* desaparece sob as águas.

Boiando de costas, Ronnie resiste um pouco mais. Quando percebe que não resta mais nada, que ninguém vai aparecer para ajudar, enfrenta a situação como homem. Para de lutar e, bebendo o máximo de água salgada possível, afunda nas águas frias e escuras, deixando-se encobrir pelo manto aquoso, permitindo que o golfo o engula.

Apesar de os três homens já estarem mortos, os golfinhos continuam a brincar. Saltando, espirrando água, guinchando, festeiros.

Aparentemente, estão alegres.

Capítulo 59

*Centro de Pesquisa Karisoke
Montanhas Virunga, Ruanda*

Barbara Hatfield não sabe que horas são quando recobra a consciência na cama desfeita embaixo do opaco dossel do mosquiteiro. Tudo é sombrio, tanto no despojado quarto escuro de madeira como do lado de fora, além das janelas. Todo o tempo, o espaço e a matéria surgem em tons tristes e pesados.

Ainda está de bermuda e camisa, as botas sujas de lama da floresta. Coça uma crosta endurecida de pus de uma picada de mosquito sob o cabelo sebooso, coça a pele dos braços e pernas. Faz quatro dias que não toma banho.

Seu olhar recai no espaço vazio da cama ao seu lado. Estende o braço e pega o travesseiro de Sylvia nas mãos, apertando-o contra o rosto.

O cheiro dela continua no tecido. O sorriso de Sylvia ao voltar de sua corrida, a pele reluzente, suada. As mãos ágeis sempre fazendo algo, consertando as goteiras do telhado do complexo de quarenta anos, trocando o óleo do Land Rover. Cuidando do jardim – ela ficava tão linda com os braços e as pernas sujos até o cotovelo e os joelhos e o cabelo preso na nuca por um lenço... Passava pela porta com aquele lenço e as surradas luvas de couro, segurando a podadeira e um tufo de ervas, e Barbara sentia uma vontade tão louca de abraçá-la e beijá-la tanto e com tanta intensidade que Sylvia teria que afastá-la para poder respirar.

Aquele período de um ano fora uma grande oportunidade na vida, um bilhete de loteria para uma primatologista: trabalhar no

centro de pesquisa dos gorilas-das-montanhas que a zoóloga Dian Fossey tornara famoso.

Sylvia achou que seria muito perigoso, mas Barbara pediu, suplicou e finalmente a convenceu a tirar uma licença de um ano do jardim comunitário e ir com ela para a África.

Já iriam voltar, depois de terem concluído o censo anual de espécies ameaçadas requerido pela ONU. Mas aconteceu o indizível. Barbara estava percorrendo o caminho para a cabana, seguindo atrás de Sylvia, quando três gorilas machos adultos atravessaram a porta da frente aberta.

Um instante depois, surgiram gorilas por toda parte. Machos adultos e jovens. Havia uma cerca elétrica ao redor do acampamento, mas de alguma forma eles conseguiram invadir o perímetro. Grunhindo, atirando objetos, pulando dos tetos das cabanas e das construções adjacentes. Caixotes de carga tombavam; o ar foi tomado por uma agitação de baques, arquejos e bufos.

Barbara lembra-se de ter fugido para a mata, os pulmões queimando, folhas e gravetos esmagados sob os pés. Quando olhou para trás, percebeu que Sylvia não estava mais ao seu lado.

Reuniu coragem e voltou ao acampamento naquela noite – e nada encontrou. Sylvia, os três guias ruandeses, os quatro jovens que faziam as vezes de guardas-florestais... todos desaparecidos.

Na cama, Barbara solta um gemido e segura a cabeça latejante entre as mãos, tentando espremer a lembrança do cérebro como se fosse uma esponja. Ela nunca tinha acreditado naquela teoria obscura e paranoica do CAH, um boato absurdo de lunáticos na internet. Acreditava que era uma maluquice porque conhecia bastante os animais, principalmente os gorilas. Mas agora ficara em dúvida. O comportamento de todos os mamíferos, até mesmo o dos gorilas-das-montanhas, parecia estar passando por uma grave transformação.

Barbara está numa situação difícil. O rádio e os geradores foram destruídos, assim como as armas. O vilarejo mais próximo fica a quase 50 quilômetros de distância, isolado por uma selva tão impenetrável que todos tiveram que ser trazidos de helicóptero. A

próxima entrega de suprimentos ainda vai demorar 48 horas para acontecer.

Mais dois dias de espera, pensa Barbara. Se os gorilas voltarem, ela não terá chance.

Senta na cama, balançando o corpo para a frente e para trás. Desesperada.

Então, sente uma coisa. Como uma presença sensível, como se Sylvia estivesse ali no quarto ao seu lado, observando, invisível. Não só isso, mas a namorada parece zangada com a atitude de Barbara, de donzela em perigo, já desistindo.

Será que eu não ensinei nada a você?, parece dizer a presença de Sylvia. *Coragem! Você já é bem crescidinha.*

Barbara se levanta, afastando o mosquiteiro cinzento. Sylvia tem razão. Ela precisa fazer alguma coisa. No mesmo instante, se dá conta do que é.

Atrás do barracão de depósito, estão guardados os barris de gasolina para os geradores. Barbara pode encher umas latas, espalhar na linha das árvores e atear fogo. Odeia pensar em prejudicar um ecossistema tão precioso, mas é uma situação de vida ou morte. Talvez a fumaça chame a atenção das aldeias no vale, talvez alguém acabe vindo investigar. E a tire dali.

Quando sai de trás de um barracão com duas latas de gasolina chacoalhando nas mãos, ela ouve gravetos sendo esmagados à sua esquerda. Ao se virar, seu olhar recai sobre a linha da vegetação. Ela deixa cair as latas aos seus pés.

Alguma coisa que desafia a imaginação está saindo da mata.

A uns 180 metros de distância, rinocerontes entram na clareira. Meia dúzia de rinocerontes enormes.

Impossível. Como eles chegaram até aqui? Rinocerontes pastam em planícies. Precisam estar sempre perto da água. Por que se afastariam 100 quilômetros de seu habitat, além de subirem milhares de metros? O que ela poderia ver depois disso? Ursos-polares?

Os animais continuam avançando. Agora são mais de dez. Uma cena tão deslocada, tão disparatada, tão absurda...

Enquanto as criaturas se aproximam, Barbara se lembra dela mesma aos 11 anos, sentada no banco da frente de uma igreja batista com a família, no norte da Flórida. Lendo o Apocalipse no púlpito, o pastor aponta para a pequena assembleia com um dedo encarquilhado, ameaçando com o fogo do inferno.

– O primeiro ser parecia um leão – dizia de forma histriônica, voltando os olhos para o céu –, o segundo parecia um boi, o terceiro tinha rosto como de homem.

Fim dos tempos, pensa Barbara, observando os animais explorarem a relva com curiosidade. Está tão desesperada que quase começa a rezar.

Capítulo 60

Concord, Massachusetts

A cantonada perto de Fort Drum, em Nova York, a 10ª Divisão Montanhosa do capitão Stephen Bowen consiste de duas equipes de quatro atiradores – uma unidade pequena, mas de elite.

Posicionados numa formação-padrão em cunha, os homens sobem a montanha arborizada em sincronia, vestidos com trajes camuflados. Fazendo sinais com as mãos e os braços, movem-se em silêncio, quase invisíveis. Um procedimento comum para uma patrulha de combate. Mas não é nada rotineiro seguir ao lado de uma ciclovia na floresta de Hapgood Wright Town, perto de Walden Pond. Está mais para uma atitude tresloucada do que para uma operação militar. Na opinião do capitão Bowen, aquilo é uma loucura total.

Bowen não tem a menor dúvida de que o que estão fazendo é ilegal. Eles deveriam ajudar os guardas a controlar o trânsito, não empreender uma missão de busca e destruição num parque público. E as ordens, se é que se pode chamá-las assim, foram bem excêntricas.

Apesar de ter apenas 27 anos, Bowen já era casca-grossa mesmo antes de cumprir três turnos afundado até o pescoço na merda do Afeganistão e do Iraque. Tem uma tatuagem em formato de meia-lua no peito com a palavra *INFIEL* escrita com letras góticas e, desenhado nas costas, sob a insígnia das espadas cruzadas da Divisão Montanhosa, lê-se o mote de Bowen, *MATAR: NÃO HÁ OUTRA OPÇÃO*.

– Capitão, lá embaixo – avisa King, na ponta. – Movimento. Seis horas.

– O que está esperando, soldado? Pode abrir fogo.

King obedece com seu M16A4.

Os olhos de Bowen brilham como os de um garotinho quando a rajada metálica e estridente dos tiros ecoa pelas montanhas.

Existe algo melhor que uma arma disparando?, pensa. O que mais consegue fazer os olhos marejarem e o pau ficar duro ao mesmo tempo?

– Merda – resmunga King após três rajadas. – Errei. Acho que continua avançando.

– Deixe-me mostrar como é que se faz, cegueta – intervém Bowen, abrindo a folhagem e avançando.

Ao chegar ao topo da colina, Bowen pensa: Que merda é essa? Bem à sua frente, na descida de uma trilha, ele vê... O que é aquilo? *Cães*? Olha com os binóculos 10X. Humm. Raposas? Mais ou menos uma dúzia. Raposas hidrófobas e sedentas de sangue? Sei lá.

– Vocês vão se foder – diz Bowen, baixando o binóculo e erguendo o fuzil devagar até o ombro.

A arma nova puxa um pouco para a esquerda quando ele aperta o gatilho, mas Bowen consegue ajustar a mira.

Os homens começam a rir, descendo a encosta.

– Porra, capitão, não achei que a gente ia sair para caçar hoje – comenta Chavez, espetando uma das raposas mortas com o cano da arma. – Saiba que a Sociedade Protetora dos Animais vai receber um e-mail.

A equipe acampa perto de um riacho embaixo de uma velha ponte ferroviária 3 quilômetros mais ao norte. Encontram lá um velho colchão, duas caixas de cerveja desbotadas, pacotes de camisinha abertos, grafites de amadores.

– Este ar noturno está me deixando romântico – fala Gardner, abrindo uma lata de ração. – Alguém aqui quer dar um passeio ao luar?

– Que tal umas salsichas assadas, meninos? – sugere alguém em falsete.

Bowen senta de pernas cruzadas perto da fogueira, ajustando a mira do fuzil com uma chave Allen. Fica pensando se (ou quando) deve contar aos soldados a verdadeira razão de estarem ali.

Duas noites atrás, houve um incidente. Um lugarejo perto da autoestrada de Cambridge foi massacrado. Ele deu uma olhada nas fotos. Uma das coisas mais assustadoras que já tinha visto, o que significava muito. Não consegue tirar uma das imagens da cabeça: um garotinho deitado numa cama em forma de carro de corrida, as entranhas espalhadas pelo tapete.

– Protejam bem esse perímetro, meninas – comanda Bowen, olhando para a escuridão ao redor da fogueira. – Eu sei que isto aqui está divertido, mas não estamos em nenhuma festa de faculdade. Trata-se de uma operação militar, vamos agir de acordo.

O ataque acontece alguns minutos depois de 1h30. Bowen acorda com gritos e disparos. Três rajadas seguidas por um uivo. Ruídos guturais, rosnados inumanos. Coisa de monstros de contos de fadas.

– Será que tem a porra de um ogro por aí? – pergunta o capitão, levantando-se e pegando a arma num só movimento.

Como se não fosse o bastante, Bowen ouve o zumbido e o pequeno estalido de balas cantando na orelha.

– Cuidado com as linhas de fogo! – grita ele. – Cuidado com as linhas!

Alguém lança um sinalizador. A luz repentina forma sombras compridas nos espigados troncos das árvores.

A 6 metros de distância, galopando nas quatro patas na margem do regato, ele vê ursos. Quatro ursos-pardos, os maiores que ele já viu.

Bowen age sem pensar. Pega no colete uma granada de fragmentação M67, tira o pino de segurança e a mantém travada, seguindo o que aprendeu. Segura-a por um momento, solta a trava e lança a granada.

– Granada! – berra Bowen, jogando-se no chão.

O baque é surdo e luminoso. Seguido por silêncio.

Quando alguém lança outro sinalizador, todos veem que os quatro ursos estão detonados. Na escuridão, ouvem o som de outros animais batendo em retirada, as patas chapinhando no regato.

Bowen olha para os homens, faz uma rápida contagem. Todos do esquadrão presentes e inteiros. Leva a mão ao peito, sentindo o

coração bater forte nas costelas – *tum tum tum* –, como se um maldito duende estivesse martelando sapatos no porão. Ursos no perímetro? Puta merda, essa passou perto. Essa bobagem de animais se revoltando contra os homens não é tão baboseira assim, afinal.

Olha ao redor. Na escuridão, longe da fogueira e do outro lado do riacho, o capitão Bowen sente olhos fixos neles.

Um monte de olhos.

Capítulo 61

Já tive manhãs melhores.

Naquele dia, despertei de um sonho. Eu e Eli estávamos visitando o Museu de História Natural de Nova York. A iluminação é lúgubre, leitosa, azul-clara. Paramos em frente ao diorama dos lobos cinzentos. O predileto de Eli. Eles estão no meio de uma caçada, correndo pelo bosque nevado, perseguindo um alce, que age de forma totalmente errada. Quando se é atacado por lobos, o melhor é ficar imóvel. Se você mantiver a posição, tem uma chance de sobreviver. Se correr, está morto. Um dos lobos já abocanha a pata traseira do alce. Os olhos deles emitem um brilho amarelado sob a lua invernal, com os dentes arreganhados. Seguro a mão de Eli. Em seguida, os lobos ganham vida e, de repente, não existe mais o vidro do diorama. Num segundo, eles escapam e invadem o museu. A mão de Eli se solta da minha e os lobos pulam no pescoço dele.

Abri os olhos. Levei um bom tempo para perceber quem eu era e onde estava. Então, desejei voltar a dormir. Talvez ter um sonho melhor.

Ainda não havia amanhecido. Eu estava no apartamento para o qual Chloe, eu e Eli tínhamos nos mudado um ano antes, na periferia de Manhattan.

Sentei na cama. Encostei a palma da mão nas costas mornas e imóveis de Chloe, depois olhei para o canto do quarto escuro onde Eli dormia profundamente em seu berço, a mão crispada agarrando o coelho de pelúcia contra o peito.

Enxuguei o suor do rosto. Minha mão tremia. Minha mulher e meu filho estavam em segurança. Por enquanto.

Desde a nossa volta de Washington, houvera uma escalada de incidentes. Dia após dia. De forma exponencial. Estranhos e violentos ataques de animais pululavam em todos os noticiários,

acontecendo em toda parte, de New Hampshire a Nova Déli, da Suécia a Cingapura.

Haviam ocorrido também diversos e bizarros ataques de animais aqui em Nova York. Quarenta e oito horas atrás, dois cozinheiros de um elegante bistrô francês no West Village foram encontrados mortos. Causa misteriosa. Um policial do 9^o Distrito, que por acaso morava no nosso prédio, nos contou o que os jornais não disseram – a pedido do governo. Os homens tinham sido mortos por ratos vindos do porão. Foram roídos até os ossos. Ninguém dissera ainda se isso afetaria o número de estrelas da cotação do restaurante.

Agora era chamada de Epidemia Animal Mundial, e mesmo meus mais ferozes detratores admitiam que era o pior desastre ambiental de todos os tempos. Repórteres não paravam de ligar, pedindo meus comentários, mas eu estava cansado demais. Não me orgulhava por ter razão, não me gabava em dizer que eu tinha avisado.

Na verdade, eu me culpava. Tivera anos para me preparar, para anunciar ao mundo, para entender por que aquilo estava acontecendo e tentar encontrar uma solução. Fracassara em todos os sentidos. Sentado na cama, observando meu filho, percebi que havia fracassado totalmente com ele, com minha mulher, com todo mundo.

– Onde está Eli? – perguntou Chloe.

Sentou na cama ao meu lado, sobressaltada.

Massageando-lhe as costas, senti seu coração batendo tão forte e rápido como o meu. Assim como eu, Chloe estava dilacerada por dentro, preocupada com a avalanche de más notícias, sem saber como iríamos nos proteger e proteger nosso filho. A paranoia e a insônia haviam se tornado algo comum.

– Ele está bem. Está tudo bem – respondi. Puxei-a para mais perto.

Nós percebemos que as coisas estão ruins quando nos vimos proclamando uma amenidade vazia em que nem nós acreditamos.

– Que horas são? – perguntou Chloe, o braço esguio e moreno procurando o relógio na mesinha de cabeceira. Ela continuava linda. Isso não tinha mudado. – Você não pode se atrasar para a reunião.

Eu havia recebido uma ligação do prefeito no dia anterior. Queria ter uma reunião comigo. Apesar de a Guarda Nacional já ter sido mobilizada – pela primeira vez desde o 11 de Setembro –, o assessor do prefeito disse que ele precisava de toda a orientação que eu pudesse fornecer para lidar com aquela onda de violência animal.

– A reunião está marcada para as oito – falei. – Eu já estou levantando. Como estamos de comida? Ouvi dizer que o mercado dos agricultores da Union Square está reabrindo hoje.

A comida também começava a se tornar um problema. Dizia-se que as plantações e o sistema de transporte no Oeste estavam interrompidos. Havia rumores na internet de um grande racionamento de alimentos em Long Island. Mas ninguém sabia ao certo ou, de qualquer forma, ninguém sabia o que fazer a respeito. Todos os dias pessoas fugiam da cidade, enquanto outros pareciam buscar refúgio na cidade. Estávamos chegando a um estado de espírito de fim dos tempos.

– Ainda estamos bem – respondeu Chloe. – Não temos leite, mas aquele mercadinho da Avenida A ainda está funcionando.

– Ótimo, mas não fique fora mais tempo que o necessário. E não se esqueça de levar o “espanta-urso”.

Além de instalar alarmes e grades nas janelas do apartamento, eu tinha ido a uma loja de artigos esportivos da Broadway e comprara um dispositivo que parecia uma caneta, mas na verdade provocava um clarão explosivo; era usado por andarilhos para assustar animais selvagens.

Consegui me arrastar para fora da cama, dei um beijo em Chloe e tomei o caminho do chuveiro.

Ao verificar os cadeados e as grades do banheiro, lembrei-me do codinome do governo para o desastre ambiental: ZOO.

Por quê? Fiquei no chuveiro deixando a água quente descer pela minha cabeça, olhando para o piso. Por que aquilo estava acontecendo? O que tinha mudado na história recente... o que havia agora que antes não existia?

Nunca na história da humanidade as pessoas estiveram tão distantes dos animais. Tanto psicológica como fisicamente. Se você

morar num lugar como Nova York, digamos, não vai precisar interagir com um animal o dia inteiro. Isso me fez pensar em como o mundo devia ser antes da Revolução Industrial. As pessoas precisavam de bois para arar os campos. O caminho mais rápido entre dois pontos era um cavalo. Conhecer os animais, estar próximo deles, costumava ser um estilo de vida. Agora, isso era cada vez menos uma realidade para um número cada vez maior de pessoas. O *Homo sapiens* está tão próximo dos cães que até evoluímos com eles. A diferença genética entre um humano e um chimpanzé é mais ou menos a mesma que existe entre duas subespécies de cães de caça que evoluíram em diferentes margens de um mesmo rio – e, mesmo assim, até Attila fora afetado. Com certeza a raiz do CAH estava em alguma mudança muito, muito pequena e muito, muito recente. E essa alteração tinha a ver com o que a humanidade andava fazendo, pois parecíamos ser os únicos mamíferos do planeta que não éramos atingidos. O que estava acontecendo se encaixava bem no nosso cérebro, mas criava um curto-circuito no cérebro de todos os outros mamíferos.

Era mesmo um zoológico, pensei, fechando o chuveiro, observando a rua abaixo pelas grades da janela. Só que agora começava a parecer que o *Homo sapiens* era o único animal confinado em jaulas.

Capítulo 62

Vinte minutos depois, fui para minha reunião matinal, atravessando o pantanoso tráfego da Bowery num táxi com reggae a todo volume. Normalmente o barulho teria me deixado louco. Mas, naquela manhã, achei aquela chateação nova-iorquina estranhamente reconfortante. Quando chegamos ao bairro de Flatiron, eu já estava até gostando do engarrafamento e das gratificantes buzinas.

Tudo aquilo significava que, com ou sem desastre, as pessoas continuavam indo para o trabalho naquele dia. A Big Apple ainda não havia recebido o memorando sobre o fim do mundo.

Então, vi um cachorro na rua. Andando pela calçada no lado norte da Rua 34.

No lado leste da Terceira Avenida, saindo da calçada meio quarteirão à frente, vi o que parecia um collie médio preto e branco sozinho, com uma fita suja ao redor do pescoço. Fiquei olhando o vira-lata atravessar a movimentada avenida, do leste para o oeste.

Um alarme foi acionado na minha cabeça quando notei o sentido de propósito do animal, de calma e deliberação. Cães de rua costumam ter uma aparência culpada e esquiva, principalmente à luz do dia numa cidade grande. Aquele cachorro não andava nem depressa nem devagar, nem prestava atenção a ninguém. Estava concentrado, parecendo que ia a um lugar determinado.

Tive uma súbita iluminação.

Inclinei-me até o banco da frente.

– Pode parar, por favor.

– Aqui?

Dei uma nota ao motorista.

– Pode ficar com o troco.

– Quer um recibo?

Saí do táxi, por pouco não sendo atropelado por um caminhão de cerveja ao sair correndo pela Terceira Avenida na direção norte, atrás do cachorro. Cheguei à esquina da Rua 41 e olhei para a esquerda, para o quarteirão em que o cachorro havia entrado. De início, não consegui ver nada. Depois, desci a calçada ao lado de uma fileira de automóveis estacionados e vi um rabo branco abanando na subida da Lexington Avenue.

– Aonde você acha que está indo? – gritou um guarda de trânsito quando ziguezagueei pelo cruzamento.

Mantive os olhos no rabo do cachorro, as patinhas brancas acelerando o trote ao atravessar a Park Avenue por um quarteirão a oeste.

Já em ritmo de corrida, acompanhei o animal quando ele atravessou a Madison Avenue. Continuou indo para o leste pela 41, em direção à Quinta Avenida, até a escadaria da Biblioteca Pública de Nova York.

Cheguei à Quinta bem a tempo de ver o cachorro indo para o norte pela calçada do lado oeste da avenida, em direção à esquina com a Rua 42.

Abrindo caminho pelos transeuntes, corri pelo lado leste, paralelamente ao cachorro, que agora se dirigia a passos rápidos para a 42. Quando cheguei à esquina, não consegui atravessar por causa do tráfego e tive que esperar o sinal abrir.

Demorou uma eternidade.

Então, saí correndo pela Quinta Avenida, olhando para todos os lados. O cachorro poderia ter entrado em qualquer lugar – talvez no Bryant Park, atrás da biblioteca. Poderia ter se enfiado num dos edifícios ao redor, até onde pude perceber.

Ele não estava mais à vista. Não sabia mais para onde tinha ido e o que poderia aprender com ele.

Já estava atravessando a 42 para pegar outro táxi, consultando o relógio e tentando calcular quanto me atrasaria para a reunião, quando outro cachorro passou por baixo das minhas pernas na faixa de pedestres. Dei meia-volta e vi o *yorkshire* branco virar a esquina e seguir para oeste pelo lado sul da 42. O carinha estava numa missão.

Oz, siga aquele *yorkshire*.

Havia uma pequena construção de pedra enfeitada na orla do Bryant Park. Sem tirar os olhos dela, vi o cachorrinho acelerar o passo e desaparecer pela entrada.

Pouco depois, eu estava ao lado do atarracado prédio, fácil de passar despercebido. A entrada recuada levava a uma pequena escada que descia até dois portões de ferro batido trancados por uma corrente com cadeado.

Fiquei no alto da escada, piscando. Completamente atônito. Pois não havia nada mais à vista. O cachorro tinha sumido.

Capítulo 63

Ouvi o eco dos meus sapatos batendo nos fétidos degraus da escada. Empurrei os portões, que rangeram e abriram para dentro com facilidade, formando um grande vão na corrente trancada. Imaginei que o cachorro tivesse passado por ali.

Por que tinha feito aquilo, era um mistério.

Estreitei os olhos, espiando pela brecha mal iluminada. Pensei em ir até a biblioteca procurar alguém que tivesse a chave do cadeado.

Por mais ou menos quatro segundos.

Desisti desse plano e perdi dois botões da camisa me espremendo para passar pela estreita passagem.

Dentro, encontrei um interruptor e o apertei. Uma fraca lâmpada alaranjada acendeu acima. Era um depósito, cheio de cortadores de grama, ancinhos e outros equipamentos para manutenção do parque. Havia outra escada, que conduzia até um corredor em descida ladeado por canos e tubos.

O túnel arqueado era feito de tijolos antigos e desbotados. Ouvira falar que o Bryant Park ficava num lugar que já fora o principal reservatório da cidade em meados dos anos 1800. A passagem seguiu por 3 metros antes de se abrir num pequeno recinto redondo cheio de canos grandes e válvulas – tudo grudento por falta de uso e encrostado de uma ferrugem alaranjada. O cano maior era aberto de um lado e corria pela parede a uns 30 centímetros do chão, como um túnel.

Abaixei-me ao lado do cano e senti um cheiro rançoso, almiscarado, inconfundível.

Cheiro de cachorro molhado. E de outras coisas. Era uma mistura intensa de lixo, gambá, bicho morto, merda. Vi uma camada

de umidade no chão do cano mais largo, e o fedor parecia emanar dali como fumaça de um pneu em chamas. Um odor acre, medonho.

Fiquei olhando para aquela escuridão fedorenta. Por um longo tempo. Pensei em sair de lá, pois poderia ser atacado pelos cães. Mas algo na total concentração dos cachorros que seguira me dizia que não havia perigo. Entrei pelo cano.

Era como adentrar o cu de Satã. A cada metro e meio, eu precisava reprimir a ânsia de vômito. Minhas mãos, meus joelhos e meus pés esmagavam o pastoso muco negro enquanto eu avançava.

Escuridão. Fedor. Claustrofobia.

Dentro do cano, pude ouvir sons vindos de algum lugar e percebi que era da extremidade oposta. Latidos, ganidos. Sons de cachorros.

Afinal, consegui sair da manilha e dei num novo recinto escuro. O cheiro era ainda mais denso. Será que eu estava no esgoto?

Vi uma luz fraca vinda de algum lugar, quase imperceptível, um brilho fraco e alaranjado. Meus olhos se adaptaram.

Aos meus pés, o piso afundado da câmara subterrânea estava se movendo.

À minha frente, até onde eu podia enxergar, havia uma massa entrelaçada de olhos, dentes e pelos.

Os cães se mexiam uns por cima dos outros de uma forma que eu nunca tinha visto. Emaranhados como minhocas dentro de uma lata. Àquela distância, qualquer um podia sentir o meu cheiro, mas nenhum deles olhou para mim.

Muitos estavam copulando. Os cães trepavam impassíveis, com línguas para fora e expressões apáticas. Outros pareciam doentes, a pelagem manchada com algo que se assemelhava a um mofo esbranquiçado. Pequenas brigas eclodiam aqui e ali. Alguns se engalfinhavam num rápido choque de patas agitadas, mandíbulas abertas e latidos. As disputas terminavam quando o cão dominante rendia o outro; o derrotado emitia um ganido suplicante e os outros recuavam rapidamente. O recinto estava enevoado e abrasador com os corpos em movimento, umidificado por línguas e respiração. Roncos. Espirros. Cabeças estremecendo. Patas coçando.

Na parede da câmara à direita, galerias escavadas na terra bruta abrigavam cadelas amamentando filhotes. Deitadas de lado, tinham barrigas intumescidas, róseas do leite que os cachorrinhos mamavam.

Voltei a olhar para as contorções da orgia subterrânea de cães. Eles agiam como se organizados de alguma forma, como se tivessem uma mentalidade de colmeia. Comportavam-se mais como insetos do que como mamíferos.

Nesse momento, uma lâmpada se acendeu de novo em cima da minha cabeça. Mentalidade de colmeia. Insetos. Tive uma iluminação do que estava acontecendo.

Os animais se comportavam como insetos sociais – enxameando, se alimentando, procriando.

Aquilo me remeteu a algo que tinha visto numa viagem de pesquisa à Costa Rica pela universidade: um vórtice mortal de formigas. É uma coisa impressionante. Encontramos centenas e centenas delas, correndo juntas numa gigantesca espiral, num redemoinho preto. Mostrando o poder do feromônio. As formigas seguem umas às outras por meio de trilhas dessa substância. Quando você vê uma fila delas marchando, isso significa que cada uma está seguindo o rastro químico da companheira da frente, sentindo o cheiro com suas antenas sensíveis. Mas, às vezes, acontece algo que rompe a trilha – como a queda de um tronco, por exemplo. De repente, uma formiga no meio da corrente está diante de outra. Ela entra em pânico. (Estou antropomorfizando um pouco, mas siga o meu raciocínio.) Começa a correr como louca, em busca de outra trilha. Acaba encontrando para então seguir essa outra formiga. Mas, sem saber, achou a trilha de feromônio da formiga atrás de sua própria fila. Assim, a coluna se transforma num anel que gira sobre si mesmo e as formigas seguirão cegamente umas às outras até morrerem.

Aí eu pensei: feromônios.

Capítulo 64

Inta, Rússia
25 quilômetros ao sul do Círculo Ártico

Escalando uma árvore, quase a 10 metros de altura, Cheslav Prokopovich pragueja. Ele para de subir e se inclina, desequilibrado, distribuindo o peso com cuidado nos ramos do pinheiro, que, naquela altura, já ficam mais finos.

Através dos galhos entrelaçados, consegue ver o vale rochoso do rio; seu panorama horizontal só é interrompido pela destacada e imponente torre de rádio intercontinental que é a razão da existência desse vilarejo tão ao norte.

Mas aquele visual é a menor de suas preocupações desta tarde.

Com cuidado, Prokopovich desafivela a espingarda das costas e dá uma olhada na floresta abaixo, procurando os outros membros de sua expedição de caça. Daquela altura, Sasha, Jirg e Kiril parecem idênticos. Os três russos usam botas militares e macacões de camuflagem baratos. Todos são atarracados, calvos e de traços firmes, como que esculpidos em pedra.

Amigos a vida inteira e moradores de Inta, os quatro trabalharam juntos na mina de níquel aberta nos primeiros tempos depois da queda do Muro de Berlim. A caçada anual do fim do verão costuma ser um período de folga antes da chegada da neve e do gelo, antes que as temperaturas do Ártico os obriguem a ficar dentro de tocas diante do fogo durante seis meses – longos, tediosos e absolutamente sedentários, pontuados por incontáveis copos de vodca e intermináveis rodadas de baralho.

Durante o ano todo, Prokopovich não vê a hora de participar dessa excursão, principalmente do momento formidável antes da

caça ao alce – aquela tremedeira de excitação, a alegria infantil no coração.

Mas seu coração não está tão feliz agora, pensa Prokopovich enquanto bafeja a mira telescópica da espingarda e a limpa com a manga. É uma arma de caça Mosin-Nagant feita à mão. Pela retícula da mira, ele perscruta a floresta boreal que verdeja a paisagem. Está em busca de qualquer mínimo sinal de movimento.

Mais especificamente, à procura de lobos. Os lobos que os estão perseguindo desde a manhã.

São dezenas. Os maiores e mais agressivos que ele já viu. Prokopovich não sabe por que tantos lobos resolveram se juntar numa matilha para vir atrás deles. Só sabe que, se Kiril não tivesse acordado cedo para dar uma mijada e os avistado ao longe, subindo a encosta da montanha como um fluxo de lava num trajeto reverso, eles já poderiam estar mortos.

Prokopovich foca a velha ponte ferroviária que atravessa a ravina por onde passaram mais cedo. Ela foi construída por prisioneiros do gulag nos anos 1950, quando a rede de campos de trabalho do governo de Inta ainda funcionava. O plano era subir a montanha usando aquela via abandonada e capenga. Acharam que os lobos não seriam capazes ou teriam medo de atravessá-la. De cima da árvore, ele observa a ponte pela mira telescópica, esperando, atento.

Prokopovich está pensando na mulher quando os lobos emergem em massa das árvores, correndo em direção à ravina.

– *Tchyo za ga'lima* – resmungo consigo mesmo enquanto os animais se encaminham diretamente para a ponte.

Observa-os começarem a atravessar com dificuldade, examinando com cuidado os dormentes e as vigas de ferro decrépitos, escolhendo onde colocam as patas.

– *Blya!* – clama Prokopovich para o céu. – *Vse zayebalo!*

Putá merda!

Fodeu!

Capítulo 65

Cuspindo um raminho de pinheiro, Prokopovich fita os lobos que se aproximam. Avançam rapidamente, mas ele tenta contar quantos são. Logo a tarefa se torna impossível. São muitos. Aquilo é inacreditável. Já ouviu falar de alcateias de dez, talvez até quinze. Mas deve haver uns cinquenta lobos saindo das árvores, um fluxo que afunila até a ponte à frente.

Prokopovich afivela a espingarda nas costas e desce depressa da árvore.

– O que você viu, caçador? – pergunta Kiril, acalmando os nervos com um trago de vodca de seu cantil.

O rosto dele é uma couve-flor tingida em tons róseos. Os olhos parecem duas passas.

Prokopovich franze a testa. Ele não está preocupado com Sasha, que ainda joga hóquei, ou com o primo Jirg, o levantador de peso; o problema é Kiril, o maior de todos, seu melhor amigo. O falastrão grande e impetuoso está apoiado num tronco, silvando como um acordeão por causa da subida da montanha de manhã. Ele é gordo como um porco, fuma como uma chaminé de caldeira e se movimenta tão devagar quanto a seiva no inverno.

Um peso morto, pensa Prokopovich com tristeza, olhando para o amigo.

– *Blya!* Vamos correr, seu porco bêbado. Vamos correr para salvar nossas vidas.

Os lobos são um aglomerado de pontos cinzentos no vale distante, contornando as árvores e subindo a montanha. Não fazem nenhum barulho. Não latem, não uivam. Só correm em silêncio.

– Depressa! Corram se quiserem sobreviver!

Os homens têm mais uma única chance. A outra ponte sobre a ravina, pouco menos de um quilômetro adiante ao norte, ainda em

pior estado que a primeira; um mero esqueleto de ponte, sem cordame algum. Terão que subir pela estrutura enferrujada. Um empreendimento quase suicida, principalmente para o coitado do gordo Kiril. Mas não há outra opção. Pelo menos os lobos não conseguiriam atravessar aquilo. O problema é chegar lá a tempo.

Já conseguem ver a ponte à frente quando Kiril leva um tombo. Ele parece péssimo. Tenta inspirar como um peixe fora d'água, tendo acessos de tosse. O rosto está inchado, da cor de uma sopa de beterrabas.

– *Bol'she-nyet!* – consegue dizer entre arquejos. – Não. Chega. Não consigo. Nem... mais... um... passo.

– Pare com isso! – Prokopovich lhe aplica um violento pontapé. A julgar pela reação, foi o mesmo que chutar um pneu. – *Mudak!* Levante-se, seu filho da puta.

– *Blya, blya* – acrescenta Jirg. – Minha mulher não vai ficar viúva só porque você é um gordo idiota.

– *Pojdite!* Vão vocês dois! – diz Prokopovich, ajoelhando-se nos ramos de pinho ao lado do melhor amigo. – Kiril precisa recuperar o fôlego. A gente alcança vocês na ponte.

Sasha e Jirg partem sem hesitar.

Prokopovich segura os ombros trêmulos de Kiril e olha desolado em direção às árvores, para os distantes montes Urais assomando a leste.

– Vá embora, Cheslav – fala Kiril, ofegante. – Não faça isso. – Seus olhos miúdos demonstram derrota e infelicidade. – Jirg tem razão. Eu sou um gordo inútil. Sou fraco demais. Sempre fui.

Kiril é um pobre coitado, alvo de piada por todo mundo. O que o redime, e o que sempre o manteve como melhor amigo de Cheslav, é que o próprio Kiril é quem mais ri das piadas a seu respeito.

Prokopovich verifica a munição da espingarda enquanto acompanha os lobos correndo por entre as árvores.

– Desculpe – diz Kiril quando os arquejos dos lobos se tornam audíveis. Ele está chorando, e acrescenta com a voz entrecortada: – Eu sempre adorei estas caçadas. Você é meu grande amigo, Cheslav. Nunca fui milionário, mas sou rico por ter você como amigo.

– *Zatk'nis!* – Prokopovich dá uma escarrada nos ramos de pinho.
– Cale a boca, seu fresco, e pegue a arma. Nós vamos sobreviver.

Enquanto os lobos se aproximam, Prokopovich olha para o vale abaixo. Na altura em que está, o sol é claro e brilhante, mas depois da ponte, onde se encontra a aldeia, está tudo encoberto por uma névoa avermelhada, como se iluminado por uma luz negra.

Então é aqui que eu vou morrer, pensa Prokopovich.

Neste momento, o primeiro lobo entra na clareira, um macho com olhos amarelos como a lua.

É um animal monstruoso, de pelo menos 50 quilos. Quando era criança, numa caçada com o pai, Cheslav viu um lobo menor que esse derrubar um alce enorme.

Que pena eu não ser um alce, pensa Cheslav.

– Levante-se, seu idiota.

Kiril consegue se erguer.

Os dois ficam de costas um para o outro, espingardas em riste.

Prokopovich sabe o que fazer com lobos. Manter a posição. Você fica firme, eles o respeitam, você sobrevive. Se correr, você morre.

Os lobos rodeiam os dois. Cada vez chegam mais deles. Os grupos começam a se mesclar, misturar, entrelaçar. Rosnando, rugindo, batendo os dentes, com rajadas de latidos em staccato. Avançam, depois recuam. O ar se enche de uma cacofonia de sons.

Prokopovich sente o tremor de Kiril nas suas costas.

– Fique firme, *mudak* – rosna para Kiril. – Se mantivermos a posição, vamos sobreviver. Se corrermos, morreremos. Eles sentem o cheiro do medo.

– *Eto piz'dets, eto piz'dets* – choraminga Kiril. – Que merda, que merda.

Kiril aperta o gatilho de sua espingarda e dispara da altura da cintura, mirando quase aleatoriamente o grupo de lobos. Cheslav sente o coice da arma no cotovelo. Um jorro de sangue sobe pelo ar, como um jato de suco de morango brilhante, seguido por um uivo choroso.

– Kiril! – grita Prokopovich. – Não!

Ouve Kiril puxar o gatilho mais uma vez. Outro uivo e outro jato de sangue.

Uma onda de agitação diferente percorre o círculo, um aumento dos ganidos enlouquecidos.

Que seja, pensa Cheslav. Foda-se. E começa também a disparar na alcateia.

Eles matam uns sete lobos. Mas os animais continuam avançando.

Aí Kiril resolve sair correndo. Deixa seu posto no meio do círculo e tenta fugir. Um instante depois – uma fração de segundo, mais curto que um piscar de olhos –, o círculo de lobos fecha o cerco. Seus corpos se tornam um redemoinho de pele, gargantas rugindo, pernas flexionadas, mandíbulas vorazes, todos empilhados uns em cima dos outros. Prokopovich dispara outra rajada de balas na horda, mas é inútil. Os dois homens desaparecem sob os animais.

Demora alguns minutos até o clamor silenciar. O bando começa a se dispersar, vagueando e farejando. Eles se engalfinham e rosnam, não de forma violenta, mas de brincadeira.

Cheslav e Kiril se foram. Não restam mais corpos para se falar a respeito. Só sangue espalhado pela neve e pelos ramos de pinho. Muitos lobos estão com o focinho e a boca sujos de sangue, alguns o lambem do pelo úmido e manchado. Alguns fuçam em ossos aqui e ali. Mas os homens já desapareceram.

Capítulo 66

Tenho certeza de que eu parecia um zumbi acabando de rastejar da cripta quando abri a porta do nosso apartamento. Ouvi Chloe arrumando as compras na cozinha. Deixei a chave na fechadura e entrei correndo.

Chloe olhou para mim como se eu tivesse enlouquecido. E eu parecia mesmo um doido: estava coberto por uma imundície escura, ofegante por ter voltado correndo do Bryant Park.

Mas eu não estava louco.

Pela primeira vez em anos, eu sabia que estava certo.

– Oi.

– E então? – replicou ela. – Como foi a reunião com o prefeito?

O tom de voz era sarcástico.

– Incrivelmente produtiva.

Chloe levantou-se de onde estava ajoelhada, perto da geladeira aberta, e fechou a porta.

– Acabaram de ligar do gabinete do prefeito. Que diabo aconteceu com você?

Peguei o pote de molho de tomate que ela segurava distraidamente e pus na bancada. Segurei-a pelos ombros enquanto lutava para recuperar o fôlego.

– Eu descobri! – Minha voz engasgou de excitação. Tentei me acalmar. – A razão desses ataques... não é um vírus... são feromônios.

Chloe me olhou, desconfiada.

– Você não está dizendo coisa com coisa, Oz.

Estava prestes a desabar numa cadeira perto da mesa da cozinha, mas Chloe ralhou:

– Não encoste nos móveis!

Continuei de pé.

– No caminho para a reunião, vi um cachorro de rua – expliquei.
– Eu o segui até um túnel embaixo do Bryant Park. Lá dentro havia mais cachorros. Milhares de cachorros.

Chloe aquiesceu, as engrenagens mentais girando.

– Você viu outra matilha? Como aquela do vídeo?

– Isso. – Comecei a enxugar o suor dos olhos com os dedos imundos, mas mudei de ideia e preferi piscar. – Estavam todos agrupados, esfregando-se uns nos outros, agindo de uma forma que nunca vi. Copulavam, regurgitavam comida. As fêmeas davam à luz em algumas câmaras.

– Que nojo – comentou Chloe.

De repente, ela começou a se afastar de mim, levando as mãos ao rosto.

– *Mon Dieu!* Que cheiro é esse? – perguntou, enfim sentindo todo o impacto do depósito de cães em que eu havia entrado.

– Exatamente!

Tirei logo a camisa e a calça. Eu estava deixando marcas pretas no chão da cozinha. Revirei as gavetas de meias e cuecas, encontrei um saco de plástico e guardei as roupas, amarrando bem apertado.

– Precisamos examinar estas roupas. É o cheiro delas. Acho que os cachorros estão soltando este cheiro. Mas quase não se comportam como cães, Chloe. Eu sei que parece insano. Mas eles se comportavam como insetos. Como formigas, abelhas e coisas assim. O que está enlouquecendo os animais não é um vírus, como o da hidrofobia. Precisamos verificar se há algum novo tipo de feromônio no ambiente.

– Isso é loucura – replicou Chloe, ainda cobrindo o rosto com as mãos.

– É mesmo? Essa coisa está bem na nossa cara desde o começo. Como os animais se comunicam? Subconscientemente, quero dizer. Como cães, ursos ou hienas se reconhecem, reconhecem o ambiente, o território?

– Excretando e farejando feromônios.

– A vida, em seu nível mais básico, é química – afirmei. – Certo?

– Hum.

– Grupos de compostos moleculares reagindo entre si. Quando um animal fareja um rival ou um predador, recebe uma informação que muda o seu comportamento. É o que está acontecendo aqui. De alguma forma. Só que, por alguma razão, os sinais estão se embaralhando, fazendo com que se comportem contra os instintos. Existe algo novo, algo errado... com os próprios feromônios ou com a maneira como os animais os processam.

– Talvez faça sentido – concedeu Chloe, começando a entender.
– As mutações que encontramos nos animais eram na amígdala, que geralmente rege o sentido do olfato.

Fiquei andando de um lado para outro de cueca, ainda segurando o saco de lixo com minhas roupas fedidas.

– Acho que pode até estar relacionado com aquele comportamento bizarro do Attila – continuei. – O olfato dos chimpanzés não é tão sensível. Mas eu o resgatei de um laboratório de perfumes que fazia experiências químicas com ele. Acho que o feromônio, ou o que estiver no ambiente, de alguma forma o enlouqueceu.

– Como um esteroide ou coisa parecida. Será que os animais estão manifestando uma espécie de raiva provocada quimicamente?

– Pode ser.

– Mas por que tão de repente? O que está alterando a maneira como eles percebem os feromônios?

– Não sei. Mas precisamos localizar especialistas em feromônios e reunir todos numa sala, para ontem. Ou para cinco anos atrás. Vou ligar para o laboratório; você liga para aquele cara do governo, o Leahy. Acho que finalmente encontramos uma brecha para entender essa coisa.

Capítulo 67

O resto da minha manhã consistiu em um prolongado banho e uma saraivada de ligações dignas de uma campanha de doações de um programa televisivo.

No meio da tarde, eu, Chloe e Eli estávamos sentados à mesa da cozinha com as malas feitas e prontos para partir. Deduzi que meu transporte tivesse chegado quando o celular vibrou e surgiu no visor a mensagem NÚMERO DESCONHECIDO. Fui até a janela e olhei para fora.

Quando Mike Leahy dissera que ia mandar um carro para nos transportar a um local seguro, achei que estava se referindo, bem, a um carro.

Estacionado em frente ao nosso prédio, havia um veículo de combate Humvee camuflado, com um soldado de prontidão na metralhadora no topo. Para um traslado discreto, imaginei.

Um garoto sardento de cabelos alaranjados saído de *A turma do Archie* nos encontrou no saguão do edifício. Bateu continência.

– Tenente Durkin, 3ª Infantaria do Exército dos Estados Unidos – anunciou naquela cadência militar, um atropelo de latidos subindo de timbre.

– Meu Deus, está ficando tão ruim assim por aí, tenente? – perguntei, gesticulando para a máquina de guerra em que estávamos prestes a embarcar.

Durkin pegou nossas malas como se fosse um carregador de hotel e nos conduziu para o Humvee.

– Manhattan está sendo evacuada além da Rua 96. Estamos começando com os hospitais e asilos.

– *O quê?* Por quê?

– Ratos.

Enquanto rumávamos para o norte da ilha, vimos barricadas, pontos de fiscalização. A cidade estava infestada de homens e mulheres em uniformes camuflados. Os únicos veículos que passaram por nós na direção oposta eram ônibus de evacuação do governo e outros carros de combate do Exército.

A Times Square estava deserta. Olhei para a marquise às escuras quando passamos pelo Ed Sullivan Theater, onde era gravado o *Late Show with David Letterman*. Naquele dia não haveria nenhum truque bobo com bichinhos, típico do programa.

Quando viramos para o leste na Rua 57, ouvimos um *fuushh*. Vimos dois soldados em trajes laminados de joelhos em frente a um bueiro aberto, usando um lança-chamas.

Paramos na esquina da Quinta Avenida com a Rua 81. Uma cerca de arame farpado e sacos de areia havia sido estendida na calçada em frente ao Met.

O Upper East Side estava ocupado pelos militares? Quando tudo aquilo tinha acontecido? E por que eu não ouvira nada a respeito? O mundo havia trocado a normalidade pela bizarrice em questão de horas? Ainda naquela manhã as coisas me pareceram normais.

– Por ora, esses dois quarteirões vão servir de QG – explicou Durkin quando um guarda nos deixou passar pela cerca improvisada.

– Isso meio que me remete à Zona Verde de Bagdá.

– Ou o Marco Zero do 11 de Setembro – completei.

Passamos por trailers de sacos de areia e engradados de garrafas d'água e paramos em frente a um imponente prédio de granito pré-guerra logo em frente ao Met. O interior do edifício tinha vários ornamentos dourados e colunas coríntias, vidro, latão, mármore e vasos de samambaias. Durkin nos conduziu ao grande saguão de entrada, onde um sargento da polícia de Nova York verificou nossas identidades e, por nenhuma razão aparente, nos revistou com um detector de metais – inclusive Eli, só para ter certeza de que nosso filho de 3 anos não estava armado.

– Quem está no comando? – perguntei a Durkin.

– O coronel Walters, mas ele está em campo.

– Em campo?

– Bem, na cidade. Acho que temos outros cientistas aqui. Mas primeiro vou levar vocês até seus aposentos.

Os aposentos eram ótimos: um duplex de multimilionário, com lareiras grandes e tetos decorados de pé-direito de 4 metros. A sala de estar era atulhada de esculturas de mármore e máscaras africanas. Havia um Chagall na parede da sala de jantar.

– Que belo lugar. Como o Exército conseguiu sublocar Xanadu?
– indaguei a Durkin.

Ele deu de ombros.

– Não nos cabe perguntar. Podem se acomodar. A reunião é no primeiro andar às quatro da tarde. Aproveitem as férias enquanto o mundo não acaba.

Capítulo 68

Deixamos Eli numa creche improvisada para os filhos dos cientistas no quinto andar e descemos para ajudar nos preparativos da reunião. Fiquei surpreso com a velocidade com que eu e Chloe nos adaptamos àquele cenário de Juízo Final. Num dia você deixa seu filho na escolinha, no outro numa creche em um centro de evacuação do governo. O que mais podíamos fazer?

Numa grande alcova ao lado do saguão de mármore, trabalhamos com técnicos militares para converter o salão de jantar em sala de conferência, inclusive com uma lousa interativa. A mesa era de cedro lustroso, longa e cor de sangue, a superfície tão brilhante que refletia a luz como um espelho. O recinto era enorme, com pé-direito de 5 metros, cornijas de mármore e sombrios retratos a óleo de barões corruptos nas paredes. Um candelabro pendia como um grande cacho de uvas de cristal acima da mesa.

Durante a hora seguinte, eu e Chloe cumprimentamos outros cientistas, transportados pelo governo por picapes e helicópteros. Além da minha ex-professora, a Dra. Quinn, eles tinham recrutado toda a equipe do laboratório da Colúmbia e mais de dez entomologistas, ambientalistas e outros especialistas.

– Ah, olhe quem está aí – falei para Chloe, cobrindo a boca com a mão. – Dr. Harvey, o Arrogante.

Chloe revirou os olhos.

O Dr. Harvey Saltonstall apertou minha mão e fez uma breve saudação. É muito bom provar que se está com a razão diante de seu arqui-inimigo; não pude deixar de dar uma risadinha. Na última vez que havíamos nos encontrado, ele estava do outro lado de uma tela dividida na MSNBC. Isso fora há mais de um ano. Como sempre, ele me fizera parecer um palhaço apalermado com sua personalidade altamente aristocrática.

A oposição pública do proeminente Harvey Saltonstall ao CAH atrasara nosso progresso por anos. Agora, por que eu não me surpreendia ao ver aquele elitista chapa branca e puxa-saco na equipe reunida pelo governo para resolver o problema?

Logo eu estava na cabeceira de uma mesa de conferência, ladeado pelos melhores e mais inteligentes. Torcia para que todo o conhecimento reunido naquela sala fosse o bastante. E que não fosse tarde demais.

Comecei com um breve apanhado do que tinha visto no subsolo do Bryant Park.

– No começo, achei que o CAH tivesse uma origem viral – falei, examinando as expressões ao redor da mesa. Todos assentiram. – Mas, depois de ter visto aqueles animais de perto hoje de manhã, comportando-se de forma tão bizarra, acho que chegou a hora de experimentar uma nova abordagem. Acho que tudo isso está relacionado com feromônios. Os cães que vi mostravam um comportamento agregador típico. Acredito que algum novo tipo de feromônio alterado tenha se imiscuído no ambiente, provavelmente por ações nossas, pois parece que somos os únicos mamíferos cujo comportamento não foi afetado.

– Foi por isso que viemos aqui? – perguntou Harvey Saltonstall, sorvendo um longo e melindroso gole da xícara de café à sua frente, enquanto todos esperavam suas próximas palavras. – O meio ambiente? Por favor. Isso é uma teoria infantil. O feromônio é uma substância química muito específica na comunicação entre espécies. Nunca ouvi falar de um mesmo feromônio afetando diversos tipos de animais. Está sugerindo que existe algum gás invisível e maluco afetando todos os mamíferos, com exceção dos humanos? Por que não nos afetaria?

Por mais irritante que fosse, eu sabia que Saltonstall estava levantando um ponto importante. Ele tinha acabado de enfiar o dedo no maior furo da minha teoria. Mordi o lábio e pensei.

Capítulo 69

Harvey Saltonstall uniu as pontas dos dedos de forma pedante e se pôs a flexioná-los ainda unidos, preparando-se para reforçar o ataque. Mas Chloe intercedeu para me salvar:

– E quanto à poluição?

– Sim, bem, o que tem a poluição? – replicou Saltonstall.

– A poluição do meio ambiente às vezes provoca mutações em animais. Considere a *nylonase*, por exemplo. Eles encontraram uma bactéria que só come nylon num reservatório de escoamento de água ao lado de uma fábrica do material no Japão. A presença da poluição alterou geneticamente as bactérias que já viviam ali.

– Todo esse negócio se aplica quando falamos sobre poluição – retrucou Saltonstall. – Mas achei que estávamos falando de feromônios. O que a poluição tem a ver com eles?

Raspei as juntas da mão no tampo da mesa.

– Hidrocarbonetos – respondi. – É onde a poluição e os feromônios se encontram. Feromônios são feitos de hidrocarbonetos. Assim como o petróleo.

Todos se empertigaram. Minha cabeça estava a toda. Não consegui ficar quieto: levantei e comecei a andar de um lado para outro.

– Os hidrocarbonetos estão por toda parte. Nos últimos duzentos anos, do tráfego de veículos à atividade industrial, houve um aumento maciço de hidrocarbonetos na atmosfera. Metano, etileno...

– Sem mencionar a onipresença do petróleo – emendou Chloe.

– Ele está em tudo quanto é lugar... nos plásticos, nas pinturas das casas, nos balões, nos travesseiros, no xampu... Infiltrado nas águas do subsolo.

– Lembram-se dos estudos dos anos 1990 que investigaram os efeitos prejudiciais dos plásticos em razão de sua semelhança química com os estrógenos? – acrescentou o Dr. Terry Atkinson, engenheiro químico da Cooper Union.

Senti vontade de saltar e dar um abraço nele. Mas me contive.

– Sim – concordei. – Se os hidrocarbonetos podem imitar os estrógenos, é totalmente concebível que imitem os feromônios.

– Ou vamos considerar os compostos de plástico usados nas garrafas de água – sugeriu a Dra. Quinn, levantando uma caneta. – Foi constatado que, por alguma razão, eles aumentavam muito os níveis de estrógeno dos peixes. Num lago perto de uma fábrica na Alemanha, pesquisadores descobriram que não havia nenhum peixe macho.

– Nós estamos pegando um caminho equivocado, pessoal – insistiu Saltonstall. Pigarreou e jogou sua mecha de cabelo prateado para trás. – Como os hidrocarbonetos podem mudar sem um catalisador? Os plásticos estão entre nós há cinquenta anos. Se interferissem na maneira como os animais processam feromônios, não teríamos notado isso bem antes?

Suspirei enquanto tentava arranjar uma resposta. Mais uma vez Saltonstall tinha levantado um bom contra-argumento.

– Com licença, Sr. Oz – disse Betty Orlean, uma cientista ambiental da Universidade de Chicago. – Uma rápida pergunta. Quando o senhor começou a perceber esse aumento da agressividade animal?

– Segundo meus dados, por volta de 1996. Mas só começou a piorar nos anos 2000.

– Foi por volta de 1996 que os celulares começaram a se tornar populares – comentou Betty de forma meio enigmática. – Desde então, o uso deles tem aumentado exponencialmente. – A ideia ainda estava se formando na cabeça dela.

– E daí? – questionou Saltonstall.

– Bem, Dr. Saltonstall – replicou ela. – Sabemos que os celulares utilizam energia de radiofrequência, que emite campos de radiação eletromagnética. Algumas funções animais no nível celular podem ser afetadas. Há anos teme-se que um campo possa

perturbar o outro. É por isso que foram realizados tantos estudos sobre a relação entre uso de celulares e câncer no cérebro. Nosso mundo vem nadando num mar de radiação sem precedentes.

– Isso mesmo – concordei, me entusiasmando. – Talvez a radiação dos celulares esteja cozinhando os hidrocarbonetos do meio ambiente de uma forma jamais vista... transformando-os em substâncias químicas que os animais captam como feromônios. E mudando a fisiologia de seus cérebros, como constatamos na Colúmbia. Sabemos que os animais afetados têm amígdalas maiores.

– Acho que estou me lembrando de uma coisa, Oz – interveio a Dra. Quinn. – De um estudo com abelhas feito na Holanda. – Falava devagar e distraidamente enquanto digitava no notebook aberto à sua frente. – Sim, está aqui. Vou projetar na tela.

Num instante, a imagem reticulada de uma publicação científica apareceu.

– Esse foi um estudo feito na Holanda na década de 1990, mostrando os efeitos da radiação em abelhas cuja colmeia havia sido transferida para perto de uma torre de retransmissão de celulares. Como se pode ver na Tabela 1, quando as abelhas estavam na floresta, não tinham problemas ao sair para colher alimentos e voltar à colmeia.

Ela se levantou, foi até a tela e apontou-a.

– Mas este gráfico mostra que, quando a colmeia foi posta perto da torre, as abelhas demoravam cada vez mais para voltar, e ela acabou morrendo.

– Estou intrigada com a teoria do Sr. Oz – disse a Dra. Orlean. – Acho que nossos dois réus, a poluição dos hidrocarbonetos e a radiação eletromagnética dos celulares, se juntaram e acabaram resultando num colapso crítico da biosfera.

Todos na mesa pareceram concordar. Harvey Saltonstall se mostrou visivelmente irritado. Dava para ver a fumaça saindo pelas orelhas.

– Mas isso ainda não explica por que esses supostos feromônios alterados pelos hidrocarbonetos não afetam os seres humanos. Pode explicar isso, Sr. Oz?

Ele deu uma leve ênfase ao “senhor”, para lembrar a todos que eu não tinha o título de doutor.

Mordi meu lábio outra vez. Mas só para criar uma pausa dramática. Eu já sabia a resposta.

– Os seres humanos não dispõem do órgão vomeronasal, o tecido na base da cavidade nasal que provoca a resposta aos feromônios. Quase todos os mamíferos têm, mas não os humanos. Aliás, segundo algumas teorias, o órgão correspondente nos humanos pode ter diminuído com a evolução da nossa relação com os cães. Na medida em que aumentou neles, diminuiu em nós. Muitos dos genes essenciais para esse órgão são completamente inertes nos humanos.

Olhei ao redor e percebi que tinha vencido.

Saltonstall ficou com cara de bunda, por isso deduzi que ele sabia do que eu estava falando. A Dra. Orlean sorriu para mim.

– Bravo, Sr. Oz. Acho que ninguém pode negar que encontramos uma brecha. Finalmente acertamos o alvo. Pela primeira vez sinto que temos uma boa chance de compreender o que está causando o CAH.

– Sim, mas isso nos leva à próxima questão: como vamos deter o processo?

Capítulo 70

Uma velha viatura emite uma sirene fraca e hesitante enquanto avança pelas ruas poeirentas e engarrafadas da zona leste de Nova Déli.

Ao volante está o recém-promovido subinspetor Pardeep Sekhar, que quase atropela um vendedor de frutas ao enxugar o suor do rosto com a manga da camisa cáqui. O homem irrompe numa torrente de imprecações e o policial responde com um gesto de mão indiferente.

– Vá limpar o ouvido, seu lambão – resmunga em voz baixa pela janela. – Esse é o som da minha viatura... não é um demônio, é uma sirene. Significa: “Saia da frente, a polícia vai passar!”

Pardeep culpa a televisão e a internet pelo influxo de migrantes rurais da última década na cidade. Todos esses canais atraindo tolos iletrados para as luzes fascinantes e o estilo de vida de Bollywood que nunca vão desfrutar. Como não conseguem arranjar trabalho, viram pequenos delinquentes: batedores de carteira, ladrões de bolsas. É aí que ele entra em cena.

No engarrafado cruzamento seguinte, ele ri sozinho ao observar um Lamborghini cereja tentando contornar uma carroça puxada por um jumento. Um automóvel de luxo italiano ultrapassando um asno é o retrato da Índia do século XXI. A era digital convivendo com a idade da pedra.

Se ao menos eu tivesse uma câmara... Os colegas da delegacia iriam adorar isso.

A região de patrulha de Pardeep é Yamuna Pushta, a maior favela de Nova Déli, provavelmente a maior do mundo. Por toda parte, veem-se quarteirões de *jhuggis* – barracos improvisados feitos de madeira e papelão amarrados com barbante. O lugar não tem

eletricidade nem rede de esgoto. Hoje, as pessoas estão empinando pipas e jogando vôlei; crianças nuas brincam sorridentes na terra.

Pardeep estaciona a viatura em frente a um prédio de concreto de três andares ao lado de um trecho particularmente fétido do rio Yamuna, afluente do Ganges. Banhar-se em suas águas, segundo os homens santos, liberta as pessoas dos tormentos da morte.

Pardeep sobe a janela embaçada do carro e dá uma olhada na superfície tranquila e barrenta da cloaca poluída. Dá um suspiro e desliga o motor.

Pode libertar as pessoas, tudo bem. Mas não da morte. Da vida.

Olha para o sombrio complexo: River Meadow Apartments. Eles capricharam no nome, não é? Os chamados recebidos do prédio são confusos. Pessoas gritando sobre uma invasão, um assassino louco vagando pelos corredores.

Pardeep encolhe os ombros mirrados. Vendo de fora, o lugar parece bastante tranquilo. Deve ser alguma piada.

Mesmo assim, por precaução, pega a nova arma em frente ao assento do carona. É uma das submetralhadoras INSAS feitas e distribuídas na Índia há alguns anos, desde os ataques terroristas em Mumbai. Pendura a arma casualmente no ombro e encaminha-se para o edifício.

No fundo, espera que não seja uma piada, mas um verdadeiro terrorista. Ele adoraria detonar um extremista radical estrangeiro, assim talvez fosse promovido para uma região melhor da cidade.

Está tentando decidir para qual dos bairros chiques gostaria de ser designado quando um velho sai correndo do prédio aos berros.

– *Raksasom! Rana! Atanka!* – grita ao passar pela viatura. “Monstros! Horror! Fugir!”

Monstros... Pardeep sorri, divertindo-se. Com certeza trata-se de uma brincadeira. Provavelmente garotos fazendo truques com velhos tolos supersticiosos.

– Olá? Polícia! – anuncia, entrando no saguão deserto. – Polícia!

O cheiro é horrível: de merda, lixo, morte – ou seja, nada incomum para a vizinhança.

Não há resposta. Ele começa a subir as escadas.

No patamar do primeiro andar, vê algo se movendo sob a luz difusa no final do corredor. Uma figura encurvada, talvez abaixo da linha da cintura. No corredor sem janelas, Pardeep imagina que seja uma mulher vestida num cobertor, arrastando-se de quatro. Fica confuso. Pega a lanterna, dá uns passos à frente.

De repente, algo se move muito rapidamente em sua direção vindo do corredor escuro. Ele liga a lanterna e vê olhos cor de esmeralda brilharem em meio às trevas. Logo depois, é derrubado.

Pardeep não tem tempo de gritar quando o leopardo o rasga do ventre ao queixo.

Chegam mais dois, esgueirando-se em silêncio pelo saguão.

O leopardo é um dos animais mais perigosos do mundo. A linda criatura de olhos verdes é às vezes chamada de serra elétrica ambulante, pois, além dos dentes, usa tanto as garras traseiras como as dianteiras ao atacar suas vítimas.

Antes que uma névoa escura recubra seus olhos, uma última palavra paira na mente de Pardeep.

Raksasom.

Monstros.

Capítulo 71

Naquela noite, eu tive um sonho. Sonhei com um círculo de formigas que perseguiram umas às outras numa espiral. Girando e girando, cada uma seguindo cegamente a trilha de feromônio da companheira logo à frente. Um circuito fechado. Uma serpente mordendo o próprio rabo. Encerradas em seu círculo, as formigas continuam correndo – desesperadas, estúpidas, condenadas.

Não sabia que horas eram quando acordei no escuro, ouvindo o que mais se parecia com o fim do mundo.

Era um alarme tocando *EEHN EEHN EEHN*. Como se eu fosse um submarino que acabara de ser torpedeado.

Agarrei as cobertas e me atrapalhei todo para me sentar. Detector de fumaça? Algum alarme militar?

Então, vi uma luz pulsando na mesinha de cabeceira e percebi que o som vinha do meu celular. Lembrei vagamente que Eli estava brincando com ele no dia anterior. Um garoto de 3 anos entendia mais daquela coisa do que eu. Peguei o celular e o silencieei. Meu filho tinha selecionado um toque do tipo DEFCON 3, um estado de prontidão militar. A situação era engraçada, mas de um jeito meio mórbido, devido às atuais circunstâncias quase apocalípticas. Meu coração voltou a bater normalmente e quase dei risada. Atendi à ligação.

– Sr. Oz, desculpe ligar a esta hora – disse o tenente Durkin. – Recebi uma mensagem do Sr. Leahy, da NSA. Haverá uma reunião do alto escalão na Casa Branca agora de manhã. A presidente vai estar lá, assim como os chefes de gabinete. O Sr. Leahy requisitou sua presença para apresentar a nova teoria desenvolvida pelo senhor e pelos outros cientistas.

Tirei uma remela do olho. O quê? Mais uma reunião?

– Ah, tudo bem. Eu acho – respondi, acendendo a luz do abajur. Meu cérebro ainda estava embotado.

– Sua mulher e seu filho também podem vir, se quiser, mas, como os deslocamentos estão ficando perigosos, seria mais seguro deixá-los aí na Zona de Segurança. O senhor deverá estar de volta na hora do jantar.

– Tudo bem, tenente. Quando devo partir?

– Seu avião, saindo de Teterboro, vai estar pronto para decolar em mais ou menos uma hora. Seria possível se arrumar em, digamos, vinte minutos?

Vinte minutos, resmunguei mentalmente. A reunião da noite anterior tinha passado bem da meia-noite. Parecia que eu só havia dormido alguns minutos.

– É claro. A gente se encontra no saguão.

Assim que desliguei, telefonei para Leahy.

– Por que essa reunião presencial, Leahy? Por que não nos falamos numa teleconferência?

– É complicado, Sr. Oz. Sei que é chato, mas realmente preciso de você lá. Você é um palestrante convincente.

Pisquei, aturdido. Do que Leahy estava falando?

– Convincente? Do que a presidente precisa ser convencida?

– Explico quando você chegar lá.

Senti que havia algo de podre no reino da Dinamarca. Não sabia por quê, mas meu detector de mentiras estava em alerta. A última coisa que eu queria fazer era me afastar da minha família, em meio ao mundo que desmoronava, mas parecia que eu não tinha escolha.

– Tudo bem. A gente se vê mais tarde – concordei.

Chloe abriu um olho quando eu estava saindo do banho.

– A presidente e os chefes de gabinete da Casa Branca vão fazer uma reunião – expliquei. – Eles querem as minhas informações. Pessoalmente, em Washington.

– De volta a Washington? – disse Chloe, abrindo o outro olho e sentando-se na cama. – Mas você não pode ir! É perigoso demais. Eles não poderiam, sei lá, usar o Skype ou coisa parecida?

– Seria mais sensato. Mas estamos falando do governo federal. Parece que precisam ser convencidos da teoria do feromônio. Se não

entrarem no barco, não vamos fazer muito progresso na resolução dessa insanidade. Além do mais, vou ter uma escolta militar o tempo todo. Disseram que vão me trazer de volta antes do jantar.

Eu estava a caminho da porta do luxuoso apartamento cedido pelo governo quando Eli botou a cabeça para fora do seu quarto.

– Olá, garoto – falei, ajoelhando perto dele. – Foi você que mudou o toque do celular?

– Ahn... talvez?

Baguncei o cabelo dele e o abracei.

– Escute aqui, monsieur Talvez. Estou indo para Washington. Você vai ficar aqui cuidando da mamãe para mim até eu voltar hoje à noite.

– Não, papai – disse Eli, arrasado. Me levantei e ele abraçou minha perna. – Eu não posso tomar conta da mamãe. Não vai. Você precisa ficar aqui. Eu não quero que você vá.

Quando Chloe afinal me ajudou a afastá-lo, também senti vontade de chorar. Fechar aquela porta foi a coisa mais difícil dos últimos tempos.

Encontrei o tenente Durkin no saguão e saímos juntos. Ao longo da barreira de sacos de areia que interrompia a Quinta Avenida, soldados e guardas tomavam café em copos de isopor ao lado de um comboio de viaturas e jipes Hummer blindados. Os motores estavam ligados, soltando nuvens esbranquiçadas de gases à luz dos faróis.

– Outros cientistas vão vir também? – perguntei a Durkin enquanto subia num dos jipes.

– Minhas ordens foram para levar só o senhor, mas, se quiser trazer outro, posso verificar.

Descartei a ideia. Eu me sentia ligeiramente surpreso, mas, na verdade, gostava de ter sido o único requisitado. Passamos por meia dúzia de pontos de verificação no caminho para Teterboro. Quando pegamos o acesso para a George Washington Bridge, notei uma coluna de fumaça preta ao longe, acima de South Bronx.

Durkin olhou para aquilo e depois para mim.

– Houve alguns problemas com a evacuação – falou, desviando o olhar. – Alguns saques e coisas do tipo. Estamos tentando conter a

situação.

Capítulo 72

Quando chegamos a Teterboro, Durkin me levou direto para a pista, passando por um portão num alambrado. À direita, além das portas de um hangar próximo, um jato executivo brilhante cor de creme começou a taxiar devagar em nossa direção, piscando as luzes das asas.

Não pude deixar de notar que era um Gulfstream G650 top de linha, uma aeronave de luxo capaz de cruzar o Atlântico e atingir velocidades próximas de Mach 1.

Se acharam que podiam me impressionar requisitando um G650 para me levar a Washington, eles conseguiram.

Logo depois, tive outro pensamento.

Tudo isso... para mim?

Por que esse tratamento VIP repentino? Definitivamente, não parecia um itinerário-padrão para o governo. Por que eu estava sendo paparicado?

E, afinal, de que trataria aquela reunião?

Durkin ficou parado na pista. Outro militar acenou para mim da escada do avião e eu embarquei só com a roupa do corpo.

O Gulfstream era equipado com telas planas sobre escrivaninhas de teca reluzentes e cadeiras de couro executivas em que se podia afundar como se fossem pudins.

O espaço interno era decorado como um escritório de luxo, pensei, ao me acomodar em uma das oito poltronas. Um escritório de luxo que voava a 51 mil pés de altitude a mais de 1.100 quilômetros por hora.

Não que eu tivesse muito tempo para desfrutar tudo aquilo. O comissário de bordo me serviu uma xícara de café antes da decolagem, e eu ainda dormia quando as rodas do Gulfstream

quicaram suavemente na pista do Reagan National incríveis 25 minutos depois.

O jato desacelerou enquanto taxiávamos. Olhei pela janela. Havia algo estranho no aeroporto. Alguns jatos jumbo estacionados nos terminais, mas nenhum se movimentando. Não havia nenhuma outra aeronave na pista. Nada estava decolando ou aterrissando. Era como se o aeroporto estivesse fechado. E eram oito horas da manhã de uma terça-feira.

Quando nos aproximamos do terminal, percebi, afinal, alguma atividade. Dezenas de aviões militares – Harriers, Warhogs – enfileirados em duas longas colunas. Marines iam de um lado para outro, carregando e descarregando helicópteros Chinook de dois rotores.

Aos poucos fui percebendo que o aeroporto estava sob o comando das Forças Armadas.

Capítulo 73

Assim que senti o avião parar, recebi uma ligação de um número desconhecido. Atendi no momento em que o comissário de bordo destravou a porta, que se abriu com um zunido agudo.

– Sr. Oz, é o Dr. Valery. Estou com os resultados dos testes.

O Dr. Mark Valery era um bioquímico da Universidade de Nova York a quem eu tinha solicitado uma análise química do muco das minhas roupas.

– E o que o senhor descobriu?

– Sua teoria dos feromônios parece correta. Suas roupas estavam saturadas de um hidrocarboneto de propriedades químicas específicas, semelhante ao acetato de dodecil... um feromônio comum das formigas. Digo “semelhante” porque não é exatamente a mesma coisa. Esse negócio tem algumas propriedades que nunca vi antes.

– Como assim? – perguntei.

– As cadeias de carbono são estranhas. Muito estranhas. A substância tem um peso molecular extremamente alto. Ao contrário do acetato de dodecil, esse negócio parece se dissolver devagar, o que poderia explicar seu forte efeito em animais maiores. Mas acontece que não é só isso. Não são só os animais que estão excretando um feromônio. Nós também.

– Do que o senhor está falando?

– Resumindo, o cheiro de um humano é muito complexo. Nós emanamos substâncias de diversos tipos de glândulas. Há o suor normal, excretado pelas glândulas écrinas, e o suor das glândulas apócrinas, das partes mais pilosas do nosso corpo. E ainda há o sebo.

– A substância que contém o nosso cheiro – completei.

– Certo. Os cães farejadores sentem o sebo quando seguem um indivíduo específico. Nossa impressão digital olfativa. A indústria de perfumes vem fazendo experiências com sebo há anos. Eu ajudei em alguns desses experimentos. A questão é que o sebo, assim como os feromônios, está repleto de hidrocarbonetos. Foi por isso que resolvi testar algumas raspas de pele de humanos. Usei a minha e a de outros funcionários do laboratório como amostras.

– E o que o senhor descobriu?

– Acontece que nosso sebo agora é quimicamente distinto de outras amostras que colhi em estudos semelhantes feitos em 1994. Não sei se é o ar, nossa dieta, infiltrações de plásticos ou sabe-se lá o quê, mas os primeiros testes parecem indicar que nosso sebo tem um novo composto. Pentanol e butanoato de metila. E a estrutura química se assemelha à de vários feromônios de ataque dos insetos.

Fitei o piso do avião, tentando juntar as peças do que tinha acabado de ouvir.

– Isso quer dizer que os animais estão nos atacando por causa do nosso *cheiro*? Não é só por eles. Somos nós.

– Pense a respeito, Sr. Oz – disse Valery. – O sistema olfativo da maioria dos mamíferos é extremamente apurado. O olfato de um cão é mais ou menos cem mil vezes mais sensível que o de um humano. Esse poder olfativo é primal. E parece que as criaturas não gostam do que estão sentindo.

Capítulo 74

Com essas novas e ainda mais perturbadoras implicações dançando polca na minha cabeça, saí do avião e fui conduzido por dois soldados em direção a uma cintilante limusine preta e cromada do governo já ronronando no hangar.

Se nosso odor humano inato ajudava a causar aquele caos, como poderíamos consertar a situação? Como conseguiríamos mudar nosso cheiro num nível molecular? Como aquilo poderia ter acontecido tão rápido? E por quê?

Fui me aproximando dos veículos: um carro da polícia de Washington, um Suburban preto e outro Humvee.

Um fuzileiro atarracado em uniforme de camuflagem apertou minha mão. Era hispânico e seu cabelo espetado dava a impressão de que ele usava um ouriço como solidéu.

– Sr. Oz? – falou com um pequeno sorriso torto. – O senhor é o cientista de animais, certo? Vi o senhor no programa da Oprah. Seja bem-vindo à zona de guerra antes conhecida como Washington. Sou o sargento Alvarez. Mas pode me chamar de Mark. O senhor tem alguma bagagem ou tubos de ensaio para pegar?

– Sem tubos de ensaio desta vez – respondi distraidamente enquanto ele abria a porta do utilitário para mim.

– Então por que o senhor está aqui? – indagou, acomodando-se atrás do volante. – Deixe-me adivinhar. Para ver as cerejeiras, assistir a um jogo do Nats?

Agora já estávamos rodando. Eu tentava pensar. Gostaria que ele calasse a boca.

– Na verdade, estou dando início a um novo programa de testes com o Corpo de Fuzileiros. Aliás, quando chegarmos à Casa Branca, vou precisar de uma amostra de urina.

Seguiu-se um longo e arrastado silêncio.

– Foi só uma piada – expliquei. – Desculpe, estou com muita coisa na cabeça.

– Sem problema, doutor. Eu falo demais. Pergunte a qualquer um. Pode ficar aí quieto resolvendo esse desastre. Vou calar a boca e dirigir. Fechando a matraca... Câmbio, desligo.

Alguns minutos depois, já estávamos perto do Pentágono, percorrendo a subida da I-395 antes da ponte, quando ouvi o que achei serem gansos.

Logo em seguida, uma enxurrada de animais saiu das árvores na beira da rodovia. Corpos peludos se despejavam de trás dos troncos das árvores. Cães. Pastores-holandeses, mastins cor de caramelo, perdigueiros, *blood hounds*, galgos, vira-latas de todos os tamanhos, pelagens e cores possíveis. Os cães rosnavam e latiam. Os pelos ondulando, a baba escorrendo.

A maioria dos animais estavam imundos, enlouquecidos. Pareciam doentes, famintos, atormentados. Muitos tinham manchas na pelagem do mesmo fungo branco que eu vira no Bryant Park. Era horrível. Senti muita pena deles.

A horda não hesitou muito ao se aproximar do comboio. A massa se jogava pela via como lemingues saltando de um penhasco, entrando embaixo das rodas do carro de patrulha que seguia adiante. Alvarez quase colidiu com a viatura por conta da freada brusca.

– Que porra vocês estão fazendo, seus palhaços? – vociferou Alvarez ao microfone para o motorista da viatura. – Isso não é hora de breicar para não atropelar animais, seu babaca. Andem! Andem!

Houve uma série de ganidos, uivos e choramingos, seguidos por tenebrosos baques quando passamos por cima dos cães. Nosso veículo dava solavancos como um bote de borracha num mar tempestuoso. Achamos que já tinha acabado quando um *wolfhound* se jogou no nosso capô.

Alvarez pisou no acelerador, fazendo o bicho deslizar pelo para-brisa e rolar pela capota. Virei para trás a tempo de ver o cachorro sendo atropelado pelo Humvee atrás de nós.

– Maldição! O carinha queria nos comer no desjejum, hein? – disse Alvarez, enxugando o suor do ouriço. – Agora o senhor pode

tirar uma amostra de urina da minha cueca, Professor Xavier.

Ficamos nos encarando por certo tempo, depois demos uma risada nervosa.

– Agora eu entendo por que os políticos estão tão preocupados – falei.

O fuzileiro aquiesceu, tirando sua .45 do coldre e colocando-a no porta-copo.

– Típico de Washington, certo? Um problema só vira problema quando acontece na capital.

Capítulo 75

Washington parecia deserta. Passamos por um posto de inspeção do Exército no outro lado do Potomac. Cachorros mortos se espalhavam de forma caótica pela normalmente imaculada National Mall, flutuando no espelho d'água, que estava turvo e escuro.

Quando nos aproximamos, percebi que tinham levantado uma nova cerca de alta tensão ao redor da Casa Branca. Em cada quina do complexo, notei quatro Humvees com uma espécie de antena de satélite no teto.

– O que são essas coisas? – perguntei.

– Uma espécie de transmissor de micro-ondas que esquenta a pele da gente. Queima pra caralho. Deve ser eficiente para controlar multidões. Felizmente, também funciona no melhor falso amigo do homem.

Entramos na fila atrás de dois outros comboios que esperavam ao lado do complexo da Casa Branca, na East Executive Avenue. Mesmo quando chegou a nossa vez, tivemos que esperar vinte minutos enquanto a assembleia orwelliana de agentes de segurança conduzia a operação de verificação e reavaliação de identidade.

Um oficial do Exército com cara de bebê me escoltou, enfim, para dentro da Ala Oeste e eu avistei o Sr. Leahy. No fim de um corredor, ele parecia travar uma acalorada discussão com um funcionário em frente a uma série de portas duplas fechadas.

Um monte de militares entrava e saía da sala de reunião atrás deles. Muitas medalhas cintilando nos uniformes. O funcionário balançou enfaticamente a cabeça e se afastou quando eu cheguei.

– Está acontecendo algo muito grave, Oz – avisou Leahy, me retendo na mesa do secretário.

– Qual é o problema?

– Eles não querem me ouvir – disse o agente da NSA de cabelos prateados, mais para si mesmo do que para mim. – Eu não acredito. Eles nem querem me ouvir.

– Quem não quer ouvir?

Leahy meneou a cabeça indicando uma porta ali perto.

– Vamos sair um pouco?

Sob a colunata da Casa Branca, Leahy tirou um maço de Marlboro do bolso.

– Eu tinha parado de fumar havia dez anos – comentou, e acendeu um cigarro com um fósforo.

Fiquei com vontade de sacudi-lo pelas lapelas.

– Você quis que eu viesse até aqui. Agora eu estou aqui. Qual é o problema?

Ele não respondeu. Deu outra tragada, segurou a fumaça por um tempo, exalou calmamente pelo nariz.

Minha família estava em perigo em Nova York enquanto aquele imbecil ficava calado. Leahy levou o cigarro aos lábios de novo e eu o arranquei da mão dele.

– Pare de me enrolar! Qual... é... o... problema?

– Os militares conseguiram convencer a presidente de que essa coisa pode ser contida com armas convencionais. Eles têm imagens de satélites de alguns lugares onde os animais se aglomeraram e querem usar napalm. Imagine só. Eles acham que podem acabar com isso bombardeando as criaturas. Perderam a cabeça, Oz. Só querem usar os brinquedinhos deles. – Leahy pegou outro cigarro. – Para um martelo, qualquer coisa é prego – completou, acendendo-o.

– Mas isso é uma loucura, Leahy. A presidente Hardinson não é conhecida como moderada? Pragmática? A Sra. Racional?

Leahy olhou ao redor.

– Eles provavelmente estão nos ouvindo. Eu deveria saber, não é? Mas dane-se. Quem está aí para escutar? Isso é ultraconfidencial, Oz. A maternidade explica tudo, entende? A filha da presidente morreu.

Ahn? Aquilo me pegou de surpresa.

– O quê? Allie?

Leahy assentiu.

– O fato está sendo escondido da imprensa por enquanto. Pelo que ouvi, ela disse à presidente que Dodger tinha fugido. Mas não era verdade. Ela havia escondido o cachorro no sótão do alojamento da família. Allie foi encontrada lá. O cachorro tinha... Bem, o resto você pode adivinhar.

– Quem encontrou a menina?

– O Serviço Secreto. A presidente pegou a arma de um agente para matar o cachorro pessoalmente. Não está em seu juízo normal no momento. Está assinando tudo que os militares põem na frente dela.

– Que merda.

– Merda mesmo. E a merda é que eles não estão nem aí para o fato de isso ser uma questão ambiental. Não querem mais saber de falar com cientistas. Só querem sangue, e vão ter sangue à beça.

Capítulo 76

*Base da Força Aérea MacDill
6 quilômetros a su-sudoeste de Tampa, Flórida*

O tenente Frank White, oficial de controle de tráfego aéreo, pinga um pouco de leite no primeiro café de seu turno com uma indiferença ensaiada ao entrar no andar principal da torre. Enquanto se encaminha para seu posto, o desengonçado homem de 30 anos pensa com tristeza na pescaria que planejava fazer neste final de semana, antes de tudo se tornar uma rede de teorias apocalípticas. Concentra-se em manter os olhos abertos.

MacDill é uma base de reabastecimento secundária e seu trabalho costuma ser uma moleza. A parte mais difícil é tentar evitar que recrutas de 23 anos com experiência de trinta horas de voo pousem quentes demais e transformem a pista num forno de pizza.

White pisca, espantado, olhando para a Pista 1, onde, por alguma razão, uns vinte Falcon F16 aquecem os motores.

Fica boquiaberto quando um bombardeiro B2 preto aterrissa na Pista 2.

Que merda, isso não é uma piada, pensa ao se levantar, ainda mexendo o café distraidamente.

Todos os caças estão carregados de bombas sob as asas. No vestiário, um dos engenheiros de manutenção das aeronaves jurou que são todas de natureza incendiária – bombas térmicas de alumínio em pó, de magnésio e fósforo branco. Disse não ter certeza, mas parecia que os B2 estavam transportando “corta-margaridas” termobáricas.

Meu Deus, pensa White. Poderiam até ser armas nucleares.

Vinte minutos depois, o telefone de comando codificado de sua estação de radar toca. O café o deixou um pouco mais acordado. As ordens que recebe são rápidas e cortantes, com uma concisa precisão militar.

– Aqui é o comando do Norad de Cheyenne. Com quem estou falando?

– Tenente Frank White.

– Escute bem, White. Não estou com todas as coordenadas na minha frente, mas você precisa afastar todas as aeronaves civis do sul de Tampa e do norte das Keys. Libere o espaço aéreo até um teto de 85 mil pés de altitude.

White olha para seu reflexo obscurecido no vidro da torre de controle e estreita os olhos por um momento, visualizando a área na cabeça.

– Não é o Parque Nacional Everglades?

– Não entendi a última transmissão, filho. O que você disse?

Ah, merda. O que é isso? O que está acontecendo?

– Eu disse “Sim, senhor”. Sul de Tampa e norte das Keys.

Instantes depois, ele está em uma das estações de radar, cumprindo suas ordens. O rádio estala em seu fone de ouvido.

– Torre, aqui é dois-cinco-três. Nossos preparativos de voo estão concluídos. Temos permissão para decolar?

White se empertiga. Dois-cinco-três é o chamado de ação para um dos B2.

– Sim, dois-cinco-três. Permissão concedida para a Pista 1.

Permissão para que eu não sei, pondera White entre os goles de café quando o imenso avião começa a rodar pela pista.

Capítulo 77

*Centro de Operações do Norad
Estação da Força Aérea de Cheyenne
Colorado Springs, Colorado*

A sirene de alarme geral que soa pelo complexo às nove horas daquela manhã pode ser ouvida claramente nos arredores da montanha, nos arborizados bairros de Colorado Springs.

Os moradores mais recentes da cidade se perguntam se a sirene é um aviso para o departamento de bombeiros voluntários e voltam a ler seus jornais no café da manhã. Os familiares de funcionários da estação saem imediatamente do trabalho e das aulas de ioga e se dirigem às escolas para buscar os filhos.

O alarme silencia depois de exatos cinco minutos. Em seguida, as duas portas de aço blindadas de 25 toneladas que protegem a casamata militar supostamente à prova de armas nucleares começam a se fechar pela primeira vez desde o 11 de Setembro.

Os corredores e as salas da instalação se ramificam a partir da larga passagem principal do tamanho de um túnel ferroviário, perfurada até quase o centro da montanha de granito. O centro de operações de dois andares, todo de vidro, fica no final da rede de salas mais próximas do lado oeste do cume. Lá dentro, técnicos da Força Aérea se acomodam em cubículos, dando ordens pelos microfones e ouvindo os chiados e estalos da comunicação via rádio.

Para quem entra no recinto, as paredes frontal e lateral direita são tomadas por telas dignas de um cinema multiplex. A da frente exibe mapas e luzes piscantes das varreduras de radar. A outra mostra um mosaico cintilante de gravações em tempo real, uma montagem de imagens ao nível do solo captadas por câmeras

instaladas em aeronaves não tripuladas e aviões de combate em pleno voo.

Apoiado no corrimão da escada diante da porta de seu gabinete envidraçado, acima do centro de operações, o comandante do Norad, Michael McMarshall, ouve os códigos trocados pelas equipes. Sussurra uma furtiva ave-maria para seus homens e engole a seco os três últimos analgésicos de um frasco plástico.

McMarshall foi o comandante de operações durante as primeiras horas caóticas do 11 de Setembro, mas parece que esta operação vai ser um pouco pior.

Volta ao gabinete e se posta em frente à sua mesa, uma prancheta de arquiteto ajustada à altura da cintura. Ele sempre trabalha em pé, por causa de um acidente num voo de treinamento que lesionou suas costas trinta anos atrás.

Folheia uma série de fotografias. As imagens são dos mais avançados satélites militares Lacrosse e de veículos aéreos não tripulados. Radar de penetração no solo e sistemas de sensores térmicos de infravermelho captaram alguns dados bastante inquietantes. Há imensos enxames de animais (como são nomeados agora) praticamente nos quatro cantos do país.

A onda inicial de bombardeiros foi enviada para os maiores agrupamentos, perto de áreas densamente habitadas. Miami, Chicago e St. Louis foram as primeiras. A única boa notícia – se é que se pode chamar assim – é que os aglomerados parecem estar situados principalmente em parques: no Everglades, perto de Miami; no Lincoln Park, em Chicago; no Forest Park, em St. Louis. As forças terrestres estão em ação há dois dias, evacuando a população das imediações dos alvos para limitar danos colaterais.

McMarshall reflete por um momento. Os Estados Unidos acabaram de ordenar uma série de bombardeios no próprio solo. Uma situação de merda, um círculo vicioso sem escapatória.

E não é só nos Estados Unidos, ele sabe. A Rússia, a China e diversos países europeus vêm trabalhando em sincronia, conduzindo suas próprias campanhas contra os enxames que destroem seus países.

Eles precisam fazer alguma coisa. Embora a população continue sendo mantida no escuro, os ataques se tornaram desenfreados. Nas áreas afetadas – mais ou menos por toda parte –, os hospitais estão lotados. Pessoas se entocam em suas casas como se houvesse uma epidemia de peste. A navegação, as linhas aéreas e os mercados de capitais não funcionam mais. Todo o mundo industrializado está parando. E não há previsão para que a situação volte ao normal, pois todos têm medo de ser dilacerados por um cachorro.

McMarshall ouve uma discreta batida no vidro.

– O B2 que decolou de MacDill está prestes a fazer a entrega, senhor – avisa o jovem oficial com um sorrisinho entusiasmado que, nas atuais circunstâncias, é bem irritante.

Os passos de McMarshall ressoam no piso metálico da sacada que domina a sala de operações.

Quando o general chega aos degraus, a tela da frente é preenchida por uma imagem térmica. Apesar de ser em preto e branco, a luminosidade é chocante. Ora, veja: lá está a Flórida. McMarshall distingue as palmeiras, um ancoradouro, um velho automóvel.

– Estamos alterando o ângulo para nossa aproximação final – diz o oficial de armamentos no canal militar cheio de estática. – Bombas lançadas.

E a tela fica branca. A explosão das “corta-margaridas” que ressoa pelo microfone aberto do piloto um instante depois é um rugido serrilhado que parece não parar nunca. A tela continua branca enquanto os pântanos da Flórida se incendeiam.

– É isso aí! – grita o ajudante de ordens de McMarshall, soltando um assobio e começando a bater palmas.

Alguns dos outros presentes se unem ao aplauso, hesitantes.

McMarshall gira nos calcanhares e volta para sua mesa. Ele tem um frasco de analgésicos na gaveta de baixo para casos de emergência.

Capítulo 78

Enquanto Leahy providenciava um transporte para que eu voltasse a Nova York, passei o resto da manhã numa sala atulhada, nada presidencial, nos fundos da ala oeste da Casa Branca.

O lugar todo era um frenesi de atividades militares. Ao meu redor, e até mesmo no estacionamento provisório perto do corredor, apinhado de terminais elétricos, grupos de políticos e oficiais da Aeronáutica mexiam em seus celulares e notebooks. Acima daquele murmúrio frenético, ouvia-se uma constante trepidação grave: os rotores de helicópteros aterrissando e decolando do Jacqueline Kennedy Garden. Era como se minha cabeça estivesse dentro de uma colmeia.

Um agente do Serviço Secreto de folga começou a roncar baixinho num sofá enquanto eu assistia às entrevistas e às imagens ao vivo da CNN na televisão fixada no canto superior da sala. Havia muitas notícias sobre os ataques de animais, mas nada sobre a reação dos militares que acabara de ser ordenada. Fiquei ponderando o motivo: ainda não teria acontecido ou haveria uma espécie de filtro governamental?

Era uma possibilidade, pensei, observando a massa de soldados e funcionários do governo.

Tentei ligar para Chloe a fim de dizer o que estava acontecendo, mas o telefone só tocava duas vezes e caía na caixa postal, algo que realmente não me cheirava bem. Mensagens de texto tampouco pareciam funcionar. Meu palpite era que fosse uma sobrecarga no circuito, por conta do excesso de chamadas. Ao menos essa era a minha esperança.

Leahy voltou a falar comigo no começo da tarde e me levou até o saguão em meio a uma multidão.

– Infelizmente não vai ser um Gulfstream desta vez, Oz, mas consegui arranjar um C-130 militar de carga partindo do Reagan National para Nova York em mais ou menos duas horas.

– Como está indo a ação dos militares? Alguma informação?

– Sei tanto quanto você. – Leahy me conduziu por uma escadaria até um corredor de serviço. – Eles continuam me mantendo no escuro.

Passamos por pilhas de ração e um chef de branco imaculado vociferando num celular a caminho da porta. No final da escadaria, havia um pequeno estacionamento lotado de limusines e veículos militares. Nos limites do espaço, ao lado do Suburban preto que me trouxera até ali, o sargento Alvarez acenou contente, como se o mundo estivesse em perfeita ordem.

– Vou me manter ativo por aqui – disse Leahy, apertando minha mão com um toque paternal e carinhoso que deveria me animar, mas não foi o que aconteceu. – Quando voltar a Nova York, prepare uma apresentação para explicar a teoria científica à presidente e sua equipe no momento em que todos estiverem prontos para ouvir. Seria extremamente útil. Vou tentar arranjar uma teleconferência para esta noite ou amanhã de manhã o mais tardar.

Uma teleconferência? Que ideia esplêndida. Por que eu não tinha pensado nisso? Ah, espere aí: eu tinha pensado. Imaginei quantos milhares de dólares de contribuintes haviam sido desperdiçados naquela viagem inútil. Depois tomei a decisão de não me preocupar mais. Minha prioridade era voltar para casa e para minha família.

– Pode deixar, Sr. Leahy – falei, enquanto me retirava.

Capítulo 79

Quando abri a porta do carona e subi no utilitário, Alvarez estava no banco do motorista, carregando e engatilhando uma M16. O tratamento VIP havia terminado. Agora ele usava uma armadura de Kevlar e um colete de granadas.

Não precisou me explicar que as coisas tinham piorado nas ruas de Washington. Pensei em Chloe e Eli em Nova York, desejando já estar voando para casa.

Estávamos a uns dois quarteirões da Casa Branca, quase pegando à esquerda na Constitution Avenue, quando ouvimos uma música.

A voz da cantora Ani DiFranco saía em falsete dos poderosos alto-falantes de um automóvel estacionado na esquina do President's Park. Reunidos ao redor, trinta ou quarenta jovens tomavam cerveja, muitos de moletom com o brasão da faculdade. Alguns tinham o rosto pintado para parecer animais. Senti cheiro de maconha. Seguravam cartazes com os dizeres:

COMER CARNE É CRIME! A VINGANÇA É UMA MERDA, NÉ?!?!

HI HO! HI HO! À NATUREZA A HUMANIDADE VOLTOU!

O mundo estava enlouquecendo, pensei, balançando a cabeça. Os animais, a presidente, os universitários.

Quando passamos de novo pela National Mall, pensei em todas as assembleias históricas que a área havia abrigado. Pensei em Martin Luther King Jr. discursando "Eu tenho um sonho", nas posses

dos presidentes. Agora cachorros mortos boiavam no reluzente espelho d'água.

Entramos na Arlington Bridge para atravessar o Potomac em direção ao aeroporto. Pouco menos de um quilômetro à frente, a via estava bloqueada pelo que pareciam ser mais jovens manifestantes malucos. Os universitários que tínhamos visto perto da Casa Branca pareciam inofensivos, mas aqueles caras ali eram mais sinistros, com máscaras de esqui e lenços pretos, agitando bandeiras negras.

Em seguida, vislumbrei um borrão de movimento na frente do utilitário e o para-brisa se estilhaçou.

Cacos de vidro espetaram meu olhos quando um balde cheio de areia passou raspando a minha cabeça e bateu no banco traseiro.

O utilitário acelerou e guinou para a esquerda. Olhei para o lado e vi que o rosto de Alvarez estava coberto de sangue. Ele estava caído sobre o volante, imóvel.

Peguei a direção, tentei endireitar o veículo. O carro derrapou em direção aos blocos de concreto que interrompiam o trânsito a quase 130 quilômetros por hora. Houve um guincho de metal e faíscas enquanto o automóvel arrastava os blocos por uns 15 metros. Então, capotamos.

Capítulo 80

Escuridão. De início pensei que o *tum tum tum* ritmado eram as batidas do meu coração. Depois percebi que era o ruído do limpador de para-brisa batendo inutilmente no vidro estilhaçado. E o carro estava com as rodas para cima.

O utilitário tinha parado na pista da esquerda. Eu estava preso pelo cinto de segurança, pendurado como um morcego. Senti o sangue quente do meu nariz escorrendo para o cabelo. Dei um espirro e manchei de sangue meu único terno bom. Pisquei, olhando pelo buraco no para-brisa. Meus pensamentos eram lentos e enevoados. E agora?

Me virei para Alvarez. Ele estava de cabeça para baixo, como eu, ainda inconsciente e sangrando profusamente por um ferimento na têmpora.

Tentei alcançar o cinto de segurança, mas me detive quando olhei pela janela. Uns bufos esquisitos se misturaram ao som do limpador jogando cacos de vidro dentro do carro. Alguma coisa se movia perto de mim.

Estreitei os olhos. Marrom. Marrom. Marrom.

Um focinho enorme e pequenos olhos pretos apareceram na janela.

Ah, certo, pensei. É um urso.

O animal me encarava com uma expressão quase enigmática. O que eu senti nem foi exatamente medo, mas uma melancolia. Pensei: "Bem, acabou."

Como um urso-pardo tinha vindo parar naquela estrada ao lado do nosso carro acidentado? O que ele estava fazendo em Washington também era um pouco inexplicável. Foragido do zoológico?

Emitiu seu bufo cortante mais uma vez e encostou o focinho preto e úmido na janela do carro. Farejou o vidro e emitiu um ruído gutural, começando a arranhar o vidro com uma pata duas vezes maior do que uma luva de beisebol.

Aquele som interrompeu meu estado de torpor. Ainda lutando para me livrar do cinto de segurança, estendi o braço até o banco de trás, tateando à procura do fuzil do sargento Alvarez.

O urso foi para a frente do carro e desisti da minha busca. Senti o automóvel se inclinar para cima quando o animal se espremeu embaixo do capô de ponta-cabeça.

Então é assim que eu vou morrer, pensei. Comido por um urso-pardo depois de ter batido o carro. Interessante, pelo menos. Se anos antes alguém tivesse olhado numa bola de cristal e me contado como eu iria morrer, realmente não teria acreditado.

Me virei para Alvarez e tentei acordá-lo. Não sabia exatamente por quê. Acordá-lo para presenciar a morte? Talvez eu não quisesse morrer sozinho. De qualquer forma, ele estava totalmente apagado.

O urso agora enfiava o focinho no buraco do para-brisa. Ele começou a arrancar o vidro quebrado como se fosse um garoto abrindo com dificuldade uma embalagem de doce.

Então, me lembrei das granadas que pendiam como abacates do colete do sargento. Peguei a primeira que consegui alcançar. Tirei o pino com os dentes e joguei no urso com toda a minha força.

Ele rugiu e recuou quando a granada ricocheteou em sua cabeça. Uma experiência interessante, um urso rugindo na cara da gente. Sacudiu a cabeça como se tivesse sido esbofeteado.

Em vez de explodir, a granada girou no asfalto embaixo do capô e começou a emitir uma fumaça amarelo-canário, que ardeu em meus olhos como picadas de marimbondos. Cobri minha boca, tossindo.

Consegui pegar outra granada do colete de Alvarez. Mas, quando estava prestes a lançá-la, percebi que não era mais necessário. Pela janela, vi o urso batendo em retirada, correndo pela grama ao lado do acostamento da rodovia.

Um longo minuto depois, o ar clareou e finalmente consegui me livrar do cinto de segurança. Quando soltei Alvarez, ele tossia a

plenos pulmões. Engatinhamos para fora dos escombros. O utilitário parecia ter colidido com a testa de Jim Belushi.

– Que merda aconteceu com a gente? – perguntou Alvarez, desabando sobre um bloco de concreto, apalpando o rosto e examinando o sangue na ponta dos dedos.

– Exatamente como as abelhas... – disse para mim mesmo, olhando para a nuvem de fumaça que saía de debaixo do veículo.

– Que abelhas? – indagou Alvarez, remexendo nos escombros à procura do fuzil. – Você está bem, professor? Bateu a cabeça?

– Quando sentem o nosso cheiro, os animais nos atacam – respondi, agachando ao lado dele atrás do veículo capotado. – Qualquer coisa que disfarce o nosso cheiro nos torna invisíveis. Foi por isso que a fumaça afastou o urso. Tirou o nosso cheiro do ar.

– Que coisa – comentou Alvarez distraidamente, pendurando a arma no ombro.

– Faz todo o sentido. – Eu estava pensando em voz alta. – Apicultores usam fumaça da mesma forma. Quando o apicultor mexe numa colmeia, as abelhas produzem um feromônio que sinaliza um ataque maciço. Só não acontece nada porque a fumaça dispersa o sinal.

– Então foi isso que aconteceu com todos os animais, professor? É por isso que estão se reunindo em enxames? Eles meio que... estão dando uma de insetos ou coisa assim?

– Exatamente, todos estão dando uma de insetos. Agora chame um de seus colegas fuzileiros para tirar a gente daqui. Precisamos contar a eles como combater essa coisa.

Capítulo 81

*Zona de Segurança do Exército dos
Estados Unidos em Manhattan
Upper East Side, Nova York*

Naquela manhã, o elevador de serviço já está bem fedido mesmo antes de o soldado de primeira classe Donald Rodale começar a recolher o lixo da moradia de emergência do governo na Quinta Avenida. Quando ele conclui o trabalho, às seis e meia, o odor fétido e vaporoso da pilha de sacos de lixo engordurados faz seus olhos arderem e o almoço se agitar perigosamente nas entranhas.

Para o velho elevador manual ao nível da rua e um saco plástico particularmente gosmento escorrega do alto da pilha e o acerta nas pernas com um baque molhado.

Que precisão, pensa Rodale.

Rodale abre o portão dos fundos do prédio e descarrega os sacos de lixo um de cada vez, jogando-os numa caçamba de rodinhas. Depois de enchê-la até a borda, começa a empurrá-la pela subida íngreme até a Rua 81.

Ofegante e banhado de suor, Rodale faz uma careta quando chega ao alto da ladeira. A pequena guarita de segurança perto do portão está vazia. O guarda deveria desligar a cerca eletrificada e cobrir sua retaguarda com um M16 enquanto ele atravessasse a rua para jogar o lixo no contêiner. Mas o cara não está em seu posto.

O que fazer? O guarda que costuma ficar ali é um policial chamado Quinlan. Cara legal. Não gostaria de criar problemas para ele.

A questão é que, se ele esperar mais tempo, vai se atrasar para ajudar Suskind – o cara mais chato do mundo – com os banheiros

químicos do museu do outro lado da rua. Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come.

Rodale observa a Rua 81 Leste pelo alambrado. Longa, vazia e escura. Apenas uma alameda estreita de árvores e casas de tijolo e granito. Nenhuma horda de animais hidrófobos ou enlouquecidos. Absolutamente nada.

Foda-se, pensa Rodale. Só vai levar um segundo. Inclina-se para dentro da guarita, desliga a eletricidade da cerca e abre o portão.

Empurra a caçamba, que faz um som matraqueado e ribombante no concreto, e a conduz até o contêiner de plástico corrugado que usam como depósito.

Rodale percebe algo esquisito quando estende a mão para abrir a trava do contêiner. Já está aberta. Será que se esqueceu de fechar ontem?

A porta se abre com um gemido. O contêiner escuro fede ainda mais que os elevadores de serviço. Como se ali houvesse algo podre, morto. Rodale prende a respiração. Vira a caçamba e começa a jogar os sacos no contêiner o mais distante possível. Os mais pesados, ele agarra com as duas mãos e faz um pequeno giro de corpo, como um arremessador de disco, para aumentar o alcance do lançamento. É quase – *quase* – divertido.

Quando já está chegando à metade do serviço, ouve um ruído. Alguma coisa se movendo. Nem chega a olhar dentro do contêiner. Imagina que o som seja de um saco rolando.

Pega o saco seguinte. Está bem pesado. Precisa usar as duas mãos. Prestes a realizar seu lançamento olímpico, dá de cara com um chimpanzé. Rodale estanca, ainda segurando o saco.

Sim, é um chimpanzé. Sua cara se assemelha a uma estranha máscara de borracha, olhos lúcidos e doces como bolinhas de gude marrons. E ele está usando um gorro. Surrado, puído e imundo, mas parece que já foi vermelho.

O macaco continua a olhar para ele, como se estivesse pronto a quebrar o silêncio.

Nas duas últimas semanas, desde o começo de toda esta merda, ele já presenciou ataques de cães e ratos – mas um

chimpanzé? Isso é inesperado.

– E aí? – diz Rodale, aproximando-se. Sua voz ecoa pelas paredes do contêiner. Não sabe o que mais poderia dizer. – Tudo bem com você?

Como resposta, o chimpanzé o agarra pela camisa com as mãos enormes e escuras e arranca seu nariz.

Rodale cai de joelhos, soltando um longo grito. O sangue escorre pelos lábios e o queixo, passando por entre os dedos das mãos em concha que cobrem o rosto. O chimpanzé emite um chamado agudo, penetrante. De uma casa ao lado do contêiner, começam a surgir animais.

Eles saem pelas janelas, dos becos, da fenda de correspondências na porta da residência vermelha. Em questão de minutos, a rua está coalhada de cães silvestres com marcas de sarna, texugos, centenas de gatos. Mas, de longe, o maior contingente é o de ratos. Milhares e milhares de ratos gordos de olhos vermelhos. Formam um tapete vivo na rua. Uma maré negra guinchante.

Rodale sai correndo, com as mãos no rosto. Tenta atravessar a cerca. Mas os animais o alcançam no meio do trajeto. Ele afunda no oceano de cães e ratos como que se afogando. Rodale se debate. Os ratos o envolvem. Entram pelas pernas da calça, pelos braços, pela camisa. Ele se contorce no chão, se socando e se estapeando. Da virilha ao queixo, dentes afiados como agulhas perfuram sua pele, rasgam sua carne.

Num instante, os ratos estão comendo seus músculos e órgãos. Os milhares de dentes aguçados rompem os tendões e começam a roer a carne dos ossos.

Attila cospe o nariz do soldado e começa a atravessar a rua de quatro em direção ao portão aberto do prédio. Atrás dele, segue a horda de animais, uivando e estalando os dentes.

Capítulo 82

O saco de pipocas dentro do micro-ondas passa de uns poucos e irregulares estouros a um grande clamor quando Chloe pega uma bacia de plástico da ampla despensa do apartamento.

Faz um rápido inventário das caixas de sopa instantânea na prateleira onde encontrou a bacia. Não há como calcular quanto tempo vão permanecer naquele lugar, por isso é bom saber como andam as provisões. Mas as coisas vão acabar melhorando, pensa, enquanto desce da escadinha dobrável. É só uma questão de tempo.

Voltando à luminosa cozinha de mármore, por um momento ela se sente um pouco reconfortada pelo aroma de manteiga e sal. Um cheiro que remete a família, felicidade, segurança.

Mas não funciona com ela. Sua determinação, que vacilou o dia inteiro, logo evapora. Ela joga a bacia no chão e cobre o rosto com as mãos.

Aquele aroma reconfortante é uma enganação. Nunca mais haverá tranquilidade.

Sua família está separada. Ninguém está feliz. Ninguém está seguro.

Nunca contou a Oz que costumava sofrer ataques de pânico na época da pós-graduação. A família a convenceu a consultar um terapeuta. Foi quase um ano de trabalho árduo e uma breve internação até que superasse o distúrbio. Desde a partida de Oz, ela sente a sensação voltar. A mesma comichão de medo, a mesma paralisia, a mesma autocondenação patológica.

Imprestável, diz uma voz interior quando ela se debruça sobre a bancada, tremendo. Imprestável. Como esposa, como mãe, como mulher, como ser humano. Só duas coisas vão acontecer agora. Você vai deixar seu filho ser morto e depois vai acabar morrendo também.

O aflitivo apito do timer do micro-ondas a resgata do buraco onde havia caído. Chloe segura com força a beirada fria da bancada de mármore até os nós dos dedos embranquecerem. Enxuga as lágrimas com as costas da mão e olha o próprio reflexo no armário espelhado acima da pia. Despeja as pipocas fumegantes na bacia e volta para a sala de estar.

Sentado de pernas cruzadas no tapete oriental da sala cavernosa, Eli olha para a monolítica TV de tela plana na parede. Está passando uma reprise de *Os Simpsons*. Homer foge de um automóvel desgovernado. Para escapar, o personagem mergulha num bueiro e cai de cara num cano de vapor quente.

Em circunstâncias normais, ela não deixaria Eli assistir a um programa de TV que não fosse ao menos vagamente educativo. Nas circunstâncias atuais, porém, Chloe ajoelha e abraça o filho, aspira seu cheiro, ouve suas risadinhas.

– Eu gosto desse gordão amarelo, mamãe.

Chloe beija o topo da cabeça de Eli e se lembra de uma coisa. Uma das terapias que costumava aliviar seus ataques de pânico era fazer exercícios. Por isso, começou a ir à academia todas as noites depois da escola para nadar um pouco antes do jantar. Desanuviava a cabeça. Funcionava.

Ela não quer deixar Eli sozinho esses dias. Aliás, gostaria de andar com ele numa bolsa canguru, como fazia quando ele era mais novo. Mas a ansiedade zumba em seu crânio como uma furadeira. Seu pequeno surto na cozinha foi uma prova disso. Para que eles sobrevivam, precisa se acalmar. Precisa ficar mais forte.

– Ei, Eli. Escute – diz Chloe, depositando a pipoca na frente dele como uma oferenda a um ídolo. – Mamãe vai fazer alguns exercícios na sala do outro lado da cozinha, tudo bem?

– Tudo bem – responde Eli automaticamente.

Ele fixa o olhar ausente e sonolento na TV. Enfia a mãozinha macia na pipoca de forma mecânica, leva um punhado à boca.

Chloe está na pequena sala de ginástica, prestes a pisar na esteira, quando ouve um ruído. Vindo da janela. Um estalido fraco e distante – quase como as pipocas estourando no micro-ondas.

Anda devagar até a frente do apartamento. Ouve mais sons ao abrir a porta para o corredor. Eles vêm de um dos andares inferiores e são seguidos por um baque súbito e violento, como um punho de pedra batendo numa porta trancada.

Chloe morde o lábio até sair sangue. Tiros. Alguém está atirando.

Bate a porta do apartamento com tanta força que derruba um vaso de uma mesa antiga ao lado, o coração disparando no ritmo das metralhadoras enquanto tranca a fechadura.

Capítulo 83

Tivemos que esperar um bocado até sermos recolhidos e transportados do local do acidente com o utilitário.

Ficar num espaço aberto foi uma sensação estranha – tediosa e apavorante ao mesmo tempo. Permaneci o tempo todo no meio da rodovia, encostado no veículo batido, olhando para todos os lados pela mira do M16 de Alvarez, rezando para que outro animal não aparecesse.

Um Humvee com uma armação cheia de luzes ofuscantes na capota chegou quinze minutos depois do chamado. Dois fuzileiros desceram. Havia um são-bernardo morto amarrado com cordas no capô. Agora eles estavam colecionando troféus. Era uma guerra.

Fiquei imaginando quem estava vencendo.

– Por que vocês demoraram tanto, porra? – indagou Alvarez.

– Há ataques por toda parte, sargento – respondeu o motorista, um negro magro e forte com um olhar aflito. – Tivemos que abrir caminho à bala para chegar aqui. O Pentágono foi atacado. O Reagan está completamente tomado por cães. Os hangares, os terminais, todas as dependências. Nenhum avião chega ou sai até a situação ser resolvida.

Voos suspensos, que maravilha, pensei, enquanto acomodávamos Alvarez com cuidado na traseira do Humvee, vociferando imprecações, sujo de sangue como o avental de um açougueiro. E agora, como eu ia voltar para casa? Estava preso em Washington.

O motorista pisou no acelerador e nos levou depressa à base dos marines ao lado da Casa Branca. Não deparamos com nenhuma horda de animais, mas, pelas ruas laterais e becos, atrás das janelas, podíamos ver sombras se mexendo. A cidade inteira parecia infestada.

Em relativa segurança dentro da base e na populosa barraca de socorros, eu recebia suturas no cotovelo quando entrou uma mulher pequena e atraente, com o cabelo castanho-avermelhado. Segurava um walkie-talkie e tinha um crachá da equipe de segurança da Casa Branca preso na lapela de um blazer de grife.

– Há algum Jackson Oz aqui? Estou procurando o Sr. Jackson Oz.

Fiquei um momento em silêncio enquanto ela percorria o ambulatório. O que eles queriam comigo desta vez?, conjecturei. Fazer uma auditoria do meu imposto de renda, quem sabe?

Eu tinha vindo aqui para ajudar e apenas fora afastado da minha família enquanto o mundo se transformava num caos. Ah, sim, e ganhara um acidente de carro, vinte pontos e a visita de um urso.

No momento em que a ruiva já se preparava para ir embora, eu falei:

– Eu sou Jackson Oz. O que você quer?

Ela arqueou as sobrancelhas e ergueu o walkie-talkie.

– Eu o localizei – disse pelo rádio. – Vou levá-lo agora mesmo.

– Me levar para onde? – perguntei.

– Rianna Morton, secretária de gabinete – apresentou-se ela, estendendo a mão.

– Me levar para onde? – repeti.

Cinco minutos depois, eu estava de novo dentro da Casa Branca, andando depressa com a funcionária por entre os canteiros de flores e jardineiras do Jacqueline Kennedy Garden. Passamos por uma porta e subimos uma escadaria até virarmos à direita num corredor majestoso de painéis de madeira, ladeado por lareiras, estantes antigas e bustos de bronze.

Acho que não será mais uma viagem inútil, afinal, pensei, ao perceber que estava entrando na ala oeste da Casa Branca.

No vestíbulo do gabinete presidencial, um fuzileiro fortão de uniforme azul verificou minha identidade com luvas brancas. No meio da multidão de engravatados atrás dele, distingui o vice-presidente e o secretário de Estado. Estavam fazendo piadas, algo

envolvendo colar *post-it* nos celulares que não podiam trazer para as reuniões.

Lá fora, a capital estava se esfacelando, e provavelmente o mundo também, mas os bem protegidos políticos partilhavam de uma agradável *bon mot*.

Não admira que as pessoas gostassem tanto de Washington.

Capítulo 84

Ouvi uma voz conhecida me chamando.

Escutei um zumbido eletrônico e a multidão de engravatados se abriu para deixar Charles Groh passar em sua cadeira de rodas. Apertei sua mão.

– Finalmente um rosto amigo – comentei. – O que está acontecendo? Sabe de alguma coisa?

– Tudo bem com você, Oz?

Naquele momento, lembrei que estava imundo. Minha gravata frouxa pendia sobre a camisa ensanguentada de mangas arregaçadas.

– Tudo bem. Um acidente de carro, um ataque de urso. Depois eu conto. Alguma notícia do mundo?

– Não deu certo, Oz – informou o Dr. Groh enquanto eu seguia a cadeira de rodas até o outro lado do salão. – A campanha de bombardeios não foi mais do que som e fúria; não deu em merda nenhuma. Agora que já superaram o faniquito, querem ouvir o que temos a dizer.

– Devíamos comparar nossas anotações – falei, levando o Dr. Groh para o canto do salão.

– Boa ideia, Oz. – Ele retirou um notebook de um estojo de couro pendurado na cadeira. – Vamos falar com um monte de cabeças-duras.

Uns quinze minutos depois, quando entramos no gabinete presidencial, os assessores alinhavam-se como patos ao longo de duas paredes. Rianna Morton me conduziu a uma cadeira no final de uma mesa oval mais longe da porta. Pegando uma jarra, ela encheu de água um copo à minha frente. Então, percebi que havia vários monitores reluzentes montados em carrinhos. O chanceler da

Alemanha aparecia num deles, cochichando com uma assessora. Em outra tela, via-se o primeiro-ministro britânico.

– Esta reunião estará numa videoconferência com vários dirigentes mundiais – explicou a Srta. Morton. – O líder máximo da China deve entrar on-line a qualquer momento.

Tentei não demonstrar nervosismo, mas comecei a bater os dentes, quando a presidente chegou. Todos ficaram de pé.

Era a primeira vez que eu via a presidente Marlena Hardinson em pessoa. Era dona de uma presença incrivelmente marcante, uma mulher levemente corpulenta, com bolsas sob os olhos verde-escuros de coruja, que exibiam uma inteligência quase intimidante. Usava pérolas e um blazer azul-marinho.

– Muito bem, todo mundo – disse Hardinson, fazendo sinal para que todos se sentassem.

Sua voz tinha a mesma rouquidão que eu já ouvira milhares de vezes na TV, mas era uma sensação diferente escutá-la ao vivo. Ocupou o centro da mesa e abriu um sorriso sem alegria. Lembrei a mim mesmo que sua filha adolescente havia morrido no dia anterior e que eu não deveria saber disso.

– Sr. Oz, Dr. Groh – falou, meneando a cabeça para nós –, por favor, contem o que vocês sabem.

Todos os olhares se dirigiram para mim. Respirei fundo.

– Obrigado, senhora presidente. A todos vocês, meu nome é Jackson Oz e, durante os últimos dez anos, estive pesquisando o comportamento animal aberrante que hoje é conhecido por CAH: Conflito entre Animais e Humanos. Animais atacam pessoas desde o início da História, mas, nos últimos quinze anos mais ou menos, começamos a notar um aumento exponencial e assustador dessa agressividade. Além disso, houve comportamentos incomuns não só em suas espécies, mas também em todos os mamíferos. Em qualquer parte do mundo... tenho certeza de que todos já perceberam... os animais têm se reunido em hordas e atacado seres humanos em massa. Isso não está acontecendo por acaso. Os animais passaram a se organizar em enxames como se fossem insetos.

– Insetos? – repetiu o secretário de Defesa. – Por quê? E por que agora?

Charles Groh interveio:

– Mudanças no ambiente provocadas pelo homem.

Ele ligou o notebook para mostrar a apresentação em slides. Esperei o gráfico de hidrocarbonetos surgir na tela antes de continuar:

– Recentemente, os seres humanos produziram duas coisas que se tornaram predominantes no ambiente e que não existiam antes: radiação eletromagnética e produtos residuais do petróleo, um composto orgânico formado principalmente por hidrocarbonetos. Acreditamos que, nos últimos quinze anos, o aumento de radiação eletromagnética causada pelo uso de celulares começou a “cozinhar”, digamos, os hidrocarbonetos que estão entre nós, mudando afinal sua composição química. Esse novo hidrocarboneto imita os feromônios. Só que é mais forte. E está enlouquecendo os animais. Em essência, acreditamos que eles mudaram a maneira como se comportam porque mudamos os odores do meio ambiente.

– Feromônios? – perguntou o secretário de Estado. – Achei que só funcionavam com insetos.

Charles Groh balançou a cabeça.

– Muitos animais respondem aos feromônios. Comunicação, busca de alimentos, comportamento reprodutivo, agressão... todas essas coisas envolvem cheiros. Talvez seja uma das razões para os cachorros terem se mostrado tão suscetíveis. O olfato dos cães é cem mil vezes mais forte que o nosso.

– Mas por que eles só estão atacando os humanos? – indagou a presidente. – Por que não atacam uns aos outros?

– É aí que entra outro fator. Por causa dos produtos derivados do petróleo que usamos, o cheiro dos humanos está reproduzindo um feromônio de ataque. Os animais estão sendo atraídos por nós com a mesma ferocidade automática de marimbondos numa colmeia atijada.

– Humm – disse a presidente. Era quase um resmungo. – Poluição de feromônios tóxicos. E como podemos combater isso?

Charles Groh e eu nos entreolhamos. Afinal tínhamos chegado à parte mais difícil: o que precisava ser feito.

– O primeiro passo – falei – seria remover os fatores que estão provocando a perturbação ambiental.

– Remover os produtos do petróleo? – indagou a presidente.

– E os celulares? – completou o secretário de Estado.

Aquiesci em resposta às duas perguntas, depois olhei para os rostos ao redor da mesa e para os monitores.

– Trata-se de uma situação desesperadora, senhoras e senhores. Vou dizer o que acho que devemos fazer.

Capítulo 85

Apurando os ouvidos, com os olhos grudados na porta que acabara de trancar, Chloe está sentada numa rangente poltrona Luís XIV na entrada do apartamento.

Durante a última meia hora, tiros intermitentes ricochetearam pelas paredes e ecoaram pelos corredores. Os ruídos ficam cada vez mais altos, subindo de andar em andar, como um incêndio. Logo chegarão ao deles, e Chloe e o filho vão perecer.

E só o que pode fazer é ficar esperando. O pavor é tão grande que ela está quase imobilizada. Não consegue agir, não consegue pensar, não consegue planejar o próximo movimento. Só consegue ficar sentada observando a luz pela fresta da porta, considerando o que vai acontecer a seguir.

A pressão da mandíbula cerrada parece dobrar, triplicar, quando ela ouve um som nítido no corredor do seu andar. É um rangido curto, seguido por um clique. Mais uma vez: rangido e clique. Alguma coisa está forçando a porta da escada do corredor, ela percebe.

Sondando.

Alguma coisa que não é humana.

Nem mesmo animal, considera.

O que estão enfrentando é uma coisa jamais vista. Ela pensa naquilo como uma involução. É como se a natureza de todos os animais superiores tivesse sido apagada e substituída pelo instinto alienígena do mundo dos insetos, o instinto mais antigo, terrível e inclemente que os humanos já viram.

Chloe pensa em sua carreira de bióloga, em todo o seu infatigável trabalho, a catalogação de espécies e gêneros animais. Tudo agora foi inutilizado – todos os animais se fundiram em um só, num amálgama ambulante de pelo, ossos e dentes em nada

diferente de qualquer outra onda de energia destruidora. Aquilo parece um jorro de lava, uma fúria infernal de protoplasma que devora tudo. Iniciar uma transformação. Consumir até o desaparecimento da coisa consumida. Devorar.

Por que isso está acontecendo? Ninguém sabe, na verdade.

A vida e a existência nunca puderam ser totalmente entendidas. Estrelas nascem só para explodir. Criaturas caçam outras criaturas e depois morrem. O Universo é um caos de forças irracionais enfrentando-se numa guerra sem fim. A raça humana está agora na outra ponta.

Chloe consegue afinal se levantar. Com as pernas rígidas como pão amanhecido, ela volta devagar para a sala de estar. Eli continua plantado ali, com os olhos arregalados. Na TV, animais amistosos conversam uns com os outros. É *Madagascar*, lhe vem um pensamento inútil, um pássaro atravessando a nuvem opaca de seu medo. Procura o controle remoto para desligar o aparelho, desiste e aperta o botão do próprio televisor.

– Qual é o problema, mamãe?

Eli é um garoto muito inteligente: obediente, capta muito bem os sentimentos da mãe, em especial quando ela não está brincando.

Chloe o pega no colo. Vai até um canto da sala e apaga todas as luzes. Senta-se num dos sofás brancos e macios, embaixo de uma lona de cores berrantes. Aqui está. Este é o seu grande plano.

Logo ela ouve um arranhar na porta da frente. Ou será que só está imaginando?

Eu não vou deixar você entrar!, pensa Chloe. De jeito nenhum!

Suas mãos tremem convulsivamente. Cerra os punhos para se controlar.

– Qual é o problema, mamãe? – sussurra Eli.

– Você vai ter que fazer o que eu disser – responde Chloe. – Vamos ter que ficar bem quietinhos. Você consegue fazer isso? Consegue ser um bom garoto para a mamãe?

– Consigo – garante Eli, apertando a mão dela. – Não precisa ficar triste, mamãe. Eu fico quieto.

Chloe tenta estabilizar a respiração, conter as pontadas no estômago, no peito e no cérebro. Lágrimas rolam dos seus olhos.

Procura contê-las. A visão embaça. Pense. Controle-se. O mundo está voltando a entrar em foco. Mantenha-o assim. Controle. Controle.

Chloe organiza os pensamentos, tentando elaborar uma ação racional. Pensa no edifício. Visualiza a escadaria da frente, o elevador social, o elevador de serviço... Espere aí, pense. Ainda há as escadas dos fundos, que podem ser acessadas pela porta da cozinha, onde ela joga o lixo. Talvez essa rota de fuga ainda esteja livre. Talvez dê para sair por lá com Eli. Mas e daí? Sair para a rua? Ir para outro edifício? A melhor coisa a fazer é ficar ali, esperar que sejam ignorados e...

Outro som faz seu coração bater mais forte. Vindo da sua direita. Das portas da varanda. Ela tinha se esquecido delas.

Vê uma sombra surgir vinda de cima, do outro lado do vidro. Depois outra. Mais uma terceira.

Bem devagar, Chloe puxa Eli para o chão junto dela. Deita de bruços ao lado da mesa de centro com o filho, abraçando-o, tentando protegê-lo com o corpo da melhor maneira possível. Levanta a cabeça bem devagar, até conseguir ver as portas da varanda de novo.

Três chimpanzés adultos estão com a cara encostada no vidro, embaçando-o, como crianças em frente a uma vitrine de uma loja de doces.

São imensos. A pelagem está ereta, eriçada. Dois deles têm algo nas mãos. Porretes? Não, canos. Uso de ferramentas, pensa a etologista que ainda resta em Chloe.

Os chimpanzés começam a bater com os canos nas portas.

Clinque. Clinque. Clinque.

Em seguida, há um estrondo agudo de vidro quebrando.

Capítulo 86

O vidro estilhaça, triângulos serrilhados caem tilintando no assoalho. Os chimpanzés arrancam os cacos da moldura com os canos. O macho alfa avança primeiro, abrindo caminho entre os outros. Usa um surrado gorro vermelho, colocado de forma casual na cabeça, como uma coroa roubada por um bárbaro.

Trata-se de Attila – ou o que costumava ser Attila. Ele mudou muito. Está mais forte, os músculos marcados e sinuosos, tensos como cordas de violão, um olhar faminto, feroz, ávido e penetrante. A pelagem tem partes desgrenhadas. O nariz está escorrendo. Parece que toda a sua postura psicológica se alterou. O cérebro está embotado, pervertido, o metabolismo engatado numa marcha rápida.

Attila enfia a cara no apartamento, farejando.

Tudo agora são cheiros. O som, o toque – até a visão – são os segundos violinistas numa orquestra de sensações. Todos eles sabem que há humanos aqui. Sabem que há uma fêmea adulta. O odor é inconfundível: o suor, o cheirinho adocicado de ovulação. E o aroma do que parece ser uma criança nova. As bocas comicham de salivagem à proximidade das presas. Querem se alimentar delas da mesma maneira que o fogo deseja o oxigênio.

Os animais se comunicam quase exclusivamente por cheiros agora. Emoções e intenções detectáveis no odor do corpo, no suor.

O desejo de Attila é ainda maior que os dos outros dois. Não come algo fresco há horas, e a fome que remói seu estômago é uma tesoura nas vísceras, cortando-as ao meio.

Attila está para entrar na sala quando sente outro cheiro. Há algo sutil no cheiro humano do mais novo, uma coisa quase indetectável, que provoca cócegas na sua ira.

Na tela avermelhada da mente de Attila, uma lembrança se agita. Surge o rosto de um homem – vago, aquoso, mas presente. Aproximando-se das barras da gaiola pequena e apertada em que ele está preso. O homem abre a porta, pega-o no colo, fala com ele, acalma-o. O primeiro gesto de ternura que vivenciou.

Sacudindo a cabeça confusa de um lado para outro, Attila se detém na soleira da porta destruída. De alguma forma, ele está lá, como uma parte do garoto. Mas Attila está furioso, muito furioso. Fica parado, seus impulsos travando uma guerra contra sua memória.

Os outros dois macacos lutam e se espremem para ultrapassá-lo, contorcendo-se com uma fúria sanguinária.

Attila agarra o primeiro pelo ombro, depois o outro, e afasta os dois da porta. Existem outras carnes.

– *Heeaagh!* – grita Attila. É um som violento, agudo, tormentoso. – *Heeaagh! Heeaagh! Heeaagh!*

Capítulo 87

– **M**amãe! Mamãe! Acorda! Escuta!

Os olhos de Chloe se abrem com um tremor. Ouve um som primata, agudo e penetrante vindo da varanda: os chimpanzés parecem estar brigando entre si.

Ela se senta.

Chloe abraça o filho com firmeza. Enquanto observam os animais gritando e gesticulando, ela reconhece um som familiar. É um chamado de alerta, uma espécie de sirene que os chimpanzés emitem quando há alguma ameaça por perto.

Será que um deles está alertando os outros a não entrarem?

Depois de algum tempo, os chimpanzés se apartam. O maior deles – que, bizarramente, usa um gorro surrado vermelho – anda de quatro até a murada da varanda e sobe no beiral, chamando os outros para o seguirem. No instante seguinte, os três escorregam pela murada e desaparecem.

Chloe solta um suspiro longo e trêmulo. Primeiro, os chimpanzés queriam atacar, mas, de repente, recuaram.

Attila. Como pode ter sido ele? Como poderia *não* ser ele – quantos chimpanzés existem ao todo nesta cidade?

Chloe fica sentada no chão com Eli na sala escura. Além da porta quebrada, dá para ouvir pessoas gritando, cantando e dançando no Central Park. É como se os seres humanos estivessem regredindo, voltando a ser primitivos. Talvez eles comecem agora a reagir aos feromônios. A criar zumbis humanos para se juntar aos de quatro patas. Qualquer coisa é possível.

Eli se debate como um peixe gigante em seus braços. Lutando para escapar de seu aperto.

– Não. Fique aqui – diz Chloe num sussurro ríspido.

– Eu já volto.

Talvez o filho queira usar o banheiro. Mas ele volta instantes depois e lhe estende algo. A bacia de pipoca.

– Papai disse que eu preciso cuidar de você enquanto ele estiver fora. Toma.

Ela dá um beijo em Eli.

Então, há uma batida forte e pesada na porta da frente.

– Exército dos Estados Unidos! – brada uma voz. – Há alguém aí dentro?

Chloe pega Eli nos braços e corre até a porta. Um soldado jovem, louro e de óculos sorri sob a luz da lanterna quando ela o deixa entrar.

– Graças a Deus a senhora está viva – fala, baixando o fuzil. – Alguém desligou a cerca eletrificada e eles entraram pelo porão. Achamos que está tudo sob controle agora. A senhora está ferida? Seu filho está bem?

– Está tudo bem – responde Chloe. – Alguns chimpanzés tentaram entrar pela varanda, mas já foram embora.

– Então eram chimpanzés... – diz o soldado, balançando a cabeça. – Eu sabia que tinha visto uma coisa pular da varanda do segundo andar.

– Tem muita gente ferida? As outras famílias...?

– Eu estaria mentindo se dissesse que não. Três famílias do quarto andar parecem ter sido as que mais sofreram. Já contamos umas cinco baixas até agora. Mas ainda estamos na varredura. Enquanto isso... – Ele lhe oferece um objeto.

Chloe olha para a mão do soldado.

É uma pistola preta e achatada.

– Não podemos estar em todo lugar ao mesmo tempo, senhora. Talvez seja necessário, para afastar a próxima leva.

– E se eu não conseguir?

– Mais uma razão para ficar com isso – replica o soldado, colocando a arma na mão dela e se virando para partir.

A arma passa uma sensação sombria, fria e pesada em sua mão. Ela odeia aquele toque. Sabe muito bem qual seria a razão para ficar com ela: usá-la em Eli e em si mesma para não serem devorados vivos.

- Mamãe, é uma arma de verdade?
- Não – mente Chloe.

Capítulo 88

A Mensagem, como veio a ser chamada na Casa Branca, é transmitida no dia seguinte às nove horas, e colocada para ser repetida pelo resto do dia.

A programação é interrompida, em todas as estações de rádio e TV. A Mensagem também é gritada por meio de megafones em helicópteros e de alto-falantes em veículos do Exército rondando pelas ruas.

Uma imagem do Salão Oval aparece no telão da Times Square. A quadragésima quinta presidente dos Estados Unidos, Marlena Grace Hardinson, sentada a uma mesa. Os olhos verde-escuros esfumaçados fitam a câmera de forma resoluta, e ela começa a falar numa voz pausada e cuidadosa:

– Meus compatriotas americanos, gostaria de dar um bom-dia a vocês. Mas, como todos sabemos, não é um bom dia para muitos de nós. Estamos passando por um momento sombrio na história da humanidade. Digo isso com base em uma difícil experiência pessoal. Minha filha, Allison, foi morta ontem. Pelo animal de estimação da nossa família. É uma tragédia da qual eu e meu marido, Richard, talvez nunca nos recuperemos. Mas precisamos seguir em frente, todos nós, e vamos conseguir. É o que os Estados Unidos costumam fazer. Apesar dos esforços das Forças Armadas em todo o país... na verdade, em todo o planeta... os animais continuam atacando seres humanos de forma selvagem, sem cessar. Felizmente, depois de muitas e minuciosas pesquisas, nossos cientistas acreditam ter descoberto alguns dos fatores responsáveis subjacentes a esses ataques.

Ela faz uma pausa e continua:

– Durante muitos anos, tem ocorrido acalorados debates sobre a poluição e sua contribuição para o aquecimento global. Mas,

enquanto pesquisávamos os perigos da atividade industrial na mudança climática, parece que nos descuidamos de outro problema que vem se desenvolvendo sem ser notado há anos sob as nossas vistas. Esse problema diz respeito à desestabilização da biosfera. O comportamento aberrante pode estar diretamente relacionado à atividade humana. O recente acúmulo de produtos de petróleo ricos em hidrocarbonetos, assim como a radiação de celulares, vem causando alterações no meio ambiente, às quais os animais estão reagindo. Explicaram-me que os hidrocarbonetos encontrados normalmente na natureza se transformaram de maneira sutil em uma substância que muitas faculdades sensoriais dos animais estão interpretando como um feromônio, que modifica seu comportamento. Essas novas partículas químicas em suspensão fazem com que eles se aglutinem para atacar os seres humanos. No interesse da segurança pública, devemos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para reverter esse processo. É por isso que estou pedindo ao povo dos Estados Unidos que se junte ao resto do mundo neste dia. Mesmo sabendo que será muito difícil, durante as próximas duas semanas precisaremos parar de usar eletricidade e celulares, bem como de queimar combustíveis fósseis. Essencialmente, precisamos limpar o ar, tanto da radiação como dos produtos derivados de petróleo. Será o primeiro passo para acabar com este desastre.

Por fim, a presidente conclui:

– Acabo de assinar uma ordem executiva de emergência para que todas as torres de comunicação de celulares e usinas de energia dos Estados Unidos sejam fechadas a partir da meia-noite de hoje. Exceto em casos de hospitais e atendimento de emergência, o uso de geradores portáteis será proibido. A circulação de veículos também será proibida, e os que desobedecerem estarão sujeitos à prisão. Os dirigentes de outros grandes países industrializados, entre eles Reino Unido, França, Rússia, China e Japão, concordaram em fazer o mesmo. Vocês serão informados a respeito de quaisquer novas orientações. Esta suspensão de duas semanas é essencial para permitir que nossos cientistas confirmem as causas deste conflito entre animais e humanos, e para formularmos um plano

integrado sobre o futuro. Obrigada pela cooperação de todos. Deus abençoe os Estados Unidos, e que Deus nos abençoe a todos.

Capítulo 89

Durante a transmissão do discurso presidencial, eu e Charles Groh estávamos no andar de baixo, no refeitório da Marinha, tomando café e tentando discutir novas ideias. Mas foi um debate infrutífero, pois estávamos exaustos e abalados demais para conseguir pensar.

Na verdade, apenas olhávamos para o relógio, à espera das nove horas. Acompanhamos a agitada comoção na cozinha de aço inoxidável adjacente, onde nos reunimos com os funcionários, atentos e em silêncio, embaixo de uma TV presa na parede.

Quando o discurso terminou, a multidão se dissolveu em murmúrios ansiosos.

– A energia vai ser cortada e o Exército vai prender pessoas que estiverem dirigindo automóveis? – perguntou um corpulento cozinheiro negro. Alguém desligou a TV. – Esse é o grande plano que vai nos salvar?

Ele parecia cético. Todos pareciam. Eu também estava cético e era o principal arquiteto do grande plano.

– Qual é a sensação? – perguntou o Dr. Groh quando voltamos à nossa mesa no refeitório quase vazio.

– Qual é a sensação de quê?

– De finalmente ter conseguido o que você queria. Há quanto tempo você vem tentando alertar as pessoas? Quase uma década? Agora elas estão entendendo. Deve ser bem estranho afinal conseguir o que se quer.

– Só espero que seja disso que precisamos.

Tomei o resto do meu café e olhei para a borra no fundo do copo de papel como uma cigana lendo folhas de chá. Fiquei refletindo. Meus sentimentos definitivamente eram conflitantes. Eu estava contente pela interrupção da campanha idiota de bombardeios de saturação, mas o problema era que minha teoria

sobre petróleo, radiação e feromônios ainda era apenas isso: uma teoria.

Havia uma forte possibilidade de eu estar completamente errado, ou só meio certo. Era impossível descartar outros fatores relacionados ao problema. Era até possível que a radiação, a eletricidade e o petróleo não tivessem nada a ver com aquilo tudo – que estivéssemos batendo na porta errada. A ciência é assim. Não tem respostas. Adivinha, verifica e adivinha outra vez. Eu tinha os meus palpites, que agora seriam testados. Apagar as luzes do mundo era um evento histórico, sem precedentes. E se não funcionasse?

– A sensação é de que o peso do mundo está sobre as minhas costas, Charles. Eu estou morrendo de medo.

O Dr. Groh deu de ombros.

Quando voltamos ao gabinete presidencial para uma nova rodada de reuniões, todos pareciam entorpecidos, exaustos. Era o tipo de torpor e cansaço que a gente vê em pessoas correndo para cumprir um prazo, varando a noite se enchendo de café e pizza, o olhar exaurido daqueles que se dedicam na reta final para conseguir realizar uma tarefa difícil.

Quando a presidente entrou, o recinto lotado foi preenchido por uma espontânea salva de palmas. O secretário de Energia chegou a assobiar com dois dedos na boca, mas eu nem mesmo movi meus braços. Aquele não era o final, mas apenas o início de algo que imaginava ser uma jornada longa e difícil. Eu ainda não conseguia entrar naquele clima.

Porque uma coisa era informar ao público.

Fazer com que obedecessem era outra bem diferente.

Para que aquilo funcionasse, as pessoas teriam mesmo de parar de usar eletricidade e de dirigir automóveis.

Elas conseguiriam fazer isso?

Tudo dependia da vigilância em relação às novas ordens de emergência. Em termos realistas, não havia pessoal suficiente para aplicar aquelas leis de contingência, por isso só poderíamos contar com que as pessoas cooperassem. Nos cursos para policiais, uma das primeiras coisas que se aprende é nunca dar uma ordem a não

ser que se tenha certeza de que será obedecida. Se uma lei não puder ser aplicada, é fácil ser desacreditada. Como disse Frederico, o Grande, diplomacia sem armas é como música sem instrumentos.

Quando a presidente ocupou seu lugar no meio da sala, tentei pensar em outras instâncias em que os americanos foram chamados a fazer sacrifícios para o bem do país. Ou do mundo, como era o caso. A Segunda Guerra Mundial era um bom exemplo. Me lembrei também da caridade e da camaradagem que abundaram em Nova York depois do 11 de Setembro. Poderia acontecer de novo, certo?

Tudo dependia de nós.

Capítulo 90

Devido à carga elétrica e aos problemas de suprimento, redes de energia de larga escala levam tempo para ser desligadas sem prejudicar o equipamento. Só doze horas depois da determinação do prazo final pela presidente é que as redes de energia dos Estados Unidos foram desativadas.

O apagão em série pega muita gente desprevenida. Bombas d'água param de funcionar em algumas áreas e pessoas ficam presas em elevadores quando a energia é desligada.

E depois silêncio e escuridão.

Mas a maioria das pessoas está preparada para isso.

Por volta das 21 horas na costa leste americana, todas as usinas de energia, linhas aéreas e fábricas dos Estados Unidos e da Europa deixam de funcionar, assim como todos os retransmissores comerciais de comunicação de celulares. Unidades do Exército americano são posicionadas para impedir o tráfego aéreo. Pela primeira vez na história, a Força Aérea dos Estados Unidos e os satélites dos sistemas de mísseis que monitoram dados noturnos mostram apenas telas escuras onde costumavam se ver teias de luzes cintilantes: Nova York, Londres, Paris. Tudo escuro.

No alvorecer rosado das montanhas Virunga, em Ruanda, Barbara Hatfield acorda dentro de um contêiner de carga que seu centro de pesquisa zoológica usava para estocagem. A primatologista se trancou lá dentro quase três semanas atrás para não ser feita em pedaços por gorilas e rinocerontes que surgiram do nada.

Ela está com problemas sérios. O contêiner é um forno de dia e uma geladeira à noite. A comida acabou. Só resta um galão de água. Fraca, faminta, desidratada, isolada do resto do mundo, não entende por que ninguém veio resgatá-la. Por que o avião de suprimentos

não aparece há três semanas? Isolamento. Fome. Privações. Medo. Está febril, alucinando, vivendo a dissolução dos limites entre realidade, sonho e pesadelo. De alguma forma castigada por Deus, abandonada na selva para sofrer e morrer.

Com um grande esforço, ela se põe de quatro, se arrasta até uma abertura do contêiner perto de uma dobradiça e espia pela pequena fresta.

O que ela vê a surpreende. Na clareira, perto do limite das árvores, avista os gorilas. Mas agora as fêmeas estão presentes de novo. Quando a loucura começou, todas elas pareciam ter desaparecido. Os gorilas não parecem mais ameaçadores. Estão fazendo o que costumam fazer: comendo, copulando, brincando com os filhotes, descansando na relva.

Barbara se ergue nas pernas finas e frágeis e destrava a porta do contêiner. Dá um passo para fora. Os gorilas olham para ela. Barbara recua, cambaleante. O metal ressoa sob seus pés hesitantes, ela se segura na porta para não cair.

Seria melhor voltar para o contêiner? Será que eles vão voltar a atacar?

Mas ela para e continua observando enquanto os gorilas voltam lentamente para a floresta, desaparecendo atrás das árvores e da névoa que sobe do solo.

Em Nova Déli, o sol paira tremulante acima de um mar de telhados achatados de uma cidade escura e silenciosa. A severa vigilância do governo ajuda a assegurar a obediência à suspensão global de energia. As duas novas usinas de força a leste da cidade foram desligadas, bem como todas as torres de comunicação, os postos de gasolina.

Nas ruas normalmente congestionadas da grande favela de Yamuna Pushta, trafegam apenas carrinhos de mão e riquixás. Os migrantes que moram ali hesitam ao espiar pelas fendas dos barracos. Foram presas fáceis para as hordas de cães párias e gatos selvagens que invadiram a cidade.

Ao olharem para fora de seus esconderijos, veem movimento nas ruas. Animais – leopardos, tigres – encaminham-se para o norte. Uma criança de cara suja se esconde rapidamente, mas logo levanta

a cabeça para ver um leopardo que passa: paciente e preguiçoso, as omoplatas ondulando, o rabo balançando como um pêndulo – está indo embora. Os grandes felinos saem da cidade, voltando para a selva, à qual pertencem.

Aquilo está acontecendo no mundo todo. Em Londres, Paris, Roma, Beirute e Iowa. Os animais abandonam as cidades. Grandes hordas de animais vão se dissipando, retornando para casa, como uma multidão depois de um jogo de futebol.

Capítulo 91

Chloe já está acordada há duas horas quando o sol nasce em Nova York no segundo dia do apagão global. Sem eletricidade, acende uma vela e passa o tempo ocioso vendo fotografias de família. Fica contente por tê-las incluído na bagagem ao ser transferida para o quartel-general de evacuação do governo.

Sorri para si mesma enquanto vira as páginas do álbum devagar. Não consegue decidir qual é a favorita: uma foto do casamento ou de Oz no hospital, segurando Eli pela primeira vez. Ou uma de Eli com 2 anos perseguindo uma gaivota num piquenique em Jones Beach.

Decide-se pelo retrato do casamento, que mostra Oz esperando por ela no altar, uma camisa havaiana azul-neon debaixo do paletó do smoking. Por causa da expressão no rosto dele. O sorriso, o brilho nos olhos castanhos – um quadro de vida e alegria. Meu Deus, como ela sente saudades. Meu Deus, como dói estar longe dele.

Mas ela não pode entrar de novo em pânico e depressão. Precisa ter esperança. Logo os dois vão estar juntos, sabe disso.

Porque está funcionando.

O plano está funcionando.

Na noite anterior, Chloe e outros cientistas foram até o teto do edifício. Ela segurava a mãozinha de Eli e todos olharam para o céu. E conseguiram ver as estrelas.

Para Chloe, a visão acima remetia ao céu estrelado de sua infância na fazenda do avô no interior da França. Eli era um garoto urbano; nunca tinha visto tantas estrelas. Ela costumava lhe apontar as constelações, os planetas. Mercúrio, Vênus, Júpiter, Saturno, aqueles gigantes distantes piscando. A galáxia se estendia numa cinta cintilante de nebulosa estelar.

É claro que eles só conseguiam ver as estrelas porque todas as luzes da cidade estavam apagadas. Até mesmo a iluminação das ruas. Não havia uma gota de eletricidade correndo nas veias da cidade. Chloe tentava escutar o que restava da grande vibração que fora Nova York. Mas só ouvia o silêncio. Só havia a escuridão e o silêncio. Era como uma concha acústica.

Segurando a mão de Eli naquele telhado, Chloe sentiu que lágrimas cálidas rolavam pelos cantos dos olhos e pelas faces. Em parte de tristeza, em parte de alegria por ver toda aquela beleza aterrorizante, inútil e solitária.

Estão sendo feitos progressos, ela pensa, contornando o rosto do marido na foto. Consegue sentir em suas vísceras: eles vão conseguir superar tudo isso.

Depois do café da manhã, Chloe resolve levar Eli até a varanda para tomar um pouco de ar. Ao se aproximar do local por onde os animais quase invadiram o apartamento, ela fica com as palmas das mãos suadas, mas logo supera o medo. Varre os cacos de vidro antes de abrir as portas e ir para fora.

É um maravilhoso dia de setembro. Céu claro e azul, ensolarado, uma brisa leve.

– Escuta só, mamãe.

Ela tenta escutar. O único som que ouve é o sussurro do vento agitando as folhas das árvores do Central Park.

– Não estou ouvindo nada, Eli.

– Isso mesmo! Alguém desligou Nova York!

Chloe sorri. É verdade. As ruas estão tranquilas, silenciosas. Na Quinta Avenida, a luz da manhã se derrama pelas ruas laterais, pintando a grande avenida com faixas douradas.

Há algo de triste naquilo, mas também de maravilhoso. Além das árvores, a distância, o teto do Plaza Hotel quase poderia ser um templo maia. É como se tivessem voltado no tempo.

Chloe abraça o filho. Seu pequeno e alegre filho. Por um momento, pela primeira vez em muito tempo, ela se sente quase em segurança, quase feliz.

Pensa em Oz mais uma vez. Na sensação ao deslizar os dedos pelas costas dele, em sua risada meio pateta.

Ele está bem. Vai reencontrá-lo em breve. Dá um beijo no filho,
enxugando uma lágrima trêmula que desce pelo lado do nariz.
O mundo não vai acabar.

Capítulo 92

Deitado de costas num afloramento rochoso acima de um campo gramado perto do carrossel do Central Park, Attila observa uma grande nuvem branca navegar pelo oceano do céu azul.

Solta um gemido choramingado, quase um suspiro. Os ombros relaxam, os músculos se distendem. Agora se sente sereno.

A grande massa de animais liderada por ele no Central Park algumas noites atrás diminuiu consideravelmente. Primeiro foram os ratos, depois os gatos. Ainda restam alguns cães, mas também começam a perambular em círculos cada vez mais abertos, vagando sem destino, como elétrons de um átomo instável.

O cheiro forte no ar que levava Attila a atacar agora está fraco, apenas uma minúscula amostra do que já fora. Esgotado, cochila na rocha sob o sol. O gosto de sangue em sua boca é forte, metálico, ligeiramente nauseante. Agora ele só quer dormir, dormir, dormir.

Passa o dia todo cochilando, acordando às vezes, observando a cidade quieta e silenciosa, cochilando um pouco mais. Uma luz suave emana dos prédios brancos. Seus olhos castanhos, doces e vítreos, piscam languidamente. Ele ouve o silêncio. O silêncio é lindo. O ar é fresco e puro.

Apesar de começar a se sentir faminto, agora é uma fome normal. Não uma fome mortal e enlouquecida. Agora ele não quer matar. A sede de sangue passou como uma febre. Attila está se curando.

Pouco depois, ele se senta quando outro chimpanzé sobe na pedra e fica ao seu lado. É uma fêmea grande que escapou do zoológico do Central Park. Segura alguma coisa na mão. Uma laranja. É como uma bola de fogo na mão dela, um sol. Ela a descasca com os dedos longos e a oferece a Attila, que pega metade.

Os dois comem a fruta juntos. A polpa doce e pegajosa tem um sabor agradável. A fêmea se aninha ao seu lado e começa a fazer cafuné em sua pelagem. Logo os dois estão deitados sobre as pedras cálidas. Sentindo o calor dela, e o calor da terra, Attila se sente em paz. Fecha os olhos e volta a dormir.

Capítulo 93

Mais dois dias de reuniões. Era difícil enxergar com luzes de lanternas e velas em recintos abafados, por isso as reuniões se realizavam ao ar livre, no Rose Garden. Sentávamos ao redor das mesas de metal do mobiliário externo, usando pesos de papel para evitar que as coisas voassem na brisa que passava pelo gramado da Ala Sul.

No terceiro dia, ensandecido atrás de pilhas e pilhas de papéis no meu escuro trailer no complexo militar, cancelei as reuniões da tarde. Tinha ouvido dizer que Washington estava livre das hordas de animais já havia mais de dois dias e eu queria ver aquilo pessoalmente.

Trombei com o sargento Alvarez saindo do refeitório e o convenci a vir comigo. Quando o encontrei no portão noroeste alguns minutos depois, ele estava todo de Kevlar, segurando um fuzil escuro e lustroso como um cilindro.

– Como vai o tornozelo? – perguntei.

– Quase bom. Gostou da minha bengala? – respondeu ele, sacudindo uma arma enorme. Era uma escopeta automática AA-12, explicou, que no modo automático podia disparar os 32 cartuchos do tambor num piscar de olhos. – É ridiculamente destrutiva, mas talvez seja a coisa certa caso deparemos com outra horda de garras e dentes. Estão distribuindo aos soldados. Batizei a minha de Kensab.

– Kensab?

– Kensab Precisa.

Além dos portões da Casa Branca, tudo parecia tranquilo. O silêncio era o mais estranho de tudo. Dava para ouvir o vento.

O centro da cidade ainda estava isolado, mas alguns moradores já eram autorizados a verificar suas casas. Paramos para conversar

com algumas pessoas: duas estudantes de enfermagem de Georgetown, um agente do FBI, uma lobista com o filho. Era como se a capital federal tivesse se transformado numa aldeia.

Por enquanto.

Fiquei animado ao ver que todos pareciam entusiasmados e cooperativos. Mas eu sabia que era apenas o começo, ainda a lua de mel. Como as pessoas iriam se sentir depois de uma semana sem banho quente ou ar-condicionado? Com o país dependendo do transporte de alimentos por caminhões, quanto tempo até começarem a ter fome?

Estávamos na Constitution Avenue quando um cão saiu de uma esquina. Era um labrador preto. Imediatamente, Alvarez levou o brinquedo novo ao ombro, pronto para fazer o cachorro em pedacinhos. Mas o animal nem olhou para nós; passou pela rua, só parando por um momento para se aliviar num hidrante.

Eu e Alvarez nos entreolhamos, depois caímos na risada.

– Vamos ligar para o *Times* – falei. – Já tenho a manchete de amanhã: “Cachorro mijá em hidrante!”

Capítulo 94

Naquela noite e durante quase todo o dia seguinte, eu e Charles Groh participamos de românticas reuniões políticas à luz de velas com o pessoal da zoonose e de vários departamentos das Forças Armadas. Depois de um rápido jantar, estava meio que cochilando no sofá do trailer no gramado da Ala Sul quando senti um violento puxão no pé.

Me sentei e vi Leahy ao meu lado. Ele e toda a NSA estavam encarregados de monitorar o efeito da suspensão da energia elétrica e das atividades industriais na população animal. Eu esperava as informações dele. Leahy abriu um sorriso enigmático e me entregou uma xícara.

– Esse suspense está me matando. – Bocejei e peguei o café. – Quais são as novidades nesta gloriosa manhã?

O sorriso de Leahy se alargou.

– Venha ver você mesmo, gênio.

Sáímos do meu trailer e nos dirigimos para outro, perto do Rose Garden, com uma antena parabólica instalada na lateral. Ouvia-se o som trepidante de um gerador. Era uma sala de comunicação. Dezenas de técnicos e militares falavam em microfones e apontavam pequenos pontos brilhantes em monitores.

Leahy recolheu algumas folhas de um fax e passou para mim.

– Banquete para os seus olhos, Mágico de Oz. Na quinta-feira antes do apagão, estávamos recebendo relatórios de milhares de ataques por dia no país. Agora veja os registros de ontem nos Estados Unidos.

Dei uma olhada nas páginas.

– Será que entendi bem? Só três?

– Exatamente. Além disso, cada vez mais cachorros estão voltando para seus donos. A paralisação da indústria e das

comunicações eliminou mesmo os feromônios do ar. Seu plano não foi só vitorioso, Oz: foi uma goleada. Você vai ficar muito famoso. Acho que pode até ter salvado o mundo.

Leahy passou o braço pelos meus ombros.

– É por isso que vamos tirar você daqui, garoto. Eu mexi uns pauzinhos. Vou mandar você de volta para sua família em Nova York.

Eu o encarei. Aquilo era possível? Parecia que eu não via Chloe e Eli havia semanas.

– Você está brincando, claro.

– Não, senhor. E não precisa me chamar de fada madrinha. Estão abastecendo sua carruagem neste momento. Você vai de G6 outra vez.

Pensei em Chloe, na possibilidade real de tocar minha mulher, abraçá-la, enterrar o rosto no pescoço dela. E em Eli. Queria pôr aquele garoto nos ombros e sair andando com ele, mostrando tudo o que...

De repente congelei. O que eu estava fazendo? No que estava pensando?

O que eles estavam me oferecendo? Permissão para desobedecer às regras? Se tinham “mexido uns pauzinhos” para mim, para quantos mais fariam o mesmo?

– Espere aí. Mais do que tudo, eu adoraria rever minha família, mas é cedo demais. Não se pode viajar no momento. Nada de motores a combustão, nada de eletricidade por pelo menos duas semanas. Esse era o plano. Você sabe disso.

– Uma viagem de avião de vinte minutos não vai quebrar o encanto, Oz. Você merece.

– Mereço? – perguntei, sentindo uma bolha de raiva estourar dentro de mim. Peguei Leahy pelas lapelas. – É assim que funciona Washington, não é? As regras são para a gentinha, certo? Nós merecemos. Que parte da continuidade da civilização esses imbecis não entenderam? Você acha que esse apagão é o fim? É só o começo do começo do começo!

– Largue o meu paletó.

Afastei-o com um empurrão.

– Vocês acham que isso vai funcionar sem um grande sacrifício? Sem o sacrifício de todos? As proibições de gasolina, celulares, eletricidade... devem ser para todo mundo. Para a NSA, para as Forças Armadas, para os VIPs. Até para a presidente e o santo Congresso. Nós estamos no primeiro estágio. Você não entende? Precisamos continuar com essas medidas até chegarmos a uma solução permanente. Se tudo voltar ao normal, vai ser hora da festa outra vez no zoológico, Leahy. Podemos dizer àqueles gatos gordos para estourar a champanhe e cancelar as férias. Terá chegado a hora de devorar os que sobraram.

– Relaxe. Já captei sua mensagem. Já entendi. Você tem razão.

– É mesmo? Não sei, não – repliquei enquanto me afastava. – Mas espero que sim. Pelo bem do mundo.

Capítulo 95

No sábado de manhã, cancelei todos os compromissos. O Comitê de Meio Ambiente e Obras Públicas queria uma reunião, assim como um grupo de patologistas clínicos da zoonose. Mas, depois da discussão com Leahy, eu sentia nojo de políticos que consideravam que aquela crise já tinha acabado. Era apenas algo para mostrar nos currículos, contar aos netos. Eles precisavam entender que não iria haver mais netos para ouvir histórias se não levassem aquilo a sério.

Por isso, preferi fazer algo de útil, algo que precisava ser feito: me ofereci para ajudar um contingente de fuzileiros a limpar as ruas e recolher os corpos.

Havia algo de *fin de siècle* naquilo. Cavalos tinham sido trazidos de uma fazenda em Rockville, Maryland, para puxar carroças. Ao meio-dia, elas estavam repletas de sacos de corpos.

Como servira no Iraque, achei que conseguiria aguentar o trabalho. Mas estava enganado. A primeira criança que encontrei foi uma garotinha oriental num beco atrás de uma lavanderia a seco em Dupont Circle. Devia ter 8 ou 9 anos. Suas entranhas estavam espalhadas no beco como espaguete. Alvarez e eu a colocamos num saco e a deixamos em uma das carroças. Aquilo me deixou arrasado. Tirei as luvas de borracha malcheirosas e fiquei um tempo na calçada entre dois carros estacionados, chorando.

Tantas vidas perdidas...

No fim da tarde, chegamos ao Cemitério Nacional de Arlington. Perto do Túmulo do Soldado Desconhecido, as carroças foram descarregadas numa fileira de unidades móveis de medicina forense. Um militar tocava clarim enquanto saíamos.

Já estava escurecendo quando Alvarez e eu voltamos a pé pela ponte, seguindo para a base dos fuzileiros ao lado da Casa Branca.

Perto da Universidade George Washington, em um quarteirão ladeado de árvores e casas aconchegantes, vi um Hummer amarelo e cromado com o motor ligado em frente a uma casa. Fui até lá e desliguei o veículo. Um tipo bonitão usando um boné do Yankees e um terno azul amassado saiu da casa. Parecia furioso.

– O que você pensa que está fazendo?

– Eu é que deveria perguntar isso. Não sei se você estava dormindo no fundo de alguma caverna, mas existe uma proibição de dirigir automóveis.

– Sério, Sherlock? – replicou o sujeito, olhando para Alvarez e me mostrando sua identidade. – Sou Gary Sterling, senador de Nova York. Eu moro aqui. Estou voltando para Long Island para pegar umas coisas.

– Quem disse?

Ele tirou um documento do bolso interno do paletó.

– A presidente – respondeu, mal se esforçando para ocultar um sorrisinho.

Olhei para o pedaço de papel. Não conseguia acreditar. Era uma ordem presidencial autorizando o portador a operar um veículo motorizado. Observei o selo e a assinatura, perplexo.

Eu não deveria ter ficado tão chocado, mas fiquei. Todo mundo precisa seguir as regras, menos as pessoas que não precisam. Ali era Washington. Eu tinha medo de que isso acontecesse.

Sterling arrancou a autorização da minha mão e logo voltou a dar a partida no carro. Mas eu não consegui aceitar: desliguei outra vez o motor. Tirei a chave da ignição.

– Você está cego? Eu já mostrei a autorização – vociferou o senador.

Segurei o chaveiro com a mão direita e ergui o punho esquerdo. Minhas mãos tremiam. Eu sabia que era loucura o que estava fazendo. Mas acho que já tinha visto coisas de mais naquele dia. Tinha visto cadáveres de mais. E esse cara se importava com isso? A resposta era “não”, ao que tudo indicava.

– Não estou nem aí! Você acha que as regras não valem para você? Que está acima de todo mundo, certo? Acho que não. Foda-se a sua autorização. Venha aqui pegar suas chaves.

Coloquei o chaveiro no bolso.

Então, o que ele fez? Deu meia-volta, subiu os degraus da entrada do prédio e parou à porta. Então ligou para alguém e começou a falar com toda a calma.

– Esse cara é um imbecil. Está usando um carro e um celular? – disse Alvarez.

Um veículo militar rugiu ali perto alguns minutos depois. Alvarez se apurou em posição de sentido quando um coronel dos fuzileiros saiu de trás do volante. Falou alguma coisa com o sargento, que relutantemente veio falar comigo.

– Desculpe, Oz, mas é verdade. Eles estão emitindo essas autorizações, ou sejam lá o que forem. São legítimas. Esse cuzão venceu a parada. Se não devolver as chaves, vou ter que prender você.

Mordi o lábio. Fiquei balançando a cabeça por algum tempo. Por fim, parei.

– Certo, tudo bem. Vocês todos têm razão. Desculpe. Eu me descontrolei.

Sterling desceu os degraus. Eu me aproximei e segurei o chaveiro diante dele. Quando o senador estendeu a mão para pegá-lo, joguei-o num bueiro aberto.

– Opa! Como sou desastrado. É que meus braços estão cansados de carregar cadáveres o dia todo. Desculpe, de verdade.

Apesar da presença do coronel, Alvarez teve dificuldade para conter o sorriso. Saí andando de lá e ninguém tentou me impedir.

O senador ficou possesso e começou a xingar como um marinheiro com dor de dente. Espumando de indignação, fez um gesto obsceno para mim.

– Ei, isso não é novidade nenhuma, não é, senador? Eu sou um cidadão americano. Mandar a gente se foder é o que vocês sabem fazer de melhor.

Mas foi uma vitória curta e breve. Enquanto me afastava, ainda fumegando, ao crepúsculo, ouvi os sons por toda a cidade: geradores a gasolina sendo acionados, ares-condicionados voltando a zumbir. As pessoas estavam retornando à normalidade. E eu achando que o toque de clarim era triste.

Foi então que percebi. Sob a luz violeta do pôr do sol em Washington, eu entendi. Ouvindo os ruídos aumentarem no escuro, eu compreendi.

Não haveria recuperação. Nós tínhamos perdido. Estava acabado.

Capítulo 96

Ao anoitecer do terceiro dia depois do Grande Apagão, como as pessoas começaram a chamar, um intenso ruído mecânico irrompe no silêncio estático e sepulcral do centro de Manhattan. Jogando Candy Land com Eli numa pálida nesga de sol no quarto dos fundos do apartamento, Chloe ouve aquilo e vai até a janela.

Observa o céu. O som aumenta de volume e, afinal, ela o identifica. Meia dúzia de helicópteros Chinook de dois rotores sobrevoa a cidade, vindo da zona oeste. Passam entre os arranha-céus do Time Warner Center, que assomam como traves de gol no final do Central Park, perto de Columbus Circle, e continuam na direção nordeste pelo verde esvoaçante do parque em direção à Zona de Segurança.

– Não – murmura Chloe. – Não, não, *não*.

No alto do céu, ouve-se agora outro rugido: um 747 indo para o oeste, piscando suas luzes vermelhas e verdes. É o primeiro avião que ela vê em uma semana.

– O que é isso? – pergunta Eli.

– Helicópteros e aviões. Por que eles estão desobedecendo à proibição? Faz só três dias.

Chloe vai até o terraço. É verdade. Do outro lado do Central Park, luzes começam a bruxulear nos luxuosos prédios residenciais. Ela ouve geradores ronronando com um feio matraqueado.

Na rua lá embaixo, avista um caminhão entrando na Quinta Avenida, vindo de uma travessa. Depois uma moto. Em seguida, um utilitário.

E não está acontecendo só em Nova York.

Na ausência de ataques de animais, as pessoas criaram coragem. Os satélites da Força Aérea captam as luzes começando a piscar em Dallas, em Cincinnati, em Dublin, Milão, Madri. Na manhã

seguinte, as chaminés de Pequim despejam nuvens de fumaça que pairam no ar como echarpes de cetim preto. O Legislativo do Canadá derruba a proibição a celulares. O México e os Estados Unidos logo fazem o mesmo.

No mundo todo, as pessoas voltam ao trabalho. Usinas de carvão são religadas, instalações nucleares, torres de retransmissão de celulares. Nuvens de petroquímicos e hidrocarbonetos voltam às correntes de ar, a radiação eletromagnética emana dos celulares e torres, zunindo, tremulando, ondulando pelo espaço como um gás venenoso invisível. Ligações químicas se realinham, se recompõem. Energia se mistura a matéria para criar algo novo.

A mudança veio para ficar. É um modo de vida, o caminho do mundo.

O Grande Apagão está encerrado.

Assim como a civilização humana.

Capítulo 97

Em seu rochedo ensolarado no Central Park, Attila acorda. Tenso. Muito tenso agora. Sente a adrenalina se acumulando nas veias, bombeando o coração, mandando sangue para o cérebro e os músculos. O clarão de energia. Dendritos, sinapses disparando. A sensação invade o corpo, distorcendo as estruturas moleculares cerebrais. A pressão sanguínea aumenta. A boca fica seca e ele começa a suar. Os pelos das costas se eriçam.

Attila está se preparando para atacar. Algo disparou o impulso de ataque em seu cérebro e deixou o interruptor ligado. À medida que a irritação se intensifica, a respiração fica entrecortada, pesada, e se transforma num resfolegar sonoro, quase um rosnado.

O cheiro no ar voltou, chamando-o, arrastando-o. A fêmea ao seu lado também está agitada, os olhos brilhando de uma raiva ansiosa.

Quando ele desce das pedras, os animais já voltaram. Espalham-se pela quadra de *softball* como um tapete vivo. A horda está maior e mais sedenta de sangue do que antes.

Attila lidera o bando na direção leste, na direção dos apartamentos iluminados. Fita os terraços dos arranha-céus. Sabe como subir até eles, como entrar. Vai chegar lá sozinho e abrir as portas para os outros. O cheiro manda que faça isso. Desta vez, ele não vai vacilar.

Qualquer clemência que tenha sentido pelo homem não chega mais a ser nem uma lembrança. Pois ele não tem memória. Só tem aquele cheiro: seu mestre, amigo, companheiro. O cheiro é tudo.

Uma mulher e um homem cinquentões passam de moto por uma transversal da Rua 65. Attila uiva para chamar os outros, mas nem é preciso. Na nuvem de feromônios, sons são desnecessários. Os animais conseguem farejar o que ele quer no seu hálito e no

suor. Suas ordens se transformam em cheiros. A horda se move, acompanhando-o como se fizesse parte de seu corpo.

Uma ruidosa enxurrada de animais se joga da ponte sobre a moto. A mulher é engolfada primeiro e grita enquanto dentes e garras rasgam sua pele. Em meio à disputa, Attila mastiga pedaços da perna dela, piscando sob o jato de sangue arterial.

O homem, um policial aposentado de Queens, automaticamente procura no cinto uma arma que não está lá desde 1999. Um rato sai correndo com seu dedo mínimo decepado pela junta. Em seguida, um esquilo ataca seu rosto com um guincho, arranhando-lhe os olhos. Um *rottweiler* morde sua virilha e o homem cai ao chão.

Os animais dilaceram os dois, cortam-nos em fatias, como lâminas num abatedouro. Em menos de três minutos, só o que resta é a roupa suja.

Afogueado pela matança, Attila começa a se mover com a horda em direção ao cheiro dos humanos. Agora todos os animais avançam juntos, no mesmo ritmo, como células na corrente sanguínea.

Não existe mais aquele Attila. Agora ele está maior. Alguma coisa irrompeu, tomou conta. Agora ele é só energia, uma organização desalmada de sangue, ossos e tecido, movida por eletricidade e química. Continua a seguir na direção dos sons, na direção das luzes.

Capítulo 98

Ah, com que rapidez a maré mudou... A maré vermelha como sangue.

Os sons dos geradores foram seguidos por gritos e rajadas de tiros. Será que éramos assim tão estúpidos? Sim, parecia que sim.

Era quase meia-noite quando a porta do meu trailer se abriu e Alvarez surgiu no umbral.

– Pegue suas coisas, Oz. Fomos invadidos. Estamos evacuando a Casa Branca.

A Ala Leste havia sido invadida. Dentro e fora, centenas de milhares de mamíferos – cães, texugos, ratos, esquilos, gambás – subiam a colina até a icônica edificação, lembrando uma colônia de formigas. Os disparos eram constantes. Enquanto corria ao lado de Alvarez, vi um brilho alaranjado lampejando no céu a nordeste. Apontei para ele.

– O que é...?

– O Capitólio está em chamas.

Continuamos correndo. Alvarez me jogou dentro de uma picape parada. O fuzileiro que guardava o portão do leste tinha caído, o sangue escorrendo por seu uniforme azul, o rosto comido. Alvarez olhou para ele, empunhou sua AA-12 e disparou uma apática rajada de tiros na direção de um punhado de cães que continuava mastigando o corpo.

– Que Deus nos ajude – disse Alvarez, fazendo o sinal da cruz.

– Deus? – questionei. – Deus destruiu Sodoma e Gomorra, não foi? Sei que sou apenas um cientista, mas parece que nós deixamos Deus bravo de novo.

Uma hora depois eu estava em um 737 da Força Aérea voltando para Nova York.

Com a Casa Branca invadida, um novo plano teve que ser traçado. O governo estava se transferindo para o norte. Para o extremo norte. O mais ao norte possível, aliás. Os cientistas e o governo deveriam fazer as malas e se reagrupar na Base Aérea de Thule, no norte da Groenlândia, 1.200 quilômetros acima do Círculo Ártico.

A única coisa boa a dizer era que estávamos indo antes até Nova York para buscar os outros cientistas que haviam comparecido ao encontro.

Maravilha, pensei. Isso significava que eu iria viver o apocalipse entocado num iglu com Harvey Saltonstall. Porém, depois eu soube que ele fora despedaçado por cachorros.

Fui informado de que as famílias teriam que ficar para trás, mas eu não aceitaria isso de jeito nenhum.

Encontrei Leahy perto da cabine do avião.

Até aquela altura, eu estava relutante em me aproveitar da minha influência, mas agora resolvi usar tudo o que eu tinha:

– Se alguém não trazer minha esposa e meu filho para esta pista, Leahy, vocês podem ir para a Groenlândia sem mim e descobrir tudo sozinhos.

Quando Chloe e Eli entraram no avião, eu os acomodei nos assentos. Ficamos chorando abraçados durante uns dez anos. Por um breve e sombrio momento, tinha achado que nunca mais os veria, mas, felizmente, estava enganado.

O avião decolou. Quando passamos pelo Canadá, começou a chover, mas logo a aeronave ganhou altitude e uma luminosidade invadiu a cabine. À nossa direita, uma lua cheia brilhante se destacava enquanto as nuvens passavam por baixo como um rio de seda prateado.

Foi então que Eli viu uma coisa.

– Papai! Olha lá!

Sentado no meu colo, ele apontava pela janela.

Uma espécie de aglomeração surgiu de uma nuvem ao leste. Parecia um cone escuro se movendo. Uma nuvem? Era preta, densa. Adejando. Viva.

Parecia que estávamos voando naquela direção – ou ela estaria vindo até nós? A princípio, pensei ser um bando de pássaros. Mas nunca vira tantos pássaros aglomerados. Depois, percebi que eram morcegos. Volteando incessantemente, voando em círculos, perseguindo-se uns aos outros, subindo e subindo...

Bong!

– Apertem os cintos! – ordenou uma voz pelo alto-falante.

Entramos no meio do bando.

Abracei Chloe e Eli e assim permanecemos em meio ao que soava como o punho de Deus esmurrando o avião. Uma vasta nuvem negra de asas em frenesi se chocou contra a aeronave. Os morcegos estatelavam-se nas janelas, eram sugados pelas hélices e expelidos como confetes. A turbina de estibordo explodiu pouco depois e o avião começou a cair. Fechei os olhos e apertei minha família contra o peito, gritando.

Por sorte, nosso piloto era um veterano do Iraque, acostumado a manobras de evasão. Descemos milhares de metros em poucos segundos.

Quando emergimos do tornado de morcegos, de alguma forma o piloto conseguiu religar a turbina e mudar o rumo da aeronave para o sul e, depois, para o oeste. Conseguimos fazer um pouso de emergência em Siracusa.

Outros aviões não tiveram a mesma sorte, como ficamos sabendo. Três foram derrubados. Centenas de mortos. Quantos ainda morreriam antes que aquela guerra acabasse?, pensei, já no terminal lotado do Aeroporto Internacional de Hancock. Eu não sabia. Ninguém sabia.

Epílogo

*Base Aérea de Thule
Qaanaaq, Groenlândia*

Parte de mim ainda acredita que é possível reverter a situação do mundo. Não sei como, mas vamos conseguir. O maior poder conhecido do Universo é a resistência dos humanos combinada ao seu intelecto. Burilamos, testamos e lutamos até encontrar as soluções.

“Quão nobre pela razão”, como disse Hamlet. “Quão infinito pelas faculdades. Nos atos, quão semelhante aos anjos.”

Eu sei que vamos sair desta, pois, de onde escrevo estas linhas, posso ver meu filho, Eli. Quando vejo sua expressão inocente, tão parecida com a da mãe, só me resta um sentimento predominante.

O amor que meus pais me deram cresce nele, dia a dia, e um dia ele passará esse amor à sua mulher e ao filho, e isso vai continuar.

Vamos sobreviver porque, embora tenhamos estragado tudo, temos a esperança, a fé e a vontade de melhorar o mundo, para nós e para os que amamos.

Melhorar o mundo é o que nós fazemos.

Será?

Não sei.

Talvez.

Estou registrando estes pensamentos numa casamata. Estamos em novembro, no inverno, e a temperatura aqui gira em torno de 20 graus negativos.

Está escuro lá fora. Quase sempre está escuro aqui em nosso novo e frígido lar. Os ventos de 90 quilômetros por hora estremecem

as paredes, assolando as montanhas e o deserto branco da calota de gelo. Agora ouço seus uivos e assobios constantes até nos meus sonhos. Como se o próprio planeta estivesse chorando. Quase nenhum mamífero vive aqui, por isso podemos usar nossos rádios e geradores em segurança. Que baita sorte.

Independentemente do clima, saio uma vez por dia, para contemplar, melancólico, o horizonte brutal. Vejo isso como uma espécie de peregrinação, uma penitência por meus pecados, por todos os nossos pecados. Não me sinto melhor, mas saio assim mesmo. Acho que, de certa forma, enfim encontrei uma religião. Acredito que o fim do mundo faz isso com a gente.

Já houve muitos suicídios, principalmente entre o pessoal de Washington – senadores e deputados acostumados à vida fácil. Agora não existe mais vida fácil.

A comunicação com os Estados Unidos é esporádica. Os suprimentos continuam chegando, mas há rumores de caos no país. Bandos de fora da lei vagam pelas ruas, lutando contra animais e entre si. Durante anos, muitos americanos defenderam a volta do homem moderno à natureza. Parece que conseguiram o que queriam.

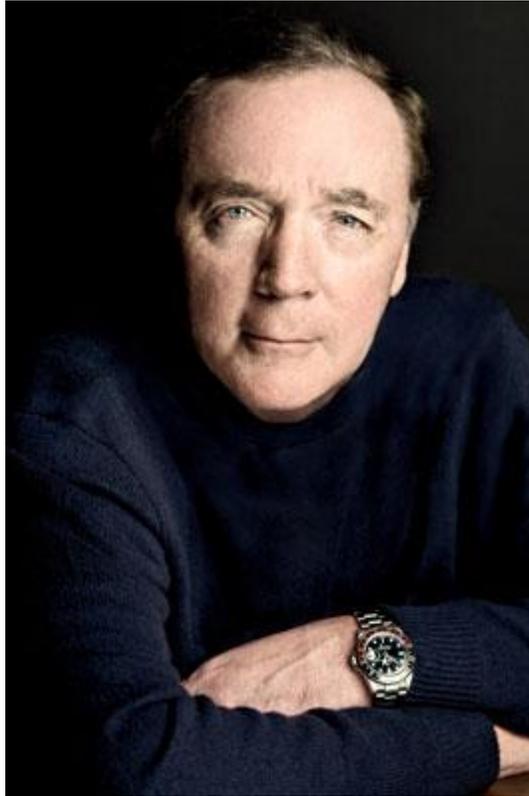
Nos momentos de tédio e isolamento, fico pensando sobre o que aconteceu. Ao contrário de muitos colegas, não culpo a tecnologia. O petróleo melhorou a vida humana. Assim como os celulares. Ninguém sabia que a combinação dos dois acabaria provocando um desastre biológico. Pusemos tudo a perder. Acontece.

Mas ontem à noite tive aquele mesmo sonho outra vez. É um sonho frequente.

A espiral da morte. As formigas que vi na Costa Rica. O redemoinho negro e agitado. Seguindo cegamente umas às outras, todas presas na trilha de feromônio. Correndo até morrerem. Uma serpente mordendo o próprio rabo. Encerradas em seu círculo, as formigas continuam – desesperadas, estúpidas, condenadas.

Sobre o autor

© Deborah Feingold



Com mais de 300 milhões de livros vendidos em mais de 100 países, James Patterson é um dos maiores escritores do mundo, recordista de presença na lista de mais vendidos do *The New York Times*. A rede de televisão americana CBS adaptou *Zoo* para uma série de superprodução, com direitos adquiridos pela Netflix.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DO AUTOR

O AUTOR DE SUSPENSE MAIS VENDIDO NO MUNDO

JAMES PATTERSON

E LIZA MARKLUND

*Os Assassinos do
Cartão-Postal*



Os assassinos do cartão-postal

Em Berlim, Jacob Kanon, um detetive da divisão de homicídios do Departamento de Polícia de Nova York, bebe vinho em seu quarto de hotel, analisando minuciosamente alguns cartões-postais. Embora pareçam inocentes, eles são mensagens enviadas por assassinos em série que andam atacando em toda a Europa, degolando jovens casais. Angustiado, Jacob persegue os criminosos de maneira obsessiva, dedicando cada minuto de sua vida à prisão dos monstros que mataram sua filha.

A quilômetros dali, em Estocolmo, a jornalista Dessie Larsson sofre em mais um dia de trabalho. Aversa à fama e ao sucesso, quer apenas levar sua vida em paz, escrever boas histórias, se recuperar do fim de um relacionamento e finalizar sua tese de doutorado.

Mas ela acaba de receber um cartão-postal...

O AUTOR DE SUSPENSE MAIS VENDIDO DO MUNDO

JAMES PATTERSON

E HOWARD ROUGHAN

Lua de Mel

*Até que
a morte
os separe*



Lua de mel

Nora Sinclair é uma requisitada designer de interiores, sofisticada, sedutora e inteligente. Ela acaba de ficar noiva de Connor Brown, um administrador de fundos de investimento muito rico. Tudo parece perfeito na vida dos dois, mas dias depois do pedido de casamento Connor morre de repente. A necropsia indica óbito por parada cardíaca. No entanto, essa morte súbita pode esconder o crime perfeito.

Ao mesmo tempo, em outro canto da cidade, um homem mantém uma jovem refém. A única pessoa capaz de salvá-la é um estranho que atende pela alcunha de Turista. No centro desse caso há uma peça-chave: uma mala cheia de segredos.

O agente do FBI John O'Hara é chamado para investigar. Sarcástico e perspicaz, o detetive é especialista em improvisar e consegue manter a frieza até nos piores momentos.

Será que esses casos têm algo em comum? Enquanto corre para salvar sua vida, O'Hara vai aprender que uma mulher tem muitas armas. A sedução é apenas uma delas.

JAMES PATTERSON

O AUTOR DE SUSPENSE MAIS VENDIDO DO MUNDO

CORRA, ALEX CROSS

*O detetive Alex Cross está atrás
de três assassinos em série,
mas não sabe que tem
alguém atrás dele.*



Corra, Alex Cross

Em um período de três dias, três corpos são encontrados em Georgetown. Já seria preocupante se todos os crimes fossem obra da mesma pessoa, mas o *modus operandi* aponta para assassinos diferentes. Encarregado dos casos, Alex Cross não pode sucumbir à pressão, porém as investigações parecem não levar a lugar algum e a prefeitura de Washington cobra resultados imediatos.

Em casa, a situação não é melhor: sua vida perfeita sofre uma reviravolta quando ele descobre que um de seus filhos pode estar viciado em drogas. Ao mesmo tempo, o detetive precisa lidar com as calúnias de um jornalista em busca de vingança, alguém que pretende destruí-lo, mas não sem antes descobrir todos os seus pontos fracos e acertá-lo onde mais dói: sua família e sua imagem pública.

Cross tenta não se abalar com isso e pretende fazer a coisa certa. Só que homens de caráter, vivendo em um mundo perverso e corrupto, sofrem perdas por suas boas ações. E desta vez, não importa quão rápido corra, Cross não conseguirá salvar todos.

JAMES PATTERSON

O AUTOR DE SUSPENSE MAIS VENDIDO DO MUNDO

FELIZ NATAL, ALEX CROSS

*Chegou a época de celebrar a paz e o amor.
Mas os bandidos nunca tiram férias.*



Feliz Natal, Alex Cross

Ex-advogado bem-sucedido, Henry Fowler é agora um lunático viciado em metanfetamina que viu sua vida ruir após o divórcio. No fundo do poço e fora de si, ele promete assassinar os culpados por sua atual situação: a família. E decide fazer isso na véspera de Natal.

Usando suas habilidades de psicologia, Cross negocia diretamente com Fowler, tentando convencê-lo a libertar os reféns. Numa atitude ousada e altamente perigosa, o detetive arriscará a própria vida para salvar os inocentes.

Perto dali, a terrorista Hala Al Dossari, sua antagonista em *Ameaça mortal*, é identificada pela imagem de uma das câmeras de segurança da Union Station. Convocado pelo FBI, Alex corre para a estação e começa uma perigosa caçada para detê-la e descobrir sua real motivação. Acontece que alguns dos métodos do FBI levam Cross ao seu limite moral. Um limite que, se ultrapassado, poderá afetá-lo para sempre.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, Inverno do mundo e Eternidad e por um fio, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada, Jogada mortal, Fique comigo, Seis anos depois e Que falta você me faz, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

O milagre, Uma carta de amor, Uma longa jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento, À primeira vista e O resgate, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do Universo; A vida, o Universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes!, Praticamente inofensiva, O salmão da dúvida e Agência de Investigações Holísticas Dirk Gently, de Douglas Adams

O nome do vento, O temor do sábio e A música do silêncio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os Doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas e A nascente, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br

facebook.com/editora.arqueiro

twitter.com/editoraarqueiro

instagram.com/editoraarqueiro

skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br



"Sumário"

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[Livro Um](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Livro Dois](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Livro Três](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Livro Quatro](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)
[Capítulo 60](#)
[Capítulo 61](#)
[Capítulo 62](#)
[Capítulo 63](#)
[Capítulo 64](#)
[Capítulo 65](#)
[Capítulo 66](#)
[Capítulo 67](#)
[Capítulo 68](#)
[Capítulo 69](#)
[Capítulo 70](#)
[Capítulo 71](#)
[Capítulo 72](#)
[Capítulo 73](#)
[Capítulo 74](#)
[Capítulo 75](#)
[Capítulo 76](#)
[Capítulo 77](#)
[Capítulo 78](#)
[Capítulo 79](#)
[Capítulo 80](#)
[Capítulo 81](#)
[Capítulo 82](#)
[Capítulo 83](#)
[Capítulo 84](#)
[Capítulo 85](#)
[Capítulo 86](#)
[Capítulo 87](#)
[Capítulo 88](#)
[Capítulo 89](#)
[Capítulo 90](#)
[Capítulo 91](#)
[Capítulo 92](#)
[Capítulo 93](#)
[Capítulo 94](#)

[Capítulo 95](#)

[Capítulo 96](#)

[Capítulo 97](#)

[Capítulo 98](#)

[Epílogo](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça outros títulos do autor](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)